

NEM DEUS NEM JAVÉ NEM DARWIN

A EVOLUÇÃO POSSÍVEL



NEM DEUS, NEM JAVÉ, NEM DARWIN

A EVOLUÇÃO POSSÍVEL

JAN VAL ELLAM

1ª Edição

NATAL - RN - 2021

CONECTAR EDITORA



Nem Deus, nem Javé, nem Darwin: A Evolução Possível.

Copyright © Jan Val Ellam, 2021.

Todos os Direitos Reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram contemplados.

Editor: Rodrigo de Paula Pessoa Freitas

Diagramação: Krysamon Cavalcante

Capa: Luciana Lebel

Revisão: Maria Helena Kummer

Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

E46ne Ellam, Jan Val, 1959-

Nem Deus, nem Javé, nem Darwin : a evolução possível/Jan Val Ellam. Natal : Conectar Editora, 2021.

306 p., 14x21,6 cm.

ISBN Papel: 978-65-86157-12-3

ISBN Digital: 978-65-86157-11-6

1. Divindade Cocriadora. 2. Singularidade de Kurzweil. 3. Filosofia. 4. Epigenoma Humano. I. Título.
CDD 133.93

SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Introdução](#)

1. [Evolução Possível para Quem?](#)
2. [Autor e Ator do Próprio Drama](#)
3. [O Acaso, Deus, Criador Complicado e Outros Mistérios](#)
4. [“Seleção Natural” e “Darwinismo”](#)
5. [O “Jogo das Mutações”](#)
6. [O Desenvolvimento Cerebral dos Primatas](#)
7. [Teorias sobre a Evolução Biológica](#)
8. [Ainda Bem que o Acaso é Inteligente!](#)
9. [O que Moveu o Universo até Aqui!](#)
10. [Goswami “Remove o Véu” com o “Primado da Consciência Quântica”: a “Evolução Criativa”](#)
11. [A Evolução Possível até Agora](#)
12. [A Evolução que Terá de Vir: o Novo Homo sapiens](#)
13. [Da “Molécula-mãe” à “Singularidade de Kurzweil”](#)
14. [Aspectos Obscuros da Evolução](#)
15. [O “Ex-DNA-lixo”](#)
16. [O “Espelho da Herança Espiritual” no Epigenoma Humano](#)
17. [A “Criatura Universal”](#)
18. [Coconstrutores de Quê?](#)

[Posfácio](#)

[Notas Explicativas e Referências Bibliográficas](#)

[Sobre o Autor](#)

[Por que o IEAA?](#)

[Manifesto Projeto Orbum](#)

SINOPSE

Como a vida surgiu na Terra?

Qual a probabilidade da verdade sobre a condução da evolução dos seres vivos, notadamente os humanos, estar com o “deus bíblico”, com a “seleção natural” proposta por Darwin, ou com a aleatoriedade?

Há alguma relação do ser humano terráqueo com a “Criatura Universal”?

Para aqueles afeitos à reflexão sobre a origem e o significado da vida, Jan Val Ellam apresenta, neste livro, uma abordagem “adulta” desses temas, como uma alternativa às supostas certezas de religiosos e de determinados cientistas.

Ao indicar um cenário de evolução possível, o autor ainda revela seus aspectos obscuros, como a existência de um “Consórcio de Mundos”, cujos integrantes, os “Arquitetos Universais”, estão comprometidos com a obtenção da tão esperada “Criatura Universal”.

Para reflexão:

“Nem ‘Darwinismo’, nem ‘Criacionismo’: a questão é bem mais séria e controversa!”

— Jan Val Ellam

INTRODUÇÃO

Se é fato que vivemos num universo que teve um começo passível de um dia ser compreendido, tudo o que pode ser estabelecido quanto ao seu fim são diversos cenários, não no campo da profecia, mas sim, no da futurologia, que se assenta no método científico para traçar as rotas de um futuro possível.

Para mim, o fator mais enigmático do universo não é ele em si, mas o “jogo” que se desenrola no seu âmbito interno, e o conhecimento terreno somente começou a dar os primeiros passos no sentido de descortiná-lo, a partir do século XIX. Contudo, a que “jogo” me refiro? Ao do processo de gerar e aperfeiçoar vida, que costumamos chamar de “evolução”.

Na verdade, no âmago desse processo, muito mais que um enigma, há um verdadeiro mistério que invoca o seu início ainda não entendido até a atualidade e que somente pode ser explicado pelos piores observadores, que são os seus próprios habitantes. Isso limita a compreensão de quem “olha de dentro” e não “de fora”, de maneira imparcial e equidistante, sem os condicionamentos que o ato de se encontrar inserido no “jogo evolutivo” inevitavelmente impõe.

É, pois, com a visão limitada de quem nele se encontra, que os meus olhos observaram algo que penso ser curioso: a Divindade Criadora, por ter se transformado em “vítima” da própria Obra, nela “caiu prisioneira” e não pôde concluir o “Programa inicialmente gerado”, que formatou o universo e suas regiões subjacentes. Assim, o “Programa” ficou “incompleto” e, por isso, o universo foi gerado cheio de imperfeições e de processos inconclusos.

No meio de todos esses, existe um processo em particular, que teve que ser “improvisado pelo Criador”, a partir da sua “Condição de Essência Básica Pessoal”. Devido a essa “improvisação”, demorou e vai demorar mais ainda

até que surja a melhor versão possível da “criatura” por ele sonhada para “resolver um certo problema”.

Essa versão de “criatura” a surgir, deveria ser obediente e submissa ao Criador, papel que o *Homo sapiens sapiens* jamais cumpriu a contento. Nesse contexto, o melhor protótipo a aparecer como cidadão deste universo não era nada semelhante ao que se poderia planejar antes, mas sim, teria que ser o produto do que foi possível ao longuíssimo “jogo da evolução” produzir.

O ser humano da Terra não tem a menor ideia de que a espécie a que ele pertence, a última a surgir para a existência exatamente dentro desse cenário, terminou por se transformar no único protótipo possível de agir antes de um “salto quântico” a ser dado, aí sim, na tentativa de se edificar a futura “Criatura Universal” possível de ser sonhada perante as circunstâncias que passaram a marcar os passos e as possibilidades evolutivas das estirpes cósmicas.

O presente livro é tão somente uma tentativa de fornecer “sementes para reflexão” em torno desse tema.

Que a alguém possa servir!

Atlan, 13 de janeiro de 2021

Jan Val Ellam

EVOLUÇÃO POSSÍVEL PARA QUEM?

A EVOLUÇÃO que está em andamento no universo tem atingido patamares que muito surpreenderia os estudiosos da Terra, caso os mesmos entendessem o contexto que financia os movimentos da natureza nos moldes em que são percebidos no IEEA – Instituto de Estudos Estratégicos Alternativos.

Seria fantasioso se a isso fosse me referir com base em notícias que me chegam — no campo da revelação e das forçosas constatações que me vejo obrigado a fazer por imposição de circunstâncias difíceis de serem admitidas por quem não as vivencia — sobre o desesperado processo em curso, que tenta formar, construir algo que somente as gerações futuras poderão compreender em toda sua amplitude.

Pelo que julgo se tratar, por enquanto, é conveniente afirmar que este algo a ser edificado, bem poderia se chamar “**a Criatura Universal**”. Ela é a única capaz de **conduzir o rumo da história desta estranhíssima Criação a um ponto de equilíbrio** que possa alicerçar a “redenção” do Criador, “Diretor e Ator de toda uma Peça Existencial” que foi “posta para funcionar” sem o devido estudo dos desdobramentos do seu “roteiro”. E, compreendamos ou não, parece que o surgimento da espécie *Homo sapiens sapiens* como um “**aparente produto da evolução terráquea**”, tem tudo a ver com os primeiros protótipos desta “Criatura Universal” ainda por acontecer na sua “versão final”.

Aqui, porém, reside um problema: **o aparecimento da nossa espécie não foi um mero produto do que teria se passado no decorrer da evolução corriqueira da natureza planetária**, pois existem painéis de interferências outras, jamais observados pelo academicismo. A questão foi e é bem mais complexa!

Diversos **mundos-laboratórios** sempre estiverem ligados no que diz respeito a uma organização vinculada ao circuito evolutivo, cujo ponto comum era a **“evolução” a partir do DNA** — ácido desoxirribonucleico, molécula de dupla hélice, que carrega a informação genética dos seres vivos terráqueos — **vindo do “Código-fonte Definidor de Vida Pessoal – CFDP” do Criador, “semeado” com cerca de somente 3% do seu potencial ativo**, na busca da arquitetura de espécies menos obscuras na arte de uma racionalidade que nem mesmo os “Semeadores” vislumbravam com exatidão e que pudesse atender aos fins pretendidos.

Potencial ativo em 3% de quê? Da “podridão ancestral” do Criador — advinda da sua “queda” e do modo como o seu “Eu” conseguiu “se reconstruir” — e também do poder mental que herdou da sua antiga condição de Arquiteto-cocriador.

Fins pretendidos por quem? Por Deus, o Incognoscível? Não, porque ele é só Amor! Pelo “Criador bíblico” conhecido como Javé ou Brahma? Não, porque ele jamais teve tirocínio para direcionar os eventos universais no sentido de tudo convergir para a emergência da espécie mais recente a surgir no palco da existência, que foi a humana terrestre!

Parece que para esse questionamento cabem duas respostas:

1. fins pretendidos pelas “últimas interferências” feitas na genética *Homo sapiens*, produzidas por algumas equipes extraterrenas que, na época, estavam alojadas na Terra e, por manipulação genética, adaptaram o DNA humano terráqueo para o modo como o conhecemos na atualidade; e
2. as evidências, tanto factuais como mitológicas, apontam para a existência de uma “Elite Hierárquica” que, de outras faixas vibratórias da realidade universal, sempre procuraram influenciar os acontecimentos daqueles dias, e o conseguiram.

Sem que disso nossos egos terrenos tenham conhecimento — porém, nossas “Personalidades Espirituais” o sabem — os Espíritos eternos, que sustentam a suposta individualidade de cada ser terráqueo (ou cósmico), nada mais fazem do que dar vida às formas corporais surgidas a partir desse DNA.

CONTUDO, COM QUE OBJETIVO?

Para que, em havendo o aperfeiçoamento das “criaturas-ferramentas”, o progresso do Criador — momentaneamente incapacitado de evoluir por si mesmo, devido à sua “queda” — possa ter lugar no seu psiquismo. Ou seja, por meio da “ponte quântica” do seu “CFDP manipulado” (trata-se do código-fonte definidor de vida das “criaturas-ferramentas”, ou CFD, que no caso específico dos seres vivos da Terra, é denominado “DNA”), espalhado por todos os quadrantes do cosmos, ele recebe a influência positiva e amorosa dos seus filhos e filhas universais.

O grande problema de todo esse contexto é que a Divindade Cocriadora, atualmente refém do progresso das suas criaturas, não tinha plena noção desse plano arquitetado pelos integrantes da sua Hierarquia — aos quais sempre me refiro como os Anjos-clones “despertos” e formadores do que tenho chamado de uma “conspiração amorosa” em torno de Javé —, até pouco tempo atrás.

A história do começo da sua percepção quanto ao “projeto evolutivo” em curso, somente teve lugar principalmente com três episódios que se separam um do outro em intervalos de tempo que podem ser contados em milênios.

Aqui me refiro ao despertar da razão filosófica da nossa espécie, simbolizado pelo mito de “Adão e Eva”; à vinda de Jesus como o Messias anunciado e enviado por Javé; e a eventos que estão tendo lugar nos tempos atuais, dentre outros.

Na verdade, o Criador “caído” foi forçado a conhecer o “Projeto edificado” pelos seus “escolhidos”, ainda que esses sempre tenham sofrido humilhações, torturas e até crucificação, devido ao capricho dos seus desígnios advindos da sua profunda ignorância sobre si mesmo e a realidade à sua volta. A questão é que tal “Projeto” foi produzido — pasmemos todos — por ele mesmo, só que em uma “Condição Mental” anterior à “queda” do seu “antigo Eu”.

Óbvio que este livro não é para cientistas nem muito menos para filósofos e religiosos, pois o presente método de abordagem deve escandalizar a esses três ramos, o que compreendo perfeitamente. Entretanto, o limite prudencial ou de comodidade intelectual que esses três segmentos se obrigam a demarcar, há muito vem fazendo estacionar os seus postulados e, por isso, têm se revelado incompetentes para a continuada e forçosa “busca da verdade”, ainda que essa possa incomodar.

Penso que a Ciência não é a única maneira de se descrever o mundo, ainda que, seguramente, seja a mais confiável. No fundo, ela constitui um

método sério que, associado à prática filosófica, compõe a “ferramenta” disponível, até o momento, para a racionalidade humana perceber as realidades ao seu redor. Contudo, o próprio evento do “*Big Bang*” e o contexto anterior a ele, não têm como serem enquadrados no âmbito dos limites cômodos e prudentiais que demarcam o orgulho intelectual dos cientistas e dos filósofos, como também da “certeza fideísta” dos crentes que julgam já terem “encontrado a verdade”, além de muitos que fizeram dessa “ilusão tranquilizadora” um excelente negócio.

Mesmo sendo alguém muito pequeno, surpreendo-me por ter o psiquismo situado um pouco mais além dessas fronteiras, e sou convidado, pelos fatos da vida, a conviver com painéis estranhos e que me permitem perceber aspectos por enquanto desconhecidos para os meus contemporâneos.

Para a Ciência, porém, frente ao que se pode observar na natureza, o **acaso de um orgasmo** seria o fato definidor que permitiria uma “Consciência particularizada” surgir para o “**jogo da vida**”. Apesar de incompreendida tanto nas suas origens quanto em relação aos seus fins, a vida tem claramente o objetivo maior de **produzir, armazenar e reciclar informações** sob o aparente comando de um “**Eu terreno**”, e sempre em **busca de mais complexidade**.

A **aleatoriedade**, para os cientistas materialistas, seria a “monstruosa e complexíssima teia” de laços determinantes da consanguinidade e demais componentes que sustentam a vida, funcionando como uma “**mentora bêbada**” que obrigaria pais e filhos e demais linhas de descendência a coexistirem pela existência afora. E esse **acaso** faria as vezes do “provável protagonismo divino” presente na crença dos religiosos, sendo, portanto, o responsável pelas belezas e desgraças mil que podem ser percebidas nos diversos campos da vida.

Em não sendo a aleatoriedade a responsável por esse “jogo de dados” frio e impiedoso que “une os fios soltos de uma evolução enlouquecida e que chuta para todos os lados”, como pensam os religiosos, a pergunta que estes deveriam fazer é: **que tipo de ser planejaria e executaria um processo existencial tão cruel como o que conhecemos na natureza terrestre, que é “assassina”?**

Esse processo acontecido desde o início da Criação, era irremediavelmente incompreensível para qualquer lógica que se formasse a partir dos pressupostos básicos de uma razão filosófica qualquer, desde que desperta e minimamente tendente ao Bem e ao Belo.

A “Peça Existencial” em curso neste universo e alhures era realmente impossível de ser entendida por qualquer tipo de “lógica razoável”, mesmo a científica.

Para meu espanto, lá estava eu lidando com a lógica completamente estranha e tortuosa que sempre marcou o psiquismo do Ser que se apresentava como sendo o Criador, e dos que lhe estavam mais próximos. Estes, sequer demonstravam a mínima consciência de serem “Atores” de alguma “Peça Existencial”, pois simplesmente “pareciam existir como robôs do Comandante”.

1ª Constatação:

Eis um dos parâmetros do impasse existencial: como seria possível a seres desarrazoados em termo de lógica aceitável, comandarem civilizações com razão filosófica desperta em graus bem mais ricos e complexos quando comparada ao do seu próprio “Originador”?

Não é mesmo viável! Daí o “drama existencial” de um Criador que não aceita que as suas “criaturas” — no caso Adão e Eva — possam dispor de liberdade mental, fugindo à subjugação sempre pretendida por ele.

Outro parâmetro a considerar: como alguém, nas condições disparatadas do Ser-criador deste universo, poderia gerar seres biológicos aptos a fazerem o que nem ele nem seus Anjos-clones conseguem, que é o ato de evoluir ao longo do tempo cósmico?

Esse é o painel espantoso que surge da “derrocada existencial” promovida pela “queda” deste Ser.

No livro *“Favor Divino”*¹, procurei abordar a questão de que tudo o que houve até agora, em termos evolutivos e considerando todos os quadrantes do universo, não foi um projeto desejável ou mesmo sonhado, mas sim, a evolução possível de acontecer frente aos “restos do caos” que passaram a se organizar lentamente, aqui e acolá.

O outro aspecto é que isso assim se deu porque esse “processo de reconstrução”, até o momento, foi “comandado” e, ao mesmo tempo, “grosseiramente prejudicado” pelo próprio Criador “caído”, tido pelos judeus como o Senhor Javé, o “deus bíblico”.

Diferente da sua vontade, tudo o que ocorreu influenciando o processo evolutivo “semeado” nos mundos a partir do CFDP “doente” do Criador, foi e ainda é tido por ele como **“rebelião”**.

A história terrestre de Adão e Eva, ou seja, a **emancipação dos integrantes da espécie *Homo sapiens sapiens* no âmbito biológico, quando deixaram de ser simples animais irracionais e se tornaram animais pensantes**, conhecedores do bem e do mal, com razão filosófica e senso crítico despertos, é apenas mais um “produto de uma das rebeliões” contra os seus desígnios. Daí a sua fúria, terminando por expulsar Adão e Eva do “Jardim do Éden”, devido à desobediência, além da imposição de castigos, maldições e outras tantas atitudes estranhas aos humanos libertos, vindas de um Ser que se considera “deus”.

O “jogo bioquímico” entre o aparente erro e acerto é o que tem caracterizado a evolução que criou toda a vida senciente — no sentido de sensibilidade e/ou consciência — neste planeta, usando apenas essa ferramenta porque, afinal de contas, era a única disponível. Um dia, a lógica humana compreenderá que esse “caminho tortuoso” é, efetivamente, a “cara de Javé”!

Também precisamos entender que a evolução, do modo como a conhecemos, típica de mundos que vivem sob o “regime do vexame existencial”, somente existe devido às cotas das imperfeições do “Ato Criativo”.

Explicando de outro jeito, a **irracionalidade biológica**, antecessora da racionalidade, teve origem na condição genética do obtuso psiquismo de Javé e de sua Descendência de “primeira hora”, que jamais conseguiram agir com sensatez frente aos fatos.

O psiquismo dos Seres surgidos nas primeiras hordas da Criação, após as levadas iniciais de Anjos-clones, sempre foi incompetente em relação às possibilidades evolutivas — aproveitadas por humanos — que cada momento oferta para o crescimento pessoal.

Até bem pouco tempo, esses Seres eram incapazes de crescer, de se reformar intimamente, de controlar e redimensionar suas parcas emoções explosivas, eivadas de primarismo bestial. Devido ao descontrole das suas reações, podem se enfurecer repentinamente, explodindo feito vulcões incontroláveis, oportunidade em que revelam as próprias condições íntimas, sem conseguirem disfarçar o que são.

Eis porque o próprio Javé se apresentou de “maneira honesta” em todos os livros da ancestralidade que compuseram a sua epifania, como sendo um Ente impiedoso, cruel, explosivo e dominador, dentre outras esquisitices.

Esses seres apresentam um psiquismo tão tosco que eles aplicam ardis —

base do comportamento predador —, mas se afirmam como “não mentirosos”. Ao agirem, mostram um aspecto bem pitoresco: a incapacidade do disfarce da “bagagem pessoal” que possuem e que é inevitavelmente expressa pelas explosões temperamentais, sempre “escondidas” por trás das máscaras da metamorfose que seus corpos eletromagnetizados ostentam.

O sistema “*demotrimurtiano*”² que acabei de descrever, até que evoluiu para a condição “*demodhármica*”³, depois de decorridos bilhões de anos — processo acontecido no âmbito do universo antimaterial, vizinho ao nosso, e aonde eles habitam —, por nela já existirem algumas cotas de avanço em termos de CFD, advindas de padrões de hibridização.

A “**curva evolutiva**” que foi obtida nesta Criação, é resultante das seguintes estratégias:

1. isolar, em parte do universo vizinho, o “modo *trimurtiano* falido” de vida;
2. propiciar a “mestiçagem” por lá;
3. “semear” a vida biológica de modo irracional, como maneira de inutilizar os “padrões *trimurtianos*” transferidos para o nosso universo — por meio da “molécula-mãe”⁴ que a Ciência conhece e que surgiu na Terra há cerca de 3,8 bilhões de anos —; e
4. **evoluir da irracionalidade** para o modelo de **racionalidade possível**, no universo biológico.

2ª Constatação:

Evoluir da irracionalidade para a racionalidade foi o processo possível de acontecer por força das circunstâncias advindas do “caos primordial”, do qual emergiu a realidade na qual estamos inseridos. Desse “jogo bioquímico” algo misterioso e enigmático resultaram os humanos da Terra.

Já chegou o momento de compreendermos que, se o código de vida que apareceu na Terra fosse “limpo” e mais bem delineado em termos de objetivo, as páginas do passado evolutivo muito provavelmente não seriam as que conhecemos, com criaturas bestiais e desesperadas para sobreviverem a qualquer custo, mas sim, com outros tipos e protótipos que produzissem uma vida decente. Contudo, o que se consegue observar é esse processo de

evolução que foi o único possível de ser desdobrado a partir da “codificação química infectada” (o DNA que conhecemos) que gerou a vida biológica.

3ª Constatação:

A evolução, por si só, não justifica a existência humana. Não existe sequer um só campo do conhecimento que possa, sozinho, explicar o surgimento do *Homo sapiens sapiens*.

AUTOR E ATOR DO PRÓPRIO DRAMA

NADA É MAIS exemplificador do “*a cada um é dado conforme as suas próprias obras*”, explicado por Jesus, que o caso da “queda” de Prabrajna, uma Divindade Cocriadora que, devido à sua “imprudência mental”, expressou um “Projeto vibratório” — ou seja, um “campo quântico de possibilidades” sobre o qual ela esperava ter total poder — “para fora do âmbito da sua Mente” e, somente depois, percebeu que não tinha forças para controlar o que acabara de criar por meio do “colapso quântico”.

Como consequência, Prabrajna se tornou o “Autor” de um “Projeto” que, depois de colapsado, constituiu-se uma faixa de realidade que **funcionou como um tipo de “buraco branco” que sugou exatamente o “Poder Mental” que o criara**. Essa ex-Divindade Cocriadora, agora sucumbida perante a própria Obra e doravante representada pelo seu “Eu caído”, tornava-se também “Ator” de uma desesperada “peça existencial”, cujas “cores dramáticas” se fazem presentes nas imperfeições do universo que nos rodeia — notadamente naquelas que vemos na violência vigente na movimentação geológica e nas vidas biológicas das espécies com DNA que as obriga, desde o nascimento, a serem predadoras de outras para manter a própria vitalidade.

Essa condição existencial à qual nos acostumamos na Terra, é estapafúrdia e somente representa a loucura doentia pela sobrevivência, presente no CFD do Criador “caído”, que conseguiu sobreviver ao impensável. Dizendo de modo cruel: como sobrou dele um tipo alterado de “Eu reconstruído”, toda essa história dantesca veio a ter lugar.

O “Autor do Projeto” jamais pôde finalizar o seu “velho modelo de realidade”, expresso a partir do seu Potencial Mental, daí as imperfeições que

marcam muitos dos aspectos da vida no âmbito interno do que foi gerado.

No princípio, foi como se a Mente da Divindade tivesse deixado, com a expressão da sua *Kundalini*¹ — sob a forma de um “Programa Mental” (um *software* “parido” como uma classe de filho), com vida própria —, um tipo de “jogo automatizado de possibilidades quânticas” em pleno funcionamento e, quando menos esperou, viu-se “tragada” para o âmbito interno da Obra que acabara de criar.

Conforme abordado no livro “*O Drama Cósmico de Javé*”², quando aconteceu a “expressão *kundalínica*” — ou seja, quando um “Projeto” guardado na Mente é exposto à vista de todos pelo uso da *Kundalini* pessoal, aspecto possível ao Poder Mental desse tipo de Entidade — “indevida”, da parte da Divindade Cocriadora, esta se encontrava em “corrente vibratória” com outras Divindades Coirmãs, que “tentavam” impedi-la. Como isso lhes foi impossível, partiram para, ao menos, ajudar a Divindade “problemática” — que se encontrava vitimada pelo que passei a chamar de “doença do primeiro impulso” —, na formatação do que, inevitavelmente, viria a ser gerado.

A “corrente vibratória” a que me refiro, pode ser compreendida como um tipo de “rede de Consciência Divina” por trás do “colapso quântico” que deu origem ao universo no qual vivemos, e que o sustenta até os dias atuais pelo fato da sua Divindade Criadora ter se tornado “prisioneira e refém” da própria Obra.

O que a Ciência afirma sobre a Criação? Quais os seus principais postulados sobre o tema?

Independente de quais sejam — e vou analisar todos —, a aleatoriedade é o “ator casual” (desculpem o pleonasma) por trás das possibilidades com as quais o pensamento científico trabalha: O “*Big Bang*”, ou seja, a **Singularidade** que surgiu do nada, explodindo a si mesma e se expandindo a partir de uma “**sopa de quarks e glúons**” que terminou gerando o “**menu subatômico de partículas**” que veio a **compor o mundo material**. Só existe esse cenário como plausível, em que muito do que é considerado como avanço científico, corrobora essa “tese do *Big Bang*”.

Ah, mas como surgiu esta Singularidade? Dizem os cientistas materialistas que foi de um “choque casual de branas” que já existiam antes deste universo!

Contudo, de onde vieram essas “branas”? Bem, para que complicar? Ninguém sabe, porém seriam como universos pré-existentes que se chocaram

e terminaram gerando este nosso! Essa é uma resposta científica? Não é, mas são os cientistas que a postulam para não ter que aceitar a figura de um “Princípio” qualquer que haja produzido a tal Singularidade, porque esse, afinal, também não é cientificamente considerado.

Então, como ficamos? Da única maneira que nos resta: existimos, disso sabemos, mas não temos a mais remota ideia científica do que existe por trás do “*Big Bang*”, se é que foi mesmo esse processo que produziu as três componentes mais enigmáticas que movimentam o pensamento humano:

1. como o universo surgiu a partir do “*Big Bang*”;
2. como a vida surgiu no seu âmbito; e
3. como a vida racional emergiu a partir da mesma?!

Os cientistas colocam tudo no princípio da Singularidade como causa, exceto o protagonismo de um Criador, muito menos o de um **Criador “caído”**. Aqui, porém, temos um problema, pois a Física Quântica já apontou a necessidade de um “Observador” cujo “olhar faz colapsar uma função de onda”, entre incontáveis possibilidades, tornando aquela “informação” uma realidade específica. Ainda assim, os cientistas que não compreendem os resultados da matemática que sustenta os “postulados quânticos”, desaprovam e refutam essa percepção que bem poderia ser a raiz-noção do **“Primado da Consciência Criativa”**, como aponta, por exemplo, o físico **Amit Goswami**³ e outros cientistas que compõem a vanguarda em torno desse assunto.

Amit Goswami ressalta quão revelador é:

“(...) saber que nenhum dos paradigmas materialistas conseguiu desenvolver modelos satisfatórios para o surgimento da vida, muito menos para a mente ou para a consciência.”

Em um de seus livros, **“O Universo Autoconsciente – Como a Consciência Cria o Mundo Material”**⁴, ele aborda de que modo uma Consciência gera um universo físico — e não a matéria, conforme afirmam os desavisados cientistas materialistas —, e a considera como sendo a base de toda existência.

Ampliando a vista, pode ser percebido com clareza o quanto de riqueza

existe na abordagem científica, relativa aos diversos painéis da vida. Contudo, como já afirmado, todo o compêndio acadêmico consegue ir até os micromomentos que compuseram o “primeiro segundo” da recém-surgida “seta temporal” que a lógica humana aprendeu a aplicar à história da evolução cosmológica, e esse “marco temporal” constitui o alcance do nosso vislumbre. Daqui não passa!

Nesse ponto, terminam as leis que compreendemos e começa um outro nível de realidade que ainda ignoramos, pois a Ciência nada entende sobre ele. Por não saber e somente poder especular, os cientistas deveriam respeitar outras suposições para esse panorama, mas as rejeitam devido ao esnobismo intelectual e novamente se recusam a observar os indicativos sobejamente presentes e à disposição da nossa percepção sobre a possibilidade de **algo de muito estranho ter acontecido num contexto anterior ao do “Big Bang”**.

Mesmo desconhecendo a Autoria por trás do “Processo” que gerou a Singularidade, podemos perceber muito de uma provável “intenção organizacional” que parece ter manipulado o “jogo” ininterrupto de transformação de matéria em energia. A partir da “sopa de quarks e glúons”, esse “Processo Inteligente” foi criando prótons e nêutrons que, com elétrons e fótons, permitiram às forças nucleares originarem os átomos, o eletromagnetismo, o elemento químico hidrogênio, as nuvens de gás estelar, as estrelas, os demais elementos químicos, os planetas rochosos, os seus satélites, as galáxias, o surgimento da vida, a evolução desta no sentido de formas mais complexas e, por fim, a emergência da consciência racionalizada. Imaginar que todo esse “Processo” foi produto de uma aleatoriedade que gerou a tal Singularidade, convenhamos, é demais!

Deveríamos nos perguntar como é que tanta “genialidade” — atribuir o “Big Bang” à aleatoriedade — teve que surgir entre os agentes dessa Consciência racional. Tal reflexão pode revelar, no que mais importa, a “lente da insensatez” imposta aos próprios gênios que descortinaram todo esse contexto da Criação. Imposta por quem? Por eles mesmos, por puro orgulho intelectual, e isso é algo constrangedor em termos do respeito que devemos demonstrar pela mentes que produziram esse arcabouço de conhecimento.

Entronizar a aleatoriedade como sendo a força que conduziu um “Processo Inteligente” atrelado a uma série de **constantes cosmológicas, e transformar o superlativo “sincronismo cósmico” no acaso mais fajuto, porém, genial**, e que nos deu origem, sinceramente, dá-me pena ver tanta inteligência presa no “oito da ignorância e da insensatez” de muitos

cientistas. Esses acadêmicos aprisionam suas próprias consciências, de modo similar como os religiosos também o fazem com as suas, em relação aos seus dogmas. É o tipo de “loop mental” mais estranho que conheço!

Acreditar que o acaso gerou o nosso complexíssimo universo e/ou delineou o multifacetado e delicadíssimo código da vida (DNA) existente no nosso genoma, é bem mais difícil que aceitar a possibilidade de uma tempestade transformar as peças de um depósito de ferro-velho numa Ferrari. E no entanto, do alto dos seus diplomas, muitos deles professam essa categoria de fé com mais radicalismo do que o tipo de crença que promoveu as “esquisitices religiosas” nas páginas da História da Humanidade.

Em 1982, o astrofísico inglês Fred Hoyle⁵ disse que *“um colega havia descoberto que uma célula de levedura e uma aeronave 777 têm o mesmo número de partes, o mesmo nível de complexidade”*.

Por sua vez, Deepak Chopra⁶ faz uma análise da complexidade universal e da sua potencial origem pelo mero acaso, na qual ele parte exatamente deste comentário de Fred Hoyle:

“A explicação científica atual para como todas as partes complexas de uma célula de levedura se reuniram é a aleatoriedade. Hoyle tentou calcular a probabilidade de o mero acaso ter ‘montado’ uma célula viva. As chances eram minúsculas. O que sobreviveu foi uma analogia impressionante que não depende de ele ter acertado nos cálculos (o modelo do avião mudou, mas o argumento continua o mesmo): ‘A probabilidade de formas superiores de vida poderem ter surgido dessa forma (isto é, aleatoriamente) é comparável à probabilidade de um tornado passando por um ferro-velho montar um Boeing 747 com as peças contidas no ferro-velho’.

A analogia foi brilhante porque qualquer pessoa pode entender e acreditar nela. Um Boeing 747 tem mais ou menos seis milhões de peças e é preciso inteligência, projeto e planejamento para montá-las e criar uma aeronave. Hoyle não foi um criacionista e não acreditava em Deus. Seu objetivo era mostrar que estruturas extremamente complexas não podem ser explicadas pelo acaso.

É fácil estender a analogia do ferro-velho e do Boeing 747 para reforçá-la ainda mais. Reforçá-la mil vezes, na verdade: o DNA humano tem seis bilhões, e não seis milhões, de nucleotídeos (as “letras”) no código genético. Eles são dispostos com precisão e

*delicadeza. Sérias deficiências como deformidades de nascença e problemas genéticos podem resultar de uma imperfeição na disposição de apenas alguns genes. Isso sugere a presença de um Design inteligente, apesar de os termos inteligente e design terem se transformado em chavões do criacionismo. O criacionismo ganhou muito destaque na mídia com cristãos fundamentalistas que revestiam a história bíblica da criação com ciência vacilante. O resultado foi **macular o conceito de inteligência da natureza** (grifo meu), um efeito negativo que perdurará por muito tempo.”*

Chopra ainda se refere ao aspecto de que, caso seja sugerido que a natureza que conhecemos pareça ser produto de alguma intenção, de algum “Projeto Inteligente”, isso seria o mesmo que acreditar na verdade liberal do “Livro do Gênesis”, o primeiro da “Bíblia”.

Óbvio que um relógio não se forma sozinho, conforme afirmou Chopra, mas a questão é que os cientistas não consideram que a natureza, ao produzir a mim e a você e a tudo o mais que existe, trabalhou sendo coordenada por uma Inteligência, do mesmo modo que o relojoeiro fez com o relógio — esse tema será mais detalhado no capítulo seguinte.

Afinal, eles consideram o quê? Nada! Entretanto, se tiverem que pender para um lado, facilmente imprimem “diplomas de acasiologistas” — desculpem o pobre neologismo — e se têm como adeptos do acaso!

O ACASO, DEUS, CRIADOR COMPLICADO E OUTROS MISTÉRIOS

OS CIENTISTAS ACREDITAM ou pensam enxergar, não sei exatamente com que tipo de “lente”, que tudo — como as galáxias, os planetas, os 28.869 genes delicadamente ordenados no DNA de cada um de nós, e mesmo o cérebro humano, que é a máquina mais complexa que se conhece — foi se montando sozinho, e não existe argumentação possível com eles. Pior é o dogma religioso, que ainda engana o crente com a promessa de uma salvação, sabe-se lá de quê! O dogma científico é somente “incompreensão”!

4ª Constatação:

As mitologias ancestrais e, mais recentemente, o gnosticismo, foram as únicas fontes que apresentaram a tese do Criador “sugado” para dentro de seu próprio “Ovo Cósmico”¹, seguido do consequente surgimento de dois universos e do “infeliz Arquiteto caído” em um deles, sendo essa a primeira linha informativa de que tudo que existe não se formou sozinho, pois houve, sim, uma Mente atuando por trás de todo esse “Processo Criativo”, ainda que com problemas difíceis de serem compreendidos.

Cientistas e religiosos jamais aceitaram essa hipótese, ainda que Platão² tenha se referido à figura do **Demiurgo**³, exatamente o Criador “caído e malsucedido” na sua empreitada.

Assim, volta-se à questão de como tudo se formou sozinho, conforme defendem renomados cientistas que enxergam na aleatoriedade a solução para as ausências de respostas que eles não conseguem elaborar para determinadas

perguntas essenciais na “busca da verdade”!

A primeira delas é: Como a vida surgiu? Os cientistas sabem que ela é decorrente de um “ácido ricamente enriquecido na sua formulação química constitutiva”, que apareceu na Terra há cerca de 3,8 bilhões de anos, com o “código da vida” já plenamente delineado sob a forma de uma **“molécula-mãe”** de todos os seres vivos que atualmente conhecemos.

Como essa molécula se formou? Os cientistas não sabem!

De que maneira essa substância conhecida como ácido desoxirribonucleico, o DNA, foi elaborada pela natureza? Os acadêmicos não sabem, apenas são obrigados a aceitar que “alguém ou algo”, nem que seja o acaso, conforme eles acreditam, o fez.

Logo que a Terra primitiva deixou de ser uma “bola de lava” e se esfriou, permitindo que uma poça d’água, um lago ou um oceano acolhesse uma “gotícula desse ácido”, disso irrompeu um “corpo carnal”. Como os cientistas explicam isso? Eles não entendem **de que maneira, da Química (o DNA) surgiu a Biologia (corpo)**, conforme a “receita de produção proteica” definida nos genes dos “códigos de vida” terráqueos.

Esse ácido foi produzido na Terra? Eles não conseguem provar que foi, até porque, naqueles tempos primitivos, nem todos os elementos químicos constitutivos do DNA estavam necessariamente disponíveis.

Se não foi formado na Terra, veio de onde? Eles desconhecem. O cientista que mais ousou nesse sentido foi Francis Crick⁴, que passou a admitir abertamente a interferência de uma “inteligência não terrena” por trás da delicada elaboração do código genético e, mais ainda, que a tal “molécula-mãe” somente poderia ter sido enviada para a Terra numa “cápsula fechada”.

Em 1973, sobre a origem do DNA existente na Terra, Francis Crick publicou uma proposta que foi denominada **“Teoria da Panspermia Dirigida”**, que oferece uma opção diferente da **“Teoria da Panspermia Balística”**.

Apenas para que possamos compreender a importância das corajosas afirmações desse cientista, faz-se necessário ressaltar que, conforme o atual paradigma científico sobre o assunto, todas as formas de vida da Terra provieram de um mesmo “código” impresso em uma única molécula de DNA. Entretanto, como já afirmei, ninguém sabe como esse “código” apareceu ou de onde ele veio.

À medida que todos os seres vivos terrestres conhecidos derivam de um mesmo “ancestral comum” (a “molécula-mãe”), o homem também seria

produto desta lenta cadeia evolutiva que um dia teria se iniciado a partir desse “primeiro foco de vida simples”, que surgiu no planeta.

Sob essa ótica, a “Teoria da Panspermia Balística”, desde que correta, explicaria como esse processo teria se iniciado. Conforme pensam os seus defensores, rochas de um planeta — ou de um outro bólido celeste — podem ser deslocadas até outros mundos, como resultado de colisões com asteroides, cometas etc., levando matéria orgânica e, possivelmente, bactérias extremófilas que poderiam sobreviver dentro da rocha, durante todo o percurso da sua trajetória espacial até ser atraída pela gravidade de um planeta vizinho ou em ambiente próximo, e “semear” a vida, se condições propícias ali existirem para tanto.

Francis Crick, porém, sobre o mesmo assunto, apresentou outra perspectiva que deve ser ressaltada pela sua ousadia e honestidade, mesmo que tenha atraído muito da incompreensão dos seus contemporâneos.

Segundo Crick, a molécula de DNA é demasiado complexa para ter evoluído espontaneamente na Terra durante o curto período de tempo que decorreu entre a formação do nosso planeta, há quatro bilhões e seiscentos milhões de anos, e **o primeiro aparecimento de vida, ocorrido há cerca de três bilhões e oitocentos milhões de anos.**

Em outras palavras, o primeiro organismo que surgiu na Terra, apareceu subitamente, sem qualquer sinal de precursores mais simples. Além do que, Crick considera improvável que organismos vivos tenham chegado aqui como esporos — estruturas muito pequenas, extremamente desidratadas, com potencial de resistência e capazes de gerar um novo indivíduo quando em condições favoráveis — oriundos de outro planeta ou incrustados em algum meteorito (hipótese chamada de “Teoria da Panspermia Balística”) —, pois os mesmos não suportariam sequer a entrada na atmosfera, o que deformaria a delicadeza da configuração da estrutura do código do DNA.

Assim, o seu corajoso postulado é o de que uma forma primitiva de vida foi introduzida na Terra por alguma civilização avançada de outro planeta, de modo deliberado (hipótese chamada de “Teoria da Panspermia Dirigida”). Daí o fato decorrente de que todos os seres vivos da Terra representam um tipo de “clone” derivado de um único “organismo extraterrestre”.

Essa “molécula-mãe” aprendeu a se replicar, e por cerca de 3,8 bilhões de anos mais, tudo o que existiu de vida no planeta foi resultado da evolução desse “organismo” para condições mais complexas, como o estágio da célula, mas sem jamais deixar se ser “unicelular”.

A Ciência desconhece, mas há aqui uma “herança genética atávica”, que já veio codificada na “molécula-mãe” e que parece inclinada a produzir “seres unicelulares”, pois estes, por “desconfiarem” tanto uns dos outros ao longo desse tempo, jamais se uniram para compor seres mais complexos, os pluricelulares.

Por que essa “**tendência à desconfiança superlativa**” entre esses micro-organismos? Por que essa categoria de genética já veio para a Terra com esse “modelo comportamental”? Alguém fez isso de propósito ou foi o acaso que forjou a codificação genética nesse padrão?

Ninguém sabe! As únicas notícias que disso se tem são as que procuro abordar nos livros que produzo sobre a Entidade “caída” e a sua Criação “indevida”, como também as resgatadas nas antigas informações mitológicas, que afirmam que o “Código de Vida” do Criador — o que ele conseguiu reconstruir após a sua “queda” — já surgiu com “defeitos típicos do seu temperamento doente”. Por terem herdado essa “doença”, os tais “deuses mitológicos” — seus descendentes diretos —, residentes no universo antimaterial, vizinho ao nosso, jamais confiavam uns nos outros.

Como os nossos ancestrais obtiveram essas notícias descritas em diversas mitologias? De onde eles retiraram tantos elementos para construir os incontáveis enredos das suas sagas e cosmogonias, como a do mito do “Ovo Cósmico”, que nada mais é do que a Singularidade da qual surgiu tudo o que existe? Invenção, romance e histórias é o que, de modo impressionantemente, respondem os acadêmicos!

O curioso é que o termo “Ovo Cósmico”, em tempos mais recentes, reapareceu como uma metáfora do cosmólogo e padre católico Georges Lemaitre⁵, que a ele se referiu como sendo a “Teoria do Átomo Primevo”. Em 1917, Lemaitre sugeriu que o universo poderia ter surgido como um “evento semelhante à Criação”, que ele denominou de “**Ovo Cósmico**”, explodindo no momento da sua manifestação. Um dos opositores dessa tese, o já citado astrônomo Fred Hoyle, chamou-a ironicamente de “Teoria do *Big Bang*”, e esta expressão passou a substituir a metáfora milenar do inexplicável “Ovo Cósmico”, ao qual os cientistas pouco se referem, para não ter que esclarecer como essa noção se deu no pensamento dos nossos ancestrais.

Para o hinduísmo, o **mito do Brahmananda** — “**Brahman**”, a Divindade Cocriadora, e “**anda**”, que significa “ovo” —, interpreta o aparecimento do **Bhuloka**, do **Brahmaloka** e do Criador **Brahma**, “**caído**” neste último, o que

reflete o mesmíssimo estranho contexto cosmológico para a gênese universal, ancorada no “Ovo Cósmico”.

Outro grande e enigmático detalhe é o fato desse mito dizer que o “*Big Bang*” gerou dois universos, que muito bem podem corresponder ao nosso universo material biológico (*Bhuloka*) e o antimaterial, vizinho (*Brahmaloka*), aonde vivem os tais “deuses desconfiados e problemáticos”, descritos nas mitologias.

A Ciência está colecionando diversos indícios de que existe, sim, um universo paralelo⁶ ao nosso, composto pela antimatéria que “sumiu de vista” nos primeiros microinstantes da Criação.

Para a mitologia chinesa, livre das distorções das interpretações “modernas”, no início, não havia nada além do “Caos Primordial”, o “Vazio”, e a partir desse “Caos”, um “Ovo foi chocado por 18 mil anos”. Ao longo desse “período”, quando nem mesmo o “tempo do nosso universo havia surgido”, o *Yang*, o *Yin* e Pan Ku coexistiram em um “estado de unidade” dentro dessa “Maternidade Singular”. Ao romper o “Ovo”, Pan Ku expressou a sua Criação, dando origem ao *Yang* (universo antimaterial) e o *Yin* (universo material-biológico).

Pan Ku permaneceu sustentando esses dois “gomos” da sua Criação **por mais 18 mil anos, e depois “descansou”, sendo que, do seu “Cadáver”, nasceu tudo o que existe, pois os seus “Restos Mortais”** — tipo de “Código Genético” que estruturava aquele seu “Corpo” —, **“caíram” nos seus dois universos**, ainda que em momentos diferentes.

Na época em que as circunstâncias e os eventos permitiram, esses **“Restos Mortais”** se transformaram na **“Primeira Face” que Pan Ku conseguiu recriar de si mesmo**, e por força da desagregação promovida pela “dor da queda”, os mesmos se reconstituíram para a vida como **algo parecido com vírus**⁷. Tal reconstituição se deu primeiramente no *Yang* (aonde habitam os tais “deuses desconfiados”) e, muito tempo depois, no *Yin* (aonde vivemos nós, os seres biológicos e também desconfiados uns dos outros, ainda que tenhamos aprendido a eventualmente nos amarmos).

Ao longo dos 4,6 bilhões de anos de história planetária, os seres unicelulares — descendentes da “molécula-mãe” — dominaram de modo exclusivo o panorama terrestre de 3,8 bilhões de anos antes do presente até cerca de 550 milhões de anos atrás.

Por que os vírus e bactérias produzem mutações para sobreviver e dominar, a qualquer custo, o ambiente em que vivem? O modo de ser desses

micro-organismos representa exatamente a “doença” do Criador “caído”, cuja característica de querer sobreviver a qualquer custo, registrado no seu “Código-fonte Definidor de Vida Pessoal – CFDP”, foi repassado por meio das “moléculas-mães sementeiras” universo afora, fazendo dos seus descendentes unicelulares e pluricelulares, uma **“malta de contaminados”**, ainda que a Ciência não tenha conhecimento disso.

Aonde se encontram os “fósseis de transição” que comprovam o momento e o evento de como os seres unicelulares se juntaram — ou foram unidos à força — para compor os pluricelulares? Ninguém sabe, ainda que alguns cientistas afirmem que acharam um ou outro fóssil com idades que se situam entre 800 milhões e 550 milhões anos, intervalo de tempo em que o planeta se congelou e descongelou seguidamente, em duas oportunidades, e no fim do qual ocorreu a chamada “explosão da vida pluricelular cambriana” nos oceanos da Terra.

Contudo, não comprovam serem “fósseis de transição”, e a tese que defendo nos meus livros é a de que, muito provavelmente, esses animais pluricelulares foram trazidos para cá, nos mesmos moldes em que a **“molécula-mãe”** também o foi.

Os darwinistas e os neodarwinistas, adeptos da aleatoriedade como sendo o princípio de tudo e o feitor dos códigos genéticos primordiais da vida que surgiu na Terra — e em diversos outros mundos —, também nada dizem sobre esse processo.

Como já me referi, é muita “arrogância filosófica e científica”, depois de estudar anos e anos em mestrados e doutoramentos, creditar ao acaso o início e o feitio tanto do universo como do código genético que deu origem à vida.

Seria mais decente não dizer nada ou simplesmente admitir que não sabe! Entronizar o acaso como criador deste universo de estrelas, planetas e satélites, e gerador de uma “codificação genética digitalmente impressa sob a forma de ácido”, com mais de seis bilhões de “peças de montagem” — que é a quantidade média de bases nitrogenadas que existe nos genomas já decodificados, combinadas entre si — e “receitas proteicas” definidas, convenhamos, **é tão infantil quanto a crença simplória num “deus maravilhoso” que fez a vida violenta do jeito que ela é.**

Devido à “doença da desconfiança” — que um dia deverá ser percebida —, os seres unicelulares foram juntados meio que “à força”, por um tipo de engenharia genética que atua conforme a necessidade dos “infectados pelo código original doentio”.

Conforme já expliquei, óbvio que essa afirmação não é de ordem científica, mas o objetivo deste livro é exatamente o de alinhar à narrativa do que a Ciência sabe até o momento, as informações advindas do campo mitológico e mesmo de revelações espirituais, para ajudar no entendimento do contexto geral.

Por que estou fazendo isso? Novamente explico: **a Ciência, a Filosofia e as religiões estão absolutamente perdidas com suas teses sobre esse contexto!** Uma vez que nada quero pontificar como questão de crença ou verdade estabelecida, tão somente me move o desejo de ofertar uma hipótese a ser verificada no futuro, se for o caso.

5ª Constatação:

Após o surgimento da vida pluricelular na já referida “explosão cambriana”, começa mais propriamente o que os darwinistas chamam de “evolução”, o que é incontestável. Só a crença fanática, simplória e pouco inteligente dos criacionistas não percebe a irrefutabilidade das evidências evolutivas.

Continuando a explicar criticamente como os cientistas materialistas se abraçam à “tese da aleatoriedade e da evolução darwinista”, Deepak Chopra se refere, muitas vezes e de modo crítico, aos enunciados do biólogo e assumidamente ateu Richard Dawkins⁸, que abriu uma frente de combate midiaticamente produzida para contestar os “iludidos criacionistas”:

“Darwin explicou como a vida surgiu na Terra. A complexidade se desenvolve com base em uma sequência de pequenos passos. Você pode se impressionar ao ver um enorme mosaico romano, mas, ao olhar de perto, vê que ele é todo feito de minúsculas lascas de pedra colorida. Uma lasca não impressiona ninguém. O darwinismo explica que os minúsculos passos da evolução não têm nada de improvável; eles são os elementos básicos de tudo o que há de complexo no mundo natural. A escolha entre Deus e o acaso é uma escolha ilusória, Dawkins escreve. A verdadeira escolha é entre Deus e a seleção natural.

Se você quiser algo realmente improvável — a ponto de desprezar completamente sua existência —, basta pensar em Deus. Dawkins

chama Deus de “a suprema artimanha do Boeing 747”. Um Deus capaz de criar todas as formas de vida de um só golpe, como declara o ‘Livro do Gênesis’, teria de ser mais complexo que sua criação, mais complexo que o DNA, que os quarks, que bilhões de galáxias e tudo o mais que surgiu ao longo de 13,7 bilhões de anos desde o Big Bang.

É extremamente improvável que um ser como esse esteja escondido por trás da cortina da natureza. Qualquer um pode dar uma espiada no registro fóssil e constatar por conta própria o processo lento e inexorável da evolução. Segundo Dawkins, Hoyle acabou se desviando do assunto quando levantou a questão da aleatoriedade. A resposta certa é que um Deus criador vai contra quaisquer probabilidades.”

Efetivamente, conforme tenho constatado, é muito difícil existir uma boa troca de informações entre um cientista como Dawkins, respeitável na sua área, mas absolutamente ignorante em relação à vida espiritual e que, por mais que ele queira ou deixe de querer, corresponde exatamente àquele contexto situado antes da emergência da Singularidade — o “*Big Bang*” —, o qual a Ciência não tem como verificar com suas leis. Nesse sentido, mais decente seria um cientista desse porte afirmar que não se sabe, do que dizer que “a resposta certa é a evolução darwiniana associada à aleatoriedade”, como termina sendo a postura de Dawkins sobre a questão.

Para Sócrates⁹, reconhecer que não se sabe é sinal de sabedoria e de possibilidade de aprendizagem futura. Contudo, **pontificar sobre o que se desconhece, é indicativo de quê?** De maturidade? De honestidade de princípios e de propósitos? De compromisso com a “busca da verdade”, seja ela qual for? Sinceramente, penso que não! E assim, a Ciência vai se apequenando porque alguns de seus agentes não a honram como deveriam.

6ª Constatação:

A arrogância intelectual das religiões foi a responsável pelo assassinato — tanto literalmente como de reputações — de verdadeiros gênios da Ciência e da Filosofia, como Giordano Bruno¹⁰ e Galileu Galilei¹¹. Por outro lado, a que vem dos adeptos do cientificismo ligado ao ateísmo mal dirigido, mais preocupado com o estrelismo do que propriamente com a

discussão elucidativa, simplesmente impede qualquer contradição, e muitos temas continuam “prisoneiros das jaulas” construídas pelo tamanho da presunção psíquica dos que se pretendem “donos da verdade” e conhecedores do que não sabem.

Desse modo, o “mais do mesmo” daquilo que já se encontra estabelecido como verdade, continua a reinar como tal por décadas e séculos, ainda que não o seja.

Sem o método científico, a humanidade não irá a lugar algum, como nunca foi, e isso se deve ao obscurantismo intelectual imposto por tantos séculos pelo cristianismo, nas versões católica e protestante. Somente agora, estamos seguindo adiante, ainda que destituídos da base moral associada à ética e à virtude, que as religiões deveriam ter trabalhado nos seus fiéis, o que, infelizmente, também não se verificou **pelo “uso infantil e primário que fazem do conceito de deus”**.

Pelo menos, no mundo acadêmico, uma pseudoverdade um dia será atropelada pelos fatos advindos da própria evolução dos parâmetros científicos, condição que jamais se observa nos dogmas religiosos. Nessa questão, nem o “deus de Dawkins”, seja na sua face “aleatoriedade-pura” ou na “darwinista-sofisticada”, poderá nos livrar de tais dogmas.

Deepak Chopra, também apresenta e critica as observações que Dawkins traça a respeito do filósofo Daniel Dennett¹² e de seus postulados a respeito do tema:

“Dawkins menciona o seu colega ateu Daniel Dennett, da Universidade Tufts, que por ser um filósofo, é apresentado como um pensador profundo nesse tipo de questão. Em uma entrevista de 2005 para um jornalista alemão, Dennett aborda ‘a ideia de que é preciso algo grande, inteligente e sofisticado para criar algo menor’. De acordo com Dennett, um ingênuo pode achar que essa noção é intuitivamente correta. ‘Você nunca vai ver um sapato fazendo um sapateiro. Nunca verá uma ferradura fazendo um ferreiro. Nunca verá um pote fazendo um oleiro.

Dennett chama isso de ‘teoria de efeito cascata’, para explicar a criação. Deus é um ferreiro fazendo ferraduras em uma escala cósmica. Dennett, que Dawkins apresenta como um ‘filósofo

cientificamente esclarecido’, dá credibilidade ao argumento da improbabilidade. Os dois concordam que um ferreiro ou relojoeiro cósmico é complexo demais para ser provável. A ciência, diante de uma escolha, prefere a explicação mais simples. A explicação da aleatoriedade é muito forçada, de modo que deixa de ser adequada. Um Deus infinitamente complexo não é uma boa explicação. Resta a evolução. Caso encerrado.”

Penso que os “casos encerrados do inspetor Clouseau”¹³, seriam mais confiáveis como maneira de se encerrar uma discussão.

Entretanto, é exatamente desse modo que os cientistas darwinianos encerram a questão, e qualquer outra possibilidade de análise receberá os “sorrisinhos de superioridade” que costumam ostentar na face, ao serem indagados sobre o tema. É compreensível essa atitude mental, mas não é o suficiente para dar o problema como resolvido.

Pelo fato de nada ser efetivamente simples em torno desse assunto, Chopra critica corretamente a visão algo simplista de Dawkins, porque a evolução, sozinha, também não explica o que se observa na natureza da Terra. Ainda assim, conforme penso, Chopra cuida de somente um dos painéis da questão, pois ele mesmo, ao continuar a sua análise, passa por um aspecto sobre o qual deveria deter a sua atenção, mas a despreza despreocupadamente, sem abordar a sua profundidade, levado por suas opções preferenciais:

“Na vida real, pouquíssimas pessoas acreditam em Deus, por terem adentrado no território nebuloso da teoria da probabilidade. Vamos nos deter um pouco nesse problema espinhoso. Você acredita na analogia do 747? Eu acredito. Na sua forma mais afrontosa, ‘Deus, um delírio’ (nota do autor: livro de Richard Dawkins) transforma Deus em uma caricatura simplista. É absurdo perguntar se Jeová criou ou não o DNA. Devemos descartar o argumento distorcido de Dawkins de um Deus pessoal que criou o universo. Não passa de uma variação de considerar Deus como um ser humano, só que muito mais esperto. (...)

Uma possibilidade é que Deus se tornou a criação. (Einstein sugeriu algo parecido na sua famosa frase sobre querer conhecer a

mente de Deus, embora ele não tenha dito explicitamente que Deus se incluía nas leis que regem o tempo e o espaço). Em outras palavras, Deus não é uma pessoa, mas a totalidade da natureza. Sendo a origem da existência, ele é o ponto de partida do nosso ‘eu’, Deus não é o nosso pai; ele não é um relojoeiro montando peças para fazer um relógio (uma imagem concebida no século XVIII para explicar como um único criador inteligente monta as engrenagens do cosmos). Ele não tem sentimentos nem desejos. Ele é o próprio ser. Tudo existe porque ele existiu antes. Um Deus como esse não precisa ser intrincado.

Conceber um Deus que deve ser mais complexo que o universo inteiro não passa de uma enganação. Os teólogos medievais argumentavam que Deus tinha de ser mais complexo que sua criação. O discurso de Dawkins e Dennett é mais adequado às salas de aula da Universidade de Paris lá pelo ano de 1300. No século XVIII, a analogia do relojoeiro se popularizou devido a um movimento conhecido como deísmo, ao qual Thomas Jefferson pertencia, e que tentava reconciliar a fé e a razão. Os cientistas aceitavam que Deus não estava presente no mundo, e a lógica lhes dizia que os milagres não podem existir porque contrariam as leis da natureza. Como adorar uma divindade ausente e que não faz milagres? Em um deus racional, que criou o universo, colocou-o em movimento e se afastou? Para os deístas, Deus é como um relojoeiro que construiu uma máquina, deu corda nela e a deixou funcionando por conta própria.”

Simplificações à parte quanto ao **“modelo de deus”**, sobre os quais os acadêmicos possam pensar, Chopra, assim como Dawkins, Dennett e os demais cientistas, filósofos e religiosos passados e contemporâneos, confundem os conceitos de “Deus” e de “Criador”, por absoluto desconhecimento do “Contexto Maior Espiritual” que se desdobra além do *Big Bang*. A Ciência não consegue chegar lá, a Filosofia não ousa, e a religião, mais perdida que as outras duas áreas, pensa que chegou, ainda que o desconheça.

O interessante é que Dawkins, apesar de ateu militante, digna-se a observar o fato incontestável da “fama bíblica” de Javé como sendo um “deus-criador teísta”, embora desclassifique a hipótese e tudo o mais que se ancore na “*Bíblia*”, o que o leva a não refletir sobre a hipótese da “queda” do

Criador e a sua Criação “complicada”, como apontadas pelo gnosticismo e mitologias diversas do pretérito.

Quanto a mim, que procuro passar despercebido pelas três áreas — o que tem me permitido produzir livremente, sem maiores afrontas —, apresento a questão da Criação “indevida” e do Criador “problemático”, de maneira singular, em algumas dezenas de livros específicos, fazendo uso dos postulados científicos e filosóficos em abordagens associadas às informações contidas nas mitologias e nas religiões que as sucederam, que dão pistas com “nuances” científicas, filosóficas e religiosas, para que as gerações do futuro possam guiar os seus esforços no campo da compreensão.

Esses livros e palestras que produzo, podem estar absolutamente equivocados nos detalhes ou em partes, mas jamais no seu todo. Isso me leva a refletir que muitas situações não foram e não costumam ser observadas pela Ciência, pela Filosofia e pelas religiões, não sendo essa, portanto, uma postura que eu considero honesta no sentido da “busca da verdade”.

Nesse ponto, porém, verifica-se uma diferença sutil, por um lado, e profunda, por outro, porque em nada do que até aqui me referi, cogitei falar do único Ser a quem verdadeiramente deveríamos chamar de “Deus”, este sim, responsável pelo “Colapso Quântico” que coexiste *ad eternum* com Ele, e que, na cultura terrena, denominamos de “Paraíso”: sim, ao que tudo indica, Ele existe e nada tem a ver com os demais personagens tidos como “deuses”, pelos incautos humanos.

No livro “*O Drama Cósmico de Javé*”, tentei explicar que, **para além do “campo quântico de possibilidades”**, expresso pela Mente da Divindade e do qual, por ordem mental sua antes da “queda”, **teve origem o “colapso”** que demarcou os limites vibratórios do nosso universo e de algumas faixas de realidade a ele adjacentes, existiam anteriormente outras matrizes quânticas ainda mais sutis, que também respondiam pela “**Massa Mental de modelar universos**”.

Mal sabem os cientistas que a “Lei da Conservação da Energia”, que eles pensam existir para o universo físico — que se encontra correlacionado a uma “matriz quântica” específica —, é tão somente um aspecto do “Contexto Maior Espiritual”, do qual tudo emerge e que a tudo envolve, inclusive às demais “matrizes quânticas cocriadoras secundárias”, pois que “*Matriz Primeva*”, somente poderia assim ser considerada a “incriada e permanentemente ligada ao Ser que chamamos de Deus, o Incognoscível”.

Óbvio que uma afirmação como esta não é científica, mas, como poderia

ser, se o que chamamos de “Ciência” nada sabe sobre a Consciência? E o que dizer da ignorância de parte dos próprios cientistas sobre um outro possível padrão de uma “Ciência Maior” que nela se ancora com todos os seus “Fluxos Mentais” associados aos “agentes da vida” e a seus diversos “campos mórficos”¹⁴?

Os partidários de Charles Darwin¹⁵ defendem que “evolução biológica” é sinônimo de “Darwinismo”. Contudo, não penso que seja! **Existem muitos outros fatores em ação**, facilmente percebíveis e plenamente disponíveis para quem quiser estudá-los, ainda que fora do âmbito das universidades — como é o meu caso.

Muito do que penso e algo do que pude constatar sobre o assunto, por força das minhas vivências, estão registrados no livro “O Drama Terreno de Javé”¹⁶, no qual faço uma análise factual sobre as descobertas científicas em torno dos elementos que dão sustentabilidade à “Teoria da Seleção Natural”, de Darwin, e seus desdobramentos.

Evidente que isso, dito por um leigo — e do meu “tamanho” —, perante a relevância científica dos que assim se propagam, não tem importância nenhuma. Entretanto, não creio que este seja um caso de discordância do que está estabelecido por esses cânones científicos, pois os fatos e os “cânones” de outros campos da Ciência apontam algo bem diverso e mais complexo do que o defendido pelos chamados “neodarwinistas”, que terminaram se transformando em “minimalistas”, tendentes à simplificação no âmbito das conclusões e especialistas em fingir não perceber os diversos elementos indicativos e perturbadores que contestam as suas crenças.

Amit Goswami, em seu livro “O Ativista Quântico”¹⁷, diz algo muito interessante a respeito do assunto:

“O fato é que os dados fósseis proporcionam fortes evidências para a evolução, mas são bem antagônicos ao darwinismo por conta das famosas lacunas fósseis e de outras anomalias (grifo meu). O fato inegável é que a evolução darwiniana é contínua, mas as lacunas fósseis são provas de ocasionais descontinuidades na evolução. Sugeri antes que as lacunas fósseis são evidências da causação descendente pela consciência, consistente na criatividade biológica.

Na nova ciência, a evolução deve ser vista como a manifestação progressiva das possibilidades da consciência (grifo meu). Nessa

ótica, o mundo físico é como o hardware de um computador — faz representações dos outros três mundos sutis (nota do autor: o mundo dos pensamentos, o das emoções e o do Ser ou Supramental dos Arquétipos). Com o tempo, as representações vão melhorando. Evolução é o processo de desenvolvimento dessa capacidade da matéria: fazer representações.”

Aqui importa perceber que um cientista de vanguarda — ainda que profundamente criticado pelos demais, e notadamente pelos darwinistas — aborda contextos que em muito se assemelham aos que desenvolvo, sendo boa parte deles, baseado, repito, nas antigas tradições tidas como mitológicas. Goswami continua:

“Agora, a primeira fase da evolução biológica está completa. Ela consiste em fazer representações cada vez melhores das possibilidades dos movimentos vitais da consciência, que representam mais e mais possibilidades desses mesmos movimentos vitais, que representam funções biológicas na forma de órgãos cada vez melhores.

A segunda fase começa com a evolução do sofisticadíssimo órgão do neocórtex do cérebro, no qual o significado mental pode ser representado. Como você sabe, o neocórtex se parece muito com um computador, e sua tarefa consiste em fazer representações em software (memórias) de significado mental no hardware mental. Falando em termos evolucionários, neste exato momento estamos no meio da era mental, ocupados em fazer representações cada vez mais sofisticadas do significado em contextos também cada vez mais sofisticados — físico, vital, mental e supramental. Esse processo ainda não terminou, ainda estamos no terceiro de quatro estágios de evolução mental, entretidos em dar significado à própria mente, o estágio da mente racional. A meta de curto prazo de nossa evolução é concluir o terceiro e iniciar o quarto e último estágio de evolução mental.

A terceira fase da evolução consiste em desenvolver a capacidade de representar arquétipos supramentais diretamente no plano físico. Isso está em nosso futuro evolucionário de longo prazo.

O que está nos detendo é que ainda não conseguimos integrar

pensamento racional e sentimento. O que nos impede? Os circuitos cerebrais instintivos de emoções negativas, com os quais nascemos (grifo meu). ”

Eis no que se transformou aquela herança básica, lá do início do processo fenomenológico que chamamos de “vida”, quando a “molécula-mãe” começou a se replicar, para depois evoluir no sentido dos corpos pluricelulares e chegar à sofisticadíssima condição humana, cujo cérebro é formado de acordo com as instruções genéticas que o encontro de um óvulo e de um espermatozoide constroem.

7ª Constatação:

Mesmo no estágio humano, continuamos a receber as inclinações e instintos “doentios” da condição original do CFDP do Criador “caído”. Como isso acontece com todo e qualquer tipo de ser que nasce no âmbito deste universo, o objetivo aqui, provavelmente, é o de que as “criaturas-ferramentas” que nele surgem, irremediavelmente “inoculadas com as doenças” do Criador, evoluam no sentido de resolver esses “problemas” para ele, na medida em que provocam mutações no código básico original presente em cada tipo de genoma (CFDs) desdobrado de seu CFDP.

É essa a tese que tenho defendido porque foi o que me vi obrigado a constatar pela leitura dos fatos que unem um “antes desconhecido” modo como o universo e a vida surgiram, e mais especificamente, a evolução que foi gerando mais complexidade até a produção do neocórtex, que permite à condição humana produzir significados nos quais ancora a sua racionalidade.

Antes, porém, da condição primata superior, no qual esse neocórtex possibilitou surgir o gene FOXP2 — e a Ciência não tem a mais remota ideia de como isso se deu —, responsável pela produção dos símbolos que levam ao significado e, portanto, à racionalidade, outro feito evolutivo muito importante teve lugar, e sobre o qual Goswami nada mencionou.

Aqui me refiro à evolução da condição reptiliana — com cerebelo e gânglios basais — para a condição mamífera, em cujo cérebro surgiram a tálamo, o hipotálamo, o hipocampo e a amígdala cerebral, o que permitiu a manifestação de memórias associadas à sensação e mesmo às emoções mais

complexas.

Uma mãe reptiliana, geralmente, não tem como reconhecer a sua prole, porque não existe mecanismo cerebral disponível para tanto — como é o caso das tartarugas, cobras e lagartos. Dentre os répteis, a única exceção ocorre com os crocodilianos, em que a fêmea tende a proteger da predação os ovos no ninho e os filhotes — a do jacaré-do-pantanal pode proteger suas crias até completarem um ano de vida.

Por sua vez, a mãe mamífera tem a sua prole nascendo a partir do seu próprio corpo, cuja memorização associada ao zelo instintivo, permitem o reconhecimento e mesmo a preferência em termos de companhia.

Para que no cérebro límbico de uma mamífera as relações interativas funcionem desse modo, implica dizer que o hipotálamo (relacionado às glândulas corporais) produzam certos hormônios de “zelo”, de “interesse social”, que necessitam de construção genética específica para poder funcionar.

Surge, assim, um outro panorama evolutivo, que é a renovação constante dos genes por meio de mutações evolutivas — dizendo de modo simples, tanto adaptativas quanto modificativas — que fazem dessas experiências a base do amor que racionalmente podemos sentir na condição humana.

Os animais irracionais sentem sensações e emoções, mas não as podem racionalizar no sentido de transformá-las em sentimentos. Os humanos conseguem fazer isso, ou seja, elevar o modo como se vive a um padrão superior de atitudes e de posturas.

É aquela velha história de que os animais irracionais fazem sexo, mas não se amam. Os humanos tanto podem fazer sexo pelo sexo como podem elevá-lo à condição de amor!

Em outras palavras, quanto ao acaso ou a algo de mais estranho ainda, ou mesmo à necessidade dos “deuses falidos e desconfiados”, que residem no universo vizinho, enfim, seja lá o que tenha sido, o fato é que a passagem da condição química para a biológica, envolvendo obviamente a física, gerou o misterioso “corpo carnal”, e foi possível, no fluxo de genes desse tipo de corpo, emergir uma genética mais sofisticada nos seres com neocórtex desenvolvido.

Tais seres — os humanos da Terra — são capazes de produzir, memorizar e retransmitir informações cada vez mais sofisticadas e, o mais estranho, também estão aptos a valorar as suas emoções e, assim, desenvolver razão filosófica para distinguir painéis mais sutis da existência, como a criação do

altruísmo, o que vai contra toda e qualquer noção darwinista.

Richard Dawkins costuma dizer, em cada entrevista, algo que resulta praticamente na frase:

“O universo e a vida têm complexidade suficiente. Não precisamos importar a complexidade inventada da teologia.”

Sinceramente, muito gostaria de dizer que ele está certo, mas, infelizmente, pelo menos em parte, ele está errado ao almejar afirmar, nas entrelinhas, que a sua ciência consegue decodificar a complexidade em grau suficiente para tudo comprovar, sem ser necessário que, de fontes situadas fora da “curva do método científico”, venha o complemento que os cientistas não têm mesmo como constatar e reproduzir em laboratório.

Nesse caso, até mesmo a teologia tem uma outra pista que cientistas como ele deveriam observar, ainda que desprezem a prática da religião em si. Afinal, dar por sabido o que ainda é preciso descobrir, não é atributo somente da religião, porque até o próprio Dawkins propõe, com muita crença, que uma simples tese formulada por ele, a “Teoria do Meme” — entendido como o “gene da evolução cultural” —, é bem mais que uma simples hipótese.

Claro que concordo com Dawkins quando ele denuncia a religião como retrógrada, contra o progresso da Ciência e das ideias em geral, porém desaprovo sua atitude de procurar manipular os corações e as mentes dos desavisados. Apenas espero que os ateus militantes também não se inclinem no mesmo sentido.

Contudo, o que posso dizer quando percebo a pobre e tola arrogância associada à simploriedade de achar que foi o acaso que produziu todo este contexto, sem que exista nenhuma outra força mais, atuando de algum modo. Tantos diplomas, títulos e presunção de toda ordem para apontar como resposta a mais simplória das soluções — a aleatoriedade — para as enigmáticas questões inerentes à existência. O pior é que o acaso não se encaixa com os indicativos que a própria Ciência aponta como sendo elementos reais, tendo por exemplo as constantes cosmológicas associadas ao “princípio antrópico”¹⁸.

Sobre o amor, Amit Goswami, um cientista que se encontra a anos-luz de distância dos seus contemporâneos em termos de conhecimento e de compreensão da Física Quântica e da Espiritualidade, reflete da seguinte maneira:

“Os arquétipos do supramental proporcionam-nos os mais profundos

contextos de pensamento mental. Neste momento, intuímos os arquétipos supramentais — como o amor — e fazemos imagens mentais (representações) deles. Quando vivemos essas imagens, criamos novos circuitos cerebrais que nos permitem viver o arquétipo quase sem esforço. A neuroplasticidade do cérebro, que nos permite criar circuitos cerebrais com nosso aprendizado, é uma das mais recentes e espantosa descobertas da neurociência.

Você se apaixona, fazendo uma representação mental desse arquétipo em associação com o sentimento de amor no seu chacra do coração, que está sendo processado subsequentemente em sua mente-cérebro. Depois, você se relaciona na vida íntima com o(a) parceiro(a), criando circuitos cerebrais do amor. Mas este é um amor dirigido por uma pessoa. Nos desdobramentos subsequentes desse relacionamento, se você conseguir transformar seu amor pessoal e condicional num amor impessoal e incondicional, você será capaz de amar todo mundo quase sem esforço algum. Você criou um circuito cerebral do amor. A atual meta de curto prazo de nossa evolução é fazer o fruto de tais criações individuais de circuitos do amor no cérebro, disponíveis para toda a humanidade através da evolução. Quando isso acontecer, todos nós teremos a capacidade de compensar as emoções negativas instintivas do ódio e da competitividade com a emoção positiva do amor. Só então poderemos ser plenamente racionais.”

Essa reflexão acima muito “irrita” os darwinistas partidários do “acaso como autor e ator” do que eles entendem ser a evolução. Amit Goswami, por sua vez, pertence a um seleto grupo de cientistas espiritualmente esclarecidos e libertos da arrogância intelectual, que ousam se pôr em risco em nome dos ideais filosóficos e humanistas que defendem. Pena que sejam tão poucos!

Quando Goswami se refere ao nível supramental, ele está apontando o padrão de consciência cósmica que um ser poderá atingir na sua rota evolutiva. Apenas a título de complemento, esse padrão, em termos espirituais, corresponderia a um “Espírito evoluído e mesmo Superior”.

Observando a “evolução biológica” sob uma outra perspectiva, reproduzo, a seguir, um trecho introdutório do magistral livro “*Universo Programado – Uma Alternativa ao Darwinismo e à Religião*”, de Miguel Ribeiro¹⁹, que me permitirá elevar o tema central da presente abordagem a

um outro grau de observação e de análise:

“De forma notável, Darwin concebeu a árvore da vida que estabelece uma ligação entre todas as formas de vida e propôs que a variação, incremental ao longo de vastos períodos de tempo e filtrada pela seleção natural, seria a base da evolução. Posteriormente a Darwin, os genes foram descritos, e a mutação — embora reconhecida como motor da evolução — foi consensualmente olhada como um erro de cópia do DNA, portanto, como um fenômeno intrinsecamente aleatório. O neodarwinismo ficou assim identificado com evolução dirigida pela seleção a partir da mutação ao acaso.

Tudo indicava estarmos perante uma teoria sólida, que, fiel às suas origens, dispensava a ideia de Deus. Simultaneamente, a teoria do Big Bang e a crescente evidência da nossa diminuta e periférica realidade na imensidão do cosmos mais acentuaram a sensação de que a existência do homem se poderia reduzir a um pueril capricho do acaso.”

Atente o(a) presumível leitor(a) destas páginas que, propositadamente, estou procurando ofertar o vislumbre da origem da visão materialista nos tempos mais recentes, que tão somente ratificavam o cartesianismo como método científico, sua fonte mais original.

Na medida em que os estudos da evolução biológica — o aparente pleonasma se deve ao fato de existirem outros tipos de processos evolutivos — como também o da evolução cosmológica se enriqueciam com novas informações, a Ciência, como um todo, passou a adotar a maneira de pensar que Darwin aplicou à Biologia, conforme apontado por D. J. Futuyma²⁰ no seu livro *“Evolution”*.

Particularmente, sou dos que pensam que o ego científico somente interage por interesse comum no que toca às fontes de recursos para as pesquisas, mas ao longo da história, ele tem dado mostras de não-ajuda mútua, de espionagem, de plágios de toda ordem e de interesses inconfessáveis, que impedem um cientista de reconhecer o mérito do outro, sendo mesmo rara a fraternidade entre seus pares.

Generalização? O pior é que penso que não, e somente me refiro a esse aspecto porque isso prejudica, sobremaneira, a “busca da verdade”,

notadamente quando uma ideia de vanguarda surge e é, de pronto, massacrada pelos “donos da verdade” de cada época.

Atualmente, muitos nomes como Charles Darwin e Alfred Wegener²¹ — dentre outros —, são respeitadíssimos pela “Teoria da Evolução” e pela “Teoria da Deriva Continental”²², respectivamente, mas que foram humilhados pelos seus pares em muitas oportunidades.

Toda generalização é perigosa? Sim, de fato, mas há exceções, e a que se pode aplicar ao ego inflamado de um cientista inteligentíssimo para um assunto, mas insensato e ignorante — sem falar da questão de caráter — quanto a tudo o mais, é algo comum nas páginas da história da lenta evolução do pensamento humano. Se procedo desse jeito, é com um objetivo nobre: o de reafirmar que, ainda assim, a Ciência é o caminho mais seguro para fugirmos à ignorância e seguirmos adiante, desde que a mesma seja vivenciada com um mínimo de civilidade e honestidade de princípios e de propósitos.

O triste é que os darwinistas e neodarwinistas têm tratado quem se contrapõe aos seus dogmas, de modo bem mais contundente do que o que fizeram com o próprio Darwin. Os séculos se sucedem, mas o grau de cretinice parece não se modificar nunca. Ainda bem que as leis evoluíram, e a Igreja Católica não queima mais ninguém!

Eles esquecem do que o próprio Darwin expressou no seu livro “*A Origem das Espécies*”, relatando o que pensava acerca da sua situação frente ao contexto religioso, filosófico e científico na época em que viveu:

“Não vejo nenhum bom motivo para os pontos de vista apresentados neste volume chocarem os sentimentos religiosos de alguém (...) Um elogiado escritor e teólogo escreveu-me que ‘gradualmente aprendeu a ver que é uma concepção tão nobre dos deístas acreditar que ele criou umas poucas formas originais capazes de se autodesenvolver em outras, mais indispensáveis, quanto crer que ele precisava de um ato estimulante de criação para compensar os vazios causados pela ação de suas leis’.

(...) Há uma grandeza nessa visão da vida, com seus vários poderes, tendo ela sido lançada como o sopro da vida originalmente pelo Criador em poucas formas ou uma: e que, enquanto este planeta vinha orbitando de acordo com a lei da gravidade estabelecida, a partir de um início tão simples, inúmeras formas, cada vez mais belas

e maravilhosas foram, e continuam, evoluindo.

(...) pela extrema dificuldade, ou uma quase impossibilidade, de conceber este universo imenso e maravilhoso, incluindo o homem com sua capacidade de examinar o passado tão distante e o futuro tão longínquo, como resultado de uma oportunidade ou necessidade cegas. Quando medito dessa maneira, sinto-me atraído a observar a Primeira Causa como tendo uma mente inteligente em algum grau análoga a essa dos homens; e mereço ser chamado de Teísta.”

Efetivamente, é mesmo conveniente, além de imperioso, que os darwinistas e neodarwinistas finjam não perceber as afirmações do próprio Darwin.

De todo modo, o materialismo científico, por compreensível que seja como contraponto à fé fácil e mesmo pueril do “rebanho humano”, pela afetação e apego aos seus dogmas, tem se esquecido de, como tudo o mais, evoluir em termos de percepção mais ampla e “adulta” sobre alguns assuntos, notadamente os da própria evolução biológica, os da Consciência e os “postulados quânticos”. Isso tem demonstrado que muitos craques da Ciência sabem lidar com as contas complexas da Matemática e com informações sofisticadas, mas não conseguem compreender o significado profundo dos painéis da realidade e das suas camuflagens.

Sobre essa visão e mais especificamente no que diz respeito à mutação, Miguel Ribeiro nos explica, em seu citado livro:

“A ocorrência espontânea de um universo aleatório que gerou vida é estatisticamente insustentável. A evolução por mutação aleatória é igualmente impossível, dada a dimensão do genoma, o que está em conformidade com a evidência atual da mutação como um processo estritamente regulado.

Por outro lado a mutação adaptativa, hoje irrefutável, viola no seu fundamento o princípio neodarwinista da mutação cega e destituída de propósito para o organismo.

Por último a “maquinaria genética”, destinada apenas a ser implementada em espécie descendente, implica pré-planejamento no processo de transformação. Serão estes processos, atualmente consagrados e que regem a evolução do genoma, conciliáveis com a evolução neodarwinista?”

No meu aprendizado juvenil, ocorreu-me um rápido pensamento, o qual jamais pude esquecer. Ao perceber, nos meus professores de Geologia, de um curso jamais concluído na Universidade — na época, fiz a reopção para o curso de Administração, com o objetivo de poder trabalhar ao longo do mesmo, para o necessário sustento —, as suas afirmações sobre a aleatoriedade por trás do arranjo dos cristais, das matérias em torno da mineralogia e demais disciplinas que lidavam com o contexto da formação geológica planetária, pensei como era estranho o fato dos cientistas negarem a existência de qualquer “Princípio ou Ser Organizador”, ainda que a Matemática, por si só, demonstrasse cabalmente que haveria, sim, um “Fator Estruturante” responsável pelo curso dos eventos, fossem do micro ou do macrocosmos.

O fato do universo e tudo o que nele está contido, ser regido por leis e princípios matemáticos, faz do contexto universal que está perante a nossa percepção e nos envolve, algo incompatível com o modelo aleatório que os cientistas cartesianos defendem.

Sinceramente, **alguns postulados do mundo acadêmico mais parecem esquisitices teológicas do que propriamente produto do método científico**, porque o modo simplório e equivocado de pensar indica que, “se a vida emergiu e se desenvolveu de maneira aleatória, o universo que a envolve também deverá ser, necessariamente, produto do acaso”.

Sei não, mas há algo de muito errado nessas duas premissas que, desde Darwin, a quase totalidade dos cientistas se viu “obrigada” a assumir como maneira de se “modernizar” em relação ao anacronismo das crenças religiosas.

Se achavam feio o contexto da crença no lado religioso, apenas os germes dessa feiura foram “semeados” no pensamento acadêmico.

Apesar do universo e tudo o que nele está contido me parecerem inconciliáveis com o fator da aleatoriedade, isso não implica que não possa existir a inegável dose ou cota do acaso no processo da vida universal. Assim é, conforme penso, por conta da Criação “complicada” que passou a existir sem ter sido devidamente “planejada” e muito menos “finalizada”, e daí a presença dos eventos fortuitos como fator de complementação.

8ª Constatação:

Caso a Criação fosse perfeita, não haveria motivo para ocorrerem mutações. O acaso, que permite a criatividade intuitiva, a produção de

informações multifacetadas e de formas de vida complexa, não existiria se tudo tivesse sido criado perfeito.

O academicismo ortodoxo não observa esse aspecto com olhos de quem procura enxergar a verdade, porém tão somente com a intenção de reafirmar o que já defendem as suas teses, livros e pesquisas que, afinal, necessitam de verbas.

Se o ponto de vista acadêmico, que impõe os critérios dessas verbas, trata como ridículo ter que dar respostas a esses desdobramentos perturbadores do “princípio antrópico”, o que um simples mortal não acadêmico poderá fazer?

O incontestável é que, conforme Amit Goswami tão bem registrou sobre as publicações de Steven Gould²³ e de Rupert Sheldrake²⁴:

“Há problemas de ‘sinais de pontuação’ na evolução biológica, que Steven Gould popularizou; há problemas de morfogênese biológica que Rupert Sheldrake trouxe à nossa atenção.”

A Ciência clássica, até o momento, não conseguiu avançar frente a essas questões.

Haja problemas!

“SELEÇÃO NATURAL” E “DARWINISMO”

EM SEU LIVRO **“O Maior Espetáculo da Terra – As Evidências da Evolução”**¹, Richard Dawkins apresenta, de modo impecável, os principais painéis da “Teoria da Evolução” e da sua principal força propulsora, a “seleção natural”. Para tanto, ele logo trata de estabelecer os critérios que devem diferenciar “teoria” (tese ou hipótese) e “fato”.

Segundo Dawkins, pode-se encontrar duas definições, dentre outras mais, que importam para o entendimento da “Teoria da Evolução”:

“Teoria, acepção 1: Conjunto ou sistema de ideias ou de afirmações apresentado como explicação ou justificativa de um grupo de fatos ou fenômenos; hipótese que foi confirmada ou estabelecida por observação ou experimentação e é proposta ou aceita como explicação para os fatos conhecidos; declaração do que se considera como as leis, princípios ou causas gerais de algo conhecido ou observado.

Teoria, acepção 2: Hipótese proposta como explicação; por conseguinte, mera hipótese, especulação, conjectura; ideia ou conjunto de ideias a respeito de alguma coisa; opinião ou ideia individual.”

Dawkins reflete a respeito do que é uma teoria e do que é um fato, ao se perguntar se a “Teoria da Evolução” seria apenas uma hipótese. Afirma ele:

“Obviamente os dois significados são muito diferentes um do outro. E

a resposta breve à minha pergunta sobre a teoria da evolução é que os cientistas usam a acepção 1, enquanto os criacionistas — talvez por malícia, talvez com sinceridade — optam pela acepção 2. Um bom exemplo da acepção 1 é a teoria heliocêntrica do sistema solar, segundo a qual a Terra e os demais planetas orbitam o Sol. A evolução condiz perfeitamente com a acepção 1. A teoria da evolução de Darwin é realmente ‘um conjunto ou sistema de ideias ou afirmações’. Ela efetivamente explica um imenso ‘grupo de fatos ou fenômenos’. É uma hipótese que foi confirmada ou estabelecida por ‘observação ou experimentação’ e, por consenso de todos os bem informados, é uma ‘declaração do que se considera como as leis, princípios ou causas gerais de algo conhecido ou observado’. Certamente está muito longe de ser ‘mera hipótese, especulação, conjectura’. Cientistas e criacionistas interpretam o termo ‘teoria’ em duas acepções bem distintas. A evolução é uma teoria no mesmo sentido que a teoria heliocêntrica. Em nenhum dos casos a palavra ‘apenas’ deve ser usada, como em ‘apenas uma teoria’.

Quanto à afirmação de que a evolução nunca foi ‘provada’, provar é uma ideia que os cientistas foram intimidados a ver com desconfiança. Filósofos influentes nos dizem que não podemos provar coisa alguma em ciência. Os matemáticos podem provar coisas — segundo uma visão estrita, são os únicos que podem.”

Muito provavelmente, num futuro distante, algum observador atento deverá fazer considerações bem semelhantes a respeito dos compêndios informativos que temos tratado nos livros vinculados à “Revelação Cósmica”², que complementam exatamente as lacunas em diversas teorias ditas científicas, e principalmente, na “Teoria da Evolução”, que a impedem de **ser tida como um fato incontestável**, passível de ser comprovado.

O curioso é que, sim, é possível se constatar basicamente todas as afirmações de Darwin. O problema é que os darwinistas e neodarwinistas querem ir mais longe que ele próprio, e pontificar acerca de contextos sobre os quais Darwin sequer se referiu, como é o caso do “antes do *Big Bang*”.

Ao longo deste livro, por entre os postulados da “Teoria da Evolução”, de Darwin, e a seu principal fundamento, a “seleção natural”, terei a oportunidade de explicar — e aqui entro no campo das buscas filosóficas sobre o porquê das ocorrências — as causas das muitas afirmações

darwinistas, como também da sua omissão frente a temas que importam à questão, os quais nem filósofos, nem cientistas e muito menos religiosos mencionam.

Antes porém, preciso aprofundar os assuntos relativos à “Teoria da Evolução” e os demais aspectos que se referem às outras forças que a impulsionam.

Richard Dawkins argumentou — e aqui continuo a reproduzir os termos da sua abordagem — sobre a questão:

“Os biólogos costumam fazer a distinção entre o fato da evolução (todos os seres vivos são primos) e a teoria sobre o que a impele (normalmente querem dizer seleção natural, e talvez a contrastem com teorias rivais como a do ‘uso e desuso’ e ‘herança de características adquiridas’, de Lamarck). Mas o próprio Darwin pensava nas duas teorias no sentido provisório, hipotético, conjectural. Isso, porque, em seu tempo, as evidências disponíveis eram menos eloquentes e ainda era possível a cientistas de renome contestar o próprio fato da evolução como a seleção natural. Hoje não é possível contestar o próprio fato da evolução — ela ascendeu à categoria de ‘teorema’, ou fato obviamente corroborado — mas ainda existe uma (ínfima) possibilidade de se duvidar de que a seleção natural seja seu motor principal. (...)”

Para Darwin, a seleção natural era uma hipótese, que poderia ser certa ou errada. Ele pensava o mesmo a respeito da própria evolução. O que hoje chamamos o fato da evolução era, em 1838, uma hipótese para a qual cumpria coligir evidências. Na época em que Darwin veio a publicar ‘A Origem das Espécies’, em 1859, ele já reunira evidências suficientes para situar a própria evolução, embora não ainda a seleção natural, em um ponto bem avançado do caminho para a categoria de fato. E foi essa elevação de hipótese a fato que ocupou Darwin em boa parte do seu grandioso livro. A elevação prosseguiu até que, hoje, não existe mais dúvida sobre ela nas mentes sérias, e os cientistas falam, ao menos informalmente, no fato da evolução. Todos os biólogos conceituados vão além e concordam que a seleção natural é uma das mais importantes forças propulsoras da evolução, embora — como alguns biólogos insistem mais do que outros — não seja a única. Mesmo se não for a única, até agora não

encontrei nenhum biólogo sério capaz de apontar uma alternativa à seleção natural como força propulsora da evolução adaptativa, a evolução em direção a um desenvolvimento positivo.”

Efetivamente, Dawkins eleva o acaso à condição de “causa”, pelo fato de existir algo ao invés do “nada”, e que esse veio a ser justamente o universo. Também ao acaso e a partir da matéria inanimada, ele deduz que o universo fez um código do qual emergiu — novamente por acaso — a própria vida. Segundo ele, quando “casualmente” a vida surgiu, aprendeu a produzir mutações de diversas ordens, tendo na “seleção natural” o crivo reciclador de eliminar o fraco, ou transformá-lo em presa fácil, enquanto o forte, agora predador, prevaleceria e evoluiria em ritmo acelerado, rumo à complexidade. Ainda segundo Dawkins, tudo isso foi financiado pelo despropósito que gerou um “desenvolvimento positivo”, meio que “sem querer”. Simples assim!

Desculpe-me o(a) leitor(a), mas me é impossível não fazer uma analogia com o “*sem querer, querendo*” do personagem Chaves³, como sendo a maneira da evolução seguir avançando, em busca da complexidade. Contudo, a medida científica de Dawkins e de outros neodarwinistas não sabe decodificar com profundidade o “sem querer, querendo” da natureza, pois o acaso não pode mesmo querer nada. A situação da natureza também “não deveria querer nada”, no entanto, ela se move, como se “querendo mais relevância” — isso poderia dizer um “Galileu dedicado à Biologia”!

Entre erros e acertos, os mais fortes tiveram uma sorte superlativa, porque terminaram prevalecendo mesmo quando diversas **extinções em massa**⁴ ocorreram. Estas, destruíram quase todas as formas de vida que, levadas novamente pela força motriz da “seleção natural” que move a evolução no sentido de sempre “dar certo”. Ainda que com todo tipo de tentativa errada, algumas poucas espécies conseguiram escapar e recomeçaram a multiplicação da vida no planeta. Isso é fantástico!

Os neodarwinistas deveriam estabelecer como padrão científico não simplesmente o acaso, mas um do tipo “acaso sortudo”, este sim, como sendo o “deus” de toda essa história. Obrigo-me a dizer que eles acreditam somente em “**acaso sortudo**”, o que não deixa de ser uma categoria de crença formidável — ou, talvez, uma de grau diferente à dos religiosos — para pessoas tão letradas e especialistas no tema. Essa postura mental parece científica?

Seria crível, de minha parte, questionar se a crítica acima ressaltada se refere tão somente a uma teoria ou a um fato incontestado? Sinceramente, penso que os biólogos materialistas criaram a **“aleatoriedade sortuda”** para **substituir o “deus-providência”** e as **“cruéis intenções”** que aparecem nas entrelinhas da “seleção natural”. Será que **“boa intenção”** aqui, poderia significar a possibilidade dos **mais fracos serem naturalmente respeitados** e não somente destruídos pelos mais fortes e pela força inclemente da natureza? Num mundo “decente”, essa “boa intenção” deveria acontecer, e parece que assim é em outras Experiências Existenciais.

Se é “pelo fruto que se conhece a árvore”, convenhamos que, a natureza — que é o “fruto desta Criação” —, não tem nada de boa, o que implica que a “Árvore” que a gerou também não possui essa característica, ainda que os humanos ingênuos tenham sido levados a acreditar que um “Deus bondoso, amoroso, maravilhoso e perfeito” a produziu!

Fingir não notar esse tipo de questionamento e não elaborar nenhuma resposta racional e minimamente honesta para o mesmo, é o que cientistas, filósofos e religiosos fazem há muito tempo, despreocupados quanto aos **desacertos epistemológicos** e éticos. Dessa maneira, a **covardia intelectual**, refém do orgulho, normalmente os leva a produzir teses falsas, tidas como verdadeiras.

No aspecto religioso, isso se torna ainda mais pitoresco porque muitos teólogos consideram a natureza intrinsecamente má, e orientam, por meio das religiões, que os seus fiéis combatam permanentemente as suas tendências naturais, hipoteticamente influenciadas pelo “diabo” — um tipo de desculpa, de modo a não responsabilizar “deus” por esta Criação “defeituosa” —, para poder receber as bênçãos futuras de um “Paraíso” que as espera após a “vida pecadora”, imposta pelos fatos.

O “diabo”, aqui, para os crentes, exerce a mesma função que o “acaso sortudo” assume para os darwinistas, na medida em que os poupa de responderem a certas “perguntinhas chatas” de serem encaradas. Haja “vista grossa”!

Seth Lloyd⁵, em crítica direta à “origem aleatória” do universo e da vida, como defendem os darwinistas, aponta que:

“Seriam necessários um bilhão de bilhões (10^{18}) de macacos, cada um a tipografar dez caracteres por segundo, durante cada um dos bilhões de bilhões de segundos desde o começo do universo, para que

um deles produzisse ‘hamlet, act i, scen i’.”

— SETH LLOYD

Com base nessa constatação estatística, ele **aponta a impossibilidade do universo ser totalmente aleatório.**

Pouco importa, porém, para a “seita dos acasiologistas” — desculpem, mas é inevitável não me referir desse jeito grupal aos fideístas do “acaso sortudo”, ainda que não seja esse neologismo o mais adequado —, que precisam criar rapidamente uma Ciência à parte. Que tipo de Ciência? Uma que explique o próprio acaso como sendo o “fio condutor do novelo evolutivo” que, por “puro acaso”, reúne sempre os “melhores resultados da própria aleatoriedade”, como sendo a “explicação lógica-científica” da força que trouxe essa história até a criação dos humanos.

Alguém capaz de tentar entender o que se passou, estabelecer hipóteses e teorias a respeito desse tema, não deveria concluir, de modo tão simplório e até infantil, que um **“Deus bondoso, amoroso, maravilhoso e perfeito”** ou mesmo o **“acaso místico”** seja a causa primeva deste processo criativo tão sofrido. Tanto uma quanto a outra, do modo como até agora foram entronizadas, respectivamente, pela turma da fé religiosa e pela pressuposta elite da fé científica — isso sequer é cientificismo —, apenas atestam o mau uso que fazem desses dois conceitos.

Dawkins classifica a evolução ancorada na “seleção natural” como uma teoria. Realmente, talvez essa seja uma das mais brilhantes teses já elaboradas pela mente humana, considerada atualmente um fato incontestado, porém ela não explica quase nada, além desse aspecto evolutivo!

Sou dos que pensam que o trabalho de Darwin, além de honesto, ousado e propulsor de uma nova visão de realidade, é também genial, notadamente pelas circunstâncias da época em que ele viveu.

Conforme já me referi anteriormente, o problema não está no que Darwin propôs. Como o próprio Dawkins apontou, Darwin estava tão somente apresentando as suas constatações que contrastavam com as crenças e certezas científicas de sua época — e também dos dias atuais.

A questão é que os seguidores antigos e novos sempre pretenderam ser “mais católicos que o próprio papa”, ou seja, “mais darwinistas do que o próprio Darwin”, que foi apenas ele mesmo, sem entronizar o “acaso místico”, o “acaso bondoso” ou o “acaso sortudo” como sendo a causa do

surgimento da vida e da sua evolução. Ele simplesmente deixou muitos assuntos pendentes, postura científica e moralmente honesta, além de correta — nem toda atitude honesta é politicamente correta —, até porque não havia mesmo outra decisão a se tomar, a não ser **destinar às gerações futuras a continuidade da “busca pela verdade”**.

Não são poucas as vezes em que acho que, do mesmo modo que o catolicismo e o protestantismo situaram Jesus aonde ele jamais intentou ir, os darwinistas e neodarwinistas também posicionaram Darwin em **certos reinos de arrogância e de certeza que ele nunca frequentou**.

Os darwinistas apontam que o acaso gerou o universo sem qualquer tipo de querer e, ainda assim, nele construiu uma sucessão de etapas que, somente por “pura coincidência” — é como posso chamar, sendo sarcástico, o processo que unificou o resultado “positivo” de todas as etapas —, fez tudo ir se desdobrando e se religando para produzir mais e mais complexidade, até chegar à vida inteligente e racional. Essa convicção deveria ser tratada como um atentado à racionalidade humana e impedida de ser ostentada como certeza pelos cientistas que tenham um mínimo de preocupação filosófica com suas atitudes, posturas e pareceres que eles consideram irretocáveis. Haja retoques a serem feitos nesse tipo de conduta e no resultado elucidativo que delas costuma emergir!

Observando o “jogo da vida”, em termos das polaridades que mais tarde surgiriam na “explosão cambriana”, quando os sexos masculino e feminino eclodiram, sinto-me inclinado, ironicamente, a denominar de “pai” o acaso e de “mãe” a coincidência que uniu, em um só processo evolutivo, todos os bons resultados promovidos por esse “jogo” — e esse estranhíssimo universo ainda produziu seres hermafroditas.

Miguel Ribeiro, na obra *“Universo Programado – Uma Alternativa ao Darwinismo e à Religião”*, chama a atenção para o seguinte aspecto:

“À semelhança da diferenciação e do crescimento programados de um embrião, o universo sofreu um padrão de desenvolvimento no sentido de uma complexidade crescente que, sucintamente, pode ser descrita por uma coerente cadeia de passos:

– A fornalha primária de energia/partículas que se seguiu ao Big Bang deu origem aos átomos de hidrogênio e hélio. Estes condensaram-se em estrelas, onde os restantes elementos foram gerados. Da interação química dos elementos resultou um vasto

sortido de moléculas cada vez mais elaboradas, que acabaram por incluir os compostos orgânicos e culminaram nos ácidos nucleicos;

*– A emergência da célula primordial capaz de autorreplicação pode considerar-se como o momento que marca a **gênese da vida** (grifo meu). Toda a informação respeitante ao ser vivo individual — incluindo, para a síntese das proteínas, os elementos estruturais e funcionais da célula — está contida nos ácidos nucleicos que, através da autorreplicação, passam essa informação à linhagem.*

– E, coerentemente com o princípio da complexidade, os genomas (cada genoma, incluindo o complemento total de ácidos nucleicos que define cada organismo) evoluíram através das eras até o genoma humano — uma única célula, o ovo, contém a informação necessária para controlar a sua proliferação e diferenciação nos cerca de 300 tipos diferentes de células especializadas que constituem a rede dos cerca de 10 trilhões de células do corpo humano, bem como a informação requerida para a maioria das conexões neuronais do cérebro, que totalizam 100 bilhões de neurônios, com 100 trilhões de sinapses.

A Singularidade no Big Bang produziu o universo: o átomo, com a sua capacidade de armazenar informação, a improvável criação nas estrelas do átomo de carbono e dos outros elementos, o subsequente desenvolvimento de moléculas de progressiva complexidade. Mas a emergência da vida transformou esta evolução, ao implicar um conjunto de instruções radicalmente novas, nomeadamente capazes de:

a) Selar e preservar a fórmula química passível de autorreplicação: a dos ácidos nucleicos (nota do autor: a da ‘molécula-mãe’ referida anteriormente — em outras palavras, uma instrução para travar a continuação da experimentação no laboratório químico da natureza);

b) Codificar a informação para a síntese proteica na mesma fórmula química, o que pressupõe intenção, nomeadamente na programação dos códigos que estabelecem a correspondência entre a sequência de nucleótidos (genes), as propriedades da proteína e a função biológica;

c) Introduzir novas propriedades exclusivas da vida impregnadas de intencionalidade e informação, e que incluem homeostasia e

senciência (um sistema em evolução aleatória não se autocorrige ‘homesotase’, não estabelece comunicação adaptativa ‘feedback’, nem revela propósito ‘instinto de sobrevivência’ — essas propriedades intrínsecas e definidoras da vida são alheias ao indeterminismo e acaso); e

d) Processar energia e acoplá-la a toda a reação química do metabolismo celular.

Se retomarmos os passos a partir da criação dos átomos originais de hidrogênio e hélio, passando pela geração dos outros elementos nas estrelas, da sua combinação em moléculas cada vez mais intrincadas, culminando na vida, e a explosão da própria vida numa multiplicidade de formas interdependentes, para depois assistirmos à emergência da inteligência e finalmente da consciência, pressentimos um plano, uma poderosa lógica e uma continuidade nesta evolução.

Assim como os princípios darwinistas, nomeadamente a seleção natural, não são aplicáveis ao percurso para a complexidade antes da emergência da vida, as considerações tecidas adiante fazem crer que esses mesmos princípios não podem ter desempenhado papel relevante na diversificação da vida e na cadeia evolutiva das espécies.”

Essa é a opinião de Miguel Ribeiro, com a qual concordo em relação à visão mal assentada nos fatos, da parte dos darwinistas ou evolucionistas.

Nesse ponto da abordagem, afirmo uma das mais intrigantes questões que me chama a atenção desde a minha vida de aluno do ensino médio. Na ocasião, perguntei se Biologia era uma Ciência do jeito que a Matemática, a Física e a Química eram consideradas, e do professor dessa matéria, escutei um “*claro que sim*”, o que me convenceu. Entretanto, atualmente, penso que não é, pois a Biologia não pode apresentar o mesmo grau de certeza sobre os seus postulados — as tais teorias referidas por Dawkins — nos mesmos moldes em que a Matemática, a Física e a Química o fazem.

Por que a Biologia não deveria ser considerada uma Ciência? Pelo simples fato de ninguém saber responder como:

1. da matéria inanimada, surgiu o “código carbonado da vida” e a sua mania de “replicação”;
2. esse “código unicelular-replicador” elabora a vida no estágio

- pluricelular, por meio da emergência de um embrião;
3. desse embrião, surge um corpo animal; e
 4. esses corpos carnaís foram evoluindo sempre, rumo à complexidade, até surgir a consciência.

Existem boas teorias para explicar cada um dos estágios acima referidos, mas nenhuma demonstrável factualmente para que, sobre elas, possa haver alguma certeza.

O que critico nesses cientistas? O fato deles agirem como se já possuíssem todas as certezas que ainda não têm e, conforme penso, não terão jamais, porque essas teorias abordam somente parte da questão que envolve a emergência da vida conforme a conhecemos.

Dawkins diz que *“algumas teorias estão além da dúvida sensata, e nós as chamamos de fatos”*. Sinceramente, não acho isso muito científico.

Sobre a conceituação do que se pode entender como “fato”, Dawkins afirma:

“Fato: Algo que realmente ocorreu ou é verdadeiro; algo que se sabe, com certeza, ter esse caráter; portanto, uma verdade específica, conhecida por observação efetiva ou testemunho autêntico, em contraste com o que é meramente inferido ou com uma conjectura ou ficção. Um dado da experiência, distinto das conclusões que podem ser nele baseadas.”

Bem, não é exatamente o que se pode dizer em relação a inexistência das respostas às perguntas explicitadas anteriormente. Entretanto, os cientistas continuam no “Céu do Olimpo”, menosprezando as “perguntinhas cretinas” — por eles assim consideradas — de leigos, amadores e de profissionais que, provavelmente, não são tão “portentosos” como eles.

Mal sabem esses cientistas que os “deuses mitológicos” faliram exatamente porque pensaram conhecer o que nunca compreenderam, ou seja, que o fenômeno da existência é bem mais amplo e diverso do que puderam supor.

Muito do que Dawkins afirma é efetivamente bem elaborado e mesmo genial, sendo a minha discordância em relação aos seus postulados, direcionada à sua incapacidade de traçar os próprios limites que o seu

engajamento científico deveria impor à sua pretensão de pontificar sobre o que ele desconhece.

Concordo plenamente com Dawkins quando ele afirma que nós, seres vivos, somos meros robôs a serviço dos verdadeiros “donos do mundo”: os genes. Você morre, mas os genes que respondem pela cor dos seus olhos podem sobreviver nos seus filhos e netos. Logo, quem realmente está no “jogo da evolução” não é você, mas sim os genes dominantes (responsáveis pela cor dos seus olhos e das suas demais características manifestadas), e também os genes recessivos (características que apenas se manifestam na ausência do gene dominante correspondente). Indivíduos, nas palavras de Dawkins, seriam só “máquinas de sobrevivência” que os genes desenvolveram.

Qual o problema? O ser humano não é somente o seu corpo, como Dawkins e muitos outros pensam!

E se existir alguma Consciência por trás da manipulação do “jogo genético”? *“Isso é impossível!”* — dirão os cientistas materialistas. No entanto, parece existir sim, só que o método científico atual não tem como perceber esse contexto.

O “JOGO DAS MUTAÇÕES”

SE ADMITIRMOS a hipótese de que foi Deus, um “Ser amoroso e tido como perfeito em todos os seus atributos”, que gerou esta faixa de realidade aonde vivemos, com este tipo de natureza na qual quase todas as espécies nascem destinadas a matar umas as outras, algo de muito errado existe com a Obra ou com as esperadas características amorosa e de perfeição deste Criador. Entretanto, a lógica humana finge — e em alto grau — que não percebe nada em torno dessa incongruência insofismável, para poder acreditar na “dádiva e no seu zelo amoroso” deste “deus” em relação ao ser humano.

Nem o Deus Incognoscível nem qualquer outro Ser Cocriador “decente” produziria, em sua Consciência, tamanho “vexame”. Nem efetivamente querendo, esse tipo de Ente conseguiria se equivocar a este ponto!

Existe uma outra possibilidade, aventada por todas as principais mitologias, que representam o conhecimento humano organizado na sua face ancestral, de que um Ser-criador — esse conceito nada tinha a ver com o Deus Incognoscível — havia criado um “Ovo Cósmico” e nele “caído”, resultando neste Criador cujo “Eu atormentado” se “reconstruiu” no âmbito interno do que tinha gerado, “prisioneiro e refém” da sua própria Obra.

Mesmo desejando realizar algum projeto anteriormente elaborado, o seu grau de desespero era tão intenso depois da “queda” que o seu “Eu” se concentrou em tentar ordenar o “caos” surgido, mas jamais soube se o que almejava, era exequível e que tipo de resultado dele viria. E foi assim, meio que sem saber, mas querendo desastrosamente sobreviver a qualquer custo, que o seu “Eu” vem insistindo, em todos os sentidos que pode, em conseguir levar adiante o “Projeto de Vida” que lhe for concebível.

Darwin, que respeitava a crença em “deus”, mas não entendia o “tipo de

deus bíblico” que as pessoas acreditavam ser aquele para quem rezavam, obviamente atinou que não poderia existir um “Deus perfeito” por trás de tanta crueza e ineficácia evolutiva, e enxergou de modo genial o contexto que era possível a alguém perceber, na sua época. Ainda assim, na sua obra singular, a já referida **“A Origem das Espécies”**, nunca pretendeu apresentar todo seu contexto como decodificado pela razão humana ancorada na sensatez, e não na fé desarrazoada.

A questão é que nem Deus (o Incognoscível) nem Javé (o Criador “caído”) podem ser apontados como Autores de um processo em cujo contexto surgiu o tipo de evolução que conhecemos. Essa conclusão se dá devido ao simples fato desse processo não obedecer a ninguém, e sim, a uma força presente no DNA de todos os seres vivos, e que os leva, pelo instinto, a tentarem sobreviver sempre, independente das circunstâncias. Entretanto, foi Javé, no seu estado de Criador “caído” na própria Obra, que organizou o seu “Código-fonte Definidor de Vida Pessoal – CFDP” e o colocou, após manipulação e decodificação, para gerar a vida que fosse exequível, em todos os quadrantes da sua Criação. Sim, tudo indica que esse é contexto real por trás dos eventos biológicos — e é o que tenho abordado nos livros que produzo.

Darwin constatou que Deus não podia ser o Autor da Criação que enxergávamos, mas por ter notado o acaso no meio do processo de evolução, muito bem o ressaltou como sendo outro elemento tremendamente importante na tessitura da vida. Contudo, nem Darwin nem ninguém pôde perceber que haveria ainda a mais trágica das situações neste enredo absurdo: a figura do Criador “caído”, agindo como se fosse um deus, atrapalhando a sua própria tentativa de sobreviver e de fazer também subsistir o seu CFDP.

É importante compreender que, por meio do código-fonte definidor de vida (CFD) de todas as “criaturas-ferramentas” da sua Obra, o Criador poderá se “recompôr”, pelo menos, próximo ao padrão perdido da sua condição de Divindade, o que precisa acontecer antes que a entropia dê um fim nessa possibilidade, ao promover o encerramento deste ciclo universal.

O “jogo” que Darwin descortinou por trás da vida, sequer lhe permitiu perceber, na sua época, a função dos genes que, além de promoverem o zigoto, o feto, enfim, o corpo animal, nele se hospedam, sendo acionados pelas circunstâncias da vida a cada “micromomento”, produzindo mutações de toda ordem, como veremos mais adiante.

Assim, não se pode creditar a Deus, a Javé ou mesmo à decodificação de

Darwin, a causa central da evolução e os seus desdobramentos, que tanto lutamos por entender. Entretanto, o pitoresco está em perceber que dar esse caso como resolvido — o que nem mesmo o “inspetor Clouseau” o faria, conforme já o afirmei —, é exatamente a postura dos darwinistas, neodarwinistas e religiosos!

Todos eles estão longe de compreender esse complexíssimo “jogo da evolução” decorrente da necessidade de um tipo de Entidade — a Divindade que ousou gerar esta Obra “indevida” — que se “desmontou ao se ver caindo” na sua própria Criação. O problema é que ninguém sabe ao certo como operar esse “jogo” e, conseqüentemente, tudo se expressa por meio experimental. Haja empirismo nos aguardando até que tudo isso se resolva, se é que assim será!

O Criador “caído”, que é o “Agente Zero” da Criação, confunde-se, em parte, com o “Paciente Zero” da mesma, pois quando o seu “Eu reconstruído” desconfiou que não sobreviveria, tornou tudo absolutamente confuso ao “inocular” o seu “código doente” em todas as criaturas dele descendentes, com o objetivo de, no futuro, conseguir “ressuscitar o seu ‘Eu’ anterior e seu Corpo de Divindade”, desagregado com a “queda”!

Compreenda o(a) leitor(a) que esse sempre foi o conceito oculto por trás da “ressurreição” sobre a qual o próprio Javé e seus Anjos falavam, ainda que nem mesmo eles soubessem efetivamente o que isso significava. As religiões entenderam tudo errado a respeito desse “jogo” cujas regras desconheciam e ainda desconhecem. Entretanto, após os primeiros postulados da “Revelação Cósmica” associados aos avanços da Ciência e a certos eventos que acontecerão independentemente da vontade dos terráqueos, as gerações futuras poderão finalmente entender o enredo por trás da vida que conhecemos.

Todo jogo pressupõe regras e habilidades que provocam o confronto ou a junção de forças, um lugar no qual ele se passa, além de jogadores e, pelo menos um árbitro, se dispensarmos, evidentemente, torcida e imprensa.

No “jogo das mutações” que acontecem como sendo os “motores da vida” que delineiam corpos e modos de se viver, é que o universo vai levando a sua própria existência adiante, tornando-se, pelas circunstâncias, o “ator principal” e sendo, ainda, a “plateia” que, até o momento, não tem mesmo muito o que comemorar. O pior é que, apesar de haver outras “Plateias” — as Espiritualidades Superior, Operacionais e Laboratoriais — observando o desenrolar deste “drama existencial”, elas têm se mostrado inúteis no sentido

de ofertar qualquer tipo de apoio direto a esta Criação.

Analisando os tipos de mutações — a saber, aleatórias, neutras, somáticas, epigenéticas, vantajosas e benéficas, dentre outras —, aquele que busca entender o processo evolutivo, inevitavelmente, passa a lidar com a inquietante circunstância de ter que aceitar que também ocorrem as mutações programadas, independente dele querer ou não, ou dele compreender ou não.

Novamente, recorro ao magistral livro de Miguel Ribeiro, pois que, dentre todos os que estudei, é o que melhor retrata essa questão.

“Descobrir que o universo é regido por princípios matemáticos pareceu-me inconciliável com o modelo aleatório. Em contradição com este modelo, estavam também várias teorias baseadas no papel central da informação no universo que, na sequência do ‘it from bit’ de J. A. Wheeler, têm vindo a ganhar a aceitação crescente nos últimos anos. Na verdade, o modelo aleatório, longe de corresponder a uma necessidade intrínseca da cosmologia, teve a sua origem na extrapolação automática da evolução neodarwiniana — se a vida emergiu e se desenvolveu como um fenómeno aleatório, o universo que a alberga será, também, necessariamente, aleatório.

*Contudo, a emergência da vida representou uma mudança de paradigma, incompatível, portanto, com um universo que se desenvolve pelo acaso. E o padrão da evolução para a complexidade, antes ou depois da emergência da vida, manteve-se inalterado, indiferente à seleção natural. Por outro lado, o programa da célula parece estar inevitavelmente contido no ‘DNA-lixo’, o que o coloca fora do alcance da mesma seleção natural. Para além de tudo, **a evolução por mutação aleatória é matematicamente irrealizável, dada a dimensão do genoma** (grifo meu).”*

Essa afirmação irrefutável, por si só, já deveria ter causado uma revolução no modo de pensar dos darwinistas e dos neodarwinistas, mas o dogma é de tal modo poderoso que é como se significasse algo diferente disso, ou seja, perante a dimensão do genoma, considerassem que a aleatoriedade pudesse ser comprovada. Jamais o foi, porém tudo continuou como sempre, para a turma que endeusou a aleatoriedade e nela mantém a sua fé.

Isso não quer dizer não exista a inegável cota de aleatoriedade nesse

processo algo problemático, que parece ter tido um início razoável, apesar de estranho, e que precisou ser “reprogramado”, painel este que, os fideístas, em torno do acaso, não aceitam.

Em seu livro *“Universo Programado – Uma Alternativa ao Darwinismo e à Religião”*, Miguel Ribeiro continua, referindo-se a um universo teleológico (que aponta um objetivo e um caminho para atingi-lo):

“A mutação programada abre portas a um universo teleológico e, especificamente na linha de pensamento aqui traçada, a um mundo de informação por oposição à religião e ao darwinismo. (...)”

De forma notável, Darwin concebeu a árvore da vida que estabelece uma ligação entre todas as formas de vida e propôs que a variação, incremental ao longo de vastos períodos de tempo e filtrada pela seleção natural, seria a base da evolução. Posteriormente a Darwin, os genes foram descritos, e a mutação — embora reconhecida como motor da evolução — foi consensualmente olhada como um erro de cópia do DNA, portanto como um fenômeno intrinsecamente aleatório. O neodarwinismo ficou assim identificado com a evolução dirigida pela seleção a partir da mutação ao acaso. Tudo indicava estarmos perante uma teoria sólida, que, fiel às suas origens, dispensava a ideia de Deus. Simultaneamente, a teoria do Big Bang e a crescente evidência da nossa diminuta e periférica realidade na imensidão do cosmos mais acentuaram a sensação de que a existência do homem se poderia reduzir a um pueril capricho do acaso. Este conceito foi captado por Futuyma: ‘Convém sublinhar que toda ciência passou a adotar a forma de pensar que Darwin aplicou à biologia. Os astrônomos não procuram o propósito de cometas ou supernovas, nem os químicos o propósito das ligações de hidrogênio. O conceito de propósito não tem lugar na explicação científica’.”

Novamente, o aspecto da influência decisiva que o “Darwinismo” ocupou e ainda ocupa na visão científica de realidade, fundamentando tudo o que existe no despropósito — essa constitui a sua natural e racional explicação para a “obviedade” do que consideramos como sendo “a vida que levamos” e o “porquê de existir algo ao invés do nada”—, é aqui ressaltado como modo mesmo de forçar, no(a) presumível leitor(a) destas páginas, a reflexão

“adulta” sobre o tema.

Dando continuidade ao modo único de analisar o complexo panorama evolutivo que se pode perceber a partir da Terra, e procurando comparar as evidências da **“aleatoriedade” e da “programação” por trás do “jogo das mutações”**, volto a reproduzir trechos distintos da abordagem mais profunda de todas as que pude pesquisar sobre o contexto que nos envolve, referindo-me, agora, às dez questões mais pontuais que nos importam à compreensão, colhidas ainda no âmbito do citado livro de Miguel Ribeiro:

*“**Mutação** – A ocorrência espontânea de um universo aleatório que gerou vida estatisticamente insustentável. A evolução por mutação aleatória é igualmente impossível, dada a dimensão do genoma, o que está em conformidade com a evidência atual da mutação como um processo estritamente regulado.*

Por outro lado a mutação adaptativa, hoje irrefutável, viola no seu fundamento o princípio neodarwinista da mutação cega e destituída de propósito para o organismo.

Por último, a “maquinária genética”, destinada apenas a ser implementada em espécie descendente, implica pré-planejamento nos processos de transformação. Serão estes processos, atualmente consagrados e que regem a evolução do genoma, conciliáveis com a evolução neodarwinista?

***A emergência da vida representa uma mudança de paradigma** – Os marcos que constituem pontos de viragem no percurso para um universo cada vez mais complexo parecem obedecer a uma lógica que permanece inalterada e consistente antes e depois do surgimento da vida, indiferente à seleção natural. Por outras palavras, a cadeia evolutiva que se inicia nas partículas elementares, que passa pelos átomos e moléculas até ácidos nucleicos e termina na célula primordial (isto é, sem seleção natural), equivale à cadeia evolutiva sob a influência da evolução natural; ou seja, que parte da bactéria passa pela célula eucariótica, pela pluricelularidade, pela linhagem de vertebrados, pela inteligência. Tendo em conta o exposto, poderá a coerência de tal evolução para a complexidade ser concebível sem um programa?*

Da mesma forma, considerando que a seleção natural só poderá ter entrado em cena após o surgimento e a replicação da célula

primordial (isto é, só depois da ocorrência de mutação após divisão celular), e que, por outro lado, não é razoável postular a realização pelo acaso da mesma célula, a necessidade de um programa parece incontornável.

Por último, a emergência da vida implicou um novo conjunto de instruções no padrão evolutivo do universo, nomeadamente para a codificação no genoma da informação relativa à síntese de proteínas. Poderá tal alteração qualitativa coadunar-se com um sistema aleatório, que cursa autonomamente?

A sciência representa uma mudança de paradigma equivalente e coloca interrogações comparáveis, porventura ainda mais profundas e enigmáticas.

Códigos – A gestão da célula, e também necessariamente da célula primordial, baseia-se em circuitos de informação química codificada, gerida pelo genoma.

Tal cadeia de mensagens codificadas é estritamente equivalente aos circuitos de informação elétrica (codificada) que ligam órgãos dos sentidos, cérebro e músculos, e convertem um estímulo externo numa percepção motora e/ou numa emoção — por exemplo, ilustrados na sequência de passos: ver, levar à boca e saborear um bolo.

Mas os códigos não são realizáveis por tentativa e erro, e os erros inviabilizam a comunicação codificada. Poderão os códigos e a troca de informação na biologia ser compatíveis com o modelo neodarwinista?

DNA-lixo – Os genes constituem uns meros 2% do genoma humano e dedicam-se exclusivamente à síntese das proteínas que codificam. Por outro lado, os restantes 98% do genoma, o DNA-lixo ou não-codificante, contém sequências reguladoras que, diretamente ou através de sequências não codificadas, controlam as expressões dos genes e, portanto, a síntese de proteínas. (...)

Por definição, o DNA-lixo não codifica proteínas, o que implica que a evolução desta secção de 98% do genoma seja independente da seleção natural — e torna este modelo do programa no genoma irremediavelmente incompatível com a evolução neodarwinista. Mas haverá lugar para um modelo alternativo?

A evolução da vida – No percurso da evolução da vida, desde os

seus primórdios, **as bactérias evoluíram para as células (eucariotas)** que, assim que **atingidos os requisitos de oxigênio atmosférico, originaram os reciprocamente interligados reinos animal e vegetal** (grifo meu).

Incidentalmente, a satisfação de tais requisitos deveu-se à dominância de bactérias produtoras de oxigênio, pouco após a origem da vida na Terra, e que “visionariamente”, ao longo de bilhões de anos, enriqueceram a atmosfera de forma a poder sustentar vida complexa.

Será plausível que tentativa e erro possam ter conduzido a extraordinária evolução da bactéria primordial aos diversificados e autorregulados ecossistemas da natureza?

Consciência – Será concebível que a consciência e a intencionalidade humanas possam ter surgido da evolução aleatória de um universo sem propósito?

Genoma como software – Cada organismo vivo é como um computador com um programa inscrito no genoma que, minuciosamente, determina o percurso do seu desenvolvimento ao longo da vida. Será credível a formulação e emergência de software num universo aleatório e destituído de intencionalidade?

O nosso universo – A teoria dos multiversos foi avançada como explicação para o nosso universo improvável, isto é, com os valores das constantes da natureza (G) dentro da diminuta gama que o torna propício à vida. Mas será que esta teoria encerra a questão, ou continua a ser indispensável um programa para propulsionar o universo ao longo da sua trajetória evolutiva?

Sem tal programa, 14 bilhões de anos após o Big Bang, o universo ter-se-ia tornado, inevitavelmente, uma paisagem inerte e termodinamicamente uniforme.

O universo matemático – A constatação de que o universo se rege pelas inexoráveis leis da física e pode ser descrito por regras baseadas em equações matemáticas poderá ser conciliável com uma origem e evolução aleatórias? Refletindo tais regras, os métodos de construção da natureza, em unidades e módulos hierarquizados, seguem lógica idêntica à utilizada na programação de computadores.

Complexidade – Surpreendentemente, o universo primordial deu origem a uma unidade de matéria capaz de armazenar informação: o

átomo (informação contida no seu elétron).

Na sequência do átomo, a criação dos elementos químicos, das moléculas, da vida e, finalmente, da consciência sucedeu-se como corolário coerente e lógico.

Poderá ser aleatória uma evolução definida por tais marcos, caracterizados por organização/informação incremental, ou é incontornável a necessidade de um programa para justificar uma história pautada pelas instâncias de redução da entropia implícita nesses marcos?”

Os defensores do “reino do acaso”, que se fazem, na atualidade, representar mais radicalmente pelos neodarwinistas, sequer avaliam as possíveis explicações a esse tipo de questionamento, como se estivessem no “Céu do Olimpo”, sem ter que se preocupar em dar respostas às perguntas dos simples mortais. Contudo, elas permanecem sem solução porque não há mesmo como esperar razoabilidade aonde somente existe insensatez e dogma.

Sob a perspectiva acima, o “jogo das mutações” que move a vida no universo, parece representar o que chamo de “abraço da realidade possível — seja ela qual for — com o seu próprio destino”.

Como apontam os cientistas, para a Física Newtoniana, o “futuro”, no sentido de destinação, há muito já foi escrito pelo “*Big Bang*”. Contudo, a que tipo de “futuro” ela se refere? Discordando de afirmações apresentadas anteriormente, como as do próprio Einstein sobre o “Universo Estacionário”¹, penso que este é programável pelas quatro principais leis regidas por forças que vão prevalecer associadas ao processo entrópico, até a “dissolução universal”, um dos aspectos futuros inevitavelmente determinado.

Que forças são essas? Quando a Divindade conhecida como Prabrajna — ou Prajapati — expeliu esta Obra, ela teve o seu Corpo Mental “fragmentado” e “sugado” para dentro da mesma no primeiro microssegundo após o “ocaso quântico do seu Projeto Mental”, o que resultou na formação de uma “blindagem” no entorno desta Criação. Para a “lógica” dos Seres que estão fora da “blindagem”, esta Obra “indevida” é apenas um “Micro-padrão Mental colapsado”, e o Ente (Javé/ Brahma) “reconstruído” pelo “Eu caído” da Divindade, é tão somente a “face adoentada”, resultante da “queda”.

Visando um melhor entendimento do “problema” da faixa de realidade na qual vivemos, faço uma analogia desta Divindade “caída” com uma hipótese

imaginária — ainda que esta deixe a desejar quanto à intensidade e à complexidade da questão — na qual uma pessoa teve o seu “cérebro explodido” enquanto criava um “jogo virtual”, sendo os seus neurônios sugados para o âmbito interno dessa nova dimensão, o que obrigou o “Eu” desse indivíduo a se transferir para “dentro do jogo”. Sob a perspectiva da pessoa que foi tragada, tendo os seus neurônios “espalhados” no jogo, esse *videogame* é tudo o que o “Eu” dela, agora prisioneiro, consegue perceber. Para ela, há o fato incontestado de que está vivendo um pesadelo desconhecido ao sentir uma vaga recordação de o que seu “Eu” já existia antes desta experiência, ainda que lhe faltem parâmetros para confirmar essa fugaz impressão.

A Criação *Rajásica* que foi expelida da Mente de Prabrajna — em Perpérion, que fica em uma das Espiritualidades Laboratoriais — e que deu origem a este universo e ao seu vizinho, é similar a um *videogame*. Os elétrons e os antielétrons, que representam a sua energia *Rajas*, corresponderiam aos “neurônios” dele, oriundos de seu Corpo Mental “fragmentado”, que foram “espalhados” neste universo material e no paralelo, antimaterial, respectivamente. Todos estes elétrons e antielétrons ficaram “infectados” pela “dor e pelo desespero” incomensuráveis que o seu “Eu Mais Profundo” sentiu no instante em que se processou a “implosão, queda e desconexão” do seu Corpo Mental.

Logo após a “queda”, uma segunda Divindade de Perpérion, conhecida como “Mavatna”, tentou “corrigir” a **“Informação Inicial deformada”**. Expressou, então, sua energia *Satva*, criando as forças eletromagnética, da gravidade, nuclear forte e nuclear fraca, além da misteriosa “matéria escura”, para tentar agrupar, pelo menos, a energia *Rajas* (que estava “espalhada” como elétrons) sob a forma da “matéria” que conhecemos no universo em que vivemos — existe ainda a energia *Rajas* que se encontra concentrada no universo vizinho, e que obedeceu a uma outra ordem de “Improvisação Mental”.

Uma terceira Divindade de Perpérion, chamada “Savna”, ao verificar que o Corpo Mental de Prabrajna não se “recuperaria” apenas a partir da atuação da energia *Satva*, concluiu ser necessário expressar sua energia *Tamas*, de modo a garantir que esta Criação “indevida” pudesse, no futuro, ter um fim, dando um “certo tempo” — o “tempo universal” que conhecemos e que possibilita as transformações necessárias na Obra “inacabada” — para que o “problema” da Divindade “caída” pudesse ser avaliado e solucionado para

além do que foi providenciado pelo “vetor vibratório” da energia *Satva*.

Para melhor entendimento do(a) leitor(a), essas Divindades Cocriadoras, muito mais tarde, já como Brahma, Shiva e Vishnu, vieram a formar a *Trimurti* no universo antimaterial desta Criação “indevida” — sendo que Prabrajna “caiu” e se “reconstituiu” como Brahma, Savna “mergulhou” na descendência de Brahma e depois se tornou Shiva, e Mavatna “mergulhou” como Vishnu, na descendência de Shiva.

A questão é que Mavatna e Savna não sabiam o que podia ser feito na época da “queda” de Prabrajna, para resolver o “problema” dele. Por isso, a energia recicladora *Tamas* foi aplicada nesta Criação, mas de maneira progressiva — como consequência, a entropia do universo aumenta com a sua expansão, garantindo que esta Obra se “desfaça” num futuro distante. Até lá, esse é o tempo que as “criaturas-ferramentas” têm para resolver o “problema” do Criador.

Simple assim? Sim, só que, na prática, não tem sido nada simples, pois sobra sofrimento e horror para todos os quadrantes desta Criação.

Perante o acontecido, a Espiritualidade Superior providenciou seres vivos — as “criaturas-ferramentas” —, para que estes pudessem “limpar os elétrons por dentro”, porque eles são os “neurônios” da Mente “despedaçada”, reorganizando-os, de modo a criar um “Biocosmos Inteligente”², ou seja, uma “Mente Cósmica” reconstruída a partir da evolução das “criaturas-ferramentas” de ordem biológica.

9ª Constatação:

O objetivo principal de se providenciar uma “Mente Cósmica” — o “Biocosmos Inteligente” — é devolvê-la para a “Consciência particularizada” que, antes desta Criação, foi a “dona” da mesma, mas que dela se “desconectou” no momento da sua “queda”.

As mitologias falavam que era necessário “consertar” o Criador “caído”, porém, quando as religiões surgiram, estas acabaram com as notícias mitológicas, consideradas lendas atualmente. Entretanto, mesmo sem saberem disso, os seres humanos estão proporcionando a formação da “Mente Cósmica” para esta Divindade — e vão fazê-lo com muito mais eficiência no futuro.

Se esse enredo e seus elementos constituintes estiverem corretos, o que os humanos entendem como evolução, nada mais é do que o “roteiro do

‘Darwinismo’ associado aos segredos do genoma e dos seus postulados complementares”.

Apresentando a questão de outro modo, quando a Ciência e as cosmogêneses mitológicas se encontram, produzem o contexto que procurarei abordar, a seguir.

Os cientistas já sabem que tudo o que é visível no universo corresponde a apenas 4% (a energia *Rajas*, de Prabrajna) de toda a “matéria/energia” que existe, e que, do restante, cerca de 26% corresponde à “matéria escura” (a energia *Satva*, de Mavatna) e 70% corresponde à “energia escura” (a energia *Tamas*, de Savna).

Eles imaginavam que nosso universo se expandiria até certo ponto e, depois, retroagiria, voltando ao ponto inicial. Mais recentemente, perceberam que a tal contração não aconteceria, porque a expansão do universo estava surpreendentemente acelerando desde há cerca de 4 bilhões de anos.

Assim, lentamente, a “energia escura” está destruindo o universo, como se o “rasgando e decompondo” até o limite, o que também podemos entender como um dos aspectos da entropia.

Essa “energia destruidora e recicladora” (a energia *Tamas*), começou com 1% de atuação no início do universo, e foi se fazendo mais presente, subindo em grau de importância quando comparada às duas outras energias (*Rajas* e *Satva*), passando a presidir definitivamente a destinação universal. Atualmente, como já informado, está em cerca de 70%. Quando chegar a 100%, todo este universo se “dissolverá”, deixando de existir, a exemplo dos fogos de artifício, que após explodirem em som e imagem, lentamente vão se apagando.

O que chamamos de “entropia” é a energia destruidora do universo, que faz com que tudo nasça com o “germe” da sua própria morte; é um tipo de “selo de garantia” do final de uma Criação que sequer deveria ter sido iniciada.

O aparentemente paradoxal é que, enquanto isso ocorre, as informações produzidas em seu âmbito, vão sendo armazenadas e organizadas nos seus “circuitos-campos” e na “memória quântica dos elétrons”.

Atualmente, sabe-se que o nosso universo é composto de, pelo menos, 200 bilhões de galáxias. Essas galáxias estão se afastando umas das outras, o que foi surpresa mesmo para Einstein que, na sua época, acreditava num Cosmos estacionário, “criado por um Ser-relojoeiro perfeito que havia se afastado da sua Obra”. Contudo, como já explicado, os cientistas tinham a

ideia de que, em algum momento futuro, a gravidade das galáxias conseguiria deter esse afastamento e tudo se juntaria, até voltar ao ponto inicial da Singularidade. Depois, perceberam que, estranhamente, a velocidade com que as galáxias se separam uma das outras, estava e está aumentando, e parece não existir nada que possa se contrapor a essa tendência.

É por isso que, no universo material, a entropia vem aumentando gradativamente, até que, daqui a algumas dezenas de bilhões de anos, essa força será tão forte que desagregará todos os átomos, destruindo tudo.

A questão é que a “seta do tempo” no universo material é sempre numa única direção, e há duas tônicas terríveis nesse “ponteiro universal”, envolvendo continuamente o que pensamos ser a nossa atualidade: sempre tem um “momento presente” a ser cumprido em torno da “sensação de um passado” e, inevitavelmente, lidamos com a percepção de que virá um “novo agora”. Ou seja, o “império do momento presente” gera em nós a ilusão de que há um passado e que o futuro virá. Então, sofremos pelo peso das situações mal resolvidas que colecionamos do passado e pela nossa incapacidade de construir um futuro do modo como gostaríamos. Enfim, não vivemos plenamente o momento presente, pois **quase nunca temos a consciência do que estamos vivenciando**, seja pela “infecção” do que já passou ou pela “ansiedade de um futuro incerto” que nos aguarda.

No universo antimaterial, a entropia começou no “momento zero” e, de repente, parou e se inverteu, iniciando um “tempo negativo”. Caso tal acontecimento tivesse se dado no universo material, seria como se a expansão pela força *Tamásica* se detivesse, e a força gravitacional juntasse tudo novamente, transformando o tempo em algo negativo. O tempo passa ao contrário no psiquismo dos seres do universo antimaterial, porém, se esse fosse o nosso caso, nós não sentiríamos isso neste nosso lado da Criação e apenas observaríamos a aproximação das galáxias e de tudo o mais.

O problema é que os mesmos **“buracos negros”** que percebemos no nosso universo, também são notados no universo antimaterial, mas só existem na consciência dos seres demós que lá habitam com os seus corpos de plasma, compostos de antielétrons (também chamados “pósitrons”).

No psiquismo dos seres do universo antimaterial, o que eles construíram por meio da “improvisação mental” em torno da energia *Rajas* de lá, está sendo desfeito pela energia *Tamas*, de *Savna*. Isso já está acontecendo no *Brahmaloka* há muito tempo.

No decorrer do **“Projeto Talm”** — que transferiu o “código da vida” do

universo vizinho para o de cá e que foi elaborado pelos seres demos —, é que a *Trimurti*, há cerca de 6,3 bilhões de anos, soube que o nosso universo material estava se expandindo. Entretanto, conforme já informado, somente a partir de 9,1 bilhões de anos desde o “*Big Bang*” (ou 4,7 bilhões de anos antes do presente), é que a expansão começou a acelerar, ou seja, a energia de *Savna* prevaleceu sobre a gravidade.

A energia de ***Savna*** atuou de modo diferente no universo paralelo ao nosso, ainda que também tenha prevalecido num mesmo momento. Enquanto a força entrópica aumentou a expansão no nosso universo, ela fez com que as *lokas* — no *Bhuloka*, temos galáxias, mas o que existe no *Brahmaloka*, são as moradas ou *lokas*, criadas com poder mental — comesçassem a ser destruídas no universo antimaterial.

Este universo material, como já informado, ainda tem mais umas boas dezenas de bilhões de anos pela frente, porém o universo antimaterial não chegará sequer a algumas centenas de milhões de anos — tudo por lá vai se acabar.

Todos os seres que vivem no *Brahmaloka*, incluindo o Criador “caído”, terão que vir, em algum momento, para este lado da Criação — os seus Espíritos se “imantarão” em corpos deste universo na medida em que as suas formas *Adhydaiva* (demos) comecem a perecer.

Atualmente, o que ainda resta de “Organização Mental decente” nesta Criação, está tomando providências, em ritmo acelerado, para que possam ser criadas espécies cósmicas capazes de receber esses Espíritos, sem que causem grandes problemas no nosso universo.

A existência do universo, o surgimento da vida no seu âmbito interno e o aparecimento da razão são os três grandes enigmas que a Ciência, a Filosofia e as religiões procuram entender, cada uma do seu jeito.

Prabrajna, Savna e Mavatma, dentre muitos outros, são seres que existiam no contexto da Espiritualidade Laboratorial, dimensão pré-existente, de onde são projetadas e emanadas as “Criações Mentais” de diversos tipos de universos. **Prabrajna**, ao “cair” na própria Obra, “reconstruiu” a si mesmo como **Brahma**; **Savna**, ao “mergulhar” posteriormente na Criação, passou a ser conhecido como **Shiva**; e **Mavatma**, ao também fazê-lo depois, constituiu-se como **Vishnu**.

Eles e os demais demos e anjos-clones do *Brahmaloka*, como todos os seres biológicos — e de outras ordens — do *Bhuloka*, também enfrentam os efeitos da “seta temporal” comum à Criação e o que pudermos depreender

dos seus aspectos determinísticos.

Óbvio que, referindo-me à vida inteligente e racional, a minha próxima decisão sobre “o que fazer, como fazer e quando fazer” no minuto seguinte, não faz parte desse determinismo!

Percebendo essa questão do determinismo de outro modo, conforme a teoria produzida pelo genial Isaac Newton³, no universo surgido a partir da Singularidade — uma “sopa de quarks e glúons”, do tamanho aproximado de um átomo, que se expandiu no processo chamado de “*Big Bang*”, explosão ocorrida há 13,7 bilhões de anos —, as trajetórias de todas as partículas que compõem a base do mundo material que conhecemos, como também as interações entre as mesmas, tudo isso já estava determinado desde então, como se o universo fosse uma grande “mesa de bilhar”, na qual a “tacada inicial” definiu o movimento de todas as “bolas do jogo”.

Essa é a lógica do “determinismo universal”⁴, que defende que tudo, tudo mesmo, inclusive o corpo e o cérebro que possuímos, foi definido lá atrás.

Numa entrevista publicada no dia 26 de outubro de 1929, no periódico americano *The Saturday Evening Post*, Albert Einstein, mesmo conhecendo o “Princípio da Incerteza” de Heisenberg⁵, disse que “*tudo estava determinado, o começo e o fim, por forças sobre as quais não temos controle. É determinado para um inseto e para uma estrela. Seres humanos, verduras ou poeira cósmica... todos nós dançamos uma música misteriosa, tocada à distância por um músico invisível*”.

Na verdade, Einstein tão somente replicou o que os antigos humanos acreditavam, só que as mitologias apontavam três “Músicos Invisíveis”, que nem sempre o faziam em harmonia.

O estranho nessa percepção é que o “Princípio da Incerteza” de Heisenberg parece que jamais levou as mentes brilhantes científicas a refletirem sobre um tema bem simples: se a Criação fosse perfeita e tudo estivesse efetivamente determinado, como poderiam existir “incertezas” e aleatoriedade imperando e criando as suas “coincidências”?!

“*Cuidado com a imprecisão dos conceitos!*”, poderá um cientista dizer, pois o “Princípio da Incerteza” de Heisenberg se dá a nível quântico. Eu sei disso! Contudo, ainda assim, o questionamento permanece!

Muitos devem ter pensado sobre essa questão óbvia — assim espero, sinceramente —, mas se o que consideramos racional servir também como uma dessas “coincidências”, algo aqui não bate muito bem!

Alguns profissionais da Ciência parecem abusar do “olhar descuidado e

simplório” sobre a realidade da evolução da vida!

Se ocorreu pelo “acaso inteligente e muito especial” — noção esta criada pelos acadêmicos, como maneira de expressar o que não se enquadra na “crença teológica” —, ou se deu pelo desdobramento de algum “Projeto anterior”, imperceptível para a lógica dos cientistas adeptos do “bom acaso”, da “boa sorte da aleatoriedade” ou algo que o valha, seja lá o que tenha acontecido, o incontestável é que o desenvolvimento da vida foi produzindo um **“jogo de mutações”** impressionante na sua complexidade.

Esse “acaso realmente tem cores de genialidade”! Isso é o mínimo que posso dizer, pois criou os tipos de mutação aleatória e a programada, o que não é menos fantástico.

Fazer surgir do acaso um contexto de processos programados que respondem pelo desenvolvimento da vida, é o “selo da memética” mais elevada a ser aposta aos diplomas dos biólogos como Dawkins, que desprezam o conceito de “deus”, o Criador, tão somente para pôr no seu lugar o desse “acaso mais inteligente e operoso” do que qualquer Divindade Cocriadora.

Chega a ser algo deprimente como a “hipótese da aleatoriedade” dos darwinistas e dos neodarwinistas foi transformada em premissa indiscutível, um “tipo de lente distorcida e acrescentada sobre os olhos de pessoas ditas cientistas”, mais convertidas a credos do que propriamente os religiosos, “doutores naturais” nesse tipo de matéria.

Essa “hipótese da aleatoriedade” é uma classe de preconceito que obscurece a percepção daqueles que foram trabalhados para decifrar a verdade e não para impor um ponto de vista conveniente ao ego dos “doutores da lei”. Afinal, nenhum deles sabe explicar como e porque existem mutações aleatórias e programadas, dentre outras tantos aspectos da evolução.

Os cientistas explicam “o como” do processo evolutivo, colocando o acaso como sendo a sua causa, ainda que eles não se proponham a explicar os porquês das ocorrências. Contudo, os “biólogos e filósofos ditos como sérios”, andam fazendo isso com uma arrogância assustadora, tão desvinculados da preocupação da “busca honesta da verdade” quanto muitos religiosos que entronizam “deus” para explicar tudo.

Perdidos por entre o que denominam de “mutações aleatórias, programadas, neutras, somáticas, epigenéticas, vantajosas e benéficas”, os biológicos vão adiante, como se ocupando a função de “narradores de um

jogo” no qual os protagonistas — as mutações — estão tendo os seus nomes conhecidos à medida que os mesmos se desenvolvem.

O DESENVOLVIMENTO CEREBRAL DOS PRIMATAS

NUM ESTUDO PUBLICADO pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, de Suzana Herculano-Houzel e Karolina Fonseca-Azevedo¹, foi demonstrado que uma dieta baseada em comida crua, impôs limitações energéticas aos grandes primatas, criando um dilema para o corpo, entre o crescimento da massa corporal e do cérebro. Isso, em tese, explicaria o fato de que grandes primatas possuem corpos desproporcionalmente grandes em relação aos seus cérebros.

Penso que esta, talvez, tenha sido **uma das fases mais penosas do “jogo das mutações”** que os nossos ancestrais ainda irracionais tiveram que enfrentar até atingir os tempos atuais.

Nossas habilidades mais sofisticadas não são o resultado do “cérebro ser maior do que deveria, dado o tamanho do nosso corpo”, e sim do número absoluto de neurônios, que é de 86 bilhões no cérebro humano — conforme apontam os cientistas, atualmente.

As pesquisadoras citadas desenvolveram um modelo que relaciona o número de calorias ingeridas numa dieta de comida crua à quantidade de energia necessária para o crescimento da massa corporal e do correspondente número de neurônios. Estipularam, assim, o número de horas que grandes primatas teriam precisado para desenvolver um corpo avantajado e um número grande de neurônios no cérebro. Mostraram que seria insustentável, para gorilas e orangotangos, entre outros, com as horas de alimentação que dispõem, adquirir calorias em número suficiente para tal tarefa.

Sabe-se, na atualidade, que humanos e grandes primatas são o resultado de duas grandes linhagens diferentes e com duas estratégias distintas de investimento energético: ou um corpo enorme, às custas de desistir de um

número maior de neurônios, ou um número grande de neurônios, mediante um corpo menor.

Essas conclusões fortalecem a tese do primatologista britânico Richard Wrangham², que defende que um dos momentos mais importantes da evolução humana foi a invenção da comida cozida, mais fácil de mastigar, de digerir e de ter suas calorias absorvidas.

Apenas para uma melhor visualização, segue o resumo dos principais elementos que compõem o custo do desenvolvimento cerebral:

1. fator tamanho — grandes primatas, como o gorila e o orangotango, apesar de maiores que os humanos, não têm um cérebro também maior do que o nosso;
2. fator consumo de energia — ainda que represente apenas 2% da massa corporal de um ser humano, o cérebro deste consome 20% da energia do corpo (os 80% cuidam do resto); e
3. fator alimentação — as pesquisadoras demonstraram que, na evolução primata, pelo tempo disponível para a alimentação e pela dieta da comida crua, **não seria metabolicamente viável sustentar, ao mesmo tempo, um corpo grande e um número enorme de neurônios no cérebro.**

O estudo da UFRJ sugere que a invenção da comida cozida pelo *Homo erectus*, mais fácil de mastigar e digerir e que proporciona maior absorção de calorias, foi fundamental para o ser humano superar esse dilema energético e desenvolver um cérebro com muitos neurônios.

Assim, o cérebro de cada espécie representa um “instantâneo atual” de todo um processo que durou milhões de anos para chegar a esse ponto, fazendo com que o corpo do animal possa se sentir adaptado a sobreviver no ambiente em que vive.

Visando ilustrar um pouco essa questão, eis alguns desses “instantâneos” que a evolução produziu em algumas espécies:

1º **Crocodilos** — há 200 milhões de anos, eles são os maiores predadores de água doce no mundo; levam a vida a lagartear nas águas, dormindo muito, locomovendo-se pouco e dando o bote para pegar uma presa quando sentem fome; como não possuem inimigos

naturais, não precisaram evoluir muito e, portanto, têm um cérebro irrisório de 8,5 g, o tamanho de uma noz, isso em se tratando de indivíduos que são uma máquina assassina que pode ter mais de 3 metros de comprimento.

2º Cães — a proporção entre cérebro e corpo varia pouco, ficando em torno de 0,3%; e as medidas medíocres de massa encefálica, no entanto, não querem dizer que falta inteligência às suas mais de duas milhares de raças.

3º Elefantes — têm o maior cérebro entre os mamíferos terrestres, mas que equivale a apenas 0,1% do corpo; o neocórtex é desenvolvido, ou seja, há um bom espaço para o desenvolvimento da inteligência e da memória; lembram-se da localização de fontes de alimento e de água, por exemplo; e o cérebro cresce ao longo da vida (assim como o do homem e o do chimpanzé).

4º Polvos — ostentam o maior cérebro (como a aranha) entre os invertebrados, por menor que ele seja quando comparado ao dos vertebrados; dois terços dos seus neurônios estão nos tentáculos; além de enxergarem bem, têm capacidade de tomar decisões; e podem abrir tampas de rosquear e até apagar a luz do aquário, à noite.

5º Baleias — possuem um cérebro de cerca de 10 kg, o que parece muito, porém, se considerarmos que um indivíduo pode passar de 10 toneladas, a proporção de entre massa cerebral e corporal fica em 0,1% (muito menor que a do homem, que é de quase 2%); e são animais sofisticados, que se comunicam por meio de muitos sons e podem aprender, ensinar e cooperar.

6º Aranhas — predadoras e exímias construtoras de teias; apresentam um cérebro grande, em geral; pesquisas mostram que quanto menor uma aranha, maior o seu cérebro, que pode alcançar cerca de 80% da massa do corpo; e em algumas variedades, como é o caso do gênero *Mysmena*, o cérebro chega a extrapolar a cavidade corporal e ocupar até um quarto das pernas.

7º Tubarões — predadores, tendem a ser mais espertos que suas presas, pois podem aprender com o erro, enquanto essas, se errarem,

viram comida; mesmo assim, não são muito inteligentes, mas como há pouca concorrência no mar, caçam sem dificuldades; e possuem um cérebro muito pequeno, equivalente a menos de 0,01% de sua massa corporal.

8º Papagaios — pequenas aves com cérebros grandes, se comparados ao corpo, com uma proporção de cerca de 2%.

9º Golfinhos — o golfinho-nariz-de-garrafa, por exemplo, tem um cérebro de baixa proporção em relação às suas capacidades, pois ele se comunica por meio de ultrassons, com frequências específicas e únicas (é como a voz humana, sendo que uma nunca é igual à outra); e os golfinhos comuns têm um cérebro que equivale a 1,3% da massa corporal.

10º Chipanzés — são os primatas com capacidade cognitiva mais próxima da do ser humano, porém possuem um cérebro pequeno, equivalente a cerca de 1% da massa do corpo; e esse órgão cresce 3,2 vezes durante a vida (praticamente o mesmo crescimento que o cérebro humano apresenta).

Mitologicamente falando, o fogo que os humanos aprenderam a dele se utilizar para cozer alimentos e se agasalhar, pode muito bem ter sido dado aos “animais de estimação” de Epimeteu, pelo seu irmão titã Prometeu. Contudo, aqui, “o fogo” pode significar o conhecimento racional, no sentido de dominar a natureza, do modo possível aos “deuses” como também aos “humanos racionalizados”.

Existe ainda uma outra interpretação a qual, ocasionalmente, tive acesso lendo um artigo do jornalista Pepe Escobar³, que apontou para o aspecto de que a tal “revelação de Prometeu”, na verdade, teria sido um “desmascaramento” de Zeus em relação aos “podres” — seus atos e posturas desprezíveis — e às fragilidades do “Rei dos Deuses do Olimpo”.

Os termos dos livros e das palestras que tenho produzido, estando corretos, terão também o poder de desmascarar todo o pretérito e seus “ídolos” entronizados como “deuses”, quando eram e são tão somente vítimas de si mesmos e do mesmo “Favor Divino” que todos temos feito aos esperados “Mais Altos” (os Espíritos Superiores), como também aos “caídos” (as Divindades responsáveis pelo surgimento desta Criação “vexaminosa”).

Tanto Kama, o “deus” ariano-hindu, como também uma das faces do Eros ancestral da mitologia grega, estão associados ao **enigmático surgimento do desejo sexual entre os seres vivos** das espécies terrenas.

Existe muito de mistério encoberto pela falta de percepção da modernidade em relação a esse passado do qual Vishnu (Eros) expressou de si mesmo um “*avatar* específico” (Kama) para ser o “portador” desta sequência genética do código-fonte definidor de vida (que atualmente entendemos como o DNA biológico).

Um outro deus da *Trimurti* ariana-hindu, o já citado Shiva, é sempre referido pelo seu *linga* ou *lingam*, que é o símbolo fálico de Shiva e que representa o “jorro contínuo da vida”. O *linga* tem a ver com sexo, o que, nas tradições ancestrais, implica que **Shiva criou o sexo**.

E no que o deus Kama atuou? Kama é o deus do erotismo; ele é a “incandescência do desejo” que move a Criação; ele **é o CFD vindo de Brahma e configurado para o desejo**, o “Princípio de Agregação” que terminou sendo derivado para o sexual, por força das circunstâncias de necessidade da produção de novos corpos — os “agentes da vida”.

O “*Rig-Veda*”⁴ o descreve desse modo: “*E o Desejo ergue-se, primeira semente do pensamento.*” Conforme referido nesse romance cosmogônico hindu, Kama é a potência de criação que **surgiu do coração de Brahma para a sua própria surpresa**. O detalhe aqui é o de que **Brahma era pessoalmente incapacitado para tanto**, por isso houve a interferência de Vishnu e de Shiva que, por meio dos seus *avatars*, ajudam o Criador “reconstruído” após a sua “queda”.

A “missão” de Kama consistiu em “semear o instinto do desejo” em todas as criaturas que foram polarizadas por Shiva com identidade biológica de macho ou de fêmea, para que o mundo pudesse continuar a providenciar uma “Mente Cósmica” — o “Biocosmos Inteligente” — para o Criador “caído”. Nesse ponto, surge a procriação sexual como modo de “salvar” a Criação “imperfeita”.

O “crescei e multiplicai-vos” aparece como sendo uma necessidade desesperada do Criador deste universo para que mais “criaturas-ferramentas” do seu CFDP possam surgir, com vias ao aperfeiçoamento.

Todo esse contexto parece ter sido atualizado na recém-surgida natureza humana, e nela, o aparente “combate” entre a consciência e o desejo desenfreado, parece advir do fato dos animais terem relações sexuais, mas não poderem se amar conscientemente, como fazem os humanos.

A concupiscência que existe nos seres vivos desta Criação, ou seja, a inclinação a desfrutar dos bens materiais e usufruir do gozo sexual, parece ter sido um painel genético a emergir do CFD de Kama.

Será que, com vistas à superação da desagregação e da desconfiança no sentido de atender à exigência de misturar genes para ver se assim surgiriam entes menos “adoentados” e mais habilitados a gerar novidades evolutivas, a manipulação na base da genética desses Seres e de suas Descendências do *Brahmaloka* terminou produzindo o desejo no nosso universo (o *Bhuloka*), levando à necessidade da evolução se dirigir para a criação da reprodução do tipo sexuada, num contexto no qual somente havia a de ordem assexuada?

Foi exatamente isso que parece ter acontecido após muita tentativa e erro associados às circunstâncias do acaso em que tais eventos-testes se deram.

10ª Constatação:

Pelos fatos que julgo perceber, não foi Deus, nem Javé, nem muito menos o “acaso” de Darwin que criou a vida e a movimentou no sentido da evolução. Simplesmente, foi a necessidade imperiosa de sobrevivência de um Javé “caído” e desesperado, o que promoveu a evolução possível aos fatos.

Desse modo, sei que desagrado aos criacionistas, aos defensores do “Desígnio Inteligente” (“*Design* Inteligente”) e aos darwinistas ao apresentar a presente hipótese. Entretanto, o desafio que faço é que alguém prove que essa possível tese não esteja apoiada nos postulados científicos e nos relatos mitológicos, nos amplamente narrados nas crenças religiosas, e nos pobremente estudados nas buscas filosóficas, por mais estranhos que esses possam ser. Contudo, alguém quer um conjunto de narrativas mais estranhas do que as da “*Bíblia*”, tida como “Sagrada”, que nem mesmo os criacionistas conseguiram compreender de modo “adulto”?

TEORIAS SOBRE A EVOLUÇÃO BIOLÓGICA

QUANTO ÀQUELAS RESPOSTAS que a Biologia não consegue dar às perguntas básicas da sua busca científica, usei — nos três capítulos anteriores — da dose de “ironia fraternal” que me permito, em relação aos que posam como “deuses biólogos do Olimpo”, ainda que não saibam justificar as teorias às quais se encontram apegados. São esses os já referidos “acasologistas”?

Não pense que os “acasologistas” sejam os mais radicais defensores do indefensável, porque, dentre eles, existem os que abraçam a sensata tese do “Desígnio Inteligente” que merece, sim, reflexão e estudo. Contudo, estranho mesmo, conforme penso, são os criacionistas, que creem na literalidade dos textos bíblicos, notadamente no sentido temporal que eles imaginam ser “a cronologia do universo”, dentre outras esquisitices.

Assim, das **teorias sobre a evolução biológica**, entendo que existem os lados do **“Evolucionismo Darwiniano”** e do **“Desígnio Inteligente”**, alinhados com os postulados científicos. Além dos adeptos dessas duas, há a turma da **“crença Criacionista”**, que almeja simplificar toda a questão ao tamanho da fé que os caracteriza. Isso é tudo? Não, pois ainda tem uma outra hipótese, que é a da **“Evolução Criativa”**.

Ao se observar os principais postulados relativos a essas teorias, pode-se melhor compreender o confronto da “posse da verdade”, disfarçado de uma simplória “disputa intelectual” entre seus defensores.

Na base do entendimento da evolução dos seres vivos, está o **“Darwinismo”** ou **“Evolução Darwiniana”**, que é uma tese de “evolução contínua”, mas que enfrenta o terrível problema das “lacunas fósseis”, que ferem exatamente o seu pretendido aspecto de “continuidade”. Essa ausência de provas já derruba esse aspecto da teoria de Darwin e ponto final, no

sentido de que o “Darwinismo” está correto quanto aos seus postulados, **porém não consegue explicar o todo da questão evolutiva**. Assim pensam alguns evolucionistas, darwinistas e neodarwinistas, que respondem pelo **“Darwinismo revisado e atualizado”**.

Desse modo, tem-se, de um lado, o bloco acima referido, cuja **“bíblia” é a teoria de Darwin, que se ancora no acaso**; e do outro, aqueles que **defendem a tese de que deve existir uma Consciência, um Idealizador, um Desenhista para todo esse contexto claramente inteligente**, sustentando que o sentimento, o altruísmo, o significado e o caráter propositado da vida não podem ser oriundos de uma “aleatoriedade maluca”, que sequer apresenta todas as provas das suas considerações, principalmente a da “continuidade”.

Esses adeptos da **“Teoria do Desígnio Inteligente”** sugerem o **protagonismo de “deus”** — ainda que esse conceito ou o seu significado teológico não esteja definido nem mesmo para os que defendem a sua existência —, seja à moda dos **criacionistas**, que atropelam qualquer discussão científica com as suas teses baseadas em relatos considerados “sagrados” e na fé, e negam a evolução biológica, ou mesmo de outras linhas mais discretas que constataam uma Inteligência por trás do processo e que aceitam algumas teses da evolução.

Sobre esse tema, diferente do que penso, Amit Goswami, em seu livro *“Evolução Criativa das Espécies – Uma Resposta da Nova Ciência para as Limitações da Teoria de Darwin”*¹, defende que:

“As teorias do desígnio inteligente procuram reviver Deus, seja de forma explícita, como no criacionismo, seja implícita, apontando a inteligência e deixando o indivíduo inferir a existência de um desenhista, mas terminam negando também a evolução. Que modo engenhoso de evitar as lacunas fósseis: sem evolução, não há lacunas fósseis para se explicar. Infelizmente, há muitas evidências críveis a favor da ancestralidade evolucionária do ser humano para que esse desvio funcione.

Mas será que se deve jogar fora o bebê junto com a água do banho? Existe algum fundamento na teoria do desígnio inteligente (para não falar do criacionismo) que mereça a atenção séria dos cientistas? Essas teorias apresentam alguma ideia com a qual os biólogos devem se entender? A resposta científica e não tendenciosa a

essas duas questões é sim.

(...) A inclusão da ideia da criatividade na evolução biológica reconcilia o conceito da evolução com o do desígnio inteligente, por parte de um desenhista imbuído de um propósito. Na verdade, mostra-se que a evolução prova o desígnio inteligente. Ademais, quando a questão do propósito do desenho da vida e da existência do desenhista se reconcilia com as ideias evolucionárias do darwinismo, usando-se a física quântica e o primado da consciência, muitas outras dificuldades paradigmáticas da biologia e da evolução biológica também são resolvidas.”

Amit Goswami, como físico quântico, emerge com o biólogo Rupert Sheldrake como os dois principais formuladores que dão suporte complementar, porém definitivo, à teoria de Darwin, sendo ainda necessário acrescentar, conforme penso, a colaboração de Stephen Gould (que explica a descontinuidade como sendo algo resolvido em campos situados além do nosso espaço-tempo) e de Gregor Mendel² (o “pai da genética”, que descortinou a transmissão da hereditariedade) associada aos demais cientistas contemporâneos que trabalharam com o genoma humano, dentre os quais podemos citar o próprio Richard Dawkins.

Pelo que pude deduzir, todos esses cientistas formidáveis, acima citados, coadjuvaram o trabalho único de Charles Darwin e, de todo esse processo, atualmente resulta a proposta-tese de Amit Goswami, da **“Evolução Criativa”** — que abordaremos mais adiante —, como a melhor versão de todas essas teorias.

Segundo os físicos, depois das leis da Física, tudo o mais é opinião! Como explica Neil deGrasse Tyson³:

“Não que os cientistas não discutam. Discutimos. Muito. Quando discutimos, entretanto, estamos em geral emitindo opiniões sobre a interpretação de dados imperfeitos na fronteira do nosso conhecimento.”

De minha parte, penso que tudo o que existe de mensurável no universo em que vivemos, atesta e constata uma Consciência situada no contexto anterior ao do “Big Bang”, agindo adrede ao “colapso” desta faixa de

realidade (e de uma outra mais), na expressão de um “Projeto Mental” cuja eclosão mal elaborada resultou num tipo de **“buraco branco”**⁴ que sugou a Mente responsável pela “má ideia e/ou pela má execução mental do que havia sido idealizado”. O que essa **Consciência fez ao conseguir se “reconstruir” e, a partir do seu CFDP, edificar “criaturas-ferramentas” para delas se servir, corresponde exatamente à história dessa evolução biológica que tão penosamente o senso humano tenta descortinar.**

Talvez, para os de fora desta Criação, todo este esforço da genialidade humana em descrever os termos dessa evolução, seja tão somente a história dos que “mergulharam” num “buraco mental branco” e estão tentando explicar para a “Turma do Paraíso” — Espíritos que permanecem fora desta “blindagem” que surgiu com o “colapso quântico” —, o que acontece aqui dentro.

Conforme já explicado, porém, nem tudo é discussão científica nesse contexto, porque a fé dos criacionistas faz mau uso dos postulados da “Teoria do Desígnio Inteligente” e torna difícil uma abordagem sensata da evolução já que impõe a sua crença como sendo a verdade.

Sobre a evolução, se alguém dentro ou fora da “blindagem” se perguntar: independente de ser correta a “Teoria da Evolução” ou a crença sobre o assunto, é possível observar alguma **etapa decente** nesse processo? Para este questionamento, a resposta a ser articulada frente aos fatos ou mesmo às narrativas — como, por exemplo, a do “Jardim do Éden” e a expulsão de Adão e de Eva, destinados, desde então, ao sofrimento e à danação — é: infelizmente, jamais existiu algo que se assemelhe à “máquina de criar vida”, que foi instalada nesta Criação!

Se foi um “deus distante” e, ainda assim, tido por “amoroso”; se foi Javé com a sua mania de ser “dono” de tudo, maltratando e atrapalhando suas “criaturas-ferramentas”; se foi o acaso; ou uma junção de três ou de dois desses fatores que geraram o ser humano para ser um “comedor de cadáveres”, ainda que com seu modo *gourmet* altamente sofisticado, oh, “turminha incompetente”! O ser humano é produto da evolução que foi possível de ser feita pelas forças envolvidas no processo, e de ter acontecido.

De todo modo, o que se encontra sacralizado nos conceitos humanos cultuados como verdade por milênios, significa o quê? Exatamente as páginas desse estranho passado evolutivo que teimamos por não perceber: o da evolução que foi acontecendo de acordo com as possibilidades, que retirou a vida do mar e a transferiu para a terra firme ao gerar o cérebro reptiliano e

que, ao sabor da aventura evolutiva, o envolveu com um novo tipo de cérebro límbico que caracteriza os mamíferos e do qual, “somente por acaso”, fez emergir o tipo de cérebro complexíssimo (dotado da camada do neocórtex) dos primatas superiores, e nele o gene FOXP2, “também causalmente” apareceu, permitindo o uso de símbolos e a eclosão da racionalidade!

A ironia é necessária na abordagem de uma questão tão séria quanto esta? Sim, lamentavelmente, penso que sim!

Estamos tendo e teremos sempre que “consertar tudo”, inclusive a nós mesmos já que somos os “agentes do processo” e nossos “Eus” se encontram “hospedados” em corpos edificadas com o código-fonte definidor de vida do Criador “caído”, única maneira de uma “Inteligência falida” gerar outras, para delas se servir em benefício próprio.

Entenda quem quiser ou puder!

AINDA BEM QUE O ACASO É INTELIGENTE!

É SABIDO que a estupidez não respeita nenhuma ordem de competência nem muito menos reconhece o suposto saber acumulado de qualquer “coleccionador de diplomas”.

Conforme o já conhecido clichê do jornalista H. L. Mencken¹ sobre o assunto, *“figuras com essas características têm sempre na ponta da língua uma **resposta simples e errada para questões complexas**”*.

Que o diga a teologia!

O título deste capítulo é um pouco sarcástico para homenagear o “dogma-deus” dos cientistas materialistas-reducionistas que, na Biologia, assumem a face de darwinistas e neodarwinistas que entronizaram a aleatoriedade como a força por trás da Criação Universal e do processo evolutivo.

Que seja! Dogma não se discute! Tão somente me permito constatar o “lado bom” dessa história em que o “acaso fez tudo certinho”, ainda que tenha “dirigido os seus experimentos” em diversos sentidos — ou seja, por entre incontáveis tentativas e erros, o “acaso acertou”. Sinceramente, isso é fantástico, muito mais exuberante, em termos de crença, do que o que se percebe em outros campos da busca humana.

De todas essas “idas e vindas do acaso”, surgiu uma molécula chamada “oxitocina”, que também o transforma em “bonzinho”, já que a “seleção natural”, nos moldes do “império do mais forte”, deve ter “se esforçado” bastante”, via predadores e outros caminhos, para que os elementos químicos não se organizassem de modo a introduzir, no âmbito das suas leis, um “tipo esdrúxulo de comportamento social chamado de cooperação”. Ah, as “obras e artimanhas do acaso”! Haja ironia!

Parece que essa molécula estranha — a oxitocina — teve origem em um

episódio parecido ao que Paul Zak² descreve em seu surpreendente livro **“A Molécula da Moralidade”**, no capítulo dois, cujo título é **“Lagostas Apaixonadas”**, referindo-se à evolução da confiança entre os sempre desconfiados animais terrestres:

“Pense numa simples lagosta.

Nunca se pensou no estranho crustáceo ‘Homarus americanus’ como particularmente moral ou romântico (a menos que, obviamente, seja servido na manteiga e com um bom vinho branco). Com uma carcaça blindada e garras enormes, esses animais são altamente agressivos, extremamente protetores de seu território e, pelo menos em cativeiro, conhecidos por comerem seus semelhantes.

Mas se estiverem de bom humor e num ambiente menos iluminado, as lagostas até podem ser dóceis, num ritual de galanteio, como uma cena com foco suave dos antigos filmes franceses. Tudo começa quando a fêmea libera um aroma sedutor na gruta do macho, em seguida entra na gruta e sai da concha. Como em muitos roteiros cinematográficos, encontrar o parceiro ideal exige que elas se desvencilhem daquela casca dura e protetora. Mas para uma lagosta, sair da concha significa ficar altamente vulnerável, até que uma nova casca se forme, o que sugere um enorme gesto de confiança. A fêmea deve confiar sua vida inteiramente ao macho que escolheu; alguém que, em outras circunstâncias, ela trataria como rival, se não como uma ameaça. O sinal químico que a faz baixar a guarda tempo suficiente para o acasalamento e para o crescimento da nova casca é um remoto precursor da oxitocina. Uma substância parecida que aparecerá mais tarde (na escala evolutiva), induz o macho a protegê-la, cuidar dela e tratá-la com gentileza.

Podemos chamar o que verificamos no ritual de acasalamento da lagosta de “confiança” e comportamento moral em resposta a essa confiança? Isso seria um avanço de 100 milhões de anos em relação aos humanos. Não obstante, o que podemos dizer é que o mecanismo fisiológico mais básico de todos os nossos impulsos morais remonta a um tempo muito anterior de os animais sequer se aventurarem em terra. Tudo começou com o sexo.

O fato de os precursores da confiança e da reciprocidade serem tão primitivos, de o DNA hereditário de nosso comportamento moral

estar tão incorporado em células do corpo e de tudo ter origem na reprodução sugere muito claramente que o que chamamos hoje de moralidade não é uma questão secundária para a civilização, nem algo irrelevante, que vai contra a natureza, mas algo profundamente relacionado com a sobrevivência básica.”

Sobre o porquê de sermos — a população de seres vivos da Terra, aqui incluídos vírus e bactérias — todos desconfiados em algum grau, os cientistas não fazem a mais remota ideia, e nunca se perguntaram, cientificamente, por que o código da vida constante na “molécula-mãe”, traduz atavicamente essa desconfiança vinda de fases da história universal, anteriores à sua formatação, pouco importando como ela possa ter se dado.

A covardia e a falta de percepção da intelectualidade científica envolvida com a questão evolutiva são incontestes!

O que se pode e se deve constatar é que a “célula primordial” da vida ou a “molécula-mãe primordial da vida”, em termos do que se pode observar na história do que se passou no nosso próprio planeta, já surgiu “bichada”, “infectada”. Entretanto, os cientistas ignoram esse fato porque isso não cabe nem na Obra de um “deus sadio” ou na de um “acaso inteligente”, sobrando tão somente a opção do Criador “caído e reconstruído” a partir da sua própria “desgraçada nova situação”, o que **explicaria a “infecção do primeiro código de vida” — a “molécula-mãe”**.

Afirmar tal heresia é confrontar as malpostas teses tanto dos criacionistas quanto dos neodarwinistas, e ambos detêm muito poder financeiro e de mídia para sustentarem, por meio de *marketing*, os seus pontos de vistas.

Não me impele, nem de longe, a mais remota tentativa de convencer quem quer que seja ou de atrair prosélitos — que o “acaso” ou “deus” me livrem de ser um dia responsabilizado por isso, pois que, de todo esse contexto de “disputa e de sepultamento da busca da verdade”, retenho para mim apenas o direito de ser irônico.

A questão incontestável é que existe uma “força” que forjou toda esta realidade que conhecemos, seja a partir do que aparentemente alguns julgam como o “nada”, ou do “inanimado”, ou mesmo, para outros, do “Imanifesto”.

Se o conhecimento humano jamais compreendeu a razão de um simples vírus ou uma bactéria poderem vir a ter o poder de destruir todo e qualquer tipo de corpo estruturado a partir do processo de emergência da vida ancorado numa “molécula-mãe”, é exatamente porque, no nível dos seres

unicelulares, a tal “força da desagregação e da desconfiança atávica” nunca pôde ser superada, e o problema permanece até este tempo de pandemia — da Covid-19, doença provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2 —, em que escrevo estas páginas.

Ao eclodir a vida multicelular — e somente a partir desse ponto, quando a vida unicelular foi finalmente superada —, surgiu outra força, uma agregadora, para poder resolver o “problema da desunião gerada pela ‘infecção’ da permanente desconfiança” entre seres que têm de sobreviver a qualquer custo, até mesmo e, principalmente, matando uns aos outros. O agente dessa “força agregadora” é **o hormônio oxitocina ou ocitocina, que somente pôde ser produzido na vida pluricelular mais complexa.**

A oxitocina é uma molécula de peptídeo que funciona como neurotransmissor (enviando sinais ao cérebro) e como hormônio (levando mensagens pela corrente sanguínea). Ela é produzida no hipotálamo, sendo armazenada e liberada pela hipófise — ou glândula pituitária — posterior.

Amplamente reconhecida como um hormônio que, nas fêmeas mamíferas, estimula as concentrações uterinas no momento do parto, a secreção de leite e a prevenção da mastite durante a amamentação, a oxitocina também intensifica o orgasmo e o desejo sexual entre o casal, estabelece laços amorosos, firma um estreito vínculo dos pais com a prole, e favorece habilidades de interações sociais. Acredita-se que, quanto maior a sua presença no organismo, maior a tendência ao carinho, ao zelo, enfim, ao que entendemos como amor. Ao funcionar como um neurotransmissor, a oxitocina auxilia no armazenamento das memórias.

Estudos afirmam que a molécula da oxitocina é deflagrada pela **atitude mental da confiança**. Como esta última estava demorando a surgir, um Ser chamado pelo epíteto de “Phanes” (*avatar* de Eros, pela mitologia grega) ou “Kama” (*avatar* de Vishnu, pela mitologia hindu), primeiramente optou por **criar o desejo** como modo de **fazer emergir a confiança entre os seres**, a fim de promover a reprodução sexual — na mitologia hindu, a polaridade sexual teria sido gerada por Shiva e alguns de seus *avatars*.

Essa é a base da vida em família que atualmente observamos na condição humana, que se assenta em sequências genéticas que tiveram de ser lentamente produzidas no conhecido, porém incompreendido, processo de evolução.

O mais interessante é que todo esse processo é creditado à aleatoriedade pelos darwinistas e demais convertidos a essa tese, o que torna o acaso algo

ou um aspecto mais inteligente do que a ideia que se possa fazer de uma Mente Criadora, aplicada em perseguir um determinado objetivo no evento evolutivo em curso.

Efetivamente, alguém, alguns ou muitos — talvez todos os seres existentes, sejam em que nível for — são “filhos da sorte”, enfim, uns “sortudos” que, graças ao “acaso inteligente”, superou, por pura casualidade, todas as possibilidades que muitas vezes estagnou o processo da vida e mesmo a extinguiu em diversas ocasiões, como se um “maluco estivesse no comando do enredo”, criando e destruindo tudo, a todo momento, e fazendo com que os mais espertos e fortes sobrevivessem sempre. Quanto aos mais fracos, bem, sem comentários, porque, afinal, estes últimos não foram “filhos da sorte” nem “filhos de deus”, mas resultados do tal “acaso” que sempre gerou todo tipo de esquisitice até chegar a esse “aparente padrão normal de produzir comida para os mais poderosos”, como pensam os darwinistas. Haja ironia!

Será que presas e predadores surgiram também ao acaso? De acordo com os critérios da **“Teoria da Seleção Natural Darwiniana”**, sim, pois teria sido a aleatoriedade que gerou seres que, no início, não eram presas nem predadores, porém foram se especializando assim. Muito interessante! — no sentido de ser estranho.

Apenas é inverossímil, a menos que não se trate do acaso propriamente dito, e sim, de um tipo que sempre acertou, nos momentos cruciais, em levar adiante o fenômeno da vida. É como se o acaso tivesse gerado não as chamadas “sincronicidades”, mas uma coincidência essencial atrás da outra, continuamente, pela eternidade afora. Altamente científico! — sendo irônico mais uma vez.

Só por coincidência, a confiança, nem que seja por meio de uma crença em algo ou em alguém, permite que “repousemos no Sagrado”, que acreditemos piamente que “estamos no colo de deus” ou que “alguém superior cuida de nós”. Pode ser necessário que nos sintamos estacionados numa categoria de confiança maior, de modo a conseguirmos enfrentar os eventos da vida. Que seja!

Efetivamente, a atitude mental do ser humano determina absolutamente tudo à sua volta — no âmbito do seu campo mórfico pessoal —, ainda que isso pouco contribua para o progresso dos fatos, pois que estes se movem por meio da ação.

É reconhecido também que a oxitocina nos prepara para reagir de maneira

apropriada, mesmo quando não fazemos ideia do que está acontecendo, o que talvez levem aqueles que acreditam em deus, a pensar que é ele sempre agindo, ou até mesmo faça os “acasiologistas” acharem que são excepcionalmente sortudos ou azarados, conforme o acaso vai determinando suas vidas.

Tempo virá em que será reconhecido que o Espírito que nos anima e que se encontra indelevelmente vinculado ao cérebro humano, faz com que este último atue, quando lhe é possível, sempre por meio de uma conexão — ainda desconhecida — entre a Mente Espiritual e a genética humana. A Mente Espiritual parece se ligar exclusivamente com algumas áreas do genoma, e em sendo a sua atitude mental pacífica, sadia e profunda, o seu corpo humano estará sempre vibrante em termos de produção da oxitocina.

Os estudiosos afirmam que a oxitocina — a molécula da moralidade — funciona como um giroscópio que nos ajuda a manter em equilíbrio a postura de lidar com a desconfiança, a cautela e a malícia. Portanto, a oxitocina nos auxilia a transitar na sociedade, de modo a também nos defender.

Dado que os seres humanos podem ser tanto racionais quanto emocionais, impiedosamente corrompíveis e extremamente generosos, vergonhosamente egocentrados e completamente altruístas, o que determina quais desses aspectos da natureza humana se sobressairão em determinadas situações? De acordo com o que tenho depreendido em mim mesmo e nos meus estudos, além de me apoiar no conhecimento ancestral de Kapila³, Sidarta Gautama⁴ e Pantanjali⁵ em relação a esse assunto, penso que, na atitude mental de cada pessoa, reside a causa da maior, menor ou mesmo nenhuma produção de oxitocina no organismo humano. Na série de cursos e no livro sobre o “*Mentalma*”⁶, procurei abordar exatamente esse assunto como sendo um dos mais importantes por trás do lento processo de engenharia do cérebro humano, produzido ao acaso — mais um pouco de sarcasmo —, pela evolução.

Quando confiamos e quando desconfiamos? Quando somos solícitos e quando nos retraímos? Para a Ciência, a resposta dessas questões está relacionada à liberação da oxitocina. Entretanto, ressalto que os cientistas sempre “se esquecem” de fazer referência ao fato de que a causa definidora desses comportamentos se encontra ancorada na postura mental de cada ser, e isso serve tanto para os irracionais como para os racionais, sendo que, nestes últimos, a gestão do processo psíquico tem uma importância singular.

Seria a sensibilidade da oxitocina na interação com outros mensageiros

químicos o que ajuda a explicar por que o comportamento humano é tão infinitamente complexo? Nas minhas reflexões, terminei por construir um vínculo entre a oxitocina e o “Imperativo Categórico”, de Immanuel Kant⁷.

Na visão de Kant, **o único aspecto que nos torna humanos e livres, consiste em nos comportarmos de acordo com as regras que nós mesmos nos impomos, projetadas pela razão**. O fundamento dessas regras, o que ele chama de “Imperativo Categórico”, diz que, **para se chegar à virtude, devemos proceder como agiríamos se nossa atuação fosse se tornar lei universal**.

O que agora se sabe é que, quanto mais alinhados estivermos com o nosso código de propósitos e de princípios, mais oxitocina produziremos no organismo.

Em parte, somos criaturas biológicas, portanto, tudo que exprimimos, advém de processos biológicos. A questão é que, além da natureza biológica animal do nosso corpo, possuímos também a “natureza espiritual”, que parece “adormecida” quando o Espírito se vincula (encarna) a um corpo transitório.

A Biologia, ao aplicar o “Princípio da Seleção Natural”, recompensa e incentiva comportamentos adaptáveis, o que significa que esses contribuem para a saúde e a sobrevivência de modo tal que produzem o maior número de descendentes adiante. Mesmo não tendo ainda despertada em nós a consciência dessa “natureza espiritual” que também nos movimenta o psiquismo, esse aspecto dos comportamentos adaptáveis parece ter introduzido a **cooperação**, que confronta a “lei do mais forte”, equilibrando a “seleção natural”.

Explicando de maneira mais simples, a “seleção natural” simplesmente aponta que alguns indivíduos (e seus genes) tendem a sobreviver melhor e a se reproduzir mais do que outros num dado ambiente, permanecendo assim com uma representação proporcionalmente mais marcante nas gerações subsequentes.

Como apontado no livro “Os Deuses Genéticos”, de John Avise⁸:

“A seleção natural atua através da sobrevivência e da reprodução diferenciada dos indivíduos, dos seus parentes próximos e dos genes de que são portadores. Quaisquer vantagens que resultem para as espécies são meros subprodutos dessa seleção individual e não representam adaptações primárias originadas por seleção natural

entre unidades superiores de organização biológica.

(...)

A seleção natural tem sido descrita como um ‘relojoeiro cego’. É também um relojoeiro inconsciente e amoral, totalmente desprovido de inteligência, poder de previsão e ética.’

Seja sem previsão, pelo acaso ou ainda pela existência de forças não observadas, que manipulam o processo evolutivo, objetivamente, o genoma de cada espécie vai colecionando os avanços dos seus integrantes por meio das mutações, o que implica novas sequências genéticas sendo produzidas a cada momento, pelos “agentes da vida”. Eis o que cada um é: “agente da vida”, que “herda as informações ancestrais” da história universal, codificadas à moda do genoma da sua espécie, cuja função é a de produzir novas informações e repassá-las.

Assim, o **“genoma pessoal”**⁹ é portanto um simples **“terminal do genoma da espécie”**, vinculado a seus **“campos mórficos”**.

A estranha aleatoriedade que os darwinistas defendem que movimentou e movimenta a vida no sentido evolutivo, para eles parece ter algum tipo de ligação com a “misteriosa Inteligência” que esse “tal acaso” mostra ser detentor. Contudo, como já observado, ele não tem vínculo nenhum com a decência, pois é tremendamente indiferente e mesmo cruel, além de criminoso. E o mais inusitado ainda é os darwinistas pensarem que “esse acaso” conseguiu produzir um ordenamento de sequências genéticas especiais, que fizeram emergir a oxitocina no “jogo caótico da vida”.

Por outro lado, observando de maneira “adulta”, o tipo de evolução que movimenta a vida na Terra e, presumivelmente, em todas partes deste universo, poderemos perceber que o **mundo no qual vivemos, funciona bem mais como um “matadouro-vampiro”** das próprias formas que emergiram para a existência em seu próprio interior, do que propriamente uma “dádiva de deus ou do acaso”.

Das três hipóteses a seguir, uma delas parece ser responsável pelo “jogo da vida” nesta Criação:

1. o “tal acaso”, inclinado à perversão e à tortura;
2. algum Ser cruel e perverso gerou propositadamente o “*Big Bang*”; ou

3. um Ser bem-intencionado “falhou” no momento de “parir o seu Projeto”, deu tudo errado para ele e sua Obra, e o “vexame”, enquanto vida, passou a existir!

O incontestável, pelo menos para mim, é que há uma perversidade em curso! E, efetivamente, parece existir esse “Vampiro”, recolhendo para ele o suor, as lágrimas e o sangue das suas “criaturas-ferramentas” têm produzido. Isso ele faz por meio da **“ponte quântica”** que o seu “Código-fonte Definidor de Vida”, onipresente em todas as formas vivas associadas aos campos também de ordem quântica, que colecionam essas informações e as redistribuem, de modo que ele as receba.

Isso ele fez e faz, enquanto os “agentes” do tipo de vida que ele pôde gerar a partir do Código-fonte Definidor da experiência do seu corpo “reconstruído”, sofrem todo tipo de escândalo e de vexame no que diz respeito ao desespero e ao sofrimento. Seu objetivo é tão somente se apropriar das informações genéticas produzidas, que ficarão registradas na memória dos seus elétrons e nos demais circuitos surgidos com a emergência da vida e, principalmente, na elaboração dos genomas, nos “campos mórficos” das espécies, nos seus “inconscientes coletivos” e noutras “teias-linhas de intercomunicação forçada” (não consciente) entre os seus integrantes.

Vergonhosamente, nada disso é conscientemente percebido pelos “atores e atrizes dessa trágica ópera-bufa”, inacreditavelmente “sacralizada como divina”.

Infelizmente, a Inteligência por trás deste “criadouro-matadouro sideral”, precisa — como já dito — do suor, das lágrimas e do sangue desses “agentes da vida”, estejam eles em que idade transitória estiverem. É uma completa vergonha e o mais hediondo crime que me foi dado perceber! Gerar a infância e a juventude, para que padeçam todo tipo de doença e sofram crimes insuportáveis aos corações de pais e de mães capazes de racionalizar esse tipo de sentimento, é simplesmente inaceitável. Contudo, nós humanos, perante a inevitabilidade do sofrimento, vamos nos condicionando a suportar tais situações, dizendo que é “a vontade deus ou o carma”!

Por essa visão de realidade ser insuportável, resta sempre a romântica noção de que isso tudo é uma “dádiva criada por um deus perfeito”, e que nós estragamos o mundo com a nossa presença, pelo simples fato de estarmos vivos, porque, afinal, conforme essa perspectiva, foram os seres humanos que

promoveram o tal “pecado original”. Daí a “tal necessidade de precisarmos ser salvos”.

Ou seja, ainda que não tenhamos pedido para existir, aqui estamos por “mérito e obra do diabo que enganou a nossa mãe Eva e depois a Adão”, e mesmo assim, “pecadores monstruosos” que somos, nascemos portando um genoma absolutamente predador, assassino e corrompido pela necessidade de sobreviver a qualquer custo e, portanto, “estamos estragando tudo”. Dá para entender?

Caso não, efetivamente não se preocupe, porque essa “tragicomédia que está sendo encenada neste palco universal”, somente pode ser percebida se o sofrimento humano e dos nossos irmãos, os animais irracionais, for observado profundamente, com “olhos adultos e não cheios de cores romanceadas pelas lavagens cerebrais” recebidas ao longo dos milênios.

Não sei exatamente porque, mas, se “deus é maravilhoso e perfeito”, as religiões que se propõem a nos “salvar”, ensinam que devemos “temer a deus e aceitar passivamente o destino, já que ele cuida de tudo e de todos”. Compreendeu?

Se novamente não entender nada desse enredo, coloque, agora, o “acaso” no lugar de “deus”, e a questão da evolução funcionará nos moldes em que os evolucionistas acham, e tudo fará sentido, ainda que ninguém saiba qual é.

Observo que muitas maneiras de pensar, agredem a inteligência humana, notadamente as chamadas “teorias materialistas”, com a cota de presunção absurda que possuem quanto ao conhecimento que têm sobre o todo, ainda que os seus fiéis, adeptos do academicismo, não tenham a mais remota noção, ignorantes que são quanto ao aspecto subjetivo da Consciência humana, que sequer podem compreender, quanto mais medir! Estranho, pois nada sabem sobre a Consciência, mas assumem tudo compreender sobre o que julgam ser a realidade!

Dói-me e mesmo me cansa a triste percepção do condicionamento e da constante “lavagem cerebral” pela qual os meus irmãos e irmãs de jornada terrena-universal têm passado, sem que haja a menor possibilidade de perceberem o “espanto” que a tentativa perene de descortinar certos aspectos da verdade, produz no psiquismo humano.

O próprio Jesus se assustou com o jeito como Javé agia com os seres humanos, e não foi por menos que ele deixou a seguinte reflexão quando, ressuscitado, expressou a alguns dos seus afetos o que ele pensava a respeito da “busca da verdade”, o que não lhe foi possível expressar em vida, e que

ficou registrado no “*Evangelho de Tomé*”¹⁰:

“Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, quando achar, ficará estupefato; e, quando estupefato, ficará maravilhado, e então terá domínio sobre o Universo.”

De maneira estranha, o “Jesus ressuscitado” não disse o que pareceria o óbvio para muitos, ou seja, que o ato de descobrir a verdade seria uma glória para quem o fizesse, uma realização agradável, pois ele afirmou que, num primeiro momento, haveria estupefação, espanto, e isso é exatamente o que seu lado humano sentiu ao perceber como estava sendo tratado pelo “deus dos judeus”, exatamente aquele que profetizara sobre a sua vinda.

Haja estranheza, portanto, a ser ainda sentida pelos humanos ao descobrirem a verdade sobre o “significado da vida”! Quanto aos cientistas que estudam a evolução, bem, o espanto os aguarda quando tiverem que conviver com as notícias sobre as vidas extraterrestre e extrafísica, que deverão compor a temática das próximas décadas.

Abstraindo-me do resto e atendo-me tão somente à questão da evolução, penso que o chamado “evolucionismo puro e simples” agride a inteligência humana — ainda que leiga, como a que tenho disponível em mim —, porque é uma teoria incompleta, como também são as do “*Design Inteligente*”, do “Criacionismo” e da própria “Evolução Criativa”, além das demais facetas que envolvem esse tema.

Todas elas entronizam o acaso ou “deus”, de um modo que nada explicam, mas querem que tudo seja considerado como aceito e justificado pelas suas crenças.

É a antiga “lei de quem quer se impor pela força”: os darwinistas padecem do velho problema que descobriram quando ressaltam a “seleção natural” e o “império dos mais fortes”. Entretanto, percebem nos outros, porém não neles mesmos, os efeitos desse processo que Darwin descortinou para a compreensão humana.

Dentre todas, a teoria menos incompleta e que, por sinal, sequer é aceita pelas demais vertentes que disputam a “posse da verdade” sobre a questão, é a já referida “**Evolução Criativa**”, de Amit Goswami, ancorada na “**Causação Formativa**”, de Rupert Sheldrake, conforme entendo — essas teses serão abordadas mais especificamente a partir do décimo capítulo.

O QUE MOVEU O UNIVERSO ATÉ AQUI!

EVIDENTE QUE OS cientistas pensam que a explosão da Singularidade, de um lado — a já referida “sopa primordial de quarks e glúons”, que eles não sabem de onde veio —, e a expansão do espaço-tempo, do outro, tudo isso foi financiado pelo acaso, que parece ter se especializado em planejar, organizar e fazer acontecer fenômenos absurdamente inteligentes.

Se, eventualmente, o(a) leitor(a) vier a achar ridícula a assertiva acima, saiba que penso da mesma maneira, pois não me resta alternativa a não ser a de considerar como um despropósito a tese de que tudo o que de inteligente emergiu da Singularidade, que compôs a si mesma ou algo que o valha, foi devido à aleatoriedade.

Dizendo de outro modo, tal como uma “semente” que contém em si o “manual operacional da edificação do universo”, a tal “sopa milagrosa” — a Ciência também acredita em milagres — que surgiu do “nada”, e por “acaso” já possuía todas as informações, processos e desdobramentos mil de todos os eventos que nos trouxeram até aqui, detinha em si até mesmo o “vislumbre da nossa presença” para poder contar esse tipo de história. Haja milagre! Isso, sim, é um **“acaso sobrenatural”**!

Miguel Ribeiro, ousada e genialmente, une a função da Consciência à indagação sobre o que move o universo, e nos oferta a seguinte reflexão, na qual também aborda o livro *“Emergência: A Vida Integrada de Formigas, Cérebros, Cidades e Softwares”*, de Steven Johnson¹:

“Existirá um programador? No caso afirmativo, o que motivou a criação do universo de modo a justificar o grau de investimento, espalhado na grandiosidade e intensidade com que se manifesta? As

respostas a estas perguntas residem em esferas inacessíveis e inimagináveis, fora do nosso alcance. Podemos, contudo, especular por inferência sobre a questão menos ambiciosa daquilo que move o universo.

Ainda assim, o universo é conceptualmente tão intrincado e a nossa mente tão predisposta a uma explicação centrada no ser humano, que o seu profundo significado e propósito poderão, por muito, permanecer fugidios. (...) Por outro lado, a partir da Terra, todas as nossas inferências sobre o universo estão necessariamente limitadas pela perspectiva insular a partir deste ponto minúsculo e excêntrico do seu interior. No entanto, o tema apela de tal forma ao nosso imaginário que não resisto a apresentar a minha tentativa de o abordar através da análise das hipóteses avançadas sobre a natureza do programa e do papel da consciência.

Tal como uma semente com a totalidade do guião do universo, a explosão do Big Bang deu origem a um plasma de partículas elementares que transportam toda a informação. As ligações entre estas partículas deram gradualmente origem a moléculas de crescente complexidade e informação, que, por um lado, realizam a execução do programa do cosmos, e, por outro, acabaram por culminar nos ácidos nucleicos, que realizam a execução do programa da vida.

A evolução para a complexidade é impulsionada por forças em oposição mas, estranhamente, inter-relacionadas, complementares e sinérgicas, num conceito que evoca o Yin e Yang. Este e o princípio de desenvolvimento baseado em ciclos de destruição e regeneração realizam a sua lógica de transformação. Uma das suas facetas realça o poder transformador de desequilíbrios e tensões, causados por defeitos, decorrentes de um sistema que parece ser simultaneamente propenso a erros e vigorosamente intolerante aos mesmos: numa natureza estruturada em fractais, a interação entre os mesmos gera complexidade e, independentemente do grau de perfeição dos fractais, também gera defeitos que agitam e alimentam o sistema.

O surgimento da vida com um instinto de sobrevivência introduziu um sistema de valores na essência previamente amoral da natureza, ou seja, vantagem e desvantagem em termos de sobrevivência, como bom e mau. A cooperação impôs o seu apuramento num código de ética e trouxe a toda a organização social o referido casamento de

opostos: natureza (incluindo agressividade instintiva) versus ambiente (repressão/sublimação dessa faceta do instinto em prol do grupo).

(...)

No seu livro ‘Emergência’, Steven Johnson estabelece o paralelo entre a organização emergente que estrutura uma colônia de formigas e a que estrutura uma cidade humana. Por outras palavras, é amplamente reconhecido o fenômeno das cidades parecerem adquirir vida própria e capacidade de se organizarem para além de qualquer planejamento racional no sentido de realizarem uma interação sinérgica entre os seus habitantes, no fundo de se converterem em superorganismo. Recordando a inteligência coletiva, instintiva e originária no genoma, que comanda as migrações animais e as colônias de insetos (...), acredito que se pode igualmente afirmar que os padrões de organização que emergem das sociedades humanas resultam de interação que não é nem aleatória nem deliberada entre os indivíduos, mas determinada por uma inteligência distribuída com base no genoma.

Dito de outra forma, acredito que o percurso está traçado, inclusive o da vida, e que os genomas são os repositórios da informação que governa a evolução não só dos indivíduos e das espécies, mas também, por implicação, a das sociedades. Assim, é evocando a estrutura fractal da natureza, o genoma contém a informação para o organismo unicelular, para o organismo multicelular, e para a sociedade, seja ela animal ou humana, de (múltiplos e multicelulares) organismos: o “inconsciente coletivo”, ou comportamento instintivo das sociedades de organismos.

Por outras palavras, o genoma, a nível celular conduz a interação estocástica de moléculas a resultados previsíveis. Ao nível do organismo, o genoma transporta a identidade dos organismos através de marcos ao longo da sua vida, apesar das numerosas substituições da quase totalidade das suas células, e da ocorrência de eventos disruptivos, tais como trauma ou infecção. Da mesma forma, a nível das sociedades humanas, o genoma ancora a transformação num modelo padronizado, ainda que flexível e passível de evolução, apesar das ações ou substituições de indivíduos, quer aparentem ser erráticas ou intencionais, exatamente como no caso de uma colmeia

ou dum formigueiro. O indivíduo está para a sociedade (animal ou humana) como o neurônio (que por si só não tem conhecimento) está para o cérebro — extraordinariamente, o algoritmo para tomada de decisões é semelhante, quer se trate de uma colônia de formigas ou do cérebro de um primata.”

Se o que trouxe o universo até aqui foi a força de uma Consciência que a Ciência não entende, poderíamos afirmar — baseados na antiga verdade mitológica da “queda” do Criador no âmbito da sua própria Criação — que **o que moveu a evolução até o surgimento da humanidade** foi a necessidade imperiosa da “Primeira Forma Codificada” (“reconstruída” pela Mente do Criador “caído”), no sentido de sobreviver a qualquer custo ao longo do “tempo universal”, que flui conforme a “seta” do que, para nós, parece representar o passado, o presente e o futuro. Contudo, independente dos bilhões de anos que possamos contar à moda da Terra, toda a história do universo é um eterno e perturbador momento presente, do qual o sofrimento jamais se aparta.

No livro “*A Divina Colmeia*”², procurei abordar exatamente uma das fases da evolução que nos trouxe até a eclosão da humanidade, quando o “Superorganismo da Colmeia” foi, então, retratado como uma das faces da integração do Criador “caído” (Abelha-rainha) com os seus Anjos-clones (Abelhas-operárias), na qual o mais superlativo egoísmo do “Ser Alfa” das espécies e o desprezo pela “massa operária”, parece ser um problema que vem de muito longe, no roteiro da nossa ancestralidade.

Muito longe, temporalmente falando? Sim!

O que sugerem os cientistas quânticos?

Eles indicam que os processos de pensamento do ser humano podem não ser individuais, como o nosso senso comum acha que é, pois que, conforme definido por **Fred Alan Wolf**³, no livro “*O Tecido do Espaço-Tempo*”:

“... fazem parte de uma dinâmica que leva os membros da nossa espécie a prever, a superar obstáculos, a inventar, a imaginar, o que seria pura e simplesmente as informações que os táquions (nota do autor: a partícula elementar jamais descoberta) nos trariam do futuro, assim como a luz nos traz (nota do autor: por meio dos fótons), no presente, todas as informações que desenham o perfil imediato das

nossas mentes.”

Esse aspecto profundo por trás dos nossos aparentes pensamentos, efetivamente nos convida a compreender que, ainda como afirmado por Wolf:

*“Nossa aparentemente bem-comportada realidade física **tem necessidade de um ‘lado B’** (grifo meu), um estranho domínio virtual, espécie de inconsciente do mundo físico, cujas leis recorrem a coisas que são proibidas, ilógicas, paradoxais e incompreensíveis à luz de tudo o que aceitamos como razoável no nosso mundo cotidiano. (...) Graças a essa desvairada realidade virtual que atua na própria trama que urde o tecido espaço-tempo, os processos levam, paradoxalmente, a produzir os resultados reais e bem-comportados com que nos defrontamos em nosso mundo normal, obediente às leis e regras da física clássica. Como se o mundo físico tivesse a necessidade desse insano ‘lado B’ da realidade para oferecer a todos nós a imagem de um rosto bem apresentável e de um comportamento aparentemente ‘normal’.”*

Entendamos ou não, queiramos ou não, o universo e suas adjacências parecem compor um “organismo vivo”, no qual todos os seus “agentes da vida” estão em permanente troca de informação, enquanto evoluem na busca de uma maior complexidade.

Desse **insano “lado B”**, fluiu tudo o que veio a compor a vida no palco do “lado A”, no qual existimos, até mesmo a “Força” que moveu o universo até aqui. Qual o detalhe? Essa “Força” “faliu” em tempos bem recentes, só que, bem antes disso acontecer, cuidou em transferir o seu “Código de Vida” para este universo, como maneira de, meio que na tentativa, verificar o tipo de seres que poderia surgir, objetivando manipulá-los conforme as suas conveniências, com vistas à “redenção de si mesma”. Esse aspecto de esperado controle também falhou, ficando ao “deus-dará” — ou seja, entregue à própria sorte —, ou seria ao “acaso-dará”?!

No futuro, esse entendimento será um postulado simples de uma verdade cujo reconhecimento ainda não encontra guarida razoável nestes tempos de insensatez em que vivemos.

A força dos cientistas e de suas verbas; dos filósofos e da sua expressão midiática; e dos religiosos e do seu controle mental, representam o “império do mais forte” e, frente a esse contexto, o que um “pobre leigo” consegue fazer?

Por isso, sempre que possível, semeio reflexões para serem observadas pelas gerações futuras, nem que seja para o próprio “Eu” de um “novo mergulho” do Espírito que me anima.

E assim tem caminhado a humanidade!

GOSWAMI “REMOVE O VÉU” COM O “PRIMADO DA CONSCIÊNCIA QUÂNTICA”: A “EVOLUÇÃO CRIATIVA”

GOSWAMI DEFENDE A TESE DA “EVOLUÇÃO CRIATIVA”, na qual ele insere o **“Design Inteligente”**, na medida em que percebe claramente os “desenhos inteligentes”, donde deduz o “Desenhista” como também, por ser físico quântico, o “Observador” — o qual Goswami não se incomoda de que seja confundido com “deus”, se este for o “Princípio Ativo e Fundamental” de tudo, conforme ele expressa em seus diversos livros.

A sua **“Teoria da Evolução Criativa”** integra a **“Teoria do Design inteligente”** à **“Teoria do Evolucionismo”**, ou dizendo de outro modo, **é a única tese científica que consegue resolver o problema da continuidade e da descontinuidade, elucidando a questão das “lacunas fósseis”**. Isso sem me referir que também ancora, de maneira singular, as ideias mais complexas referentes aos desenvolvimentos dos genomas das espécies, de como um embrião unicelular se associa à forma biológica.

11ª Constatação:

A combinação necessária entre a descontinuidade e a continuidade funciona como uma prova suficiente e irrefutável de uma “Inteligência” por trás de um processo evolutivo problemático e que tem lá suas regras, mas que está sendo “costurado” por um “Alguém” cujas interferências respondem pelo que, aos nossos olhos, seriam as “lacunas fósseis” — enfim, é o que está por trás da descontinuidade.

Devido ao “defeito” da Criação, o acaso tem, sim, os seus momentos de “gestor do Caos Criativo”, e a **necessidade de sobrevivência promove o**

grau de adaptação e as suas inevitáveis mutações.

Nos capítulos anteriores, reproduzi as teorias defendidas por Richard Dawkins, de modo a confrontá-las com as de Deepak Chopra e, principalmente, com as de Miguel Ribeiro. Neste, vou analisar um pouco mais as ideias de quem, na minha opinião, “tirou o véu” que dificultava a visão holística da questão evolutiva. Entretanto, acho meio estranho que seja da competência de um PHD em Física Quântica, descobrir o que encobre o processo evolutivo, que deveria, a princípio, ser tema precioso para as inovações conceituais e a arquitetura de novos paradigmas entre os biólogos.

Assim, penso que coube a Amit Goswami o mérito de relacionar o “Darwinismo” com a “Teoria do Desígnio Inteligente” da evolução, usando os “postulados quânticos” da “causação descendente” e dos “campos morfogenéticos” associados aos “corpos sutis”, do biólogo Rupert Sheldrake.

Conforme Goswami se refere em vários de seus livros, a ideia crucial em toda a história evolutiva, cujos fósseis faltavam para bem comprová-la, é que essas **tais “lacunas fósseis” da macroevolução**, também chamadas de **“sinais ou marcas de pontuação”**, eram, na verdade, **o resultado dos saltos quânticos ocorridos ao longo do processo da criatividade biológica**.

Aqui ressalto que o resultado obtido é o que foi possível de ser produzido pelo modo de interferência que o Senhor Javé e seus anjos-clones — tanto os que lhe eram totalmente obedientes como os que “conspiravam” discretamente na busca de “melhores resultados”, mas sem desobedecer ao Criador abertamente —, praticaram nos lentos processos evolutivos que estavam em curso após a já tardia “semeadura” do CFD do Criador nos mundos do “seu universo material”.

Quais foram, porém, os elementos que levaram Amit Goswami a unir os pontos em torno do seu próprio “*insight* quântico” — como ele mesmo denomina — sobre a questão?

Em 1981, Rupert Sheldrake lançou um livro revolucionário denominado *“Uma Nova Ciência da Vida”*¹, no qual uma antiga tradição espiritual do Oriente — a do corpo vital, um dos corpos sutis por trás da condição humana — era resgatada como sendo a fonte e reservatório de “campos morfogenéticos não locais e não físicos”, usados pela Consciência para a construção das formas biológicas. Afinal, como já afirmado por Roger Penrose², a matéria não pode processar significado; só a mente pode, e efetivamente o faz, reafirma Goswami.

O “Primado da Consciência”, apontado por muitos cientistas, e ressaltado

de modo brilhante por Amit Goswami e Rupert Sheldrake — dentre os cientistas e demais autores, sobre esse tema da supremacia da Consciência —, pareceram-me os mais didáticos devido a muitas razões, e foi sobre esse conjunto de postulados que me aprofundei, na tentativa de compreender alguns painéis da minha busca pessoal.

Um dos aspectos da questão é a de que, ao se considerar os “campos mórficos” apontados por Sheldrake e associados ao “inconsciente coletivo” de Jung³, verifica-se que esses campos se encontram plenamente conectados a cada cérebro humano, por meio de um misterioso circuito, e pode-se perceber que as Consciências individual e coletiva movimentam o contexto da vida e da realidade.

O que nem mesmo a Ciência sabe, é que esse “jogo” ainda tem a capacidade de reunir, em **“sites virtuais astrais”**, o que a coletividade humana produz de informação mental, juntando esses arquivos **por afinidade**. No futuro, os cientistas entenderão essa questão como sendo algo próximo do que aqui estou denominando de **“egrégora”**, que é um tipo de campo distinto dos acima referidos.

Eduardo Borgonovi⁴, abordando a tese de que a “natureza tem sim uma consciência”, afirmou o seguinte, na virada do milênio:

“Em plena era da eletrônica, não é muito difícil entendermos, pelo menos na teoria, o conceito por trás da hipótese de Sheldrake, pois o conceito de campos, principalmente campos eletromagnéticos e gravitacionais, está bastante difundido hoje em dia, e mesmo uma criança admite que informações como vozes e imagens podem ser transmitidas a distância por meio de impulsos eletromagnéticos. Mas, para Sheldrake, existe uma espécie muito específica de campos — os campos mórficos —, que contêm exclusivamente informações sobre hábitos. Cada indivíduo de uma espécie teria, segundo ele, seu próprio campo mórfico. A soma dos campos mórficos dos indivíduos formaria os campos das espécies, e assim por diante, até campos maiores, como o da Terra, de outros planetas e do próprio Universo.

Esses campos imateriais, conseguiram não só estocar, mas também trocar informações com outros campos mórficos. O contato seria feito por um processo de ressonância, que Sheldrake chamou de ressonância mórfica. Desse modo, informações contidas em campos mórficos poderiam ser transmitidas de indivíduos de uma espécie

para indivíduos de outra espécie: sem nenhum contato físico entre eles.

Numa comparação grosseira, seria como a transmissão de informações por ondas de rádio ou TV. Elas viajam por vibrações e podem ser decodificadas por aparelhos em lugares muito distantes do ponto de emissão. (...)

A ideia é a de que existe uma espécie de memória da natureza.

(...) A teoria de Sheldrake não teria provocado tantas reações caso não tivesse tocado no ponto mais controverso em quase quatro séculos de ciência: a eterna batalha entre materialismo e espiritualismo.

O confronto tornou-se inevitável na hipótese de Sheldrake. Os campos mórficos são definidos por ele como campos de memória — coletiva ou individual — organizados de forma não-material, reservatórios de informações hiperespaciais que se espalham por grandes áreas. Portanto, não há como evitar uma relação direta entre os campos mórficos e o que as doutrinas e práticas religiosas e metafísicas de todos os matizes chamam de espíritos, almas, auras, etc. Por serem hiperespaciais, os campos mórficos sobreviveriam à destruição dos corpos físicos dos indivíduos e seriam capazes de transmitir informações indefinidamente, fora da matéria, isto é, do nosso espaço-tempo.

Mesmo sem que isso tenha sido sua intenção imediata, Rupert Sheldrake trouxe para o campo da ciência tradicional, conceitos que até então pertenciam ao domínio exclusivo do espiritualismo e da metafísica. Campos mórficos individuais teriam alguma correspondência com a ideia de espíritos pessoais e campos mórficos coletivos como a de espíritos das espécies, cuja existência é afirmada principalmente nas culturas indígenas e orientais. Os índios norte-americanos, por exemplo, dão a esse espírito coletivo o nome de Uakonda... (...)

Essas correlações dão uma amplitude maior à hipótese dos campos mórficos e da ressonância mórfica. O inconsciente coletivo de Jung, por exemplo, seria compreendido facilmente a partir dos campos mórficos coletivos. (...)

Sheldrake deu a sua teoria o nome de Formação Causativa, a qual afirma que assim que animais de uma determinada espécie*

aprendem um novo padrão de comportamento, outros animais semelhantes tenderão a aprender a mesma coisa mais facilmente em qualquer lugar do planeta, como resultado de um processo chamado ressonância mórfica. Quanto mais o animal aprender, mais fácil ficará para os outros.”

Os críticos apressados, os destemperados, os niilistas⁵, os ateus profissionais, dentre outros, precisam estudar e refletir sobre a relação existente entre os “postulados quânticos” e os “arquétipos” — paradigmas, antigas impressões sobre algo — fortemente presentes, ainda que discretamente escondidos, no psiquismo humano.

Claro que, até mesmo por ignorância, muitos dos que compõem os referidos grupos, não aceitam os desdobramentos dos “postulados quânticos” nem muito menos a existência de quaisquer “arquétipos no nosso campo mental”. Na verdade, sequer parecem conhecer os “postulados quânticos” ou mesmo reconhecer que algo possa existir nesse sentido.

Essa “bagagem pregressa de arquivos antigos” foi quase que relegada a um tipo de “mitologia psíquica” porque aqueles que “enxergam somente o óbvio das suas crenças acadêmicas”, criaram um “império materialista” para que, nele, os seus integrantes possam reinar com suas opiniões implacáveis e também com suas “supostas verdades”, mais ancoradas na fé do que as de qualquer religioso. Contudo, deixo esses crentes acadêmicos com sua submissão psíquica ao materialismo, já que os cientistas e estudiosos mais bem informados e de mente aberta da atualidade, sabem que a visão materialista está ultrapassada, apesar de que o discurso dos primeiros ainda soará por algum tempo, alimentando os que jamais conseguem se atualizar, pois o orgulho intelectual, em alguns, e a preguiça, noutros, não permitem.

Tempo virá em que até eles compreenderão que **um dos propósitos da jornada humana**, “entre o berço e a cova”, parece ser exatamente o de perceber e/ou descobrir os tais “arquétipos ancestrais” e educá-los para tocar a vida adiante, com a criatividade e nobreza de princípios e de propósitos possíveis a cada um.

Nisso, parece consistir o progresso humano, mesmo para eles, que “não têm olhos para ver” o mecanismo que os aciona, apesar de não se sentirem em “movimento algum”. No entanto, movem-se, e essa força que leva os seres ao longo do processo evolutivo da sua espécie, permanece um mistério, apesar de que, atualmente, o “enfoque quântico” começa a nos clarear o

entendimento em torno da mesma.

Os que assim pensam deveriam refletir sobre o que os astrofísicos Neil deGrasse Tyson e Donald Goldsmith apontaram no livro *“Origins – Fourteen Billion Years of Cosmic Evolution”* — também publicado em português com o título *“Origens – Catorze Bilhões de Anos de Evolução Cósmica”*⁶:

“Como os cordões microscópicos do DNA que predeterminam a identidade de uma espécie macroscópica e as propriedades únicas de seus membros, a moderna aparência do cosmos foi escrita no tecido dos seus primeiros momentos, e transportada implacavelmente através do tempo e espaço.”

Efetivamente, existem muitos processos em curso, cujos termos e critérios há muito se encontram registrados em “códigos antigos” associados a “campos” que nada tem de materiais, e é nesse contexto que se insere a evolução que percebemos — como Darwin e outros cientistas fizeram — existir na natureza.

Na verdade, a força que movimenta a vida ou é um subproduto da evolução ou mesmo a sua causa — no futuro, saberemos ao certo —, ainda que esses sejam aspectos indissociáveis de um mesmo processo. Ela atua no psiquismo de cada indivíduo como resultado da codificação química do DNA das espécies e nos convida a sermos criativos para poder superar os obstáculos que cada uma delas enfrenta.

Essa força se encontra indelevelmente ligada à necessidade de sobrevivência a qualquer custo do “Eu” do Criador “caído”, que se “reconstruiu” como pôde, a partir de um “novo corpo composto de antimatéria”, existente no universo paralelo ao nosso — o *Bhuloka* também surgiu com o “*Big Bang*”.

O termo latino ***conatus*** vem do verbo *conor* que, em português, é geralmente traduzido como “tentar”, “procurar”, e **é o conceito que, conforme penso, mais se aproxima do significado da força que move a evolução** em todos os tipos de seres e que tem a ver com a indisfarçável vontade do Código de Vida do Criador — CFD nos demos, e DNA nos seres biológicos da Terra — de sobreviver a qualquer custo.

A expressão *conatus* foi inicialmente desenvolvida pelos estoicos (adeptos do estoicismo, filosofia desenvolvida por Zenão de Cítio, que

pregava que o homem não devia se abalar com as adversidades da vida) e peripatéticos (discípulos de Aristóteles⁷, cujo hábito era ensinar ao ar livre, sob os portais ou perípatos do Liceu, em Atenas, ou sob as árvores ao redor), na Grécia Antiga. Estes grupos usavam a palavra “ímpeto” para descrever o movimento da alma em direção a um objetivo, do qual resulta um ato físico.

Primeiro Aristóteles, seguido de Cícero⁸ e Laércio⁹, cada qual aludiu a uma conexão entre o *conatus* e outras emoções. Na opinião deles, o *conatus* induz as emoções. Eles alegavam que os seres humanos não desejam “fazer algo por acharem que esse algo é bom”, mas, diferente disso, por pensarem que “é bom porque eles querem fazê-lo”. O “querer fazer” — mover-se, ser “agente da vida” — seria a base do *conatus*, e o que se realiza, consideravam como resultado da racionalidade (opção) humana.

Já os filósofos escolásticos medievais desenvolveram uma noção de *conatus* como sendo uma “propriedade intrínseca e misteriosa das coisas”.

Tomás de Aquino¹⁰ e Dante Alighieri¹¹ expressaram sentimentos semelhantes ao usarem as palavras latinas *vult*, *velle* ou *appetit* como sinônimos de *conatus*.

Na primeira metade do século XVII, René Descartes¹² começou a desenvolver um conceito mais moderno e materialista do *conatus*, descrevendo-o como “uma força ou tendência ativas dos corpos para se moverem, expressando o poder de Deus”, ainda que use o termo em um sentido mais mecanicista.

Thomas Hobbes¹³ também trabalhou fora das noções anteriores do princípio do *conatus*. No entanto, ele criticou as definições anteriores por falharem em explicar a origem desse movimento — “o poder de Deus”, no caso de Descartes, por exemplo. Dedicar-se a indicar a origem desse movimento, tornou-se o principal foco da obra de Hobbes, nessa área. De fato, Hobbes “reduz todas as funções cognitivas da mente a variações de suas funções conativas”. Essa “vontade” formaria o *conatus* de um corpo e sua manifestação física é a percebida “vontade de sobreviver”.

Conatus é também um tema central na filosofia de Baruch Spinoza¹⁴. De acordo com ele, “cada coisa, à medida que existe em si, esforça-se para perseverar em seu ser”. Spinoza apresenta algumas razões para acreditar nisso. Primeiro, as “coisas particulares” são, como ele diz, os “modos de Deus”, o que significa que cada um expressa o poder de Deus de uma maneira própria.

A partir da premissa por meio da qual sou obrigado a observar a evolução, chega a ser pitoresco, além de curioso, um determinado aspecto das reflexões de Spinoza ao afirmar que:

“Nunca poderia ser parte da definição de Deus que seus modos contradigam um ao outro. Cada coisa, entretanto, opõe-se a tudo que possa tirar sua existência.”

Contudo, era demais, mesmo para um Spinoza, na época em que viveu, ter percebido que a definição de “deus” estava generosamente equivocada, pois, efetivamente, os “modos do Ser-criador doente” quase sempre contraditavam um ao outro, sendo esse um dos traços da sua “demência”, na função de demiurgo.

Na sua magnífica obra, a resistência à destruição é formulada por Spinoza em termos de um esforço para continuar a existir, e *conatus* é a palavra que ele usa frequentemente para descrever essa força. O esforço de perseverança não é simplesmente algo que uma “coisa” faz, além de outras atividades possíveis dessa “coisa” se ocupar. Diferente disso, esforçar-se é nada mais que **a essência verdadeira da “coisa” viva (o ser vivo)**.

Para Schopenhauer¹⁵, o esforço de querer viver, inato em cada pessoa, nada mais seria que essa “vontade”, mas, nesse empenho, estaria toda uma gama de sofrimento. Na sua obra, “*O Mundo como Vontade e Representação*”, ele aponta que mundo não poderia ser concebido senão por uma “Vontade Inteligente”. Tal “Vontade” seria o **substratum** deste mundo fenomenal. Ele ancorou sua doutrina na “representação” e no conceito de “vontade” ou de “força”.

Schopenhauer defendia que a “vontade de viver” está no homem porque “nele quer a vontade universal, força cósmica, irracional e insaciável, que inventa artifícios e ilusões para encher o vazio da existência”.

Já para Nietzsche¹⁶, o ser humano, mesmo tendo conquistado a racionalidade, não conseguiu usar esse seu potencial desperto porque deuses, tiranos, sistema de castas e religiões não o permitiram — a exceção foi ao tempo do budismo (ideal nirvânico) e de Platão (ideal platônico).

Até o século XVIII, devido ao domínio da religiosidade praticado pela Igreja Católica e pelo Islã, dentre outras forças controladoras, o ser humano não pôde usar as suas faculdades mais profundas. A própria Filosofia havia

assumido feição religiosa e se rendido ao dogmatismo. Finalmente, porém, o iluminismo e a revolução industrial, com a emergência da sociedade comercial, romperam o ciclo.

Nietzsche compreendeu, na segunda metade do século XIX, que a humanidade ocidental havia sido condicionada à mediocridade, e que o agente responsável por essa situação havia sido a moral cristã, a ética cristã, enfim, o cristianismo nas suas faces católica e protestante.

Para Nietzsche, há forças finitas e diversas disponíveis na natureza humana, e como a vida é um incessante movimento que obriga a que essas sejam expressas por meio do psiquismo, isso faz com que suas perspectivas sejam infinitas. É nesse ponto que ele lamenta a mutilação que a moral religiosa provocou, ao transformar o ser humano num “pecador” que deveria ser corrigido e controlado pela Igreja.

Usa, então, do seu conceito — a meu juízo, sempre mal traduzido do sentido original da língua alemã — de “**vontade de potência**”, como sendo a força motivadora básica existente em todos os viventes. Para ele, a “vontade de potência” era a força criadora e destruidora, inata ao ser humano, sempre com vistas a um “eterno devir”. Contudo, para Nietzsche, esse “eterno vir a ser” não implica uma finalidade, mas tão somente um perene desafio ofertado pela vida.

“Leigo” como sou, costumo traduzir, nos meus registros, a “vontade de potência” como sendo **a vontade dos seres vivos de se impor, frente aos obstáculos da vida** amalucada, que todos vivenciamos.

Indo um pouco mais além do que o contexto da evolução biológica, no campo da afirmação da vida, o grande objetivo de Nietzsche, antes que negar a ética, sempre foi o de encontrar uma nova fundamentação, a afirmação da vida. Em “*Assim falou Zaratustra*”, o personagem principal proclama: “*Eis o segredo que a vida nos confiou: ‘vê’, disse ela, ‘eu sou o que se deve superar a si mesmo indefinidamente’.*”

Conforme penso, o que se movimenta efetivamente, é a vida, por meio dos seus “agentes” que se deixam mover pelo *conatus*, *substratum*, vontade de se impor e de superar os obstáculos. Ou seja, quem atua é a vida, com a sua “vontade de superar a si mesma, registrada no DNA dos corpos dos seus agentes”. Entretanto, neste mundo, quem mais analisa a evolução da vida sob esse prisma?

E quanto à questão de existir um universo paralelo, do qual quase ninguém fala a seu respeito neste planeta, nos tempos modernos e pós-

modernos? É uma vergonha para o mundo acadêmico o fato de que as principais mitologias mencionaram abertamente a existência desse universo vizinho. O que devemos pensar, nesse caso, sobre o uso da racionalidade pelos humanos? Talvez se tenha relevado à condição de lenda os postulados e temas principais descritos nas mitologias, exatamente porque suas páginas noticiavam e descreviam objetivamente a existência do mesmo — esse é o mito do “Ovo Cósmico”, do qual surgiram dois universos e o Criador “caído” em um deles.

Curiosamente, sobre a questão do universo vizinho, no início do segundo capítulo do livro *“Origens – Catorze Bilhões de Anos de Evolução Cósmica”*, cujo título é *“A Antimatéria Importa”*, os astrofísicos Neil de Grasse Tyson e Donald Goldsmith apontam:

*“Os físicos de partículas venceram o consenso da linguagem mais peculiar, e ainda assim lúdica, de todas as ciências físicas. Onde mais se poderia encontrar um bóson vetorial neutro trocado entre um múon negativo e um neutrino de múon? Ou uma troca de glúon unindo um quark strange (estranho) e um quark charm (charme)? E onde mais se podem encontrar squarks, fotinos e gravitinos? Junto com essas partículas aparentemente inumeráveis de nomes peculiares, os físicos de partículas devem lidar com um **universo paralelo de antipartículas** (grifo meu), conhecidas coletivamente como **antimatéria** (grifo meu). Apesar da sua persistente presença nas histórias de ficção científica, a antimatéria é real. E como se poderia supor, ela tende a se aniquilar imediatamente depois do conato com a matéria comum.*

(...)

O universo revela um romance peculiar entre antipartículas e partículas. Elas podem nascer juntas da pura energia, e podem se aniquilar ao reconverterem sua massa combinada de novo em energia.”

Apenas para deixar claro, nos livros que tenho produzido sobre esse e demais temas comuns ao que denomino como sendo os “passos iniciais” da “Revelação Cósmica”, descrevo que, da Espiritualidade Superior, pré-existente à Criação que conhecemos, uma Entidade Cocriadora — que nada tem a ver com Deus Incognoscível, no sentido de representá-lo — expeliu da

sua Mente, por meio da sua cota de “Kundaline Pessoal”, um “Projeto de Criação” longamente elaborado e, dessa maneira, gerou a Singularidade da qual emergiu o nosso universo e o vizinho.

Esse meu modo de expressar, tem o mesmo significado do que Tyson e Goldsmith disseram ao afirmar que matéria e antimatéria podem nascer juntas, a partir da pura energia. Assim, todo esse contexto representa a Mente da Entidade (pura Energia Espiritual Criadora) gerando a Singularidade da qual emergiram partículas e antipartículas.

Ao se reconverter em partícula, essa se autoaniquila para sua dimensão e volta a ser energia, o que mostra o resultado da “hesitação” desse Ser, associado ao seu “Plano Original” de transformar “energia” numa “realidade material”. A questão é que houve a quebra de “simetria em série”, que essa “hesitação” produziu no desenvolvimento da Obra gerada. Por isso, o universo que conhecemos se desmaterializa e volta a se materializar bilhões e bilhões de vezes em um só segundo do nosso modo de medir o tempo.

Continuam Tyson e Goldsmith:

“Em 1932, o físico americano Carl David Anderson descobriu o antielétron, a contraparte antimatéria positivamente carregada do elétron, negativamente carregado. Desde então, os físicos de partículas têm criado, de modo rotineiro, antipartículas de todas as variedades nos aceleradores de partículas do mundo, mas só nos últimos tempos montaram as antipartículas em átomos inteiros. Desde 1996, um grupo internacional liderado por Walter Oelert do Instituto para Pesquisa de Física Nuclear em Julich, Alemanha, tem criado átomos de anti-hidrogênio nos quais um antielétron órbita alegremente um antipróton. (...)”

A descoberta do antielétron foi um dos grandes triunfos da física teórica, pois sua existência fora predita apenas alguns anos antes pelo físico nascido na Grã-Bretanha, Paul A. M. Dirac.

Para descrever a matéria nas menores escalas de tamanho — aquelas das partículas atômicas em subatômicas — os físicos desenvolveram um novo ramo da física durante a década de 1920, com o intuito de explicar os resultados de suas experiências com essas partículas. Usando regras recém-estabelecidas, agora conhecidas como teoria quântica, Dirac postulou, a partir de uma segunda solução para sua equação, que um elétron fantasma do

“outro lado” poderia ocasionalmente aparecer no mundo como um elétron comum, deixando atrás uma lacuna ou buraco no mar de energias negativas. Embora Dirac esperasse explicar os prótons dessa maneira, outros físicos sugeriram que esse buraco se revelaria experimentalmente um antielétron positivamente carregado, que se tornara conhecido como pósitron pela sua carga elétrica positiva. A descoberta de pósitrons reais confirmou o insight básico de Dirac e estabeleceu a antimatéria como merecedora de tanto respeito quanto a matéria.”

Ou seja, caro(a) leitor(a), já que existimos estruturados conforme a Física de Partículas tem apontado, admitir a possibilidade de que existe um universo antimaterial, conforme descrito pelas notícias mitológicas, deveria ser uma postura respeitável dos estudiosos. Contudo, diferente disso, muitos cientistas desdenham essa ideia, seja por ignorância profunda e jamais assumida, ou mesmo porque suas percepções não estão adestradas — e suas mentes são preguiçosas e limitadas — para vislumbrar o óbvio dos elementos indicativos dessa realidade paralela.

E complicando só mais um pouquinho, observe o(a) leitor(a) que os dois astrofísicos (Tyson e Goldsmith) fornecem uma pista extremamente instigante sobre o “jogo” das três “*Gunas*” (energias criadoras *Rajas*, *Satva* e *Tamas*) expressadas pelas Divindades Criadoras — que se tornaram os três deuses da *Trimurti* hindu —, nos microinstantes do “primeiro segundo” após o surgimento da Singularidade que gerou os universos material e antimaterial.

Conforme explicado no capítulo 5 deste livro, no caso do nosso universo, que corresponde a uma das “bandas da Criação”, quando a **energia criou a matéria** (energia *Rajas* de Prabrajna), esta se agrupou conforme as **forças agregadoras** (energia *Satva* de Mavatna, que gerou as forças nuclear fraca, nuclear forte, eletromagnetismo e gravidade, além da “matéria escura”) e a força entrópica (energia *Tamas*, advinda de Savna) estruturou o universo de tal modo que o mesmo se encontra em **acelerado processo de expansão**, como se garantisse que esta Criação “indevida”, um dia, teria seu fim. Até lá, a “seta temporal” que percebemos, e que permite a existência do que entendemos como “tempo”, possa promover as **informações transformadoras** que a Obra “defeituosa” necessita.

Observem o que afirmaram os dois astrofísicos:

*“Acreditem ou não, o nêutron, sem carga, tem igualmente uma antipartícula. É chamada — você adivinhou — o antinêutron. Um antinêutron tem uma carga zero oposta com respeito ao nêutron. Essa mágica aritmética deriva do **triplete particular de partículas fracionariamente carregadas** (grifo meu) (os quarks) que formam os nêutrons. Os **três quarks** (grifo meu) que compõem um nêutron têm carga de $-1/3$, $-1/3$ e $+2/3$, enquanto aqueles no antinêutron têm cargas de $+1/3$, $+1/3$ e $-2/3$. Cada conjunto de três quarks atinge uma carga líquida de zero, mas os componentes correspondentes têm realmente cargas opostas.”*

O “triplete” e os tipos de energia “fracionariamente carregadas” têm tudo a ver com o “jogo de influências” advindo das Mentes das duas outras Entidades (Mavatna e Savna) que, procurando ajudar à do Criador (Prabrajna), interferiram naqueles microinstantes iniciais do “Processo Criativo”. E o porquê de serem três quarks a comporem um próton e um antipróton, um nêutron e um antinêutron, e não dois ou quatro, deve-se ao fato — há muito revelado pelas primeiras notícias colecionadas pelos seres humanos sobre a realidade que os envolvia, lamentavelmente transformadas em mitologia — de terem sido três as Entidades a participarem daquele “primeiro momento” em que o “impensável Caos” veio a ter lugar no âmbito (a Espiritualidade) do que já existia, por meio do que foi literalmente “colapsado” daquelas três Mentes Cocriadoras que, nos termos dos postulados da Física Quântica, são chamadas de “Observadores”.

Pode ser que exista “almoço grátis” — em economia, costuma-se dizer que “não existe almoço grátis”, pois alguém sempre paga a conta, mesmo que outro desfrute de graça — para os “supostamente Perfeitos” Seres do “Paraíso”, que teriam sido criados pelo Deus incriado, o Incognoscível, o Absoluto, que somente poderia ter concebido Entidades Perfeitas como Ele, conforme se acredita na Espiritualidade. Contudo, para os Espíritos que foram gerados para estruturar os corpos materiais e antimateriais destes dois universos que “precisam de reparos”, a vida nada tem de dádiva, pois o regime de escravidão das “criaturas-ferramentas”, que já nascem com essa destinação, não prevê nada nem parecido com isso, apesar da “lenda ingênua” dos religiosos quanto ao que receberão quando chegarem no “Paraíso”.

A Cabala chama de “*Tikum*” esse inevitável conserto, ainda que os seus adeptos não enxerguem o processo nos termos em que aqui descrevo, porque

“romantizaram” os seus postulados como modo de engrandecer o seu “deus pessoal”. Esse assunto se encontra abordado no livro ***“Tzimtzum: O Exílio Forçado de uma Divindade – Revelações antigas – Cabala”***¹⁷.

Os temas relativos ao “jogo entre as *Gunas* Criadoras” estão presentes em muitos dos outros livros que tenho produzido, notadamente em ***“A Epopeia dos Agentes da Vida Universal”***¹⁸.

O que lamento em toda essa história é exatamente perceber que muito do que foi e ainda é relegado à condição de “assunto sem importância” pelos cientistas cujos psiquismos estão subordinados ao materialismo e ao “acasiologismo” — desculpem, mas tive que inventar esta palavra —, é que eles desconhecem os trabalhos notáveis dos que se dedicam à Ciência de vanguarda. Há algum tempo, estes últimos ultrapassaram esse limite tosco materialista e do acaso, e desde que se possa compreender os postulados da Física Quântica, não teria mais razão de tais temas serem assim considerados. Bem diferente disso!

E o tema “evolução”, pelo que pude constatar, tem sido uma grande vítima da maneira equivocada de pensar dos adeptos do materialismo, do acaso e do “romantismo religioso”, somente ficando atrás da visão oficial e retrógrada que a Arqueologia faz com as cidades megalíticas do paleolítico e do paleolítico superior, situando-as erroneamente no neolítico, como se fossem mais recentes.

Sobre o que falta na abordagem “adulta” e decente — assim falo pelas evidências abundantes, atualmente disponíveis — no campo da evolução, convido o(a) leitor(a) a que mais uma vez observemos o que nos esclarece Amit Goswami sobre o assunto:

*“Um dos aspectos mais espantosos da criatividade quântica que está emergindo é que **a própria evolução biológica em si envolve uma série progressiva de saltos quânticos** (grifo meu), criando complexidade proposital cada vez maior, como os degraus de uma escada, para que aspectos cada vez mais propositais de nossa existência possam se manifestar. **A evidência empírica desses saltos quânticos são as famosas lacunas fosseis que o darwinismo não consegue explicar** (grifo meu). Quem dá esses saltos quânticos? As lacunas fosseis envolvem uma mudança na espécie, no mínimo; assim, **a criatividade envolvida é, no mínimo, a criatividade de toda a consciência da espécie** (grifo meu).*

Foram necessários muitos saltos quânticos para que evoluíssemos do procarionte unicelular até os organismos multicelulares, os invertebrados, os vertebrados, os mamíferos, os primatas e os humanos (grifo meu). A maior parte dessa jornada evolucionária foi a evolução de representações cada vez melhores dos projetos vitais das formas, levando a órgãos cada vez melhores para realizar nossas funções biológicas. Finalmente, quando evoluiu o neocórtex do cérebro, foi possível representar o significado mental.

A evolução humana tem sido a evolução do processamento do significado da mente. No início, a mente dava significado ao mundo físico. Chamamo-la de evolução da mente física. Os antropólogos identificam esse estágio como o estágio caçador-coletor da evolução humana. Uma característica importante desse estágio foi a dominação masculina.

No entanto, com o desenvolvimento da agricultura em pequena escala, surgiu um estágio que os antropólogos chamam de era agrícola, quando os humanos se assentaram, e homens e mulheres começaram a trabalhar juntos, com trabalhos e direitos mais ou menos iguais. O lazer proporcionado por essa era, permitiu que a mente começasse a dar significado a sentimentos, levando à mente vital. A mente vital é compatível com a mente física, e integra esse estágio anterior em sua estrutura.

(...)

Ocorre que a mente que processa o significado da mente ou o significado do significado é, naturalmente, chamada de pensamento abstrato, no qual predomina a racionalidade. O pensamento racional é lógico e computável enquanto os sentimentos, por não serem computáveis, podem ser considerados irracionais. Desse modo, a mente vital nunca foi integrada com a mente racional. Na verdade, foi denegrida e relegada ao processamento pelo sexo frágil (as mulheres precisam dela para gerar e criar os filhos, como se costumava dizer).”

Ou seja, literalmente, o que Goswami chama de “mente vital” permanece nas “nuvens”, à disposição de uns poucos seres humanos que sabem fazer bom uso da sua “mente racional”.

O “**Mentalma**” — série de cursos e de um dos livros que produzi,

conforme já informado —, diz respeito exatamente ao meu objetivo de praticar uma disciplina diária que me permitisse adestrar a minha própria cota de “mente racional”, elevando-a a certos padrões de ressonância que me permitam ter um mínimo de compressão “adulta” sobre a minha condição humana, como também quanto a alguns passos que posso dar no sentido de usá-la de maneira mais ampla.

O fato é que estamos sempre nos movimentando na tentativa de fazer com que os nossos cérebros cada vez mais se habilitem a processar significados e, principalmente aqueles que possibilitam o nosso progresso moral e espiritual.

O “gol” do nosso sucesso (progresso) espiritual ao longo das existências, seja na Terra ou aonde for, é sempre no sentido de **nos habilitar a processar significados mentais cada vez mais elaborados e alinhados com os “arquetipos” que residem no mais profundo do nosso Espírito** e que representam a herança do “Sagrado” que habita a “Parte Divina” de cada ser.

Mais uma vez, tomando por empréstimo as reflexões de Amit Goswami, sobre o tema:

“A física quântica, na forma de seu famoso ‘efeito do observador’ (como o ato de ver algo, por parte do observador, transforma possibilidades quânticas em experiências reais na consciência dele mesmo), está nos forçando a mudar de paradigma, passando o paradigma do primado da matéria para o do primado da consciência.”

E o “Primado da Consciência”, enquanto uma nova visão de mundo paradigmática, requer a habilidade espiritual de processar significados, ou seja, valores e conceitos que nos sirvam como orientação para que as nossas atitudes e posturas estejam sempre alinhadas com a arquitetura do Bem e do Ideal Fraterno entre os seres universais.

Pode não parecer, mas o processo de evolução existe exatamente para promover esse fim como modo de superarmos o caos no qual existimos, temporariamente.

A EVOLUÇÃO POSSÍVEL ATÉ AGORA

NESTA ALTURA DA ABORDAGEM, convido quem, porventura, tiver tido a ousadia de ler este livro até aqui, a um exercício de imaginação para podermos avaliar com mais propriedade, por meio dele, algo das possibilidades, dos eventos, dos personagens, das circunstâncias e dos níveis dimensionais que se encontram situados muito além da “sopa de quarks e glúons” que deu origem ao “*Big Bang*”, e por conseguinte, a esta faixa de realidade em que existimos.

O “roteiro do absurdo” até agora percorrido e que nos trouxe até aqui, começa em um contexto pré-existente à criação do universo que conhecemos.

Imaginemos que a Espiritualidade existe com seus incontáveis Níveis Laboratoriais, e que, de um desses, um “Alguém” — que nada tinha de Deus — como outros Cocriadores que residem nesses ambientes espirituais, formatou uma “ideia incompleta e equivocada” e a expeliu com a sua “Energia Pessoal”, vindo esta a se transformar numa deformação tal qual um “buraco branco” que, além de “sujar” o que já existia, “sugou” o responsável pela Criação “indevida”.

Este Ser, ao “cair”, optou por fazê-lo não no “Projeto inicial” que idealizara e que **não pôde finalizar** (o universo material), mas em outro “Modelo” que sua Mente “improvisou” no momento da “queda” (o universo antimaterial e vizinho). “Caído”, começou a “construir plasticamente” aquela “dimensão improvisada”, enquanto a outra se desenvolvia conforme o “Planejamento inicial”.

Depois, resolveu clonar a si mesmo, e desse processo, outras classes de seres foram surgindo, todas muito “problemáticas”, pois “herdaram os mesmos traços psíquicos” que o “Eu” do Criador “reconstruído” produziu no

momento do seu ocaso.

Devido a esses eventos, por muito tempo somente houve “vida virótica” em um dos universos desta Criação, exatamente no que foi “improvisado”, até que o “impasse evolutivo” dos seres clonados e dos mentalmente afetados se estabeleceu, o que os forçou a tomar do “Código-fonte Definidor de Vida (CFD)” do Criador “caído” — que era comum a todos eles e com altíssimos graus de ativação —, e “transplantá-lo” para o universo vizinho, para ver o que tal “semeadura” poderia produzir nas suas naturezas planetárias, que eram bem diferentes das “moradas dimensionais” que foram também “improvisadas” no universo antimaterial e “plástico”, por ser facilmente influenciado pelas “Mentes poderosas” dos seus habitantes.

Após a terceira geração de estrelas no universo em que atualmente vivemos, essas finalmente formularam os elementos químicos mais pesados. Isso permitiu à natureza universal produzir planetas rochosos, nos quais a água “apareceu”, doravante servindo como “berçário” para que “moléculas-mãe” — ou seja, o CFD do Criador, que chamamos de “DNA”, no caso da Terra —, posteriormente transferidas de lá para cá, pudessem ser “semeadas” aonde houvesse condições de gerar algum tipo de vida biológica.

Com o “jogo de dados” físico-químicos feito, passaram a aguardar a “alquimia possível” para ver no que a “receita química” do CFD produziria em termos de vida biológica, processo até o momento incompreensível para os biólogos, ainda que ocorra diariamente perante seus métodos de observação. De acordo com o que fosse emergindo para a vida, os seres do universo vizinho procurariam de lá, encontrar maneiras de influenciar os processos para encaminhá-los em determinada direção evolutiva, conforme as possibilidades e os seus propósitos.

Inicialmente, trataram de superar o “fator desagregação”, o grande primeiro problema presente em cada microparte do Corpo Mental do Criador — que se viu “esfacelado” por ter “caído” num tipo de “buraco interdimensional” —, já que **nenhuma queria se unir à outra para compor um corpo mais complexo, o que constituiu a difícil transição dos unicelulares para os pluricelulares, descrita anteriormente.** Quando os “campos mórficos” das espécies biológicas foram sendo trabalhados por muitos fatores, isso permitiu surgirem diversos reinos, filos, classes, ordens, famílias, gêneros e espécies, de acordo com os critérios apontados pelos darwinistas, porém acrescidos de outras interferências pontuais, algumas já percebidas pela Ciência, mas outras ainda permanecem no campo do

mistério.

Na tentativa de “recompor” o seu corpo, o “Eu” “caído” do Criador foi desenvolvendo um “Código-fonte” para as suas posturas psíquicas, as quais se transformaram, com o tempo, nas suas principais características, como a de **sobreviver a qualquer custo, para poder dar conta da sua Obra**, e como a de fazer o seu “Eu” imperar sobre a realidade e os demais seres à sua volta. Estes traços psíquicos de comportamento foram repassados a todos os seres edificadas neste e no outro universo, a partir do seu já referido CFDP ou “código genético pessoal”.

Por fim, desse “jogo” emergiu uma espécie que surpreendeu até mesmo os “manipuladores da vida”, sendo a mais conhecida representação metafórica desse processo o “susto que Javé tomou com Adão e Eva”, que surgiram como “pontos fora da curva” (fora do padrão) da sua compreensão, saindo assim do “enredo” e do “roteiro” que ele, como “Criador dos Céus e da Terra” — apesar de “caído” e por isso “refém” da sua própria Criação — havia traçado.

Eis algumas perguntas provocativas e, neste ponto da discussão, inevitáveis:

1. Frente a tudo o que atualmente se conhece no campo dos postulados filosóficos, da Ciência e das tradições religiosas, a narrativa descrita acima, que aparentemente mistura todos os contextos no campo do conhecimento humano, pode ser considerada como indevida, indigna de ser verificada, ou mesmo um fato ainda não de todo descortinado?
2. Ou seria uma teoria digna de ser estudada?
3. Ou ainda, trata-se de uma conjectura mais séria e contundente do que todas as percepções científicas e religiosas sobre o surgimento da vida humana nos moldes em que ela se deu?

Que Richard Dawkins me desculpe, mas esse enredo acima é muito mais complexo que o abordado no seu já citado livro *“O Maior Espetáculo da Terra – As Evidências da Evolução”*, até mesmo porque esse contexto é universal, e para um olhar menos festivo, não existe nenhum “espetáculo em curso” a não ser uma “tragédia com seus disfarces”! Sob essa perspectiva, o título não seria exatamente *“O Maior Espetáculo da Terra”*, mas sim, *“A Maior Tragédia do Universo”* — ou *“O Vexame Universal”* — já ocorrida

nas Obras Universais das Divindades Cocriadoras, e sobre a qual os terráqueos nada sabem!

A dificuldade é que, na avaliação que faço desta Criação, estão referidos ambientes espirituais, Arquitetos Universais, Seres Espirituais, universo paralelo habitado por entes extrafísicos clonados e de mente “afetada”, e um “código-fonte” que veio de lá para cá, provocando o surgimento de vida em planetas e/ou satélites, dando origem a muitos tipos de seres terrestres e extraterrestres, e nada disso existe cientificamente comprovado.

Devido a essa abordagem, alguns dirão que tal análise é *“impossível de ser aventada ou mesmo verificada”*. Concordo perfeitamente, mas mesmo os cientistas tomam como verdade muitas suposições que eles ainda não puderam comprovar, além de, pelo pesado orgulho intelectual dos seus psiquismos, terem impedido muitas verdades de se fazerem conhecer, como as questões da **“deriva continental”** e das cidades antes tachadas de mitológicas, que os arqueólogos terminaram por descobrir.

O pior é que esse contexto estranho existe, porém nada disso cabe nas mentes daqueles que não sabem “ler o abc” do que se encontra além do *“Big Bang”*, pois lhes faltam elementos para tratar, pelo menos, do tema como uma conjectura séria! São “analfabetos” no campo da metafísica, da Espiritualidade, da ufologia e, acima de tudo, da Física Quântica, que explica o “jogo de colapsos” que as Consciências — situadas além das fronteiras da comodidade perceptiva acadêmica — sempre podem provocar sobre o “campo quântico de possibilidades” que elas mesmas criam a partir de outros níveis existenciais, feito “massa de modelar realidades”!

Ao propor as seguintes questões, novamente, convido o(a) leitor(a) à reflexão:

1. E se todo esse contexto for real?
2. E se o universo vizinho, diferente deste que ainda terá uma longa vida até o seu esgotamento, já estiver se exaurindo, e as incontáveis famílias de seres que lá vivem, encontram-se fazendo de tudo para “manipular” algumas civilizações do universo em que vivemos, pois precisam migrar ou mesmo “invadir”, por meio de tecnologias poderosas, o lado de cá, que eles pensam ser deles?
3. E se eles, devido ao desespero, não puderem esperar até o momento em que a Ciência dos terráqueos os perceba?
4. **E se eles forem os tais “deuses” que terminaram nos criando,**

meio que “sem querer”, de tanto imprevisto que fizeram com o CFD do Criador, transformado em DNA, para ver o que o mesmo poderia provocar e produzir na condição biológica?

5. E se extraterrestres estiverem produzindo “projetos evolutivos” que envolvam o “processo de especiação” da nossa espécie (*Homo sapiens sapiens*), quando terráqueos passarem a se reproduzir na Lua, em Marte, em outros satélites do nosso sistema, e em naves que levarão humanos para lugares incertos, além de Alpha Centauro?

São tantos “e se”, que os limites entre o que a Ciência pode descobrir sozinha e se utilizando dos fatos reveladores — caso bem estudados e honestamente verificados — que acontecem a todo momento, talvez dessem um novo rumo à atual visão de realidade que existe no “rebanho humano”, que sempre espera que alguém o conduza. Infelizmente, os fatos inexplicáveis são sempre encobertos e negados pelos interesses da mídia, associados ao de determinadas macroforças que comandam a vida na Terra. Isso é, no mínimo, vergonhoso!

Os seguintes fatos apontam que a verdade parece não ter mais importância na atualidade:

1. Mesmo os alinhamentos das cidades megalíticas com os pontos cardeais — que parecem desalinhadas se consideradas as atuais coordenadas dessas cidades, mas esses posicionamentos em épocas anteriores e nas quais o polo Norte estava localizado em outro lugar, mostram seus antigos alinhamentos —, que efetivamente confirmam que suas construções se deram em tempos bem mais antigos que o apontado pela Ciência clássica, não é levado a sério.
2. Quando autoridades respeitáveis e reformadas de muitos governos confirmam a presença de seres de outros mundos no nosso planeta, nem mesmo assim o tema extraterrestre é considerado digno de um estudo transparente.
3. As missões a Lua e a Marte tiveram suas fotos e filmes destruídos pela Nasa, enquanto os que essa agência do governo estadunidense divulgou, forçada pela lei, vieram com borrões e encobrimentos, e assim permanece a questão.

Desse modo, o que esperar dos darwinistas no sentido deles aceitarem qualquer postulado que contradiga as suas crenças, apesar dos indicativos que apontam em direção diferente?

E um dos temas que mais sofrem pela ignorância dos darwinistas é a questão da Consciência, que eles pensam ser um mero epifenômeno criado pelo cérebro, ou seja, são partidários da “causação ascendente”¹ — que corresponde a uma hipótese materialista e simplória sobre a Consciência.

Provavelmente, no futuro, o “Primado da Consciência”, defendido por Goswami, venha a se unir aos postulados da “Revelação Cósmica” para poder dar conta, usando da boa lógica científica, de todos os desdobramentos que o processo de “Reintegração Cósmica”² da Terra demandará, notadamente quanto ao esclarecimento de muitos temas que permanecem pendentes de explicação apropriada, que possa orientar as novas pesquisas.

Conforme abordei no já citado livro **“Favor Divino”**, Nietzsche nos chamava a atenção para o fato de que, desde Sócrates, a razão ocupa o posto mais alto da Filosofia. René Descartes, os iluministas e o idealismo de Kant compõem outros **pontos altos nesse “roteiro adaptado”, que foi “encenado no palco terrestre”, consagrando a “razão desperta” como marca filosófica desta humanidade, para desagrado do Criador.**

Decorridos todos esses bilhões de anos desde o surgimento do psiquismo de Javé, esse “descaminho do seu roteiro original” já não lhe desagrada. Na atualidade, esse “plano de outras Divindades”, posto em curso com o objetivo de ajudá-lo a “se recompor”, até virou motivo de estímulo ao processo de humanização do seu cansado psiquismo. Esse “plano” tem a ver com a elaboração de harmônios no universo físico-denso que pudessem influenciar o Criador por meio da **“ponte quântica existente entre o CFD de plasma e o DNA biológico”**, que permite o repasse de informações entre os dois universos — o material e o antimaterial — de um modo que muito surpreenderia o mundo acadêmico.

Entretanto, por que essa complicação de ter que retirar, de um universo biológico, as novas e inusitadas sequências codificadas e, depois, transferi-las para essa outra dimensão? Por que Brahma e os seus “filhos diretos” não desenvolveram alguma substância química por lá mesmo, no âmbito ou dentro da faixa de realidade na qual estão inseridos?

Eis o problema: na realidade paralela na qual eles vivem, nada pôde evoluir porque o mecanismo do lado de lá, estranhamente, não permite que o CFD seja reconfigurado por impulsos químicos ou de qualquer outra natureza

porventura existentes no universo antimaterial. Supondo existir nessa faixa, um padrão correspondente à “Segunda Lei da Termodinâmica”³ que conhecemos por aqui, a mesma não funcionaria por lá nos moldes compreensíveis sob a percepção da nossa lógica. Nesse universo vizinho, tudo que lá surgiu ainda é como antes, não cresce, não evolui e, no entanto, sofre os efeitos da entropia, ou seja, simplesmente morre ou se desconstitui.

Para quem já passou a vista pelos livros referentes aos “dramas” de Javé/Brahma (“*O Drama Cósmico de Javé*”, “*O Drama Espiritual de Javé*”⁴ e “*O Drama Terreno de Javé*”), conhece a abordagem ali feita, de que o Criador “caído” e as primeiras gerações de seus “filhos diretos” terminaram por se complicar em disputas e contendas, todas elas promovidas pela “doença” presente nos seus CFDs. Essa “doença” tem a ver com o “império do mais forte sobre o mais fraco”, enfim, com as intermináveis disputas entre aqueles seres, e o triste é que muitas delas perduram até os tempos atuais.

O fato é que a **desconfiança** sempre foi a tônica do CFD desses seres. Como esse tipo de “código com receita de vida”, ainda que “manipulado no seu fator de ativação”, como também em outros aspectos, foi “semeado” na Terra há 3,8 bilhões de anos, todos os seres vivos que surgiram a partir dessa “molécula-mãe”, “herdaram”, no seu DNA, toda a “carga de problemas genéticos” daqueles entes extrafísicos, em especial, a do Criador.

Dizendo de modo simples, foi assim que o “**gene da desconfiança**” foi transferido para os corpos dos animais terrenos.

Enquanto somente existiam seres unicelulares na natureza terrestre, esse gene pouco expressava do seu poder de “ensimesmar” o temperamento existencial de cada indivíduo. Contudo, com a explosão de vida pluricelular do período cambriano, quando diversas classes de seres pluricelulares, animalizados, simplesmente apareceram nos mares do planeta, o “gene da desconfiança” começou a fazer valer o seu poder. Foi nesse ponto da rota evolutiva que surgiram “**mutações singulares**” como a do **caso das lagostas**, referido anteriormente.

Novamente, reproduzo as reflexões de Paul Zak sobre o tema das lagostas:

“(...) a história evolutiva, que remonta cerca de 700 milhões de anos atrás. O primeiro personagem que encontramos nesse conto são as criaturas marinhas, tão primitivas que seu sistema nervoso operava mais como um código de computador do que o que se consideraria

um cérebro. Para computadores, a escolha é sempre binária, o que significa que existem apenas duas alternativas. Para esses animais, a escolha binária não era entre um e zero, mas entre sim e não, pára ou ande, aproxime-se ou retraia-se. Um impulso faminto levaria ao avanço. Um estímulo doloroso ou desagradável resultaria numa retração imediata. Uma ameaça estimularia o hormônio do estresse, o que resultaria na retração ou numa demonstração de hostilidade — a famosa reação ‘luta ou fuga’. Angústia mental sobre ambiguidade moral não fazia parte do pacote.

(...)

No segundo capítulo dessa história, porém, surgiu a necessidade de um comportamento mais flexível e sutil que a abordagem do tipo “tudo ou nada”. Animais mais complexos como as lagostas, devem juntar-se para copular, mas a reação de lutar ou fugir, induzida pela ansiedade, que sempre fez os animais serem cautelosos em relação aos seus iguais, era muito valiosa para ser desprezada. Afinal, a cautela também ajuda na sobrevivência dos animais. Portanto, o recomendável era uma suspensão temporária, acionada pela circunstância correta, um tipo de trégua que duraria apenas o tempo suficiente para a cópula e reprodução, e desapareceria em seguida, com o término do encontro.

Sempre que uma inovação ocorre na natureza, é acidental, ínfimos incrementos num tempo absolutamente longo. Em sistemas vivos, o mecanismo mais primário de alteração conta com erros genéticos, como mutações. Quando uma dessas inovações acidentais supera as existentes, o novo gene permanece e se espalha. É ‘naturalmente selecionado’ pelo próprio sucesso, o que significa que mantém um tipo de criatura específica viva por mais tempo, em maior quantidade, produzindo crias em maior número. No entanto, como se trata de um processo de tentativa e erro, novos sistemas são gerados sobre os antigos, com novas instruções e aprimoramentos, em vez de substituições.

De volta aos mares antigos aos quais estamos nos referindo, num tempo em que a vida animal se resumia à vida marinha, o primeiro hormônio do estresse ‘luta ou fuga’ era uma substância chamada vasotocina, constituída de nove aminoácidos. Um belo dia, acidentalmente, alguns peixes, há muito esquecidos, vieram ao mundo

com dois desses nove aminoácidos alterados. A nova proteína que se formou pela alteração dos aminoácidos — o que hoje chamamos de isotocina — produziu um efeito exatamente oposto ao estresse do tipo ‘luta ou fuga’. Essa nova molécula reduziu temporariamente a ansiedade, o que permitiu ao animal relaxar, ter menos medo de um encontro e facilitou o sexo, o que comprovadamente era uma boa consequência. Por isso, essa proteína mutante permaneceu e proliferou, tornando-se, com o tempo, um traço padrão da química corporal dos peixes. Com a isotocina, o antigo hábito de se aproximar ou se retrair, estendeu-se e passou a abranger a aproximação mútua. A proteína acrescentou uma alternativa fundamental para a reação do tipo ‘luta ou fuga’, a ‘diversão’.

*Por meio de milhões de outras mutações ao longo de centenas de milhões de anos, a isotocina e a vasotocina continuaram a evoluir à medida que a natureza abriu caminho, por puro acaso, para formas mais elevadas de vida, finalmente chegando a mim e a você. Com o tempo, **uma variante da isotocina se metamorfoseou em oxitocina** (grifou meu). A vasotocina se transformou em vasopressina e arginina, e hoje, juntas, ainda atuam como dois propulsores que guiam nosso comportamento reprodutor – e moral.”*

Foi nesses termos de um contexto caótico no campo dos impulsos comportamentais, que teve lugar o impulso sexual, e em decorrência deste, entre riscos e ardis, foram sendo produzidas, por mutação, novas e mais complexas moléculas, até chegar a já referida oxitocina. Contudo, aqui, não posso deixar de pedir a atenção para uma expressão inusitada, que o neurocientista Paul Zak dela se utilizou para explicar como uma variante de isotocina se transformou em oxitocina: **“metamorfoseando-se”**.

Será isso mesmo? Se for, caberá às gerações futuras descobrirem o que um traço comportamental — a ostentação da metamorfose — das primeiras formas de vida do universo vizinho, estava fazendo numa molécula orgânica. Estaríamos diante de um “jogo” tipo **“matrix”**, no qual Mentes situadas numa outra dimensão existencial ou faixa de realidade, influenciam — de lá de **“fora da matrix”** — uma molécula a fazer um movimento radical em si mesma, dando, assim, início a um novo modo de levar a sua vida por aqui?

As mitologias afirmam que os micro e macro-habitantes do universo vizinho se metamorfoseiam, só que situam a metamorfose como sendo o

“retrato do poder dos deuses”, quando, de fato, conforme tenho exposto nos livros que produzo, representam uma das faces da “doença” do Criador “caído”, que faz de tudo para “outrar-se”⁵ no sentido de construir um “Eu não doente”!

Assim, o que entendemos por metamorfose seria o modo natural, comum ao psiquismo desses seres, de tentar evoluir, aspecto que, infelizmente, nunca lograram. Por isso esse tipo de “código de vida apodrecido” foi transferido para o nosso universo, na busca de alternativas evolutivas. Como já relatado, aqui ocorreu o que lá jamais teve lugar: algumas formas microbianas evoluíram para a condição de célula, o que impediu a vida biológica de se metamorfosear. O que os humanos entendem por evolução, surgiu como maneira de superar esse impasse, ainda que numa ou noutra etapa, micróbios e moléculas específicas relembrem como era o processo de metamorfose e dele façam uso, como apontado por Paul Zack.

É quando o tal “acaso inteligente” ou “acaso perseguidor de certos padrões de resultado”, pode e deve ser substituído por “interferência de alguma Consciência” seguindo um projeto ou um objetivo.

Edward Fredkin⁶ notabilizou-se por construir uma visão da natureza a que ele chama de “Física Digital”. Seu conceito básico e inovador é de que a “informação” é o material mais básico do que é feito o universo, sendo a energia, a matéria, e o espaço-tempo, desdobramentos da mesma. Ele defende a ideia de que:

“O universo é literalmente um computador e ele está sendo usado por alguém, ou por alguma coisa, para resolver um problema.”

— EDWARD FREDKIN

Segundo essa linha de análise — atente bem o(a) leitor(a) — a história do universo é algo ainda a ser escrito pela “Inteligência” que ele criará quando a função do “entrelaçamento quântico universal” estiver “bem atendida” em termos do que os elétrons guardam em suas memórias.

No livro *“A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador”*⁷, abordo essa e outras questões que se encontram na vanguarda da busca humana, ao mesmo tempo em que lamento quão poucos ousam por ela “passear”. Einstein, modesto, costumava afirmar não ter nenhum talento a

não ser o da curiosidade, e essa característica é tão determinante, que os fundamentalismos religioso e político investem, há alguns milênios, em destruir essa capacidade do ser humano de se afastar da ignorância!

Seja como for, a confusa situação de como a desagregação e a desconfiança — herdadas da “doença” grafada no “código genético” do Criador “caído” — perduram até os dias atuais, é notória na medida em que se pode facilmente perceber que o ser humano terráqueo é programado para desconfiar do seu semelhante.

Mais ainda: entre os humanos, há aqueles cuja índole pessoal mais se assemelha a dos piores predadores da natureza planetária, enquanto outros preferem perder, a terem que cometer qualquer deslize que os incomode moralmente. Como isso é possível entre membros de uma mesma espécie? Ainda bem que é assim, pois a evolução somente é possível a partir desse tipo de perspectiva.

Será que a natureza humana é tão-somente uma atualização do “CFD universal” e que, por isso, contém todos os “problemas e possíveis soluções evolutivas” para serem trabalhados por seres racionais e ainda influenciados por outras inteligências que se encontram além, tentando resolver o “Caos”? Em outras palavras, por sermos a espécie mais recentemente surgida, seríamos a atualização desse “fardo existencial” e o portamos em nós por meio do código do DNA, cabendo aos psiquismos libertos recodificá-lo?

12ª Constatação:

O que se pode observar no extremamente lento método de evolução do DNA, desde o seu estágio unicelular, conforme se deu na Terra — e assim permaneceu por mais de 3 bilhões de anos, replicando a si mesmo, até “conseguir” se transformar em seres pluricelulares —, até o *Homo sapiens sapiens*, seguramente perceberemos que é o mesmíssimo processo que ocorreu com o “corpo holográfico” do Criador: ele surgiu no universo antimaterial, similar a uma “ameba físico-química” e depois “evoluiu” para um “monstro-bicho tipo máquina vegetal e animal”.

Com o aparecimento da vida biológica que teve lugar após a “semeadura” do seu “CFD manipulado” nos mundos deste universo, é que começou a tentativa dele em receber as “influências biológicas” — ou seja, “influências espirituais ou vibratórias ou ainda energéticas” —, via DNA, recurso que atualmente acontece como sendo a “humanização da natureza mecanizada do Criador”.

Contudo aqui impera uma palavra complicada e que dela pouco entendemos: o condicionamento.

Pavlov⁸ engendrou uma engenhosa experiência sobre o condicionamento de animais. Primeiro, ele observou que os cães do seu experimento sempre salivavam com a visão da comida, e que isso não acontecia quando ele apenas tocava uma sineta. Assim que eles comiam, os pratos vazios eram retirados. Numa etapa seguinte, ele passou a tocar a sineta nos momentos em que trazia o alimento, e os cães também salivam. Mais tarde, bastava o som da sineta para deixá-los salivando, na expectativa louca de receberem alguma comida.

Dependendo de como se observe, a evolução humana tem muito a ver com a questão do condicionamento, até por questões de sobrevivência. O não se pôr em risco, o não ousar, o não ser curioso, o não se indignar, indicam o quê? A permanência num determinado patamar, porém a evolução jamais estaciona.

Nesse ponto, aparecem as “forças-indivíduos predadores”, que dominam os mais fracos como se esses fossem integrantes de “tipos de rebanhos” às suas disposições, e a religião e a ideologia política fanatizadas são o “tempero” mais fácil de ser implementado junto aos psiquismos fragilizados e desavisados dos humanos que procuram “salvadores” e “super-heróis” que resolvam seus problemas e os mantenham sob o “som da sineta”!

“Além dessas forças, o ser humano está condicionado a quê?” — poderá um desavisado questionar. A tudo, como hora de comer; comer o de sempre; ter que acreditar em deus; pertencer a uma religião; sentir temor e devoção a deus; dizer certas expressões exclamativas o tempo todo (por exemplo: graças a deus!); e isso sem mencionar os condicionamentos daqueles viciados em corrupção, em sexo ou/e em drogas, além de outras atitudes do manual da neurose, da perversão e da deformação da vida que, por ela mesma, já representa uma face de um processo distorcido!

Infelizmente, o aspecto mais intrigante do nosso condicionamento é o de que os efeitos importam mais que os fatos, pois esses não tem importância, bastando apenas o som de um “sinal característico” ser repetido para nos deixar “salivando” pela missa, sessão espírita, culto, voltar-se para Meca, dentre outras posturas.

Perguntinhas pertinentes e suas respostinhas desagradáveis:

1. Sem a motivação do orgasmo, qual seria a razão para os animais

biológicos repassarem seus genes aos seus descendentes? Nenhuma, no caso dos animais irracionais, mas os racionais poderiam fazê-lo tendo um determinado objetivo em mente.

2. Quem fez com que o processo fosse assim? Entre os animais biológicos, Shiva criou o sexo e Vishnu fez surgir o desejo sexual.
3. Com que objetivo? Levar o “código” do Criador adiante e de qualquer maneira, forçando o processo da vida, de modo a continuar a “escravidão” das suas “criaturas-ferramentas”.
4. Por que existe dificuldade de concentração, de meditação da parte dos seres humanos? Para que a dependência e o condicionamento continuem os mesmos, pois isso interessa ao controle impiedoso do Criador e das estruturas terrestres ou não, que mantêm o que se passa na Terra sob absoluto domínio.

Sobre essa questão da concentração, a revista “*Superinteressante*” trouxe uma reportagem de Rodrigo Rezende⁹, que dizia o seguinte:

“Concentrar-se não é ‘natural’. Nenhuma outra espécie ou ancestral nosso precisou disso. Nosso cérebro simplesmente não foi moldado pela evolução para passar muito tempo focado no mesmo assunto. Nossos parentes evolutivos — outros mamíferos, aves e répteis — precisavam sempre tomar decisões rápidas. Fugir de um predador, caçar, procurar abrigo. Para todos os outros animais, reparar em tudo o que se passa ao redor significa sobreviver. Por isso o nosso cérebro foi moldado para ser rápido demais e atento a tudo o que acontece à volta. Passou milhares de anos se aprimorando para prestar atenção nos perigos das savanas, e não em um ponto estático. Só agora, que temos a vida fácil, em que compramos nossa comida no supermercado, é que se tornou necessário concentrar.

Para nossa sorte, e ao contrário de outros animais, somos capazes de acionar nosso neocórtex — a parte mais evoluída do cérebro — para tomar decisões a longo prazo, como a de estudar para uma prova, por exemplo. Mas, para cumpri-las, precisamos lutar contra a parte mais primitiva que carregamos — nosso cérebro reptiliano. Ele foi programado ao longo de milhares de anos para buscar recompensas imediatas do tipo comer o que se está enxergando,

ainda que não se sinta fome.

Segundo especialistas em meditação, nosso cérebro trabalha normalmente em uma frequência muito alta, lidando com uma grande quantidade de informações, eis o problema que nos dificulta a concentração.

O primeiro passo é baixar o fluxo dos pensamentos a um nível parecido com a meditação. Para isso, foque na respiração. Preste realmente atenção ao ar que entra e sai, na quantidade e intensidade. Assim, você esvazia (pacifica) o cérebro.

O exercício mais difícil é focar em um ponto estático. Imagine a chama de uma vela e tente controlar o movimento com a mente. O desafio aqui é pensar em nada – o que é muito difícil. Nossa cabeça preenche espaços com pensamentos.”

Aqui, passa a valer a plasticidade do cérebro, que tem a ver com a capacidade dos seus neurônios de se redistribuírem de acordo com a necessidade e o adestramento, quando é o caso.

Assim como outros traços da personalidade, a habilidade de se concentrar varia de uma pessoa para outra. Isso acontece porque alguns têm um controle melhor sobre a parte reptiliana (mais primitiva) do cérebro.

Por sua vez, a psiquiatra Ana Beatriz Barbosa¹⁰ explica o que:

“...há de errado na nossa cabeça: o defeito está numa parte do cérebro chamada lobo frontal, que fica próxima à testa. O lobo frontal é uma espécie de gerente-executivo do cérebro. A função dele é coletar informações e enviar ordens em forma de impulsos elétricos para outras partes do órgão. Mas como todo bom gerente, exige um pagamento adequado para trabalhar. No caso, o pagamento é uma dopamina, uma substância que regula a interação entre neurônios. Sem ela, os neurônios do lobo frontal não conseguem conversar direito. Quando isso acontece, o cérebro começa a funcionar como uma empresa sem CEO: ganha o setor que grita mais alto. Com medo da falência, a empresa cerebral ainda pode tentar criar uma espécie de caixa dois de dopamina. Aí começa uma busca desesperada por tudo que promove a produção do neurotransmissor: açúcar, sexo, nicotina, álcool, drogas.”

Evoluir não é nada fácil! Seja lá quem projetou a condição humana ou mesmo quando e se isso foi resultado de algum tipo de projeto, o corpo animal que possuímos, foi feito para ser comandado de fora, ou seja, por uma Consciência e/ou Inteligência situada além do mesmo, aspecto que a neurociência já começou a descortinar, ainda que, na visão acadêmica, tenha sido o “acaso”, a causa desse tipo de contextualização. Fico efetivamente impressionado como o “acaso dos acadêmicos” sempre assume faces distintas, sendo que, nesse caso, o seu “rosto” é o de uma crueldade superlativa para com os “azarados agentes da vida biológica”.

E assim, por entre “deuses amorosos e impiedosos”, “acazos bonzinhos e cruéis”, vamos nós, os seres biológicos racionais dessa história, evoluindo com as constatações da Ciência e da religião. Entretanto, falta sabedoria, senso crítico e visão profunda, esclarecida espiritualmente, se efetivamente quisermos construir um “entendimento adulto” sobre a evolução. Até lá, somos meio que obrigados a tratar de trivialidades, nesses dois campos!

De qualquer modo, no sentido biológico, evoluímos até o ponto em que surgiu a racionalidade. A partir daqui, diversos condicionamentos foram impostos à humanidade, a qual, por ter se libertado (Eva, ao “comer a maçã”) do jugo automático feito por meio do seu código genético, teve que ser posteriormente condicionada a determinados comportamentos para que algum tipo de controle continuasse a ser exercido sobre o “rebanho humano” — ainda que esse contexto se pareça com um filme de ficção científica horrorosa, a realidade é muito pior!

Quem melhor traduziu essa questão do condicionamento foi um estudo de Julian Jaynes¹¹ sobre o tema da “mente bicameral”, que é a tese por ele apresentada no livro *“A Origem da Consciência no Colapso da Mente Bicameral”*.

A sua ideia principal reside na perspectiva inquietante de que, até pouco tempo, o ser humano jamais teve consciência crítica de suas ações. E o que teria acontecido então, há cerca de cinco mil anos, que modificou essa situação? **A resposta é a invenção da escrita. Então, o que haveria antes disso? Segundo o psicólogo Jaynes, antes do “Eu”, havia o processo da “mente bicameral”, que “escravizava” os humanos ao controle do comando à “voz dos deuses”.**

A “mente bicameral” — ou mente de duas câmaras —, consistia no aspecto da Consciência se dividir em duas partes distintas: a percepção da “voz dos deuses” incidindo sobre uma delas, como sendo o primeiro

movimento do psiquismo, e o impulso que o “Eu humano” recebia para agir em obediência à mesma. Em outras palavras, o psiquismo humano operava como se genética e biologicamente movido por dois compartimentos distintos: um para receber ordens e outro para viabilizar a obediência às mesmas. Funcionava como se a “voz dos deuses”, incidindo em um dos hemisférios cerebrais, fosse educando a racionalidade humana no campo da obediência.

Os homens não pensavam no sentido como, na atualidade, julgamos compreender. Respondiam simplesmente a estímulos alucinatórios e sua única perspectiva era a de obedecer “racionalmente” à “voz dos deuses”, que fluía continuamente pelo seu psiquismo.

O processo referente ao fim da “mente bicameral” começou, como Julian Jaynes apontou, com o surgimento da escrita e, conforme penso, chegou ao ápice há cerca de 2800 anos, quando seres humanos dedicados à busca filosófica — que, na época, englobava o que atualmente entendemos como sendo o campo da Ciência —, como Hesíodo, Tales de Mileto, Kapila, Sidarta Gautama, Lao Tse e Confúcio, dentre outros, adicionaram o comportamento crítico aonde, antes, parecia existir somente obediência.

Quanto tempo levará para que o atual método científico consiga descortinar essa questão de extrema importância para a compreensão da vida humana e do seu significado cósmico-espiritual?

Assim, o “sistema bicameral”, que sempre escravizou os seres humanos, finalmente foi rompido!

Conhecer essa questão da “mente bicameral” é fator essencial na “busca da verdade” em torno da compreensão do sentido da vida humana. Contudo, esse é um dos temas em que a Ciência não consegue caminhar, pois desconhece tudo sobre a Consciência e o seu papel na vida e na tessitura da realidade em que vivemos.

13ª Constatação:

O ser humano precisou e precisa ainda se libertar dos efeitos dessa “corrente mental” que, incontáveis vezes por segundo, invade a mente particularizada de cada pessoa, como se trazendo para ela as últimas novidades — que no caso, não existem, pois é a mesmice neurótica de sempre — da espécie, ao mesmo tempo em que captura dele o que produziu e “marcou” nas suas sinapses cerebrais, seguindo essas informações para os “campos quânticos”, chamados de “campo

mórfico”, de “inconsciente coletivo”, como também para o “campo das egrégoras”.

Ainda estamos longe de sermos racionais livres do “peso da podridão da coleção dos arquivos ancestrais”, e sábios para nos conduzir pelos princípios e propósitos que a “razão filosófica humana” puder criar.

Evoluímos, até agora, o que nos foi possível. Entretanto, muito mais ainda está por surgir, pois, para o bem ou mal da humanidade, ela está prestes a assumir o controle do seu próprio futuro, e talvez seja essa a única maneira de efetivamente termos um, apesar dos perigos que esse tipo de ousadia implica.

A EVOLUÇÃO QUE TERÁ DE VIR: O NOVO HOMO SAPIENS

É MESMO SURPREENDENTE que certos traços aparentemente virtuosos ou com capacidade de nisso se transformar, tenham surgido no meio do caos universal. Como o próprio ateu e biólogo anteriormente referido Richard Dawkins pondera (em entrevista na “*Revista Veja*”, edição de 27/05/2015), o nosso universo é tão singular que:

“...tem precisamente as propriedades que deveríamos esperar dele, caso não houvesse, bem lá no fundo, qualquer desígnio ou propósito, nem bem nem mal, nada, exceto uma indiferença cega e sem misericórdia.”

Ainda assim, a criatividade humana e a espiritualidade que marcam tanto a nossa natureza como o nosso psiquismo, parecem ser produtos especialíssimos na “vida cósmica”, e não será pela “evolução darwinista” que essas características singulares poderão ser compreendidas. De acordo com os relatos mitológicos, elas são surpresas até mesmo para os decaídos “Criadores Divinos” ou “alienígenas” que atuaram no “jogo de dados” que produziu o “código químico” a partir do qual a vida biológica misteriosamente foi edificada.

Jeffrey Sattinover¹ assim reflete sobre essa questão:

“...de em que ponto de um Universo puramente determinista, composto por nada, exceto máquinas (nota do autor: conforme a visão reducionista) (por mais que algumas estejam densamente encaixadas

umas dentro das outras, como caixas chinesas), pode existir lugar para a liberdade de escolha? Para o livre-arbítrio? Para o significado? Para a compaixão?”

O evolucionismo darwiniano, que responde pela face biológica do materialismo científico, simplifica toda a questão evolutiva a uma trivial necessidade de sobrevivência dos genes, como defende Richard Dawkins. De fato, penso que isso é parte da questão, mas nunca o seu contexto mais amplo.

Amit Goswami, em seu livro *“Evolução Criativa das Espécies – Uma Resposta da Nova Ciência para as Limitações da Teoria de Darwin”*, afirmou que:

“Os darwinistas tentam compreender a tendência evolucionária na direção da complexidade e da inteligência. Mas suas tentativas baseiam-se no conceito do determinismo genético segundo o qual a evolução é determinada e movida pela necessidade de sobrevivência dos genes (Dawkins, 1976). Esta ideia permite que os biólogos atribuam todo e qualquer indício seguro de inteligência da vida — sentimentos, significados e, com certeza, a própria consciência, apenas citando alguns — a epifenômenos adaptativos do impulso genético pela sobrevivência às mudanças ambientais.”

A **evolução que terá de vir** já está chamando a atenção do conhecimento humano, mas como faltam maturidade, honestidade e sabedoria às elites desta sociedade planetária, mais uma vez as instituições poderosas terrenas estão produzindo os seus projetos furtivos, às escondidas, sem discussão ética. E assim tem caminhado a humanidade: sem saber como ou por onde prosseguir, sendo “manipulada por deuses e pelo acaso”.

Perceber o lado obscuro da vida não é mesmo uma tarefa fácil, e mais profunda ainda ela se torna, porque o desconhecido tem muitos painéis, sendo o mais complexo deles o que a Ciência poderá vir a fazer do ser humano.

Edward Wilson², biólogo estadunidense, tem afirmado que o ser humano pode, finalmente, dispensar a evolução biológica que o produziu e o trouxe até este estágio, pois, a partir de agora, graças às técnicas de manipulação genética, ele conseguirá ser o que desejar ou o que puder produzir de

transformações nele próprio.

Em outras palavras, além de nos chamar a atenção para o fato de que existe mais de um tipo de evolução, ele alerta que a Ciência poderá fazer do ser humano um ente algo diferente do tipo que atualmente conhecemos. Contudo, como a Ciência se corrige? Como ela poderá ser instrumento fiel da “decifração da realidade”, da promoção de transformações, caso o objetivo dos processos ou a razão que os move, estiver situado além do que poderíamos denominar de “interesse científico”?

Não existe retorno possível para o incontestável aspecto de que a humanidade está dando os seus primeiros passos no seu próprio processo de especiação. O que isso significa?

Há cerca de 10 mil anos, não havia nenhum cachorro na Terra, e somente existiam três espécies de lobos: o lobo cinzento (*Canis lupus*), o lobo-vermelho (*Canis rufus*) e o lobo-etíope (*Canis simensis*) — os demais lobos pertencem a subespécies.

Uma dessas, o *Canis lupus*, por ter sido levado a conviver com os seres humanos, começou a passar pelo processo de domesticação e disso surgiu a sua especiação, tornando-se o cão, subespécie chamada *Canis lupus familiaris*, com suas diferentes raças.

A especiação ocorre quando integrantes de uma mesma espécie são levados a viver em regiões diferentes e as influências climáticas de cada lugar provocam modificações, ou seja, mutações adaptativas neles, o que leva a diversos tipos de diferenciação nesses, que antes não existiam. Por exemplo, o *Canis lupus* que foi para o Norte, ali aumentou a pelagem para se proteger do frio, enquanto o que se deslocou para a África, passou a diminuí-la devido ao calor intenso. Assim, mil anos depois, a especiação já havia provocado determinadas modificações no *Canis lupus*.

Esse lobo, ao ser domesticado pelo *Homo sapiens* e levado a viver em inúmeras regiões do planeta, com climas distintos e alimentação diversa, além da reprodução dirigida pelos humanos, foi submetido a uma especiação muito grande, e atualmente existem mais de 2 mil raças de cachorros, todos originados dele — o *Canis lupus*.

Portanto, 10 mil anos depois, o panorama existencial derivado de uma só espécie era mesmo inimaginável à época em que o processo de especiação começou a ter lugar. O *Canis lupus* veio a produzir uma versão totalmente diferente da original, inclusive no sentido de que o lobo, historicamente, não gosta do ser humano, enquanto os cachorros se transformaram no “melhor

amigo do homem”.

Uma especiação similar a que se deu com o *Canis lupus* está acontecendo com a nossa espécie *Homo sapiens*. Como?

Não vou, aqui, sequer me referir às questões relativas à manipulação genética que está ocorrendo, ainda que não tenha havido a necessária discussão ética sobre o tema, pois, como já alertado por Wilson, o ser humano já “pode abrir mão da evolução de feição biológica que teve lugar até agora, e simplesmente definir o que ele quer ser”!

Em outras palavras, até aqui a humanidade progrediu lentamente, mas agora, já pode deixar de lado o processo “natural” de desenvolvimento biológico e decidir o tipo de evolução a ser buscado, seja por meio da manipulação genética ou outra tecnologia.

Para tanto, poderá até utilizar dos “dispositivos” tipo “*chips*”, que já se encontram disponíveis para aqueles que integram as elites e as macroforças que dominam a vida na Terra.

Observe bem o(a) leitor(a) que, até 2030, a NASA planeja enviar seres humanos para Marte, e logo a nossa humanidade viverá nesse planeta. Alguns humanos existirão também em bases na Lua e outros habitarão em naves que viajarão pelos confins do Sistema Solar.

Os seres humanos que nascerem na Lua continuaram sendo *Homo sapiens*, mas seus corpos já vão se adaptar a essa nova condição. Quanto mais humanos nascerem por lá, mais a genética se especiará no sentido de adaptar a antiga condição do DNA humano para atender às exigências do contexto lunar. Com o passar do tempo, surgirá, então, uma subespécie humana na Lua.

Em Marte, acontecerá algo similar, quando um outro tipo de adaptação ocorrerá com a formação de outra subespécie. E os que nascerem nas naves, em ambiente sem gravidade, com o tempo, possivelmente, não terão pernas, mas quatro braços — as pernas não serão necessárias porque não têm utilidade alguma num ambiente sem gravidade. Serão seres humanos diferenciados, uma outra subespécie, ainda que a natureza psíquica básica seja a mesma.

A presente capacidade que se tem, na atualidade, de gerar modificações no genoma da espécie humana, também vai incrementar mais ainda a geração de tipos de *Homo sapiens* cada vez mais diferenciados.

É preciso que entendamos que, efetivamente, a nossa espécie vai passar por um amplo processo de especiação associada ao aspecto que Edward

Wilson se referiu ao afirmar que o ser humano poderá ser o que ele desejar, bastando, para tanto, saber usar as condições do seu avanço tecnológico! Portanto, a especiação não só se dará pela influência ambiental.

O progresso tecnológico e as terapias genéticas que modificam nosso DNA turbinarão a própria inteligência humana, e isso também vai causar mais diferenciação no processo de especiação.

Tudo o que espero é que esses futuros núcleos humanos situados em outros lugares, possam recomençar a estruturar os padrões do modo de existir da nossa natureza, sem que sofram a desgraçada influência desses seres que nunca souberam cuidar da cota que lhes é própria e que continuam “se afundando no oceano de mediocridade” do qual emergiram e jamais dele conseguiram se libertar. Nós poderemos fazer isso e ainda ajudá-los!

Assim, quantas espécies e subespécies a atual *Homo sapiens* poderá produzir tanto pelo processo de especiação quanto pela habilidade de manusear o “jogo da vida” — ou seja, a engenharia genética? Daqui a uns mil anos, quantos tipos de *Homo sapiens* virão a existir a partir do nosso DNA atual? E daqui a 10 mil anos?

E quando nosso DNA estiver sendo cedido para civilizações outras, que virão buscar o “código de vida mais engenhoso do universo” para ser “semeado” em outros mundos?

Quantas subespécies humanas poderão existir daqui a 100 mil anos?

Que tipos de formas corporais aqueles que herdarão a natureza humana poderão ter em outros mundos? Ninguém sabe!

Se aplicarmos isso a nossa espécie, então a **reprodução sistemática** de novos tipos poderia dividir a humanidade em milhares de linhagens, com o passar do tempo. Com a **engenharia genética**, esse processo poderia ser **imensamente acelerado**, até mesmo numa só geração.

A especiação do *Homo sapiens* é tão somente uma questão de tempo e virá pela necessidade de sobrevivência da espécie. É inevitável, gostemos ou não! Como ela se processará, é o próximo “filme” do qual estaremos todos participando, de um modo ou de outro.

Tudo isso está sendo planejado, posto que inevitável! Nossos Espíritos já estão trabalhando e preparando as nossas próximas encarnações ou imantações em corpos mais resistentes, frente as intempéries da vida cósmica.

O que foi muito importante para nossos Espíritos ao se imantarem num corpo de carne para poder, assim, produzir, absorver e apropriar produtivamente o “algoritmo hormonal do amor”, agora está sendo deixado

de lado, porque vamos ter que criar “mentes coletivas” no âmbito de uma “Mente Maior” ainda — o “Biocosmos Inteligente”, ou algum outro conceito que a isso se assemelhe —, e talvez tenhamos que nos dividir pelas diferentes rotas universais futuras.

Alguns vão continuar no aspecto biológico, ainda que com muitas modificações, outros ostentarão a “inteligência artificial” como meio de expressão, e existirão aqueles que constituirão uma espécie biônica, meio carne, meio computador, ou algo similar.

Desse modo, todas as épocas, com suas gerações, têm lá as suas próprias suposições, crenças e certezas. O conjunto dessas “supostas certezas” impõem os limites de cada momento histórico.

A evolução mental e espiritual que é possível a cada época — sim, existe a evolução biológica, a tecnológica e a espiritual, todas elas demarcando a “evolução possível” —, sempre aconteceu de maneira extremamente lenta, tão ou mais devagar que o progresso humano ocorrido ao longo dos milênios. Contudo, premidos e pressionados pelos problemas ambientais que ainda começarão, as elites deste mundo implementarão um vertiginoso programa de “escape” e de “semeadura” da nossa espécie aonde for possível.

Ray Kurzweil³, no seu livro *“A Era das Máquinas Espirituais”*, referindo-se a um problema com que esta humanidade ainda terá que se defrontar — ou seja, a questão da “inteligência artificial” no futuro planetário —, questiona se seria possível *“uma inteligência criar outra inteligência mais inteligente do que ela própria?”*. No caso, Kurzweil argumenta se seria possível a inteligência humana ter criado uma outra (“inteligência artificial”, via tecnologia computacional) mais inteligente que ela própria.

Vou apenas tomar por empréstimo o sentido do questionamento de Kurzweil, para introduzir a questão do Criador “caído” e do “jogo do dar e receber”, existente entre Javé e as suas criaturas — apontada nos livros que produzo —, sobre o que, obviamente, o autor citado nada considera.

Assim, questiono: poderia uma Inteligência criar outra mais “habilitada e inteligente” do que ela própria, para lograr fazer o que ela jamais conseguiu, que é “evoluir”? Em outras palavras: poderia uma Inteligência Divina, com “problemas”, ter gerado outra mais “habilitada à evolução”, para dela se servir?

E se for exatamente esse o objetivo de tudo o que Javé tentou realizar, mas não conseguiu? Daí a necessidade do surgimento de “espécies cósmicas habilitadas a evoluir”. A evolução dessas contribuiria decisivamente — por

meio da ponte vibratória do CFD do Criador, presente nos corpos das suas criaturas — com o progresso e com a “redenção” da Divindade “decaída”.

Aconteceu exatamente isso com algumas poucas espécies evolutivas deste universo, compreendam os cientistas ou não, gostem ou não os religiosos! A mais recente foi a nossa espécie humana terráquea, que contou com “interferências indevidas” para a “vontade do Criador”, mas “providenciais”, de modo que o animal terráqueo pudesse despertar para o “progresso espiritual”, única maneira de evoluir o indivíduo e deste propiciar evolução — ou problemas, se o seu grau evolutivo estiver situado em padrão complicado, como é o caso do atual estágio terreno, em geral.

Para compreender esse contexto multifacetado e que se situa muito além do horizonte científico, penso que somente será possível por meio das condições propiciadas pela **somatória dos termos da “Evolução Criativa” de Goswami, com a noção do “ocaso da Consciência de um Ser-criador e do seu Projeto Criativo”, cujo “colapso” pode explicar o caos e a complexidade do que se percebe a partir da vida que levamos.**

Como isso não se dará tão cedo, até lá, é suportar o **tédio do discurso** daqueles que acreditam que um “deus maravilhoso” cuida de nós, ou de que o “acaso nos privilegiou ou nos prejudicou”, conforme a ótica que se observe. Além do que, é bom sempre recordar que **a evolução não é, nem nunca foi, resultado somente da “seleção natural”,** como acreditam os darwinistas. Haja tédio!

Essa crença simplória dos darwinistas, em pleno século XXI, não homenageia a ousadia e a antevisão genial de Darwin, ao tempo em que ele viveu.

DA “MOLÉCULA-MÃE” À “SINGULARIDADE DE KURZWEIL”

MUITO RELUTEI sobre se o que apresentarei neste capítulo já o deveria ter abordado no primeiro, como maneira de fornecer uma visão geral do que os cientistas têm chamado de “roteiro da evolução” que atualmente vemos acontecer ao nosso redor. Contudo, optei por somente fazê-lo nesta altura da abordagem, pois preferi antes introduzir as reflexões e ponderações que pudessem amparar uma compreensão mais “adulta” dos mesmos.

Assim, o “Darwinismo” jamais apontou qualquer aspecto significativo acerca do futuro da evolução da natureza humana, até porque, como o próprio Darwin afirmou em 1859, o ser humano teria evoluído dos primatas, o quê abalou tanto as pessoas, que esse contexto sempre fica nas entrelinhas das impressões sobre a questão. Isso porque, no mais íntimo do psiquismo humano, parece existir a crença de que fomos criados separadamente, por Deus, mesmo com todas essas relações de aparentes semelhanças entre os “bichos” mais recentes da natureza terrestre.

Muitas pessoas considerados importantes e ilustres, muitos estudiosos respeitáveis em diversas áreas da Ciência, e outros não tão respeitáveis assim, acham-se “especiais” e, portanto, não aceitavam e ainda não aceitam a condição bicho-animal dos seus corpos. Segundo Jared Diamond¹, “*um quarto de todos os bacharéis americanos, mantêm essa crença até hoje*”, ou seja, a de que fomos criados à parte, por Deus.

Defendendo essa sua interessante tese, a qual, um pouco mais, e o(a) leitor(a) poderá melhor compreender o tema apresentado acima, Jared continua em seu livro “*O Terceiro Chipanzé – A Evolução e o Futuro do Ser Humano*”:

“Mas, por outro lado, obviamente somos animais, com as habituais partes corporais, moléculas e genes. Até o tipo de animal que somos é visível. Externamente, somos tão semelhantes aos chimpanzés que os anatomistas do século XVIII que acreditavam na criação divina já reconheciam as nossas afinidades. Imaginemos pegar algumas pessoas normais, despi-las, privá-las de todas as suas posses e da capacidade da fala e reduzi-la a grunhidos, sem modificar nada na sua anatomia. Nós as colocamos numa jaula no zoológico ao lado das jaulas dos chimpanzés e deixamos que o resto de nós, gente vestida e falante, visite o zoológico. Aquela gente muda enjaulada seria encarada como o que verdadeiramente é: chimpanzés com poucos pelos e que caminham eretos. Um zoólogo extraterrestre imediatamente nos classificaria como uma terceira espécie de chimpanzé, ao lado do pigmeu do Zaire e do chimpanzé comum, do resto da África tropical.

Estudos de genética molecular demonstram que ainda compartilhamos mais de 98% de nosso programa genético com os outros dois chimpanzés. A distância genética total entre nós e os chimpanzés é ainda menor do que a distância entre espécies de pássaros muito próximas, como as juruvieras de olhos vermelhos e as de olhos brancos. Assim, ainda carregamos a maior parte da nossa velha bagagem biológica. Desde a época de Darwin, foram descobertos ossos fossilizados de centenas de criaturas intermediárias entre os primatas e os humanos modernos, o que impede que uma pessoa sensata negue as evidências contundentes. O que alguma vez pareceu absurdo — a nossa evolução dos primatas — realmente ocorreu.

Contudo, as descobertas de muitos elos perdidos só tornaram o problema mais fascinante, sem solucioná-lo totalmente. Os poucos elementos da nova bagagem que adquirimos — a diferença entre 2% entre os nossos genes e os dos chimpanzés — devem ter sido responsáveis por todas as nossas características aparentemente únicas. Passamos por algumas pequenas mudanças muito rápidas e recentes que tiveram grandes consequências para a nossa história evolutiva. De fato, há apenas cem mil anos, aquele zoólogo extraterrestre teria pensado que éramos apenas mais uma espécie de grande mamífero. É verdade que tínhamos alguns comportamentos peculiares, principalmente o controle do fogo e a dependência das

ferramentas. Porém, para o visitante extraterrestre, esses comportamentos não teriam sido mais curiosos do que o comportamento dos castores ou dos pássaros-arquitetos. De algum modo, no curto tempo de uma dezena de milhares de anos — um período quase infinitamente longo, comparado com a memória de uma pessoa, mas que não passa de uma fração minúscula na história particular da nossa espécie — começamos a exhibir as qualidades que nos tornam singulares e frágeis.

Quais foram esses poucos ingredientes que nos tornaram humanos? Como as nossas propriedades singulares surgiram tão recentemente e envolveram tão poucas mudanças, essas propriedades, ou ao menos seus precursores, já deviam estar presentes nos animais. Quais são os precursores animais da arte e da linguagem, do genocídio e do vício em drogas?”

Essa é uma das mais importantes questões jamais enfrentadas de frente e de maneira honesta pelos neodarwinistas, como também pelos criacionistas. Eles não sabem! Um “deus amoroso e decente” não faria isso, e o acaso não tem como produzir tanta complexidade, profundamente conectada com o progresso evolutivo que se observa na condição humana.

A única tese que explica e justifica todo esse contexto é a de que reside no “CFD do Criador caído” — existente em todos os corpos biológicos —, a raiz e a razão das espécies serem como são, o que responderia as indagações finais de Jared Diamond.

Para a cultura humana, seria ainda necessário compreender um “processo de manipulação genética” sempre praticado com base nas possibilidades que a natureza de cada planeta apresenta, levando de um para outro os protótipos moleculares ou mesmo já desenvolvidos, como maneira de propiciar condições para a vida mais e mais complexa.

Pelo que fui levado a deduzir, funciona como se alguém, que se vê como “dono da vida universal”, ordenasse essa prática entre mundos — que eu, particularmente, tenho chamado de **“Consórcio Cósmico”** —, a exemplo do que acontece numa loja de peixes ornamentais, com seus diversos aquários, quando se leva um peixe de um para outro aquário, observando-se as condições de salinidade, temperatura e pH da água, dentre outros aspectos técnicos. Assim, são misturados indivíduos de uma mesma proto-espécie, espalhados em diversos aquários, até se atingir o padrão desejado, advindo de

resultados dos cruzamentos possíveis. De maneira similar, muitos protótipos biológicos foram daqui levados e outros tantos trazidos, conforme o interesse dos seres que posam, até o momento, de “deuses”, nas histórias ancestrais da mitologia planetária.

Visando melhor explicar o **enredo mais amplo** do que a Ciência apresenta sobre o **cenário de como a vida teria surgido na Terra**, e obviamente extrapolando os seus limites de abordagem, apresento, aqui, uma breve síntese dos eventos que foram se processando até o aparecimento do ser humano — parte deste resumo constitui uma revisão do que foi divulgado no capítulo 4 do livro *“O Drama Terreno de Javé”*.

De acordo com os dados científicos disponíveis, podemos perceber que o Sol foi se constituindo a partir da formação de uma nuvem de gás composta por hidrogênio e hélio, no início do processo de arquitetura do sistema solar, há cerca de uns 5 bilhões de anos, já se aproveitando dos “restos mortais” de uma outra estrela que havia esgotado o seu ciclo e explodido há uns 2 bilhões de anos antes, espalhando elementos químicos mais pesados nesta região da galáxia, o que possibilitou o nascimento dos planetas do sistema solar, notadamente os rochosos.

O chamado “colapso gravitacional” da nuvem de gás que resultou na formação da nossa estrela, provocou o surgimento de um “disco de poeira estelar”, em rotação ao seu redor. Desse modo, começou a acontecer o processo de acreção, em que pequenas formações vão se juntando e incorporando outros compostos de poeira estelar aglutinada, o que proporcionou volume e intensidade gravitacional.

Assim, **por volta de 4,6 bilhões de anos atrás**, formou-se o nosso planeta. Após já estabilizado em sua órbita, o continuado processo de acreção, ao longo da primeira etapa da sua constituição — período de 600 milhões de anos ao qual a geologia chama de “Eon (período) Hadeano” —, recebeu um constante bombardeamento de incontáveis bólidos vindos do espaço.

Em palavras simples, ao longo desse primeiro período geológico, a Terra era um “mundo de magma” em lento processo de esfriamento. Somente no final do “Eon Hadeano” é que aconteceu a consolidação das camadas geológicas do nosso planeta nos moldes em que atualmente conhecemos, a saber, um núcleo de ferro, uma camada intermediária líquida e quente chamada de “manto”, e a crosta que o recobre. Ao final dos primeiros 600 milhões de anos, teve início o “Eon Arqueano”, quando o bombardeio

diminuiu consideravelmente.

A atmosfera primitiva daquela época era composta principalmente por muito vapor de água, nitrogênio e dióxido de carbono e nela inexistia o oxigênio livre. Naquela altura, a camada de ozônio que impedia e impede a passagem da radiação solar de alto potencial energético, como a radiação ultravioleta, ainda não havia se formado.

Apesar disso, e envolvido pelas mais estranhas circunstâncias, tem lugar o aparecimento da já citada **“molécula-mãe”** de todos os corpos de seres vivos que viriam a surgir na Terra, de acordo com os postulados científicos.

Existe ainda a hipótese do aparecimento da primeira forma de vida primitiva como produto de uma conjunção de fatores, dentre os quais a intensa atividade vulcânica daquela fase associada à radiação ultravioleta — devido à ausência da camada de ozônio, na época —, o que teria desencadeado determinados tipos de reações químicas. Estas últimas, por sua vez, teriam dado origem a um agregado de átomos ou grupo de moléculas que se tornaram capazes de induzir outras mais, que levaram ao processo de replicação de suas estruturas unicelulares. Aqui impera mais uma “crença científica”, uma vez que **nada disso explica o requintado, delicado e engenhoso encadeamento genético presente na primeira “molécula-mãe”**.

O aspecto mais enigmático da questão é que esta “molécula-mãe” é uma “porção de ácido”, ou seja, um líquido com um “código ordenado e hospedado” nessa “gotícula” — explicando informalmente. A questão que se impõe é: como essa “porção química” se transforma num “corpo biológico de carne”?

14ª Constatação:

Ninguém, nem os cientistas, tem a mais remota noção de como, desse ácido, surge uma forma biológica absolutamente ordenada pelos comandos genéticos (“receitas proteicas”) dele emanadas.

De um modo ou de outro, apareceram as primeiras moléculas orgânicas que foram as formas de vida mais primitivas, das quais se tem notícia. Cada “molécula individualizada” era um sistema químico capaz de retirar energia do ambiente, de realizar o seu processo interno de metabolismo e de se replicar.

Particularmente, e apoiado na tese do “Prêmio Nobel de Biologia” Francis Crick, citada no Capítulo 3 deste livro, penso que a “perfeição” do

código do DNA que surgiu nessas moléculas, aponta para uma origem mais ricamente elaborada do que a simplória opção descrita como resultante da atividade vulcânica associada à incidência dos raios ultravioleta, além do que, a assim suposta “geração espontânea” jamais foi demonstrada em nenhum laboratório terrestre, apesar das controvérsias.

De minha parte, como já dito, sou obrigado a pensar que a primeira “molécula-mãe” foi posta aqui na Terra por determinação e necessidade do Criador “caído”, ou como desdobramento da “Geopolítica Cósmica”, de “semear” diversos mundos para ver no que daria, pois é exatamente isso o que os fatos apontam, por mais absurdo que possa parecer, sob a perspectiva científica.

Os organismos primitivos unicelulares, considerados extremófilos, terminaram por “dominar o planeta” e deixaram registros, por exemplo, nos mais antigos estromatólitos fossilizados, já encontrados preservados (os da Austrália estão datados em 3,5 bilhões de anos antes do presente). Os estromatólitos fossilizados são rochas formadas por camadas sobrepostas de sedimentos e micro-organismos que proliferavam continuamente sobre essas partículas que se depositavam no ambiente aquático.

Os extremófilos são organismos que suportam ambientes extremos, como os lagos vulcânicos, ricos em metano. Essas primeiras formas de vida unicelular eram anaeróbicas, ou seja, não dependiam do oxigênio.

Há 2,7 bilhões de anos, começaram a surgir moléculas corrosivas do gás oxigênio como resultado do metabolismo dos seres vivos fotossintetizantes que simplesmente apareceram por essa época. A partir desse ponto, surge o processo da fotossíntese — que mais tarde funcionaria nas plantas terrestres —, o qual simplesmente consiste na conversão da luz em energia, ou seja, um modo de se alimentar.

Já o registro fóssil das cianobactérias indica que esses seres fotossintéticos apareceram por volta de **2,5 bilhões de anos atrás** e devem ter sido os responsáveis pelo **aparecimento do oxigênio na atmosfera terrestre**.

Uma outra criatura unicelular, a ameba (protozoário), apareceria 200 milhões de anos mais tarde, ou seja, **por volta de 2,3 bilhões de anos atrás**.

Assim, ao longo de todo esse tempo, a Terra passou por inúmeras mudanças drásticas. Contudo, a mais importante delas foi a modificação da atmosfera, que passou a ter oxigênio. Essa transformação, de tão superlativa, eliminou quase todas as formas de vida anaeróbicas primitivas e possibilitou

o surgimento de outras tantas, incluindo os misteriosos organismos multicelulares que viriam a dominar o planeta, ainda no futuro distante.

Essa alteração na atmosfera começou quando as formas primitivas que viviam em meio aquoso, passaram a se utilizar de um processo de obtenção de energia semelhante ao da fotossíntese — no qual, a partir das moléculas de gás carbônico (CO_2) e de água (H_2O), usando a radiação solar, ocorre a produção de energia e a fixação de carbono sob a forma de glicose, com a liberação de gás oxigênio (O_2). Desse modo, o oxigênio produzido nos oceanos passou a reagir quimicamente com o estoque de minerais marinhos, até que, mais tarde, provocaria a liberação do excesso desse gás para a atmosfera.

Centena de milhões de anos depois, cada vez mais a presença marcante do oxigênio alteraria profundamente a atmosfera, o que possibilitaria a **formação da camada de ozônio** — cujas moléculas são formadas por três átomos de oxigênio (O_3) — que passou, desde então, a servir como uma barreira de proteção para a radiação solar de alta intensidade energética, como a radiação ultravioleta.

Surgem, por fim, **há cerca de 1 bilhão de anos**, os **metazoários, animais pluricelulares** que foram os primeiros habitantes com **alguma ordem de sofisticação**, a dominarem o planeta. Ressalto, mais uma vez, que esses já surgiram com as marcas do que atualmente pode ser classificado como **câncer**.

Se a premissa da qual parto estiver correta, das duas uma: as espécies de seres unicelulares anteriores também estavam marcadas com essa mesma doença e a Ciência apenas ainda não pôde perceber esse “detalhe”, ou o **“problema do câncer” do Senhor Javé e dos seus principais Assessores** “repercutiu quanticamente” somente a partir do aparecimento dos metazoários.

Entretanto, a notícia que existe disponível em determinado circuito da Espiritualidade é a de que todos os “códigos-fonte” de todas as “moléculas-mãe” que foram “semeadas” nos diversos mundos deste universo, vieram, sim, “infectados pela doença primal” do Criador “caído”.

O conjunto das muitas mudanças ocorridas até então, foi essencial para que possibilitasse a ocorrência de espécies que utilizam o oxigênio e para o surgimento de vida na superfície das águas e, ainda mais tarde, em terra firme.

Quanto ao aparecimento dos organismos multicelulares, conforme penso,

a ausência de linhagens fósseis transitórias que pudessem demonstrar a evolução da condição unicelular para uma mais complexa, indica que a vida multicelular, na verdade, parece ter aparecido na Terra porque foi trazida de outros planetas desta região galáctica, que também foram “semeados”, no passado longínquo, por “moléculas-mãe” com o mesmo padrão de ativação do DNA, em torno de 3%, como é o caso do nosso DNA planetário — cientistas diversos discutem que esse fator de ativação se situa entre 2% a 5%.

Como já referido, os cientistas não sabem explicar como a teórica transição dos seres unicelulares em multicelulares se deu, ainda que alguns se refiram a certos fósseis que nada comprovam dessa transição, mas que, para eles, é como se tal fosse pela desajustada “certeza” que aplicam à sua “fé materialista”.

Assim, a “teoria da evolução” proposta por Darwin, é utilizada para explicar, ainda que só em “tese”, todo o processo de surgimento de novas espécies, sempre partindo da “premissa darwiniana” de que uma evoluiu a partir de outra e, com isso, contentam-se todos, apesar da — repito — inexistência dos fósseis comprovativos dessa “crença”.

Obviamente, a **“Teoria do Equilíbrio Pontuado”²**, a qual, **associada ao conceito dos “campos morfogenéticos” de Rupert Sheldrake, e apoiados nos “saltos quânticos” que promoveriam essas “mutações”** — só que esses eventos não ocorreriam na nossa dimensão espaço-temporal —, formam um conjunto de conhecimentos que **explicam o “salto evolutivo”** de muitas das espécies da natureza terrestre, mas não de todas, nem muito menos da transição que se refere ao aparecimento dos seres multicelulares a partir dos unicelulares.

Defendo, pois, a possibilidade de que, mais ainda do que a ousadia, a coragem e a força moral de Francis Crick de propor que a “molécula-mãe” chegou na Terra num artefato hermeticamente fechado, as primeiras gerações de seres pluricelulares, como já explicitado, também foram trazidas de fora, seja pelo que eu mesmo posso deduzir dos fatos, como também com base nas revelações que me chegam, advindas dos seres que, assumidamente, sempre estiveram por trás deste processo de evolução biológica.

Continuando com a descrição das etapas mais significativas do processo evolutivo da natureza terrestre, o próximo acontecimento digno de registro para o que aqui desejo demonstrar, foi quando a Terra passou por **duas eras glaciais**, em torno de **800 milhões e de 580 milhões de anos atrás**,

respectivamente. Há divergências entre os cientistas sobre quanto da superfície terrestre foi efetivamente coberta pelo gelo. O fato é que logo após o descongelamento da superfície planetária, ocorreu a chamada **“explosão de vida cambriana”**, que se estabeleceu há **543 milhões de anos**.

Um detalhe importante, que precisa ser ressaltado, é que os primeiros fósseis desses seres multicelulares de que se têm notícias, são perturbadores por não demonstrarem linhagem antecessora que pudesse explicar como eles se formaram.

Na verdade, tudo o que se pode detectar pelo método científico é que, antes dessa geração de fósseis, ocorreu o já referido congelamento de toda a crosta planetária ou de grande parte dela, em duas oportunidades, sendo que, anteriormente, durante o longuíssimo período de 3 bilhões de anos terrestres, somente existiram seres unicelulares, que aprenderam a se reproduzir assexuadamente para sobreviver.

Se assim é, **como, subitamente, depois do descongelamento planetário, apareceram seres pluricelulares, altamente elaborados?**

Somente no chamado “folhelho Burgess” (camada de fósseis nas Montanhas Rochosas, na Columbia Britânica, no Canadá), encontram-se registradas cerca de 65 mil espécies de seres pluricelulares complexos, os quais simplesmente parecem ter surgido de um momento para outro, no planeta.

A questão é que não existe um fóssil sequer de transição evolutiva de nenhuma dessas 65 mil espécies.

O que deveríamos pensar sobre isso? O que aqui poderia ser considerado como sendo o “óbvio”?

Os cientistas presumem — apenas presumem —, que o óbvio é que os unicelulares transitaram por algum caminho evolutivo para o estágio de pluricelulares, representados por essas 65 mil espécies. Mais interessante ainda é perceber que um desses primeiros fósseis de que se tem notícia já irrompeu, nos oceanos, com **“cinco olhos”, para melhor se proteger dos ataques dos predadores** — “reza o dogma” da Ciência tradicional. **A que predadores esses cientistas se referem, se antes dessas espécies nem mesmo existiam seres pluricelulares?** Esse tipo de “crença científica” é de uma incongruência mais absurda ainda do que o conteúdo simplório dos “viciados em religião”.

Por entre as “infantilidades” e aspectos simplórios dos dogmas científicos, poderíamos então dizer que, sob a ótica da escala evolutiva, quem

teria que vir primeiro, em termos de registros fósseis, seriam os predadores, de modo a forçar a espécie que lhes serviria de alimento a, lentamente, por meio dos processos evolutivos, desenvolverem mais olhos para melhor se proteger. Contudo, segundo a lógica deles, não foi bem assim: as presas já surgiram bem assistidas, evolutivamente falando, com os cinco olhos, para que, quando os predadores surgissem... Convenhamos, algo está muito errado nesse postulado, que nada tem de científico!

A questão que se impõe é: esse “medo de predadores” surgiu aqui na Terra ou veio “pronto”, “geneticamente providenciado” de outras realidades planetárias, nas quais esses metazoários já existiam, também “semeados” pelo “CFD doentio” do Criador, o “Grande Predador” de toda a história desta Criação?

Ainda assim, mesmo supondo que os seres pluricelulares se manifestaram repentinamente nos mares do planeta, “alguém” ou “alguns” deles, em obediência automática aos ditames do CFD “doentio” vigente nos seres deste universo, já surgiram para a existência pretendendo dominar e/ou destruir outras vidas — atente o(a) leitor(a) para esse fato, pois que, de um modo ou de outro, o **“problema da doença primordial”** se encontra caracterizado.

Não há outra maneira de abordar esse tipo de assunto sem que seja o do destemor. O medo de questionar, de perquirir e de pensar criticamente, mesmo sendo leigo, não nos move na direção da verdade, mas apenas dela nos afasta a cada “silêncio obsequioso” que nos é imposto pelo *establishment*.

Além do que, as duas já citadas eras glaciais pelas quais passou a Terra, entre 800 milhões e 580 milhões de anos atrás, podem ter causado problemas seríssimos para os organismos unicelulares, e um possível obstáculo de desenvolvimento evolutivo dos mesmos. Contudo, alguns cientistas se esforçam por acreditar que, nessas duas eras, o processo de congelamento permitiu que algumas áreas do planeta não fossem cobertas pelo gelo que tomou conta da superfície nas duas ocasiões. Haja crença! Essa teoria de cientistas americanos supõe que essas tais áreas proporcionaram aos micro-organismos resistirem às baixas temperaturas até que os vulcões emitissem gás carbônico (CO₂) suficiente para reaquecer a atmosfera. Que seja!

E como fica o aparecimento súbito de seres pluricelulares?

O pensamento científico tradicional se ancora na ideia de que os primeiros seres pluricelulares se desenvolveram a partir da “evolução” dos unicelulares, o que é impossível de ser demonstrado. Aonde estão os fósseis

que comprovam essa hipótese? – torno a questionar.

Atente o (a)leitor(a) — e peço desculpas pela repetição — que a primeira “molécula-mãe” com o código do DNA que conhecemos também veio de fora. No futuro, quando o bloqueio da nossa ignorância intelectual for retirado, o inquietante **vai ser descobrir o que é que não veio do contexto externo!** Entretanto, por enquanto, para a Ciência, tudo surgiu daqui mesmo, ainda que ela não possa justificar nada do que acredita, o que nos lembra muito os dogmas religiosos, tão criticados pelos cientistas.

Fechando o assunto, pergunto mais uma vez: de onde esses pequenos seres poderiam ter vindo? As respostas possíveis são:

1. de outras naturezas planetárias que também foram “semeadas com uma molécula-mãe primordial” advinda da “condição bioquímica-mental” do Senhor Javé, com “fator de ativação” semelhante ao que se verifica nos seres vivos da Terra;
2. de naves ou bases-laboratórios estacionadas próximas à Terra, quando da “semeadura” dos seres pluricelulares; e
3. do “salto quântico”, que a Ciência de vanguarda já indica como sendo a explicação para muitas das lacunas de fósseis que são apontadas pela “Teoria do Equilíbrio Pontuado”.

Quais as implicações dessas hipóteses de origem externa, certamente improváveis para a Ciência, que, em certos casos, parece só visualizar o que deseja ver e entroniza a argumentação que lhe é cômoda, ainda que em detrimento dos fatos?

A principal implicação também é bastante incômoda, porque o DNA de todos os seres vivos que compõem a natureza terrestre, encontra-se ativado em apenas cerca do já citado percentual de 3% do seu potencial, sendo que o restante (97%) foi considerado pelos cientistas, por muito tempo, como “DNA-lixo”, apesar de que esse “lixo” já ter sido substituído, na atualidade, pelas expressões “não codificante” e “adormecido”, dentre outros conceitos, mas seja lá como vier a ser definitivamente chamada, essa área do nosso código genético ainda reserva muitas surpresas pelo que ela “esconde”.

Isso apontaria para um outro aspecto muito singular, ou seja, independente da origem estar em outras naturezas planetárias ou mesmo em naves ou bases-laboratórios, todos esses microsseres foram forjados a partir de um DNA propositalmente ativo no fator de codificação de proteínas em

aproximadamente 3%. Isso implica numa “base operacional ampla”, que envolveria muitos planetas e civilizações em torno de um mesmo mister evolutivo: **o desenvolvimento de seres complexos, cujos corpos somente “herdassem” cerca de 3% da “doença” que marca a condição pessoal do Criador deste universo.**

Nesta galáxia, os outros mundos “semeados” com “moléculas-mãe” apresentando 10%, 15%, 18% e 20% de fator de ativação da “doença primeva” do Criador, não vieram a produzir nada que pudesse evoluir, tamanha era a “herança do caos” nos psiquismos surgidos.

O inquietante será descobrir que praticamente todas essas “famílias de cobaias-bestiais” ainda existem, mesmo sem deterem em si mesmas qualquer expectativa de função evolutiva, além dos problemas de “demência” associada à desgraçada maneira como vivem.

A Terra seria o **planeta-sede desta última etapa do “projeto”** que envolve uma certa quantidade de mundos “semeados” com o mesmo padrão de “receita de vida biológica”.

Outro curioso aspecto do assumido ciclo evolutivo das espécies da natureza terrestre diz respeito ao **surgimento da função reprodutiva sexuada**. O aparecimento — inexplicável para a Ciência — de um novo modo de reprodução, agora com a participação de dois corpos pluricelulares, é um dos temas mais fascinantes, ditados pela necessidade desesperadora do Criador “caído”, em produzir “criaturas-ferramentas melhores” para o seu progresso e o dos demais seres que com ele participam da “Cúpula Diretiva Universal”.

E aqui está um outro inquietante aspecto desta história: **o fator sexual não se deu na Terra**, mas parece ter sido trazido para cá, já plenamente definido.

Apareceram, então, seres altamente elaborados, sob a perspectiva pluricelular, que passaram a povoar primeiramente os mares, depois a superfície de terra, e até mesmo a voar pelos céus do planeta. Independente das demais características, a “percepção darwiniana” quanto à origem das espécies é tão bem articulada que, no tocante ao princípio da vida, promoveu o avanço da Ciência no sentido de confirmar o curioso aspecto — quando visto sob a ótica do nível molecular, da unidade existente —, **em termos de origem comum** de todos os seres vivos. Mesmo diante de toda a rica diversidade biológica à nossa volta, torna-se patente a presença do “ancestral comum”, pelo menos no nível químico mais básico: a “molécula-mãe” de

todos os seres vivos que atualmente existem na biosfera da Terra!

A questão é que, se muitas das espécies que atualmente vivem na Terra foram geradas lá fora, e se as mesmas apresentam o padrão molecular ressaltado anteriormente, tendo todas elas cerca de 3% do seu DNA ativado, isso implica que a **“última semente” promovida pelos “Arquitetos” do Criador, em diversos mundos-laboratórios desta galáxia, foi feita com o objetivo de edificar corpos com esse “fator de ativação da doença” e das suas características.**

É sabido que a evolução, nos “moldes darwinianos”, investe na variabilidade, com vistas às mutações que tornam as espécies mais habilitadas à vida. Em outras palavras, **evolução seria a habilidade que o ser tem de se modificar ao longo do tempo**, até porque este último existe exatamente para permitir tais transformações.

O que Darwin denominou de “seleção natural” é a aplicação dessa habilidade na arte da sobrevivência a qualquer custo, que os indivíduos de cada espécie tiveram que desenvolver por viverem no contexto da Criação “problemática e caótica” do Senhor Javé — ou do Senhor Brahma, como chamado pela cultura mitológica ariana/hindu.

Na sua época, Darwin apenas conseguiu afirmar que as variações ocorriam, mas não teve como apontar a causa nem como elas aconteciam. Contudo, ele e todos os seus seguidores modernos partiram da premissa que apenas a Terra era o “laboratório” de todo o processo evolutivo — mas a análise dos fatos indica que não é bem assim.

Para além disso, existe ainda o fluxo incessante de “acidentes” e do “aparente acaso” advindo da continuidade dos eventos da existência cósmica, interferindo sobremaneira nos processos evolutivos planetários, espalhados pelo universo.

No caso da natureza terrestre, o assunto assumirá ares ainda mais controversos, pelo que poderá ser observado no campo das diversas extinções em massa que tiveram lugar, como veremos a seguir.

O fato é que as rochas do período geológico cambriano contêm, em abundância, fósseis de animais. As rochas cambrianas — de Cambria, antiga designação latina para Gales, Inglaterra —, descansam sobre as pré-cambrianas e contêm fósseis marinhos. É sabido que todos os grandes grupos de animais **invertebrados** já existiam por volta de **510 milhões de anos atrás**.

Há cerca de **450 milhões de anos**, ocorre a **primeira grande extinção**

em massa. Nesse ponto, torna-se imperiosa a seguinte reflexão: depois de um processo de cerca de 4 bilhões de anos formulando e formatando a vida, eis que alguns poucos milhões de anos depois da “explosão cambriana” dos seres pluricelulares, **toda a vida terrestre e aérea se extingue** devido a uma explosão estelar de raios gama, cuja fonte se encontrava na nossa galáxia, **sobrevivendo apenas parte da vida aquática.**

“Obviamente”, não parece existir uma **coordenação** de quem quer que seja por trás desse processo ou, caso exista, ela parece agir na “sobra do que as circunstâncias” permitem, mas jamais no comando central do processo que é meramente caótico!

Bilhões de anos construindo e edificando vida e, num segundo, quase tudo é destruído! O que os cientistas deveriam pensar disso? Eles acham e afirmam ser o acaso a explicação para tudo. Que seja! O que os religiosos deveriam pensar? Eles não pensam e ainda afirmam que é a “vontade de deus”. Que seja! O que os filósofos deveriam pensar sobre esse processo? Bem, os filósofos, estrategicamente, distribuem-se também nesses dois grupos, fazendo uma “vista grossa superlativa”, ou seja, fingindo não perceber os fatos, para defender a tese de que um “deus perfeito” produziu esse “contexto cósmico”, ou simplesmente “endeusam o acaso”, o que é o mais cômodo a fazer, afinal!

Este livro é um incômodo, isso sei, mas as autoridades dessas áreas se acham tão acima de qualquer outra tese ou possibilidade que não reafirmem as suas próprias, que jamais se incomodam com postulados diferentes, porque consideram que estão no comando. Eles só não sabem que, e seguramente, descobrirão muito depois o tamanho do equívoco. A realidade, mais cedo ou mais tarde, sempre mostra a sua face real, provocando os seus choques!

Por volta de **410 milhões de anos**, surgem os **primeiros peixes** e, logo depois, os **primeiros anfíbios**. Segundo alguns cientistas, aparece também a primeira leva de animais a conquistar a terra firme. Contudo, conforme anunciado no mês de março de 2006, por três pesquisadores estadunidenses, ocorreu a descoberta de fósseis (em rochas da Ilha Ellesmere, no Canadá) de uma espécie de “**peixe com patas**” (denominada *Tiktaalik roseae*), que pode ser um elo entre os **dois estágios da evolução da vida**, ou seja, entre **os animais aquáticos e os terrestres**. Todo esse contexto ainda aguarda por maiores certezas, porque nessa transição também ocorreu **interferência do “Consórcio Cósmico”** de mundos envolvidos com o desenvolvimento da vida universal, quando uma ou outra espécie foi trazida para a Terra,

compreendamos ou não esse aspecto da evolução.

Obviamente que um pouco de prudência e de ceticismo — que considero normal e necessário à “busca da verdade” — sempre faz bem ao nos referirmos sobre o que ainda precisamos descortinar oficialmente. Entretanto, o que fazer quando existe controle oficial-governamental sobre essas informações e muitos cientistas o apoiam e são reféns dessa questão? Se associarmos a isso o esnobismo intelectual de alguns cientistas que não admitem sequer o vislumbre da possibilidade da existência da vida extraterrestre, como os temas que abordo neste livro podem ser verificados de modo sensato? Observe ainda o(a) leitor(a) que, caso essa premissa fosse minimamente respeitada como hipótese, o que se encontra proposto nestas páginas talvez seja a única explicação que envolve todos os termos perdidos e desagregados do contexto evolutivo.

Datado em **375 milhões de anos atrás**, o fóssil encontrado passou a representar, para a Ciência, a transição entre a vida aquática e terrestre. Assim, por volta de **360 milhões de anos atrás**, os animais se adaptaram à vida na terra e começaram a andar sobre patas.

Há cerca de **355 milhões de anos**, irrompem os primeiros répteis. Bem mais tarde, há **270 milhões de anos**, surgiram as primeiras plantas primitivas e uma nova leva anfíbios. Nessa época, os continentes terrestres estavam reunidos sob a formação geológica denominada “**Pangeia**”, um continente único e que nada tem a ver com a conformação de mundo que conhecemos atualmente.

Eis que, novamente, o inusitado faz valer a sua presença no emaranhado “jogo da vida” na biosfera terrestre: há **252 milhões de anos** tem lugar a **segunda extinção em massa**, sendo esta a maior já percebida pelos parâmetros do nosso método científico. Na verdade, os cientistas teorizam que já ocorreram cinco grandes extinções e que, na atualidade, estamos no meio da sexta, cuja causa somos nós mesmos, no que concordo, mas não entrarei no mérito desta questão, para não desviar a atenção do(a) leitor(a).

Nessa segunda extinção, cerca de 96% de todas as espécies marinhas e sete em cada dez vertebrados (70%) se extinguíram, além de grande parte da flora planetária. Essa ocorrência passou a ser conhecida como a “**Extinção em Massa do Permiano**” ou “**Pérmico-Triássico**” ou ainda “**Grande Mortandade**”.

Sabe-se ainda que, nesse período, ocorreu a interrupção da “**circulação termolina**” — uma rede de correntes marinhas, em pleno leito oceânico —,

que responde pelo equilíbrio climático no nosso mundo e também pela vida oceânica. Isso foi causado pela queda de um meteoro com 11 km de diâmetro que, ao chocar-se com um local do planeta, provocou um ciclo de explosão vulcânica em outro. Devido aos desdobramentos desse impacto, **toda a superfície da Terra ficou novamente devastada.**

Diante dos fatos inquestionáveis, a pergunta que novamente se impõe para que se perceba um outro aspecto da questão é: existe um Ser-criador por trás de todo esse processo aparentemente caótico, aonde a vida que acontece a duras penas é simplesmente extinta, agora por efeito da queda de um meteoro? Sim, tornamos a afirmar, porém, impõe-se também a percepção de que ele “colocou a roda da vida para girar”, mas não consegue controlá-la, o que não significa que ele esteja no comando de algo. Na verdade, **ele é “refém” de tudo o que acontece na sua Criação!** Ele tenta produzir os seus desígnios nos processos em curso, mas não consegue evitá-los ou controlá-los, por mais que, na Bíblia, o mesmo afirme que sim.

Ainda nesse mesmo período — por volta de **250 milhões de anos atrás** —, esse meteoro também foi o fator que permitiu o **surgimento dos dinossauros**. O local do impacto foi perto da “Austrália”, mas ao tempo da Pangeia, o que provocou explosão em massa dos vulcões na “Sibéria”. Eventos como os descritos acima, apenas ratificam que esses não foram nem são administrados por nenhum Ser-criador. Simplesmente fazem parte do ciclo de “acontecimentos cósmicos” que ocorrem, obedecendo às leis de causa e efeito, já decodificadas pela Ciência terrena. Essas leis, sim, foram e são produtos da “Formatação Mental” do Criador por ocasião da sua intenção em gerar um universo nos moldes desejados por ele, quando ainda se encontrava na sua condição de Divindade. É imperioso que entendamos isso!

Há cerca de **230 milhões de anos**, após o reordenamento das condições da biosfera planetária, eclodem os primeiros répteis do período, como também as primeiras plantas com sementes.

Por volta de **180 milhões de anos atrás**, estabelecem-se os referidos dinossauros como os “donos da Terra”. Contudo, um pouco antes, em relação a essa época, já existiam os primeiros mamíferos sem que, contudo, haja nenhuma linhagem de fósseis que explique cabalmente a **anterioridade evolutiva dos mesmos**. Eram tímidos, fracos e pequenos — do tamanho de um rato —, só que não eram fáceis de serem encontrados pelo fato do período diurno ser dominado pelos dinossauros.

Como todos os anfíbios e répteis que atualmente existem, alguns dos

dinossauros seriam — isto continua a ser questão controversa — animais de sangue frio. De todo jeito, na friagem da noite, sobretudo no inverno, algumas espécies de dinossauros se recolhiam. Os mamíferos, como tinham sangue quente, podiam andar fora de suas tocas mesmo no frio, mas para viverem em plena escuridão, eles tinham de ser muito bons na utilização dos seus sentidos, notadamente o da visão. E foi nessa época que o cérebro dos mamíferos se desenvolveu com um elaborado mecanismo que lhes apurava, além da visão, a audição e o olfato, barreira que os defendia de qualquer dinossauro que conseguisse caçar durante a noite.

Devido ao impacto de um asteroide (e aos seus desdobramentos) do tamanho do monte Everest, ocorreu a **extinção em massa dos dinossauros** — e cerca de 70% de outras espécies então existentes —, por volta de **65 milhões de anos atrás**. Foi a partir deste episódio que os mamíferos passaram a dominar a cena planetária, quando apareceram 28 ordens desses seres, das quais ainda existem 16 ordens, com seus múltiplos gêneros e espécies.

Há **55 milhões de anos**, houve um grande pico de aquecimento global. Muitas espécies surgiram depois disso, dentre as quais os primeiros cavalos, vacas e primatas. Na árvore genealógica destes últimos, há cerca de **8 milhões de anos**, os gorilas se bifurcaram da linha evolutiva. Em torno de **7 milhões de anos**, o ainda “não identificado” — se é que existe — e agora “extinto antepassado comum” de homens e chimpanzés, apartou-se dos gorilas. **Entre 7 e 6 milhões de anos atrás**, o “ramo comum” entre homens e chimpanzés na “árvore da evolução” se separou. É nesse ponto que, na própria base da linhagem humana, encontra-se situado o “derradeiro ancestral comum”, que partilhamos com os chimpanzés.

Desde esse tempo — há uns **6 milhões de anos** —, que a região do Médio Awash, na Etiópia, parece ser o lugar habitado mais antigo do planeta. Ali, integrantes da nossa linhagem viveram e morreram ao longo desses últimos 6 milhões de anos. Para os cientistas, a história de como nos tornamos seres humanos, está ali registrada nas suas muitas camadas geológicas.

No caso de muitas espécies, os registros fósseis têm demonstrado, de modo dramático, que **a evolução implica sempre uma construção sobre o que já havia sido estruturado**. Contudo, para outras tantas, não há vestígio dessa continuidade, e no que se refere às espécies antecessoras à do *Homo sapiens*, aqui é que o problema fica definitivamente estabelecido. Ninguém

sabe nada! Tudo que se pode fazer no campo científico é **especular, com certa ordem de sensatez**. Ainda assim, não faltam “certezas” para o orgulho intelectual de determinados cientistas que se julgam “donos da verdade” nessa e em outras áreas.

O fato é que, para os antropólogos e paleoantropólogos, o gênero dos hominídeos evoluiu a partir dos chamados *Ardipithecus* para o *Australopithecus* e mais tarde para o *Homo*.

Quando o gênero *Homo* já dominava a cena terrestre com o *Homo heidelbergensis*, que vivia no continente europeu, eis que, há cerca de **640 mil anos**, o “super-vulcão” de Yellowstone, nos EUA, entrou em erupção e muitos dos assim considerados “**ancestrais dos humanos modernos**” **pereceram**.

Surgem, posteriormente, o *Homo neanderthalensis* vivendo nos continentes europeu e asiático, e o *Homo rhodesiensis* vivendo na África, há cerca de **600 mil anos**. Cem mil anos, depois ocorre o *Homo floresiensis*.

Por fim, há cerca de **300 mil anos**, apareceu a espécie *Homo sapiens*, e existem indícios que esse marco temporal pode ser ainda anterior em cerca de mais uns 200 mil anos. Por essa época, algumas espécies do gênero *Homo* coexistiam na Terra, e teria sido possível algumas delas existirem até os dias atuais. Contudo, ocorreram outros fatores que terminaram por fazer da nossa espécie a única a ter sobrevivido a toda esse contexto. Um desses fatores parece ter sido uma outra explosão vulcânica que aconteceu há **74 mil anos**, quando o **Monte Toba** explodiu, dando início a mais uma e inesperada “idade glacial” no planeta, que perduraria até cerca de **13 mil anos** atrás, quando a Terra começou a esquentar e, com o consequente degelo, os mares passaram a subir até o atual nível que conhecemos — e esse processo de aquecimento continua.

A nossa espécie surgiu para a vida planetária, mas até o momento não se sabe exatamente — com a certeza exigida pela visão positivista — a partir de qual linhagem ancestral. Tudo é suposição, e nada existe de “certeza científica”.

A Ciência não admite que **protótipos da nossa espécie foram trazidos dos tais mundos-laboratórios**, apesar de haver mensagens advindas de seres de fora, que afirmam continuamente essa migração. Se foram os “deuses do passado” — ou, em outras palavras, os extraterrestres (deste universo) ou os seres extrafísicos (do universo vizinho) que se fizeram presentes na história pretérita do planeta — que criaram os humanos pensantes da Terra,

também não se sabe, apesar de que é exatamente isso que está **registrado nas crônicas sumérias** (a fonte original dos primeiros livros da Bíblia), dentre outras.

Se evoluímos “naturalmente” a partir de alguma outra espécie existente, também não se tem conhecimento. Em resumo, não descobrimos quase nada sobre nossa origem biológica, porém o orgulho científico não gosta de se recordar disso. **Os darwinistas e neodarwinistas pensam que sabem e os criacionistas acreditam que sabem.** Enquanto isso, a verdade permanece muito além da proposição desses que acham e creem que a encontraram, ignorando **as evidências que claramente demonstram que ambos estão equivocados, ainda que parte dos seus postulados, efetivamente, ancorem-se em fatos.**

A “visão acadêmica” que “domina o assunto”, vive e age, portanto, como se soubesse, quando, na verdade, tão somente — cheia de empáfia — prega um negacionismo absurdo em relação às notícias ancestrais mitológicas, que merecem um melhor tratamento da parte de mentes tão brilhantes.

Apesar do avanço no estudo dos genomas das espécies, ainda se discute até a possibilidade dos macacos terem surgido a partir do homem, e não o inverso, como sempre se acreditou. Isso ressalto apenas para, novamente, demonstrar quão pouco se sabe sobre o assunto. No entanto, para os supostos “donos da verdade” sobre “a origem da vida” na Terra e, em especial a da espécie *Homo sapiens*, é “certeza sagrada” que **nada veio de fora, uma vez que lá não tem nenhum tipo de ser**, o que, convenhamos, é uma “brilhante dedução” do método científico, e acabou-se o assunto! Diante disso, vale o dogma no qual eles acreditam, não importando a verdade, ainda por ser descortinada pelas gerações futuras.

Isso foi o que resultou de um “Projeto” que, de modo prematuro, tornou-se uma realidade complicada na medida em que colocaram para “girar a roda da vida”, e não há quem a impeça de continuar a produzir até mesmo “existências inúteis” e em quantidade a ponto de inviabilizar a vida no planeta — mesmo a Deidade, o Incognoscível, não interfere no livre arbítrio de nenhum ser, o que, curiosamente, deixa margem para uma certa crítica à sua inutilidade no que diz respeito à correção de rumos nesta Criação.

Será que o “crescei e multiplicai-vos” se aplicava somente aos tempos iniciais da Criação ou ainda é válido? Se for, eis um erro de cálculo absurdo de quem ordenou tal prática!

Os humanos não criaram nada disso, como os integrantes das outras

espécies também não o fizeram, e todos somos vítimas de um “erro ancestral”. E ninguém se responsabiliza? A própria Criação é que “pune” o Criador “caído”, provocando que ele se obrigue a refazer o que invariavelmente se encontra estabelecido, e não existe nada de “justiça divina” nesse processo.

Dessa maneira, posso afirmar que, ao “rodar”, esse mecanismo gerou a já referida “máquina de produzir vida”, simplesmente inimaginável até mesmo para os padrões iniciais dos “Sonhos Criatórios” das Divindades envolvidas na criação do nosso universo. E nós, cidadãos terráqueos, estamos longe, muito longe de um patamar mínimo de **compreensão adequada sobre a complexidade da “questão cósmica” que envolve a vida na Terra. A percepção que temos é sobremaneira “afetada”, seja pela crença simplória ou pelo cientificismo estéril.**

Uma análise perquiridora equilibrada sobre a realidade que nos rodeia, esta jamais existiu publicamente, e parece ser uma atitude relegada a poucos “buscadores da verdade”, normalmente solitários, não pertencentes a nenhum segmento ou *establishment* religioso ou científico, e costumam não ser bem-vistos nem por uma ou por outra ordem estabelecida.

Nada contra, e se tivesse que optar por um lado, não hesitaria em me alinhar com a busca científica, acadêmica, apesar da inevitável guerra de egos que enfeia qualquer paisagem, e do modo como a própria Ciência tem tolhido a verdade, ainda que os próprios cientistas afirmem que não é esse o seu papel, pois cabe ao método científico tão somente tratar do “como” e não do “porquê” do que existe e dos fenômenos da nossa realidade acontecerem, o que, efetivamente, aponta apenas para uma “parte da verdade”. Que seja!

O interessante, para mim, e mesmo pitoresco, é que os fatos que me rodeiam sequer são admitidos como possíveis de ocorrerem pela quase totalidade da perspectiva científica atual, apesar desta desconhecer — por se negar a considerar — os reais parâmetros em que se processam os “eventos espirituais e extraterrestres”.

Assim afirmo, porque acho muito interessante — na verdade, curioso — o tóxico embate entre a visão positivista a que me referi anteriormente, que afeta quase todos os cientistas, e o que costumamos chamar de “metafísica”. Curioso em que termos?

O “positivismo” é um termo cunhado pelo filósofo Auguste Comte³, arquitetado para confrontar o pensamento metafísico — se é que para os positivistas existe algum tipo de “pensamento” na metafísica. Para o

positivismo, apenas o conhecimento científico é válido, merecendo, assim, toda a pesquisa que a ele se consiga aplicar. Com vistas a esse fim, a investigação deve ser limitada a questões que possam ser verificadas, medidas e experimentadas de tal modo que dê para repetir o procedimento científico. Para o positivista, apenas a Ciência, colocada nesses termos, produz o conhecimento real, por ser detentora de resultados concretos, sem margem para dúvidas.

Penso que esse conceito está correto, só que, incompleto, e por uma razão bem simples: o “contexto espiritual” e muitos dos “aspectos cósmicos” não se enquadram nas verificações, nas medições e experimentações das limitadas óticas e capacidade humanas no campo da percepção e da tecnologia. E como “essas questões” sempre estiveram presentes ao longo da história humana, e a tal visão científica do positivismo somente surgiu na primeira metade do século XIX, tudo o que aconteceu de “estranho” — assim percebido pelos positivistas — no passado **deve ser enquadrado como o quê?**

Considerando todas as cidades megalíticas e seus misteriosos alinhamentos astronômicos, e as revelações advindas de seres de fora, que coabitavam com os terráqueos, conforme descrito em muitas mitologias disponíveis — nem todas foram preservadas —, como tudo isso será encarado pelos critérios do positivismo?

Sabe qual é a resposta? Eles não ofertam nenhuma explicação, mas taxam todo esse contexto como sendo lendário e mitológico, conforme seus valores. Simples assim!

15ª Constatação:

Muitos cientistas fingem não perceber que as evidências estão comprovando que esse tipo de concepção baseada em verificações, medições e experimentações tem limite, como também, vergonhosamente, ignoram ou esquecem que a Física Quântica já provou que esta realidade universal em que vivemos, pede uma outra complementar, ou mais de uma!

Evidente que a pretensa austeridade da visão positivista constitui um excelente caminho para a decodificação de muitos dos painéis da “Verdade Maior” que nos cerca, mas não serve para todos, e é esse o aspecto “curioso” e totalmente ilógico de uma exigência de medida científica que se equivoca já no seu estabelecimento de **“medida da realidade total”**. Jamais o foi, mas

os que dela se servem, vivem como se desse jeito fosse! Simplório assim!

Essa medição é inexequível, apesar de compreensível na época em que foi estabelecida, até mesmo para se contrapor ao peso dos dogmas religiosos ocidentais que abafavam a liberdade dos cientistas de então. Entretanto, diante dos fatos que vivemos, como fica a visão positivista? Claramente, a considero prejudicada, além de absolutamente “infantilizada” frente ao contundente conjunto de evidências que apontam para o “muito mais” do que a materialidade por ela defendida!

Os eventos simplesmente acontecem, independente do que os positivistas possam pensar ou desejar. Além do que, eles não têm respostas para as verificações, medições e experimentações no que se refere às explicações que tal visão deveria fornecer sobre as “lacunas fósseis”, existentes nos estudos sobre os seres unicelulares, os micro-organismos pluricelulares, e as demais espécies que existem atualmente na natureza terrestre. A questão é que os positivistas não conseguem esclarecer o que realmente aconteceu no passado planetário, e se apegam às suas conclusões, contradizendo os princípios que dizem seguir.

De outro lado, encontram-se os “**criacionistas**” e suas teses que nada têm a ver com metafísica, na medida em que falham por não considerarem o que cabalmente já foi conquistado pelo esforço científico e, objetivamente, demonstrado como sendo verdade. Exemplo? O caso dos “famosos sete dias da criação divina” (“seis de trabalho e um de descanso”) correspondem, cada um, a muitas centenas de milhões de anos, o que não é aceito pelos adeptos do “criacionismo”, apesar de inegável. Quando o “óbvio”, estabelecido com objetividade e sem margem de dúvida pelo método científico, não é mais “evidente” para os “criacionistas”, fica complicado qualquer contestação ou mesmo qualquer troca de ideias com os mesmos.

No contexto da evolução, portanto, penso que a opção mais próxima do que um dia descobriremos constituir a “verdade”, será a tese da “**evolução criativa**”, pois que esta, sim, compõe uma base avançada e honesta de conhecimentos que permitirá o progresso vertical dessa “busca”.

Afinal, em termos científicos, a “mortalha do tempo” é o depósito das camadas geológicas de cada período do passado, sendo isso facilmente aferível pelo avanço das medições científicas. Apesar disso ser óbvio, não o é para os que desconsideram a verdade dos fatos e se apegam descabidamente às crenças, as quais se acostumaram.

São *Homo sapiens sapiens* “viciados na crença”, que renunciam à sua

racionalidade, e nesse caso, penso mesmo que não existe nada a ser feito. Que acreditem, portanto, no que quiserem ou preferirem! A minha “busca”, porém, não é no campo da crença, ainda que, aparentemente, eu me sirva de instrumentos e elementos comuns a essa área de revelação que envolve a doutrina religiosa.

Apenas a título de ilustração, vou reproduzir uma das argumentações dos criacionistas, na pretensa justificativa de que os “seis dias de trabalho de deus”, quando da criação universal — e o “sétimo dia para descansar” —, efetivamente, correspondem a dias comuns, conforme os mesmos acreditam, e não aos períodos de tempo já exaustivamente comprovados pela Ciência.

Ken Ham⁴, no seu livro “*Criacionismo – Verdade ou Mito?*”, ressalta as palavras de Charles Haddon Spurgeon, renomado “príncipe dos pregadores” em 1877, que nos diz o seguinte:

“Irmãos, somos convidados da forma mais séria possível a nos afastarmos da antiga crença de nossos antepassados por causa das supostas descobertas da ciência? O que é a ciência? O método pelo qual o homem tenta ocultar sua ignorância. Não devia ser assim, mas é. Você não deve ser dogmático em teologia, meu irmão, isso é ruim; mas para os homens de ciência; essa é a coisa correta. Você não tem de afirmar nada com muito vigor, mas os cientistas, de forma ousada, podem afirmar o que não podem provar e podem exigir uma fé muito mais crédula do que algum de nós possui. Deveras, você e eu devemos tomar nossa Bíblia e moldar e ajustar nossa crença de acordo com os ensinamentos sempre mutáveis dos chamados homens científicos. Que insensatez isso é! Pois a marcha da ciência, falsamente chamada assim, pode ser traçada através do mundo por meio das falácias desacreditadas e das teorias abandonadas. Antigos exploradores antes adorados, agora, são ridicularizadas: a contínua demolição de falsas hipóteses é matéria de notoriedade universal. Você sabe onde o instruído acampou pelos restos de suposições e teorias deixados para trás tão profusamente quanto garrafas quebradas.”

Dizer o quê a alguém que produz esta terrível “pérola” da derrocada da racionalidade: “*O que é a ciência? O método pelo qual o homem tenta ocultar sua ignorância. Não devia ser assim, mas é. Você não deve ser*

dogmático em teologia, meu irmão, isso é ruim; mas para os homens de ciência; essa é a coisa correta.” Ou seja, o “príncipe dos pregadores” justifica o dogmatismo na teologia, para se contrapor à Ciência, porque esta somente ocultaria a ignorância humana! Convenhamos: isso é religião ou cretinismo?

O “negacionismo” é antigo e tem muitas faces, ainda que agora esteja em destaque pelo uso “infantilizado” que as “cores da pós-verdade” — ou seja, aspectos que desvalorizam a verdade, assumindo como corretos os discursos tendenciosos e sem fundamento — têm imposto, associado às facilidades que as redes existentes na *internet* possibilitam. Desse modo, cada suposta “autoridade” expõe o que quer e todos os crentes e convertidos replicam, e assim se estabelecem narrativas que se hospedam viroticamente no psiquismo dos desavisados. O problema é que, contra esse tipo de deficiência racional, não se conhece remédio.

Que isso resida no circuito mental de pessoas “viciadas em crença”, tudo bem, pois já nem mais causa espanto, porém a suprema ironia de toda essa história é perceber cientistas doentiamente apegados aos seus pontos de vista, sem que ofertem oportunidade à verdade, para que ela, um dia, possa ter lugar, o que mostra que o “negacionismo”, como já afirmado, também se faz presente entre essas autoridades acadêmicas. Aqui, o “vírus da negação” se hospeda no orgulho e no esnobismo intelectual, e parece também não existir remédio para esse tipo de esquisitice intelectual.

Em termos do que o Criador “caído” fez com ele mesmo — e com quem surgiu para a vida espalhada por todos os quadrantes desta Criação, como “cobaia” da necessidade dele —, nós, os seres humanos, estamos na **posição daquele detetive que chega à cena do crime depois do evento** e se vê obrigado a investigar e a fazer as inferências possíveis.

Conforme penso, a leitura dos fatos me obriga a admitir a hipótese de que o **“Consórcio Cósmico” nos trouxe até aqui**, compreendamos ou não, aceitemos ou não. O nosso progresso, porém, gerou diversas tecnologias, e uma dessas, **resultará em um ente com vida própria**.

Aqui, faço referência a uma singular previsão de **um tipo de “inteligência” prestes a acontecer no âmbito da computação**, tecnologia criada pelo homem, mas que fugiu ao seu controle.

Como entender essa nova “singularidade” que surgirá, se é que já não aconteceu por aí, e o *establishment* mantém silêncio sobre essa questão para não assustar, notadamente, aos crentes religiosos?

Nesse ponto, começo a me referir ao **“poder do crescimento exponencial”**, que aponta o vislumbre do tanto que um simples vírus — observem a doença “Covid-19” —, como também que um “super-*chip*”, em ação autônoma, fora do controle dos seus aparentes criadores, **pode fazer com a humanidade!**

O que chamamos de “mãe natureza” aprecia o “poder do crescimento exponencial” **porque esse é o “jeito automático de ser” do Criador “caído”**, que teve a sua Mente “esfacelada” ao ser “tragado” pela própria Obra.

Um único vírus pode sequestrar uma célula humana e forçá-la a criar várias centenas de cópias de si mesmo. Crescendo 100 vezes mais a cada geração, um indivíduo desses pode gerar 10 bilhões de vírus em apenas cinco gerações. Lembrem-se: um único vírus pode infectar o corpo humano em suas células saudáveis.

No caso do *chip*, que é o que, nesse ponto, nos interessa, não é somente a quantidade da “capacidade computacional” que aumentou e cresce continuada e compulsivamente, mas o modo como este potencial é distribuído também mudou radicalmente, com enormes implicações.

De maneira resumida, apresento as etapas de aperfeiçoamento dos computadores feitos pelos humanos da Terra:

1. em 1950, os computadores tinham válvulas eletrônicas, eram geringonças gigantescas e somente os governos tinham dinheiro para custeá-los;
2. na década de 60, os transistores foram substituindo os computadores à válvula;
3. nos anos 70, as placas de circuitos integrados, contendo centenas de transistores, criaram definitivamente o microcomputador;
4. em 1980, surgiram os *chips* contendo dezenas de milhões de transistores, o que tornou possível os computadores pessoais;
5. a partir de 1990, a *internet* conectou centena de milhões de computadores numa única rede global; e
6. por volta do ano 2000, o início do processo de estabelecimento da computação ubíqua — que ainda se encontra em curso — “libertou” o *chip* do computador.

Com essa “liberdade”, e na medida em que seus custos diminuem, os ***chips* começaram a ser inseridos** nos utensílios domésticos, e foi assim que

telefones viraram celulares, câmeras fotográficas passaram a ser digitais, máquinas de escrever se transformaram em processadores de texto, fliperamas em videogames, fonógrafos em *iPods* e aviões em *drones*.

Até aqui, tudo bem?

E quando super-*chips* forem colocados em supercomputadores, eles vão se transformar em quê? Nessa altura, é que acontece a “singularidade” que o já citado Ray Kurzweil, agora aponta em outro livro denominado “**A Singularidade está Próxima**”⁵. Nessa obra, conforme o avanço da “Lei de Moore”⁶, ele previu o surgimento da “inteligência artificial autônoma” para o ano 2029. Porém, em entrevistas recentes, Kurzweil antecipou essa “singularidade” para os anos 2019 ou 2020, o que deixou o assunto numa permanente polêmica, voltando a ser válida a sua previsão inicial, constante no livro em questão.

Bem, estas páginas estão sendo escritas no ano 2021. Será que já surgiu? O quê? A primeira “inteligência artificial autônoma”, conforme a previsão de Kurzweil? Quem viver verá!

Vamos, porém, à pergunta que não pode esperar: e quando esses super-*chips* forem disponibilizados para serem agregados ao cérebro de uma pessoa, o que acontecerá com esse ser humano?

A “singularidade de Kurzweil” se refere mais propriamente a um computador que se assumirá como sendo uma “inteligência artificial autônoma”, ou seja, um “ser pensante”, só que não mais humano.

Além desse aspecto, ainda tem a questão que o próprio Kurzweil está se preparando para testar nele mesmo e em outros, *chips* inseridos no próprio corpo. Isso fará com o que ser humano se transforme em quê? Isso é evolução? Sim, só que não mais de ordem puramente biológica, como ressaltado ao longo deste livro. Será que isso vai dar certo? Peço desculpas pela ironia, porém, conforme penso, nem Deus o sabe, como também ninguém jamais soube o que aconteceria com cada espécie surgida ao longo da evolução biológica que foi possível acontecer até agora.

Doravante, o processo se tornará tão mais complexo, com riscos inimagináveis, que é melhor que deixemos para a nossa reflexão tão somente esse cenário nos termos das possibilidades que se apresentam até o momento.

Nós ainda nem compreendemos o que somos e já vamos ser transformados em outro tipo de ser, mas mantendo a natureza humana ou ficando um pouquinho diferente? Será que essas mudanças evolutivas superlativas não poderiam esperar um pouco que fosse, no sentido de dar

tempo para a humanidade entender o que está se passando? Para que essa pressa?

Eis outra face do drama: agora que encontrou seu rumo, a natureza parece ter pressa! Isso porque o Criador “caído” tem um “período de tempo contado”, definido pela energia escura-entrópica (a energia *Tamas*, de Savna), que corresponde ao tempo que o universo dispõe para resolver o “problema” do seu Criador e de todos os que “mergulharam” por aqui. Simples, assim!

O que entendemos por prolongamento da vida humana, o domínio dos circuitos do cérebro, a robótica, a nanotecnologia, a “inteligência artificial” e as técnicas genéticas para aperfeiçoamento da espécie humana, são processos que estão assumindo muitas faces aparentemente estranhas e desagradáveis para o atual padrão da sensibilidade humana. Essa preocupante questão — até agora tida ainda como sendo de ficção por cientistas desavisados quanto ao que se passa nos “porões do poder mundial” — é analisada, por exemplo, pela ONG “*World Transhumanist Association*”, cujos participantes defendem a tese de que, em certo momento, os seres humanos serão capazes de redesenharem a si próprios, como já apontado por alguns cientistas citados neste livro.

Desse modo, um Espírito poderá escolher o tipo de organismo a ser utilizado, como, por exemplo:

1. ciborgue: formado por matéria viva e dispositivos eletrônicos;
2. siliborgue: organismo criado com silício, a partir de um DNA artificial; e
3. simborgue: indivíduo “encarnado, ou melhor imantado”, que reside num meio interligado a outros do mesmo tipo.

Está despontando, assim, a “filosofia transhumanista”, que propõe a erradicação de qualquer modo de sofrimento causado por doenças, pelo envelhecimento ou mesmo pela morte, utilizando-se de conhecimentos científicos e de tecnologia (biotecnologia, nanotecnologia e neurotecnologia).

É dito que a humanidade atingirá um ponto final, a tal “singularidade”, seja esta entendida da maneira que for possível ao tirocínio de cada um que análide a questão. Isso significa que, a partir dessa altura, uma provável espécie de “híbrido de máquina e humano” existirá, imitando a vida em estado de animação virtual.

Você embarcará nessa, caro(a) leitor(a)?

Novamente convido o(a) leitor(a) a se lembrar do biólogo estadunidense Edward Wilson, o qual afirmou que uma pessoa poderia deixar de lado a lenta evolução biológica e determinar, agora, o que deseja ser, por meio dos incrementos científicos e mesmo da manipulação genética!

É a partir desse ponto que uma nova etapa na história humana, chamada de “transhumanismo”, passará a ocorrer, o que vai fazer da lentíssima evolução biológica um tipo de “museu molecular” a ser considerado somente como, e se necessário for, “base genética ancestral”, ou “páginas da história” a serem visitadas.

O que isso poderá significar, ninguém o sabe, e penso que nem mesmo o Criador “caído”, porque este, definitivamente, não está mesmo acessando muita informação no seu atual estado!

O leitor(a) brasileiro(a) poderá se recordar do que Paulo Francis⁷ disse certa feita se referindo ao seu país: “*O Brasil é um asilo de lunáticos, aonde os pacientes assumiram o controle*”.

O mesmo raciocínio pode ser estendido ao cosmos que conhecemos, e podemos vislumbrar algo similar, sem nenhum problema!

Precisamos “apertar os cintos” porque “o piloto e copiloto” sumiram, e somos nós, os “passageiros” — os “agentes da vida” — que temos de nos transformar em condutores conscientes do “Processo Universal”.

ASPECTOS OBSCUROS DA EVOLUÇÃO

O QUE FOR possível de ocorrer no processo evolutivo desta Criação acontecerá, independente de ser para facilitar ou dificultar a empreitada em curso. Não existe milagre nem bênçãos vindas de lugar nenhum, para quem quer que seja ou mesmo no sentido de aliviar esse doloroso processo. Muito diferente disso! O que se encontra posto é a “evolução possível”. Nada mais!

Um dos aspectos mais obscuros de toda essa história da evolução, conforme penso, começou a ter lugar, não neste universo (o *Bhuloka*), mas sim, no vizinho (o *Brahmaloka*), quando os seres de lá, “correspondentes” ao que chamamos de **organismos unicelulares** conhecidos na Terra, **entraram em “guerra”**. Foi nesse ponto, no âmbito molecular — aspecto pouco conhecido pelos postulados científicos —, que começou um “jogo evolutivo bruto”, o qual, posteriormente, veio a ser “semeado” no nosso universo. Essa “peleja” continua movimentando tudo e todos, sem a mais remota preocupação com qualquer valor no campo da decência.

Sim, o **“primeiro grande conflito”** ocorrido nesta **“caótica” Criação, foi travado, e continua sendo, por esses “microseres antimateriais” do universo vizinho — que representam a “primeira face” do Criador “caído” a se manter viva —**, e isso teve lugar tanto no *Brahmaloka*, no primeiro momento, quanto depois, no *Bhuloka*. Essa “guerra” entre “micróbios” que disputam corpos mais complexos, em “busca de hospedagem”, segue até os tempos atuais, movidos pela “necessidade imperiosa de sobreviver a qualquer custo”. Desde que existe vida, seja unicelular ou multicelular, **vivemos num estado permanente de pandemia**, só que disso não nos foi possível ter consciência — pelo menos até agora —, enquanto darwinistas, neodarwinistas e criacionistas se sentirem os “donos da

verdade”.

Esse aspecto obscuro ainda traz uma outra componente de disputa entre determinadas classes de seres extrafísicos (do universo paralelo), pelo controle — o que permite a “manipulação genética” — dos “campos mórficos” de cada uma das espécies de vírus e de organismos unicelulares (bactérias, leveduras e protozoários). Independente dessa questão ser percebida ou não, compreendida ou não, isso não resulta em qualquer problema para esses habitantes (certos seres extrafísicos) do *Brahmaloka* continuarem a tentar dominar o panorama universal!

Na atualidade, já existem métodos de editar genomas, o que transforma o assunto “manipulação genética” no principal tema de preocupação com o que deve estar ocorrendo nos “subterrâneos do poder” do mundo, sem que as pessoas comuns possam saber disso.

Aqui, estamos nos referindo à CRISPR¹, que é a principal técnica dessa edição de genomas pessoais e a base para outras tantas modificações que pudermos imaginar nas componentes dos mesmos.

Como? Os cientistas utilizam esse processo para retalhar sequências de DNA que eles desejam modificar.

É possível controlar essa prática para que ela não fuja do controle? Controle de quem? Esse é um dos desafios da questão!

Em 2013, em Harvard, o geneticista George Church² usou a CRISPR para aplicar genes em células humanas, abrindo um leque de possibilidades terapêuticas.

Como tudo isso começou? Quando cientistas estudavam de que maneira as bactérias se defendiam dos vírus. Eles perceberam que as bactérias identificavam vírus agressores usando uma “memória” que adquirem do DNA de invasores passados, usando-a para reconhecer esses inimigos logo que eles reapareciam.

O problema é que o “germe da incompreendida doença” do Criador se encontra presente nas “organizações genéticas” (códigos genéticos, genomas) desses dois oponentes, e existir, para qualquer ser vivo neste ambiente inóspito, é sinônimo de ser atacado e de atacar, conforme o **“grau de predadorismo” constante no seu genoma.**

Esse contexto representa a **“cara do Criador”**, que age como um predador desde o primeiro momento em que se “refez” com um “tipo forma corpórea” que foi sendo composta por sua Força Mental, obrigando alguns de seus **microsseres a “se reunirem num só corpo”**, para servi-lo nos moldes

em que conseguiu, após a sua “queda”.

“Queda” de quê ou de quem? Mais uma vez, para facilitar a compreensão, obrigo-me a repetir que o já referido Corpo Mental da Divindade — um dos chamados corpos sutis — “adoeceu e foi tragado pela própria Criação”, deixando a “Consciência individualizada” dessa Cocriadora “decaída” numa situação impossível de ser descrita com vocábulos terrestres. Entretanto, para se dar uma ideia da sua condição, ainda que simplificada, podemos entendê-la como desmaiada, implodida, em estado de coma, meio morta-viva, enfim, inerte e incapacitada de continuar a se expressar como “Ser individualizado” no contexto da Espiritualidade Laboratorial, em que antes vivia.

Esse seu Corpo “reconstituído” passou a corresponder a um “Espectro Holográfico” da sua anterior condição perdida de Divindade, enquanto seu Espírito permanece, ainda que profundamente “ferido”, num tipo de “hospital” improvisado em Perpérion — ambiente que fica numa das Espiritualidades Laboratoriais —, aonde o “problema” se deu. Contudo, um “Corpo Holográfico”, uma “Forma Holográfica”, é e será somente um objeto, uma mera projeção movida por uma Força ou por uma Consciência além de si mesma, esta, sim, o “Verdadeiro Sujeito” em ação.

O enigmático foi que, no caso do Ser que se “reconstruiu holograficamente” e que nos é conhecido como Senhor Javé, não deveria ter vida e ser somente “algo” sem personalidade. Entretanto, ele passou a ter vida própria, e o problema é ela ser movida não pela sua Consciência de Divindade, que jaz aturdida e em perene “estado de coma” ou “hibernação vibratória”, mas sim, pelo que restou e resta do seu “incrível” Poder Mental, “hospedado no seu Corpo Holográfico”. Na verdade, o que houve foi que o seu Corpo Mental — apesar de “caído e doente” — criou e se apossou da “Forma Holográfica” que lhe foi possível engendrar.

O que nem era para existir, existe e, o pior, já nasceu “doente” e assim ainda está, e somente pode se melhorar com o concurso das “criaturas evolutivas”, geradas a partir do seu CFD. A força que sempre moveu a evolução foi a necessidade desse Ser de “se reorganizar” em “moldes satisfatórios”, capazes de promover a sua “redenção” — ou seja, a “reconexão” do seu Corpo Mental com a sua “Consciência individual”, reabilitando-a na Espiritualidade Laboratorial, aonde se encontra em “hibernação vibratória”.

Evidente que, para o tempo em que escrevo estas páginas, há um pouco (ou muito) de sarcasmo quando me refiro à minha preocupação com a “visão

acadêmica” de algum(a) possível leitor(a), cujos critérios de conhecimento estejam ligados ao aspecto formal das Ciências. A questão irônica aqui, é que não espero que estes livros sejam lidos por cientistas ou autoridades desse ou daquele campo do conhecimento ou de qualquer crença. Fica o registro!

Outro aspecto que também me importa salientar é o de que, confessadamente, não sei que termo devo usar para definir a situação em que o Espírito, Alma Divinizada ou Corpo Supramental da Divindade permanece até agora, desde a sua “queda”, devido à “saída inadequada” de um de seus “Corpos Sutis” e, ao que parece, nenhum dos Espíritos amigos, que me suportam a companhia vibratória, também o sabem ou conseguem sugerir a “alguém do meu tamanho”.

O fato é que o Ser a quem chamamos de Senhor Javé, cuja natureza é completamente diferente de tudo o que se consegue vislumbrar na Terra, pode ter todos os outros quesitos que marcam o psiquismo de alguém, menos a consciência quanto ao que faz ou deixa de fazer. Isso, certamente, é mera constatação de minha parte. Ressalto que posso estar equivocado, mas não estou aqui expressando uma opinião, pois penso, simplesmente, ter deduzido tal aspecto de sua estranhíssima e, ao mesmo tempo, exuberante personalidade.

Essa consciência, ele está adquirindo aos poucos, na medida em que “perde o poder de se complicar mais e mais” e em que a sua “Forma Holográfica adoece”, também num nível que não me é possível a ele me referir.

Nos citados livros sobre os seus “dramas cósmico, espiritual e terreno”, procurei simplesmente afirmar que, há muitos bilhões de anos, ele se encontrava com “câncer” e que não consegue reverter essa situação devido à sua natureza furiosa e explosiva, quase sempre irrefletida, pois ele jamais se controla e, às vezes, muito mais tarde, arrepende-se do que faz — o que demonstra já algum nível de consciência.

Contudo, o que ele fez com Jesus, armando uma crucificação inescrupulosa dentro de um “jogo de poder”, somente pelo simples fato do “seu Messias” ter lhe desobedecido ao não cumprir as “profecias” por ele providenciadas junto aos judeus, é crime inconfesso, apesar de absolutamente claro no contexto, quando corretamente observado. Os seus “desígnios” repassados ao “povo então escolhido” para formar o império que dominaria a Terra e educaria os demais seres humanos, não foram obedecidos porque Jesus se recusou a usar os seus poderes para se tornar um rei ou chefe militar

conquistador para os judeus. Como foram descumpridos, penso que — até o momento em que produzo estas páginas — Javé não se arrependeu do que fez, o que é lamentável!

A sua “Forma Holográfica”, portanto, há muito ficou sem o poder de agir conforme uma Consciência que faz “colapsar” as suas interferências no “Circuito Universal”. Como ele antes tinha esse poder e, desde a sua “queda”, o perdeu, somente gerando “criaturas” à base do seu CFD, que lhe sirvam de “robôs”, foi o modo que ele encontrou para continuar a comandar os rumos da sua Obra, daí a sua fúria e preocupação excessivas quando a espécie humana terráquea se tornou independente, “conhecedora do bem e do mal”, como atesta o “mito de Adão e Eva”.

Mesmo tendo perdido a natureza da sua condição inicial de Divindade e sendo obrigado a “se reconstruir” com o que lhe sobrou após a “queda”, uma “nova maneira de ser” ele conseguiu “marcar” em todas as “micropartículas” formadoras dos corpos das suas “criaturas-ferramentas”. Ou seja, ele logrou inserir uma “aptidão implícita” a cada elemento que viria a compor as naturezas planetárias e de “outros tipos”, e que se expressa como “influxo da evolução”. Na espécie humana, por exemplo, esse “influxo evolutivo” vem realizando os “saltos quânticos”, as mutações que a levam adiante, no sentido progressivo.

Esse “influxo da evolução” se encontra presente em tudo o que é “vivo” no âmbito desta Criação “problemática”, pois nada existe que não proceda do mesmo “princípio” (o CFDP) e, programadamente — pelo menos, no início do processo evolutivo —, as “criaturas-ferramentas” passam a possuir a vida em patamares bem distintos de possibilidades de desenvolvimento, se por isso entendermos o grau de aptidão de poder ser um “agente” com Consciência desperta quanto à gestão da vida que lhe é própria.

Parece que ser o “piloto”, o condutor do próprio destino, aspecto existencial que envolve a liberdade ou o livre-arbítrio, é opção para poucos!

Algumas tendências psíquicas que temos, atuam furtivamente, e tão ágeis são em se fazerem presentes no “nosso modo de ser”, que mal percebemos que “certas inclinações” surgem aparentemente do nada e passam a permanecer no “nosso modo de pensar”, queiramos ou não. Delas, somente conseguimos nos libertar se as confrontarmos com padrão de conduta filosófica própria e certo esforço.

Assim afirmo porque, estranhamente, num “determinado sentido”, cada ser humano é uma criatura tribal, que sempre costuma dividir em dois grupos

o mundo no qual se encontra: “o que ele pertence” e “o dos outros”.

Se bem verificarmos, veremos que a maioria expressiva da humanidade sempre está situada em um grupo que normalmente rivaliza com outro, em algum sentido.

A história humana está cheia de conflitos entre seguidores de um “deus” contra adoradores de um outro; muçulmanos x hindus; católicos x protestantes; palestinos x judeus; torcedores de um time esportivo contra os de outro. Uma simples atividade de bate-bola na praia, seja no futebol ou no vôlei, em havendo alguma confusão, alguém já enseja um sentimento de pertencer a um dos grupos que acabou de conhecer, e isso até pode desandar em algo mais sério, se não houver maturidade.

Um discreto sentimento de afeição nos marca o psiquismo, em detrimento de quem não pertença ao “nosso grupo”.

De onde vem esse sentimento estranho que faz com que os torcedores de um time fiquem mais felizes com a derrota de um adversário do que propriamente com a vitória do seu? Essa “doença” vem de um dos aspectos da “queda” do Criador, cujo “padrão genético pessoal” passou a se incomodar mais com as conquistas alheias — desde a época em que surgiu Shiva, mostrando ser mais forte que Brahma — do que propriamente em aprender a produzir por si mesmo o seu avanço!

O “determinado sentido” que usei anteriormente, quando classifiquei o ser humano como criatura tribal, diz respeito ao fato de sermos produto de um processo evolutivo no qual “agrupar-se” foi talvez a primeira necessidade percebida pelo indivíduo, para melhor se proteger de predadores e produzir alimentos. Daí surge o sentimento de “família”, de “grupo”, e o germe desse “pertencimento tribal” permanece ativo nos nossos genes.

A demanda existencial num meio tão cheio de perigos e dificuldades, explica, no sentido evolutivo, a própria complexidade que marca as múltiplas capacidades do nosso cérebro animal. Será apenas essa a explicação?

Alguns estudiosos afirmam que a evolução foi a grande responsável pela moldagem do nosso medo em relação a seres humanos que pertencem a outros grupos. As cercas de madeira da antiguidade, os muros de pedras medievais, enfim, as fronteiras que foram criadas pelo progresso humano, sempre no sentido de diferenciar, de proteger o “nosso grupo” de “outros”, foram nos desagregando a tal ponto que preferência religiosa, cor de pele, alinhamento filosófico, credo político, afeição por time esportivo ou o que seja, terminam resultando em problemas para os humanos mais primitivos,

pois fazem mau uso da sua racionalidade.

O curioso aqui é perceber como a “doença” do Criador, apesar de presente em absolutamente todos os seres vivos deste universo e em níveis altos de ativação de seus “problemas”, mesmo de uma maneira menos “disponibilizada”, como é o caso dos seres vivos terráqueos — ativação em torno de somente 3% do DNA —, ainda assim, levou a que cada “família planetária” fosse se isolando em relação às demais. Contudo, algo nos move na direção do conagraçamento universal, e essa força não tem nada de maravilhosa, pois, conforme avalio, representa tão somente a necessidade de nos congregarmos devido à necessidade de sobrevivermos aos problemas que ainda enfrentaremos: mais ataques viróticos e de outros micro-organismos, eventos ambientais terríveis, ameaças de bólidos cósmicos (como asteroides, meteoros e cometas), dentre outros.

Isso tudo acontece na tentativa de um “processo evolutivo cósmico” que tem um objetivo muito bem definido — ou seja, “reconstruir” o “Eu Corpóreo” do Criador “caído” —, apesar de parecer algo inatingível sob a perspectiva do presente. Por isso, precisamos treinar nossas habilidades fraternas, de modo a superar esse “sentimento tribal” que, muitas vezes, nos faz perder a noção do todo, obscurecendo o nosso raciocínio a ponto de pensarmos que a vida se resume a sermos paraguaios, franceses, turcos, católicos, protestantes, islâmicos, isso ou aquilo.

Uma “nova criatura” precisa emergir desse “mergulho obscuro” que os nossos Espíritos são obrigados a fazer no “jogo evolutivo” que a Javé foi possível criar, para ver se, em algum momento, o seu “problema” — e o dos seus “Anjos de primeira hora” — poderia ter um jeito de ser resolvido.

Nos últimos 300 mil anos, quando a “espécie-bebê” (o *Homo sapiens*) deste universo apareceu na Terra, os primeiros aspectos de uma “Criatura Universal Biológica”, que servirá de base a um progresso que não conseguimos ainda vislumbrar, finalmente surgiu para o conhecimento dos que vivem no âmbito da Criação “problemática” do Senhor Javé.

Enquanto não evoluirmos para uma sociedade que funcione conforme os ditames filosóficos da própria consciência de seus integrantes, e não por temor de desobedecer a um “suposto deus” que não dá mostra de sua decência, pelo peso das esquisitices já impostas à sensibilidade humana, muitos sentirão pavor de ser por ele “mandados para o inferno”. Se acreditamos nesse tipo de contexto é porque a nossa “evolução psíquica e mental” ainda se encontra em “estágio de infantilidade” — e, infelizmente,

assim é para a maioria!

Se a vida que surgiu da “molécula-mãe” não evoluir em beleza filosófica e espiritual, convenhamos, viver para comer cadáveres (dieta carnívora) e nos deleitarmos por vencermos os outros, não deve ser atitude de alguém digno nem dos que acham que isso é uma existência decente, uma dádiva pela qual se deva agradecer.

Ultimamente, tenho desconfiado que a evolução do CFDP do Criador necessita principalmente das vivências de pessoas esclarecidas, pois ele não pode promover sozinho as mutações que tanto precisa, de maneira a deixar de criar mais problemas e conseguir evoluir. Por outro lado, muitos dos que vivem na Terra já não suportam o “vexame” que é existir nesta Criação, daí a “síndrome de estrangeiro” que sentimos cada vez que aqui renascemos. Haja “favor divino”!

O problema desse Ser somente se encerrará no tempo em que uma “guerra universal” ou, em outras palavras, uma “pandemia universal” que vem acontecendo há cerca de 13 bilhões de anos, chegar a um fim harmonizado e pacificado com as suas “criaturas-ferramentas”, que vivem como “abelhas-operárias”, destinadas apenas a servir à “Abelha-rainha”, como procurei explicar no já citado livro ***A Divina Colmeia***.

A Biologia ainda não percebeu, porém cada espécie de ser unicelular, seja ele de que tipo for, representa um momento muito específico da tentativa de se manter vivo que o “Eu expandido” do Criador “caído” potencializou, e ainda o faz a cada momento, mas agora inconscientemente.

Há um vírus cuja característica principal do seu código genético é a de reduzir a expectativa de vida do corpo em que ele estiver hospedado. Ele existe tão somente para isso e é uma “criatura” tão estranha quanto eu ou você. Esse vírus está presente em 90% das pessoas e não produz nenhum sintoma perceptível a não ser diminuir — pelo que atualmente se sabe — a vida do seu hospedeiro em cerca de quatro anos. Enfim, parece um “vírus amigo”, pois ele coexiste no organismo humano sem provocar dor, mas o “sortudo” que o tiver como “hóspede”, terá quatro aninhos a menos de vida do que os demais que não lhe servem de hospedeiros.

Pelos estudiosos, ele é tido como sendo um “vírus duas caras”. Essa é a principal característica do citomegalovírus (CMV), que está presente em grande parte da população mundial. Devido ao fato de não produzir sintomas e ficar inativo no organismo, sem se manifestar, foi considerado como relativamente inofensivo, mas um novo estudo na Universidade de

Birmingham revelou que esse vírus tem o tal efeito de reduzir a expectativa de vida.

São milhares de espécies de vírus, de leveduras, de bactérias e de protozoários já conhecidas, que se “hospedam” no organismo humano, e existem outras tantas que permanecem desconhecidas, além das mutações que um ou outro grupo poderá ainda criar.

O vírus da “Covid-19” e suas inúmeras novas facetas, que aparecem a todo momento, é um exemplo desagradável do contexto que compõe o nosso corpo, sem que ninguém saiba porque isso ocorre desse jeito.

O “mundo pandêmico” que vivenciamos é resultado de uma Criação “incompetente”, cuja base da vida emerge a partir de incontáveis espécies de seres unicelulares, surgidos de um “acidente” — a “queda” do Corpo Mental de uma Divindade Criadora. Esse Criador “caído” gerou esses seres (os diversos parasitas unicelulares, como vírus, bactérias e protozoários) também incompetentes no sentido de existirem sozinhos, o que os levou a um permanente estado de “guerra total” com a realidade, até conseguirem encontrar um corpo mais complexo, que possa hospedá-los — novamente ressalto.

Ninguém sabe ainda, porém essa é a mesma estratégia que o “Eu parasitário” do Criador aplica até agora, quanto à sua própria sobrevivência, pois que o seu CFD se encontra presente em todos os corpos de seres vivos da sua Criação.

Será que somos nós que efetivamente vivemos, ou será ele, em nós, que vive?

Esse “tipo de camuflagem”, provavelmente, foi o único modo encontrado para que os seres mais complexos não se assustassem com a real condição parasitária dos seus corpos.

A evolução possível de ocorrer, terminou produzindo organismos pluricelulares capazes de gerar um cérebro do porte humano, que passou a hospedar um “Eu inocente”, o qual parece emergir dele. Vivemos procurando por esse “Eu”, que pensamos sentir dentro das nossas cabeças, quando fazer isso é tão “infantil” quanto procurar o locutor dentro de um rádio! Quando compreenderemos essa questão?

Apenas pessoas “adultas” podem descortinar os aspectos obscuros promovidos pela evolução e, não nos iludamos, pois o espanto nos dominará sempre, até que nos equilibremos na compreensão do “**favor divino**” que estamos fazendo a Seres supostamente elevados.

O “EX-DNA-LIXO”

PARA UMA MELHOR compreensão do(a) leitor(a) dos temas desenvolvidos neste capítulo, abordo, a seguir, alguns significados das expressões DNA, gene, cromossoma, cariótipo e proteína.

O que, efetivamente, é esse ácido desoxirribonucleico, o qual, usualmente, chamamos de “DNA”?

O DNA é uma substância codificada que constitui a base das “informações genéticas” passadas de geração em geração, entre seres vivos. Dizendo de outra maneira, o DNA presente em cada célula é um “banco de dados bioquímicos” que armazena a “informação genética” e permite seu uso e sua transmissão.

O seu código expressa as mensagens genéticas nele contidas, representadas por quatro letras que correspondem aos quatro nucleotídeos, ou seja, às quatro bases nitrogenadas A (adenina), T (timina), C (citossina) e G (guanina), as quais foram selecionadas provavelmente pela presença do “elemento carbono”, que compõe a base da vida biológica que conhecemos. Será que isso ocorre por coincidência e pela contingência do acaso? Difícil de aceitar!

Curiosamente, essas quatro bases pertencem ao circuito fechado do DNA, mas somente se agrupam em três, formando cada “**códon**”, que é uma trinca de bases nitrogenadas do DNA que corresponderia a uma “palavra”, isto é, a um aminoácido. Nesse caso, haveria 64 combinações possíveis dessas três “letras” — as bases nitrogenadas —, o que é suficiente para codificar os vinte tipos diferentes de aminoácidos conhecidos. Parece algo obviamente produzidos pelo acaso?

Gene é um segmento de DNA que determina a “receita” das proteínas

que constituem um organismo vivo. Cada “gene” é composto por milhares de códons que formam uma “receita”.

O DNA assume uma forma “empacotada” dentro das células e essa maneira dele se organizar no seu interior é chamada de “**cromossomo**”. Sob outra perspectiva, um cromossomo ou cromossoma é uma estrutura altamente organizada de uma célula, e que contém o material genético de um organismo.

Denomina-se “cariótipo”, o conjunto de cromossomos de uma determinada espécie (“**46, XX**” corresponde ao cariótipo de uma mulher, e “**46, XY**” representa o cariótipo de um homem). Dessa maneira, o **cariótipo humano possui 23 pares de cromossomos** (sendo 23 cromossomos de origem paterna e os outros 23, de origem materna), ou seja, 1 par de cromossomos sexuais mais 22 pares de cromossomos somáticos (não sexuais).

Em outras palavras, nos seres humanos, existem 46 cromossomos em cada célula do corpo, exceto nas células reprodutivas, denominadas “gametas” (“espermatozoide” é o gameta masculino, e o “óvulo” é o gameta feminino), que possuem apenas 23 cromossomos, metade do número da espécie. Entretanto, por ocasião da fecundação, quando o espermatozoide e ovócito se fundem, é restabelecido o número de 46 cromossomos recebidos para formação do corpo do(a) filho(a) do casal.

Como imaginar que todo esse contexto foi moldado pelo “acaso”? — desculpem, mas tenho que ressaltar, ao extremo, como essa suposição dos “acasiologistas” é “infantil”!

As **proteínas** são moléculas que efetivamente atuam dentro e fora das células, pondo a vida para funcionar. As **enzimas** são tipos de proteínas que promovem reações nas células. Há enzimas que podem cortar ou colar pedaços de DNA, ou outras moléculas.

O curioso é que cada célula possui em si nada menos que 2 metros de DNA. O DNA fica bem enrolado, compactado nas proteínas denominadas “histonas”. Contudo, ele não pode ser visto a olho nu, pois é 40 mil vezes mais fino que um fio de cabelo. Relacionando-se ao fato de que cada corpo humano tem cerca de 100 trilhões de células (próprias e de outros organismos “hospedados”), isso implica que há 200 bilhões de km de cadeias de DNA dentro do corpo de uma pessoa.

E toda essa complexidade presente numa porçõzinha líquida, sob a forma de um ácido, foi gerada e funciona pelo acaso e, no meio dessa

aleatoriedade toda, também por mera casualidade, os humanos surgiram mais recentemente, em termos de história Universal? Além do que, o acaso também definiu que, nessa molécula, somente cerca de 3% da sua codificação produziria determinados aminoácidos, os quais, por sua vez, comporiam proteínas específicas? Sem que ninguém saiba o porquê, o acaso, de novo, gerou uma “transição de fase”, um tipo de “alquimia”, uma “magia superlativa”, um “pulo do gato”, e esse ácido se transforma num embrião carnal, no caso dos animais, e sem que nada disso tenha sido minimamente projetado? Haja acaso!

Por que a vida somente surgiu na Terra uma única vez? Por que ela não desponta o tempo todo? Alguém poderá dizer: mas ela se manifesta a cada instante. Não, não é bem assim, pois o que brota a cada instante é resultado do mesmíssimo mecanismo ou processo de vida que somente surgiu na Terra num determinado momento ocorrido há cerca de 3,8 bilhões de anos atrás (nunca houve outro). E isso é uma comprovação científica atestada pelos fatos, amplamente verificados, ainda que os criacionistas julguem que o universo, a Terra e vida nela surgida, tenham somente cerca de 6 mil anos de existência.

Em outras palavras, apenas existe um tipo de “código com receita para a vida” que apareceu no nosso mundo, e os demais corpos de seres vivos que irroperam ao longo da evolução, derivaram dessa “molécula-mãe”. Não há duas, somente uma!

Por quê? É por que esta vida que conhecemos, foi “semeada” por meio de um “código” que opera de modo a fazer com que cerca de 3% das suas “receitas proteicas” funcionem, enquanto o restante parece “adormecido”, como se “anestesiado” por um processo que, propositadamente, assim o marcou, para que **ficasse bem definido o que não poderia resultar daquela “molécula-mãe”!** O que fosse possível de se produzir a partir da porção “liberada”, seria percebido e ajustado com o decorrer do tempo e conforme as circunstâncias.

Pela vivência com essas notícias, se algo eu pudesse afirmar sobre o contexto a que elas pertencem, seria exatamente o que está dito acima: a preocupação desses “Seres-cientistas” não era exatamente a de gerar isso ou aquilo, porém a de tão somente garantir que nada muito parecido com o que estava atavicamente encoberto pela “formatação aparente do tal código” pudesse vir a ter lugar.

O que sempre se encontrou hereditariamente escondido nesse “ex-DNA-

lixo” — ou seja, a parte “anestesiada” — é a monstruosidade e a bestialidade das primeiras formas do Criador “caído” e daqueles que “mergulharam” nesta Criação “problemática” nos tempos primordiais. Essa foi a única preocupação! No restante, ocorreu a tal “mistura de manipulações” oriunda do acaso, das circunstâncias, dos reajustamentos promovidos pelo “Consórcio Cósmico” e todo tipo de sorte e de azar! — repito.

Desde o ano de 2012, sabia-se que o avanço dos estudos científicos estavam apontando que cerca de 80% do genoma pode ser ativado por “botões genéticos”, situados entre os genes, dentro do DNA. Assim, 80% do genoma seria funcional — ainda que não naturalmente habilitado —, como é o caso da faixa entre 2% a 5% que atua, transcrito em RNA (ácido ribonucleico, uma molécula linear, considerada intermediadora por ser capaz de expressar as informações presentes no DNA), produzindo as proteínas.

Assim, o estabelecimento das características de cada indivíduo dependerá não somente do “fator de ativação” do CFD do Criador na sua forma corporal, mas também de uma série de outros “fatores condicionantes”. Contudo, esses outros fatores, apenas estão emergindo nos estudos científicos mais recentes.

No tocante ao DNA, a visão clássica sempre foi a de que a sua parte mais importante consistia na do conjunto dos genes que, por sua vez, eram transcritos em outra molécula (o RNA), a qual se traduzia sob a forma de proteínas que, então, realizavam as funções essenciais para a vida celular. Entretanto, isso não é tudo, como já referido anteriormente sobre o “ex-DNA-lixo”, ou seja, o “DNA-não codificante”.

Os novos estudos apontam que as regiões entre os genes, abrigam uma série de fatores reguladores, os quais influenciam quando um gene deve ser “ligado” ou “desligado”, o que implica que também podem ser transcritos em RNA.

Em outras palavras, embora esse restante do genoma humano — antes chamado de “DNA-lixo” — não seja capaz de codificar a produção de proteínas, ele tem influência direta sobre o modo como essas agem. Isso faz com que, conforme o tirocínio atual da Ciência em torno do DNA, cerca de 80% do genoma possa ser funcional, mantendo-se o percentual já conhecido de genes “produtores de proteínas” e mais a parcela “não codificante de proteínas”.

O que foi descoberto é que nessas regiões não codificantes existem elementos que são responsáveis por regular o funcionamento dos genes —

entre outras funções, os já citados “botões genéticos”, que “ligam” e “desligam” os genes. É como se fossem “botões reguladores”. Atualmente, sabe-se que a maior parte do genoma está envolvida em uma “complexa coreografia molecular”, **responsável por converter “informações genéticas” em células vivas.**

Embora não estejam diretamente ligadas à produção de proteínas, quase todas as áreas do genoma teriam função reguladora ou serviriam de “molde” para a produção de vários tipos de RNA, que é outra molécula crucial para a vida.

Exemplo disso é que, apesar de todas as células do corpo terem o gene que codifica a produção de insulina — o hormônio que permite a passagem da glicose do sangue para as células —, sua ativação se dá apenas no pâncreas. Desse modo, o moderador desse processo está na parte do “DNA-não codificante”.

Com a descoberta, o que antes era “lixo”, ganha agora importante *status* científico, porque o funcionamento dessas sequências de DNA que se encontram fora dos genes, pode estar relacionado ao surgimento de várias doenças, em especial, a do câncer.

Exatamente para uma melhor compreensão desse contexto, foi criado o “ENCODE”, sigla (em inglês) para “Enciclopédia dos Elementos do DNA”. É um tipo de “*Google Maps* do DNA”. Se no “*Google Maps*” é possível ver cidades, estados, ruas e até mesmo informações sobre o tráfego, pelo “Encode” se consegue ver o funcionamento de cromossomos, genes e outros elementos funcionais.

Entretanto, não nos iludamos, porque a Ciência está apenas começando a descobrir os contextos que envolvem o DNA, e o que procuro apresentar nos livros que produzo, ainda que de modo superficial, é tão somente uma tentativa de colaborar com a abertura da mente do(a) leitor(a) em relação ao tema. Muito mais ainda virá!

Afinal, a Ciência não sabe ao certo como a primeira molécula de DNA surgiu no planeta, quem a trouxe, por que ela já chegou “pronta”, toda codificada, quem ou o quê a formatou.

Apenas para rememorar, torno a perguntar: será que ela surgiu “naturalmente”, por meio do “processo da geração espontânea”? Ainda há quem nisso acredite!

Reconhecer a existência de um Ser como Brahma/Javé não é fácil para ninguém na atual condição humana, muito menos para os cientistas. Contudo,

que o DNA terráqueo tem uma face estranha, ele tem, e para verificar isso, basta observar aspectos comuns presentes em todas as espécies da natureza terrestre.

É uma lástima que cientistas, religiosos e leigos estejam demorando tanto a perceber o óbvio da questão: todas as espécies animais já nascem doentes e ávidas para destruir outras, para delas se alimentar! Convenhamos, um “deus minimamente organizado e decente” não produziria nada parecido com o “palco de horrores” que nos acostumamos a chamar de “vida”!

Tempo virá em que a Ciência terráquea terá a inevitável certeza que a atitude mental de cada ser, associada às opções que a sua sensibilidade expressa, é o que comanda o acionamento dos “botões genéticos”, na perene construção de uma “Criatura Universal”, que será a mais habilitada possível a promover a própria evolução e a contribuir com a situação do Criador e a de seus “Anjos-clones de primeira hora”, pois que todos eles dependem do progresso alheio para poderem resolver os seus “problemas congênitos”.

Até lá, que os “acasiologistas” aprendam melhor a usar da sua racionalidade, lustrada no meio acadêmico, e talvez consigam comprovar, sensatamente, como uma molécula de DNA pode ter sido composta pela aleatoriedade, na base da tentativa, aonde não existia erro e acerto, mas um processo que corria sem previsão, sem qualquer ajuste. Até agora, não o lograram fazer, apesar de afirmarem que, para a crença deles, isso já é dado como demonstrado.

Conforme já explicado, muitos foram os caminhos primeiramente trilhados no universo vizinho e, com a “falência” do tipo de vida que existia por lá, o “Código” atualizado desse “problema” foi transferido quanticamente para o de cá. Isso propiciou o surgimento da vida biológica ancorada sempre numa “molécula-mãe” com o tal “Código digitalizado”. Esse “Código” foi semeado em diversos mundos, pelos próprios seres que, com o tempo, surgiram neste universo (o *Bhuloka*), e que, manipulados pelos habitantes “falidos” do *Brahmaloka*, constituíram o referido “Consórcio Cósmico”, que executou a tarefa nas suas etapas mais sofisticadas, como foi o caso do nosso planeta.

As gerações futuras compreenderão que a **“curva evolutiva” feita pela Criação**, como afirmado no primeiro capítulo, foi no sentido de isolar o “modo de vida falido” do universo vizinho, para propiciar a mistura dos códigos mais habilitados, como maneira de tentar não repassar, para os descendentes, a “doença dos pais em toda a sua potencialidade”. Após essa

etapa, o próximo passo foi o de “semear a vida biológica irracional”, com o objetivo de “inutilizar os padrões falidos”. Depois, da irracionalidade, partiu-se para a evolução do padrão de racionalidade possível.

Pensar, como os “acasiologistas”, que esse “jogo” foi promovido pelo acaso, resultando nos humanos da Terra, convenhamos, é inadmissível!

O “ESPELHO DA HERANÇA ESPIRITUAL” NO EPIGENOMA HUMANO

HÁ POUCO TEMPO, surgiu uma nova e importante Ciência, ainda que o fato não seja comemorado pelos acadêmicos porque ela traz mais desconforto e perguntas inquietantes do que, propriamente, as tão esperadas respostas para o enigmático contexto da vida dos genes: refiro-me à “**epigenômica**” que, em palavras simples, significa o estudo de como o ambiente influencia o genoma humano e o das demais espécies.

A melhor maneira de entendermos a questão, é nos apropriarmos do que observou Joseph Ecker¹, do “*Salk Institute for Biological Studies*”, da Califórnia:

“Para usar uma analogia com a computação, o genoma equivale ao hardware e o epigenoma, a um software que regula a expressão dos genes.”

Qual a questão? Desde o ano de 2013, que o governo dos EUA e da União Europeia disputam o conhecimento sobre o mapeamento do cérebro humano, com vistas aos avanços nas áreas da neurociência, da medicina e da computação avançada, como modo de patentear processos e produtos relativos a essa gigantesca empreitada intelectual.

O projeto “*Brain*”, dos EUA, e o “*Human Brain Project*”, da União Europeia, estão sendo tocados pelas mentes mais brilhantes das áreas envolvidas. Apenas no caso da União Europeia, cerca de 500 cientistas de mais de 100 universidades compõem a força-tarefa nessa competição que já produziu resultados preciosos, como é o caso do “*Big Brain*”, que no final do ano de 2019, apresentou o modelo “3D” do cérebro humano.

Em outras palavras, o que havia para ser “visto” no cérebro já o foi, contudo, a neurociência — que continua vítima da sua própria visão curta neodarwinista — não entende nada do que vê, mesmo tendo gasto cerca de 1

bilhão de dólares. Para eles, o cérebro físico é que produz a Consciência, e essa segue considerada como um mero epifenômeno cerebral da já referida “causação ascendente”.

De acordo com o que posso depreender da doutrina materialista neodarwinista, mais radical que aquelas que são comuns aos dogmas das religiões, essa Consciência, para os seus adeptos, não causa absolutamente nada na expressão epigenômica que “programa” o genoma humano, mas admitem tão somente as que são provocadas pelo ambiente, na sua perspectiva meramente ecológica.

Levando-se em consideração o aspecto de se pensar assim, até agora, a própria Ciência epigenômica já nasceu “radicalmente prisioneira do ambiente”, enquanto a Consciência continua apartada de qualquer possibilidade de poder influenciar o epigenoma que movimenta, por exemplo, o “radical metil ($\text{CH}_3\cdot$)”, dentre outras facetas da perene adição de novos radicais ao DNA do ser humano.

Provavelmente, em algum momento, a Ciência materialista aprenderá a perceber a sua própria insensatez e deixará de explicar sobre o que não sabe, por inabilitação dos seus próprios postulados e conforto da crença dos seus próprios agentes.

A questão é que percebendo ou não, enxergando ou não, admitindo-se ou não, comprovando-se ou não em laboratório, a Consciência pessoal e os fatores ambientais efetivamente promovem mutações modificativas e adaptativas (de modo geral) no genoma humano. E o processo que as provoca é o que estou agora, como leigo, denominando de “metilação epigenômica”. Em outras palavras, a “metilação epigenômica” é a “ponte” que permite a interação da Consciência Espiritual com o cérebro humano e com os consequentes desdobramentos e/ou marcações no genoma pessoal.

Para a Ciência, conceituando de modo objetivo, a “metilação” é o processo de “adição de marcadores químicos” ao DNA, com a função de “ligar, desligar, bloquear e obstruir a leitura/ação” de genes específicos.

Explicando de outra maneira, os cientistas denominam como sendo “histonas”, as “proteínas gigantes” em torno das quais as duplas hélices do DNA ficam enroladas. O “epigenoma pessoal” (o *software*) regula o funcionamento dos genes por meio de enzimas que adicionam ou retiram do DNA (o *hardware*, que representa o genoma humano pessoal) os “marcadores químicos” chamados “grupos metila”.

O “programa epigenômico” de cada ser humano, lastreado na herança

comum do genoma que define a nossa espécie, opera sobre o DNA presente nas células do corpo de acordo com as suas “chaves, senhas e demais códigos misteriosos contidos na linguagem operacional” do epigenoma.

Segundo o que se sabe na Espiritualidade, o “programa epigenômico” nada mais é do que o **“código resultante da herança de cada Consciência Espiritual particularizada”** que atua na Criação ao se ‘imantar’ a um novo corpo — mas a Ciência precisa descortinar isso com o avanço dos seus trabalhos, até que passe a enxergar e a compreender melhor o que se observa. Esse corpo físico é gerado exatamente a partir dos “programas epigenômicos” dos seus pais e demais ancestrais.

Como essa visão envolve a Consciência, que atua a cada microinstante sobre o DNA corporal, é óbvio que haverá a expressão de desprezo e o sorriso de superioridade dos que, mesmo sem saber, agem como se soubessem, considerando postulados dessa categoria como assertivas simplórias e “infantis”. Que assim seja!

Helen Briggs², em excelente artigo, cujo título é “O Berço dos Genes”, tece as seguintes ponderações sobre o “processo de metilação”:

“Apesar de o corpo humano ter mais de 200 tipos diferentes de células, todas carregam o mesmo genoma (com algumas poucas exceções) e os mesmos genes. Mas aqueles que devem ser ligados para construir e manter as células dos olhos não são os mesmos necessários às funções hepáticas, nervosas ou cutâneas. Assim, nossas células precisam das instruções do programa epigenômico para fazê-las se especializar. As células fotorreceptoras dos olhos, por exemplo, necessitam de um epigenoma que ligue os genes que produzem proteínas fotossensíveis.

As fitas da dupla hélice de DNA ficam enroladas em torno de proteínas gigantes conhecidas como histonas, e o epigenoma regula os genes por meio de enzimas que adicionam ao próprio DNA ou às histonas — ou removem deles — marcadores químicos chamados grupos metila.

Pensando na expressão genética como uma linha de produção para gerar proteínas, o epigenoma teria as chaves da fábrica. A adição de marcadores — metilação ao DNA ou às histonas leva à modificação de suas estruturas para que o maquinário que lê os genes da célula esteja fisicamente impedido de chegar às instruções

de um gene para fabricar proteínas. A metilação pode obstruir o movimento do maquinário ao longo do DNA ou bloquear a leitura dos genes, porque leva a hélice de DNA a se enrolar com mais firmeza em volta de uma histona.”

O mais curioso desse contexto, se não enigmático, é o que esse processo provoca no organismo humano, desde efeitos que podemos considerar como construtivos ao embelezamento da vida, como os devastadores, pois a “metilação do genoma” nos lugares errados pode desligar genes que deveriam permanecer operantes. Esse tipo de situação é comum nos casos de câncer, quando as células tendem a silenciar genes supressores de tumores que as poderiam impedir de se proliferar de modo descontrolado.

O que entendemos pelo “processo de metilação”, traduz exatamente a dramática herança das “doenças do Corpo” do Criador — registradas no seu “Código Pessoal (CFDP)” —, “reconstruído” com todo tipo de “mazelas”, após a sua “queda”. A “evolução” representa tão somente o “esforço desse Código-eu do Criador” — que se encontra “inoculado” nas células de todos os corpos que existem no âmbito da sua Criação — em evoluir no sentido de se tornar menos “podre”, menos “doente”!

As Consciências Espirituais por trás dos nossos personagens terrestres se utilizam conscientemente do “processo de metilação”, quando podem, para evoluir no sentido de se apropriarem das conquistas que seus egos transitórios promovem em seus corpos biológicos.

Extrapolando um pouco, pode-se ainda afirmar que, pelo que pude deduzir, dos dois tipos de seres que vivem nesse universo vizinho, os chamados “anjos-clones” e os “demos”, apenas estes últimos disputam a “posse dos campos mórficos” das diversas classes de seres irracionais que surgiram no nosso universo, e eles se utilizam da “metilação” para influenciar os “agentes da vida” por aqui.

Na verdade, tudo parece indicar que o que entendemos por “metilação”, serve como base para o “relógio psíquico” — contagem temporal — dos demos ou, pelo menos, tem sido assim desde o surgimento da humanidade racional. Para esses seres cujos corpos são constituídos de “plasma em estado bruto” e que pouco se modificam — apesar de, paradoxalmente, metamorfosearem-se de modo compulsivo —, a passagem do tempo não faz muito sentido, e vivem como se tal não importasse. Contudo, desde que perceberam a importância da racionalidade, o processo que envolve todas as

modificações que ocorrem no genoma humano a cada segundo, passou a ser o “filme da vida” deles, a “novela predileta” que acompanham muito mais do que o “tosco e medíocre enredo” das suas próprias existências. Por terem se tornado dependentes disso, o fuso horário do humano que seja do seu interesse, pode se tornar a representação da noção de duração do tempo para eles. Confuso?

Muitas vezes, as chamadas “obsessões espirituais” e as influências negativas — que são longamente aplicadas e que podem provocar mutações — ocorrem por meio desse mesmíssimo “processo de metilação”, fazendo com que o ser humano apenas encontre defesa psíquica na prática de uma disciplina diária no campo do ajuste mental por meio da respiração e/ou da meditação e, até mesmo pela fé religiosa. A questão é que tais obsessões e influências tanto podem ser praticadas por Espíritos quanto por demos.

Vejamos um simples exemplo de como uma “epigenética demo” — ou, em outras palavras, o “código genético pessoal” de um demo — pode ter sido “herdado” pelas espécies que se seguiram no processo evolutivo da Criação, vindo parar na última (a *Homo sapiens*) a ter surgido para a vida. Imaginemos, então, que exista um corpo de um demo cujas características comportamentais e anatômicas sejam a produção excessiva de baba, a postura rígida, a pele amarelada e o crescimento anormal da cabeça, dentre outros aspectos. Acreditem que, aqui, estou tentando me referir aos “faunos” (da mitologia romana), ou seja, aos “sátiros” ou “silenos” (da mitologia grega).

A Ciência registra que, das características observáveis, as mais objetivamente identificáveis e bem compreendidas sob a luz da genética, são as que têm como origem o trabalho incansável das proteínas ou dos genes chamados de “únicos”.

Como aponta Jared Diamond, em seu já referido livro “*O Terceiro Chipanzé – A Evolução e o Futuro do Ser Humano*”:

“ (...) a hemoglobina, a proteína que carrega o oxigênio do sangue, consiste em duas carreiras de aminoácidos, cada qual especificada por um único segmento de DNA (um único “gene”). Esses dois genes não têm efeitos observáveis, exceto pela especificação da estrutura da hemoglobina, que está sendo confinada às nossas células sanguíneas vermelhas. A estrutura da hemoglobina, pelo contrário, é totalmente especificada por esses genes. O que você come ou o quanto você se exercita pode afetar a qualidade de hemoglobina que você produz,

mas não os detalhes da sua estrutura.

Essa é a situação mais simples, mas também há genes que influenciam diversas características observáveis. Por exemplo, um distúrbio genético fatal conhecido como doença de Tay-Sachs envolve diversas anomalias comportamentais e anatômicas: produção excessiva de baba, postura rígida, pele amarelada, crescimento anormal da cabeça e outras alterações. Sabemos, nesse caso, que, de alguma forma, todos esses efeitos observáveis resultam de mudanças numa só enzima especificada pelo gene Tay-Sachs mas não sabemos exatamente como. Como essa enzima está presente em muitos tecidos do nosso corpo e quebra um componente celular disseminado, alterações nessa determinada enzima têm consequências amplas e fatais. Pelo contrário, outras características, como a altura de um adulto, são influenciadas simultaneamente por muitos genes e por fatores ambientais (por exemplo, a alimentação na infância).”

Sob a perspectiva espiritual, o que se pode especular é que, se tais mudanças problemáticas na enzima chegassem a ter lugar, os efeitos existiriam, o que implica dizer que esse ser humano tem, na sua “bagagem genética”, a “herança desse problema” atualmente “adormecido” no seu “DNA-não codificante”, porém passível de ser “despertado” por razões cármicas ou de outra ordem. Diferente disso, alguém que não seja portador dessa “marca pretérita”, não teria essa enzima sofrendo as tais mudanças.

Em algum momento, todos teremos consciência desse passado do qual, infelizmente, aspectos obscuros do desesperado processo de evolução estão indelevelmente marcados no genoma de cada ser humano, em especial daqueles cujos Espíritos, antes de se humanizarem ao longo desses últimos milênios, em tempos anteriores, jornadaaram “imantados” em algumas espécies demos que, desde que os portais produziram os primeiros sinais de comportamento estranho — começaram lentamente a se fechar, devido ao “jogo entrópico” dos dois universos — passaram a “morrer” para aquela realidade (o *Brahmaloka*).

A humanidade é o “espelho evolutivo” para esses seres, e por isso eles observam tão intensamente o nosso genoma, uma vez que trazemos, atualizadas, as suas “marcas ancestrais problemáticas”. Só que, apesar de tudo, estamos evoluindo, aspecto que eles jamais conseguiram promover por (e em) si mesmos.

A “CRIATURA UNIVERSAL”

O PROF. MOACIR Costa de Araújo Lima¹, no seu livro “Quântica – O Caminho da Felicidade”, aponta que:

“A ciência contemporânea, pelos braços da Física Quântica, caiu na simpatia das massas, muitas vezes suprindo a lacuna deixada não pelas religiões em si, mas pelas atitudes fanáticas de seus prosélitos, que ao invés de paz, trouxeram a discórdia, a desesperança, além da imagem de um Deus cruel e parcial, acompanhada de um verdadeiro convite ao sofrimento.

Estamos aqui para pagar pecados, resgatar débitos. Não nos é dado sermos felizes, não temos escolha.

De outro lado, a quântica nos aponta um oceano de luz, prenhe de possibilidades.

Afirma-nos que o Universo é um imenso reservatório de energia e nos envia sinais, constantes convites à nossa realização e felicidade.

Aos deprimidos, afirma: ‘Não estás deprimido, estás distraído, desfocado’.

Vemos aquilo que estamos preparados para ver; percebemos o que sintonizamos.”

A **emancipação do ser terráqueo** em relação a toda essa “lavagem cerebral” aplicada em bilhões e bilhões de seres, tidos como “criaturas-ferramentas” pelo Criador do universo, parece ser o primeiro passo na formação do protótipo de uma nova “Criatura Universal” emancipada e

esclarecida quanto ao **significado da vida que nela se expressa, por necessidade desta Divindade “decaída”!**

Estamos longes de formar uma sociedade planetária esclarecida, mas o universo precisa desesperadamente que, o mais rápido possível, a condição humana consiga providenciar esse contexto para se tornar um “foco exportador de conhecimento adulto” para os quadrantes universais que forem possíveis. E isso precisa ser feito mesmo que a “doença” do Criador “caído” atrapalhe o processo e que o “lixo acumulado de campos negativados” sempre torne “irrespirável o ar” desta Criação. Ainda assim, e sem contar com a ajuda dos “extraterrestres bonzinhos” que virão ajudar à condição humana! Esqueçam isso, porque não é procedente!

Que voltaremos a conviver com os seres deste e do outro universo, isso é certo e inevitável, sendo tão somente uma questão de tempo. Entretanto, somos nós que seremos úteis a eles porque, apesar de possuírem tecnologia bem mais avançada que a nossa, não ostentam os atributos de sagacidade, bom humor, perspicácia e, muito menos, de emoções complexas, encontrados no *Homo sapiens sapiens*.

Colecionam muitas informações, porém não as compreendem e, talvez aqui, nessa altura da abordagem, seja o momento propício para se afirmar que a chave do entendimento da etapa mais importante da evolução humana será quando o “*Dasein* de Heidegger”² for compreendido e conscientemente vivenciado, associado à prática do perspectivismo, ressaltado por Nietzsche.

A natureza humana já foi vista sob muitas óticas. No iluminismo, ela é “definida pela razão”, sendo toda essência humana racional. Com Immanuel Kant, essa “razão vai ser a síntese da percepção”, e isso é um passo além de René Descartes, para quem o ser humano é “uma coisa que pensa”. Contudo, segundo Kant, o homem não é só “uma coisa que pensa”, pois é um ser que tem a capacidade de perceber, antes mesmo de pensar, ou seja, “tem a capacidade, por meio da razão, de perceber o seu próprio pensar”.

Nesta Criação, além dos racionais terrestres, nenhum outro ser repara no seu próprio pensar como a natureza humana o permite. O que nos falta é nos aprofundarmos nessa “arte de vislumbrar o que se pensa”, redimensioná-la e usá-la de modo estratégico, conforme os princípios e propósitos nobres que somente a nossa sensibilidade pode edificar em nós mesmos. Ou seja, neste universo nem no vizinho, ninguém emergiu para a vida com essa capacidade de decifrar a realidade a seu redor e a si mesmo, nos moldes em que o ser humano faz.

O pitoresco é que isso não foi resultado de nada muito organizado — vide o já demonstrado nas páginas passadas. O “deus bíblico” jamais desejou a “racionalidade decifradora” de Adão e Eva porque foi ele quem ficou “desnudado”. Acabou-se o ridículo disfarce! Os deuses foram e estão sendo vagorosamente desmascarados, e com eles, o caos que geraram e no qual estamos inseridos. Daí o “espanto geral”, retratado em muitas mitologias e religiões, com o tipo de ser humano que passou a dominar a vida na Terra.

Com Descartes e Kant, são caracterizadas as questões da subjetividade e do sujeito, respectivamente, as quais não existiam antes na Filosofia.

Sirvo-me agora da transcrição de um texto do professor João Ibaixe Junior³ sobre o tema, que muito me ajudará a refletir sobre o mesmo:

“Discurso: mais uma vez hermenêutica, agora aliada à questão da linguagem. Com efeito, ao falar de discurso, fala-se em troca de comunicação. Ora, se ao se falar de uma tradição de pensadores com os quais não se conviveu, a comunicação ocorre por meio da leitura. Ao falar em leitura, fala-se necessariamente em interpretação. Ao se falar em discurso, fala-se assim em interpretação. No momento em que existe o discurso, existe interpretação. Se existe uma interpretação constante é porque existe um discurso constante, tem que haver um ser que consiga realizar todo tempo essa interpretação. Esse ser é o ser humano.

Mas ele faz isso por ser racional, com o uso do mecanismo da razão? Pode-se entender que o ser humano, definido como ser racional, é quem trabalha com discursos? Heidegger dirá “não”. A racionalidade não trabalha com discurso, mas na construção lógica de unidades de percepção de pensamento, as quais compõem a Ciência. Para Heidegger, isto é inválido.

O que está errado é a compreensão do ser humano como ser racional. Dessa forma, a pergunta passa a ser: o que é ser humano? Mas seria esta a pergunta certa? Adianta perguntar o que é o ser humano como essência? Se a pergunta for colocada dessa forma, chegar-se-á ao caminho de Descartes (nota do autor: para Descartes, o ser humano é “uma coisa que pensa”). A pergunta tem que ser outra.

Heidegger lembra que, ao se fazer uma pergunta, tem-se certa

noção da resposta. Só se pode perguntar sobre aquilo do que se tem alguma noção. Essa capacidade de ter noção sobre as coisas, de poder fazer perguntas, é a capacidade fundamental do ser humano. O ser humano é o ser que indaga e, ao indagar, busca respostas. Logo, ser humano é o ser que compreende o que pode indagar e compreende as respostas que tem de buscar.

O fundamento do ser humano está ligado à ideia de compreensão e não à de razão. O ser humano é aquele ser dotado de possibilidade de compreensão e não de pensamento. Pensamento é veículo da compreensão. Mas o ser humano compreende por estar em um lugar, em um tempo, num determinado lugar e num determinado tempo. Ser humano é o ser que é, num lugar e num tempo, é o ser que é “aí”, num lugar e tempo. É o Dasein”

“Dasein” é uma expressão alemã utilizada por Heidegger, que retira da condição humana o sentido de “ser”, substituindo-o pelo de “estar sendo” um alguém, durante um tempo e lugar, como explicado acima, por João Ibaixe Junior.

Desse modo, se ele estivesse em outro lugar e em outro tempo, a sua “arquitetura mental e compreensiva” seria diferente da terráquea, e ele continuaria a indagar e a tentar compreender a situação e as circunstâncias desse outro “agora”. Por isso, dentre todos os tipos de seres surgidos na Criação, **o ser humano é o melhor protótipo no “campo da decifração”.**

Conclui Ibaixe Junior:

“Assim, Heidegger propõe a hermenêutica do Dasein, uma alternativa para se conceituar o ser humano não como um sujeito, não mais como senhor da razão, mas como um ser que habita, dentre outros, um mundo no qual, para sobreviver e existir, exige sempre o cuidado.”

Conforme penso, o ser humano é o “decifrador do seu próprio discurso” — para Heidegger, esse discurso é a interpretação correta da expressão “logos” —, ao se ver vivendo. Quando no uso da sua racionalidade para interpretar e decifrar o seu novo “agora”, produzindo o seu “discurso interpretativo” daquele momento e, assim, sucessivamente, enquanto a vida

lhe permitir, o ser humano estabelece uma nova faceta da sua evolução, que se apoia como instrumento de progresso a partir da sua racionalidade.

Em outras palavras, compreendamos ou não, aceitemos ou não, somente os seres humanos que vão esclarecendo a si mesmos poderão ter o condão de servir como **“agentes da busca da verdade universal”**. Daí, a importância do **“autoaperfeiçoamento”** como sendo uma disciplina essencial aos que se assumem libertos da ignorância primária que nos “infantilizou”.

16ª Constatação:

Cabe aos humanos, definirem os graus de compreensão sobre si mesmos!

Heidegger propôs um jeito único de compreender o ser humano com o seu conceito de *“Dasein”*, distinto em relação a qualquer outra maneira da metafísica ocidental, bem mais especificamente do que o iluminismo, que definiu o homem como um animal racional e a razão como sendo a sua essência.

Não é fácil, porém, compreender o *“Dasein de Heidegger”* e, sinceramente, não sei se alguém, além dele mesmo, logrou a tanto.

Do modo como julgo ter entendido, após muita reflexão e leitura, o *“Dasein”* significa um “fruto” que ninguém esperava jamais encontrar em determinado “pomar”, porque nunca produzido, mas que, num momento qualquer, foi visto “caído ao chão”, ainda que não se localize, com exatidão ou facilidade, de qual “árvore” ele se originou.

“Está aí”; “ei-lo”; “suruiu: eis o ser humano!” Aconteceu no contexto da vida universal como se fosse um “vírus lírico, cantador e sagaz”, diferente de tantos outros meio que “robotizados” e até “dementes”. Não se deve confundir essa interpretação que eu acabei de fazer, com o *“Ecce Homo”* — expressão que significa “eis o homem”, dita por Pilatos, ao mostrar Jesus para a multidão de judeus, no dia da crucificação —, de Nietzsche, cujo sentido é outro. Na autobiografia *“Ecce Homo”*, Nietzsche apresenta o ser humano como aquele que deve superar a si mesmo, indefinidamente, num eterno vir a ser frente aos desafios continuamente ofertados pela vida. No livro *“Jesus e Nietzsche”*⁴, abordo a ótica desse filósofo ao analisar as atitudes do Mestre da Galileia.

Conforme compreendo, na preciosa noção do *“Dasein de Heidegger”*, o ser humano é um ente cuja característica que o distingue não é a de encontrar respostas nem muito menos colecioná-las, mas sim, a de buscar compreender

a realidade que o cerca, sempre se questionando ao fazer perguntas cada vez mais bem elaboradas.

Observando sob a perspectiva do “**Quarto Logos**”⁵, de todos os tipos de seres surgidos até o momento, nesta Criação, o homem terráqueo é o único capaz de “decifrar as feridas da realidade e da vida”, enfim, que está apto a compreender o “drama cósmico-espiritual” que todos vivemos.

Haverá um tempo em que será amplamente compreendido o *modus operandi* de cada um dos Seres que foram “se aprisionando” no universo vizinho, na medida em que “mergulharam” para tentar ajudar o “Eu problemático” do Criador “caído”, e que, com as suas personalidades que emergiram desse tipo de natureza psíquica, tornaram-se os primeiros a promover “ondas de ordenamento” no meio do “caos” que sempre imperou nesta Obra “problemática”.

As três primeiras grandes “ondas de ordenamento”, de algum o modo, ordenaram o “caos” estabelecido. Promovidas pelos três Seres que vieram a compor a “Cúpula Governamental” (a *Trimurti*) da “infeliz” realidade paralela, terminaram por transformar os seus personagens nos respectivos “Logos Criadores” da “semeadura da vida” (Brahma, o “Primeiro Logos”), da “organização identitária da mesma” (Shiva, o “Segundo Logos”) e da “evolução dos seus agentes” (Vishnu, o “Terceiro Logos”), até os tempos atuais.

Entretanto, esses **três “discursos” ou “sistemas operativos” faliram**, e o que realizaram, não foi o suficiente para superar o “acúmulo de marcações deletérias e complicadas” que precisam ser redimensionadas pelo processo da evolução da vida ou da simples existência do fenômeno da vida, independente do que seja ou de como se comporte.

Nenhuma dessas “ondas” se completou e me pergunto se elas deveriam ter sido iniciadas da maneira em que se deram. Alicerçados no modo em que essas “ondas” se expressaram, agora se encontram os “modelos evolutivos possíveis” aos tipos de seres que surgiram a partir da “semente adoentada e infectada” do Criador “caído”, da “ordenação de identidade” que se seguiu, mas que ainda se encontra em curso, como também do “ritmo evolutivo possível” a cada espécie.

Um pouco mais, e apenas se terá o registro das Mentes dos três primeiros “Logos Criadores” nas “obras” que deixaram e nas suas descendências, mas os seus “Eus” estarão “hospedados” em outras condições bem diferentes da inicial (*Adhydaiva*), porque essa faliu ao não mais suportar, nos antielétrons

constituintes dos seus corpos demos, tanta “marcação doentia” em grau superlativo de “podridão” de todo tipo de “deformação celular” que as mesmas produziram e que, na cultura humana, é conhecida como “câncer”.

Permanece, portanto, vividamente atuante, o sistema ou *modus operandi* que os três primeiros “Logos Criadores” estão deixando, e é com base nos mesmos que a evolução de cada “célula desintegrada” do Corpo Mental do Criador “caído” continuará seu curso, só que “amparadas”, “hospedadas” nos corpos dos “agentes da vida” que possam, com seus “psiquismos elevados e limpos”, transformar o que nasceu “podre”, em “saudável”, enfim, elevar a “podridão” à condição de uma “possível beleza existencial”, apesar da sua origem.

Os “campos mórficos” e seus respectivos “campos de inconsciente coletivo”, com suas “ordens de arquétipos” associados à descendência de cada um dos três primeiros “Logos Criadores”, continuarão operando enquanto os seus “agentes” e as egrégoras deles resultantes estiverem existindo. Espera-se que tudo isso esteja “limpo” até o limite representado pelo “cenário final universal”, imposto pela entropia, ao que foi gerado.

Com os humanos, porém, surgiu a necessidade de um novo “Logos” que não operasse ancorado na principal característica evolutiva que foi promovida pelo “Terceiro Logos Criador”, que foi a “fé, tornada — não por Vishnu — simplória e irresponsável”, mas sim, a faculdade da “compreensão esclarecida e filosoficamente alicerçada na postura do amor incondicional”, livre de toda e qualquer “infecção” das imposições e vícios do passado religioso.

Há todo um **contexto evolutivo “elegante”** na perspectiva moral e filosófica, e “ousado” no seu viés intelectual, que precisa ainda ser feito. E esse novo compêndio de novas “expressões genéticas” está sob a responsabilidade da gestão do “Quarto Logos” por um motivo bem simples, mas difícil de ser dito, porque contraintuitivo, dentre outros aspectos: os **dois Espíritos** — o Espírito de Prabrajna/Mavatna (Brahma/Vishnu) e o Espírito de Savna (Shiva) —, que são os que **vivificam os três Seres que terminaram se transformando em “Logos Criadores decaídos”**, estão “danificados operacionalmente” para o tipo de “tarefa” que, doravante, terá lugar nesta Criação. Essa “tarefa” consiste em “libertar” os elétrons para “restituí-los” à Divindade “caída”. Entenda quem puder!

Daí a importância de “agentes da vida” libertos da ignorância, esclarecidos, conscientes e não “infectados por crenças esquisitas e

infantilizadas”, para poder atuar nessa “tarefa”.

Quais são os “agentes da vida” necessários para esse “mister”? Só pude entender isso por meio da concepção do já referido “*Dasein* de Heidegger”, porque, pelo menos por enquanto, o cidadão terráqueo parece ser o único “tipo cósmico” capaz de executá-la. Somos “coconstrutores” de uma Obra “inacabada” e “criaturas-ferramentas” do “redimensionamento universal”, o “*tikun*” (processo que significa “reparo”) — expliquei mais detalhadamente essa questão do “*tikun*” no já citado livro “*Tzimtzum: O Exílio Forçado de Uma Divindade – Revelações antigas – Cabala*”.

De todos os filósofos que pude estudar, apenas Heidegger deu a “pista conclusiva” de uma certa característica exclusiva do ser que emergiu para a vida no âmbito das experiências biológicas que ocorriam nesta parte da galáxia.

Infelizmente, a história humana tem produzido algo bem diferente do que Heidegger defende, pois que os seres humanos foram condicionados a serem “coleccionadores de verdades religiosas”, como os criacionistas e demais religiões exclusivistas e impositivas, o que inibiu nessas pessoas a capacidade de se questionarem sobre tudo a sua volta, e por isso seu discurso, sua visão de mundo e de realidade são simplórios.

Somente um ser humano livre, desassustado, sem pretensão a ser “dono de verdade”, que jamais impõe suas opiniões sobre quem quer que seja, e que “busca a verdade”, permanentemente, aplicando o perspectivismo — ou seja, observando sempre, sob todos os ângulos que lhe forem possíveis, o que estiver em foco —, tornar-se-á alguém sábio, nos moldes socráticos, capaz de ter consciência de que nada sabe e por isso “continuará procurando a verdade”, aberto para o aprendizado!

Frente a minha consciência, sou um candidato a agir sustentado por esses princípios e propósitos e nada mais me move além do amor que sinto pelos meus afetos, semelhantes e o que mais for um agente vivo nesse processo, apesar de todos os defeitos e fragilidades que coleciono. Procuro fazer o que posso, mas livre de obediência ao que quer que seja ou a quem seja, a não ser a minha própria consciência de ego humano, ainda que saiba do Espírito eterno, que me anima.

Os cultos, as normas de procedimento litúrgico, os dogmas, a liturgia dos cargos e das funções, os títulos acadêmicos e o peso das medalhas honoríficas nos uniformes, “curvam” os seres humanos que se escravizam a essas “esquisitices”, e eles vão se apequenando a cada homenagem que recebem,

pelo “efeito de afetação” das mesmas.

Fatos pitorescos, nesse e em outros sentidos, ocorrem a todo momento. Em agosto de 2012, por exemplo, foi noticiado que a rainha Elizabeth II mudou o documento que regula a “Ordem de Precedência da Casa Real”, o sistema político que mantém os nossos irmãos ingleses afortunadamente crentes na monarquia. A partir de tal decisão, a esposa de um determinado príncipe, quando não estiver acompanhada do seu consorte real, deve se curvar perante as princesas (de uma linhagem mais periférica, se comparada a outras) filhas do duque de York.

Não sei quanto se gasta por esse tipo de “esquisitice” que alimenta o lamentável estado do psiquismo das cortes deste mundo. Se isso é ridículo para “alguém do meu tamanho”, caro(a) leitor(a), imagine o que este escrevente “sem linhagem”, sentiu ao perceber que, na Hierarquia que envolve o Senhor Javé, a situação é ainda mais bizarra e desagradável do que as observadas nas monarquias terrenas.

O fato de Javé existir nos moldes em que o faz, representa o “colapso de uma Divindade” que procurou expressar, a partir da sua Mente, uma “singela homenagem” à Deidade. Agindo por intermédio da “via quântica” — a “medida do Observador”, que faz com que uma das “possibilidades do campo quântico” se expresse como uma faixa realidade plausível ou aferível, mediante o chamado “colapso” —, a sua Mente de Divindade Cocriadora se tornaria tanto “transcendente” (o que transcende a Obra, ou seja, refere-se ao que possui uma finalidade externa e superior a si mesmo) à sua Criação quanto “imanente” (o que é inerente, ou seja, refere-se ao que tem, em si mesmo, a sua causa e a sua finalidade e, portanto, está ligado à realidade percebida) à mesma, por meio dos “elementos quânticos” advindos do seu “Programa Mental”.

Como parece ter sido esse “Programa Mental” que criou as leis físicas (e as demais), atualmente observadas no âmbito interno do que foi então gerado, esse “dualismo” — os conceitos de “transcendente” e “imanente” dividem o pensamento entre os filósofos neoplatônicos —, equivocadamente apontado e sempre tão presente na crítica dos ortodoxos, deixa de existir, conforme a própria Ciência Quântica atesta.

Quando me refiro à “medida do Observador”, estou apenas me utilizando do que, na Física Quântica, é chamado de “efeito do Observador”, que significa que “o foco do olhar do Observador” transforma uma das “possibilidades quânticas disponíveis” em experiência real na sua própria

Consciência ou no âmbito interno de um “sistema fechado”, que ela possa controlar.

Qual o “grande drama”? A Divindade “colapsou” junto com a sua Obra, tornando-se “refém” dela e, portanto, incapacitada de continuar “agindo de fora” sobre as “possibilidades disponíveis no campo expressado anteriormente por ela mesma”. Deu tudo tão errado, que outras Mentes tiveram que se associar ao “desconcerto em curso”, e o fizeram conectando as suas Consciências a “corpos colapsados” no âmbito interno da Criação, para contribuir na “reconstrução do universo” nos moldes necessários ao seu “reajustamento” e de tudo o que nele há.

Assim, o meu Espírito e o seu, caro(a) leitor(a), desde há muito estão operando e, neste momento, utilizando-se dos corpos edificadas a partir do “DNA ofertado” pelo Criador. Isso tudo porque, agora “colapsado” e “reconstruído holograficamente” numa faixa de realidade intermediária entre este universo e a Espiritualidade Superior, dali ele não pôde continuar a operar os seus “Procedimentos Mentais”, o que o impossibilitou de evoluir por si mesmo.

“Evoluir”, nesse contexto, significa sair da “situação aberrante e desesperadora” que ele gerou de modo inconsequente, ainda que sem nenhum tipo de maldade no seu “Coração Espiritual”. Nessas circunstâncias “vexatórias”, ele arquitetou o plano possível: começou a criar diversas gerações de seres que pudessem fazer o que ele não conseguia, ou seja, evoluir, e assim servirem de suporte a sua “redenção”. Entretanto, esse foi o plano que “seus Amigos Divinos de fora” conseguiram “introduzir intuitivamente” na sua Mente “decaída”, porque ele criou as primeiras gerações de seres por muitos motivos já referidos em outros livros, sem que ele próprio tivesse, então, consciência do “Projeto Evolutivo” que estava começando no seu universo.

A questão é tão séria que parece que ele somente tomou consciência quanto a sua real condição nos tempos atuais, isso depois de ter ficado enfurecido quando a última espécie de seres evolutivos a surgir no seu universo logo lhe desobedeceu, tornando-se conhecedora do bem e do mal, ou seja, adquiriu a liberdade mental para agir mediante o livre-arbítrio.

Quando ele percebeu que gerara seres muito semelhantes a ele (os anjos-clones) e que aquilo somente aumentou o seu “problema” pois eles também não conseguiam evoluir, foi que os “seres evolutivos” surgiram para a vida universal a partir da “semeadura”, nos muitos mundos deste universo, do seu

CFD “manipulado”.

Via o seu CFD, agora presente nas células de cada “ser biológico evolutivo”, ele receberia as vibrações das suas “criaturas-ferramentas” por meio não-local, como apontam as “possibilidades dos postulados quânticos”. Por que isso? Porque, simplesmente, impedido de atuar sobre a “Matriz Quântica” gerada pela sua Mente no estado anterior de Divindade, o Criador “reconstruído” precisava “dominar” as suas criaturas, para, por intermédio das atitudes e emoções destas, agir e influenciar o “campo quântico” que o une aos seus “filhos e filhas universais”.

Depois de uma história de desgraça, decadência, caos, improvisação, leis da Física, da Química, a urdidura do contexto biológico, tecnologias de todas as ordens, inteligência artificial robotizada e autônoma, ser terráqueo aperfeiçoado pela computação e por ele mesmo, tudo isso demonstra uma amplitude evolutiva muito mais complexa e sofisticada em pleno “pântano de sofrimento” de todas as criaturas envolvidas, porque até os predadores já tiveram e terão seus dias de presa.

Ainda que sem garantia de justiça, esta existe devido a um circuito que a evolução que foi possível até agora, gerou na maneira como os “campos mórficos” interagem com as egrégoras e com algumas “metilações” que surgem nos genomas das espécies e, muitas vezes, deixam suas “marcas problemáticas” por meio das mutações que poderão sempre ser retrabalhadas pelo mérito moral e filosófico de cada indivíduo minimamente racional. Por fim, a partir de uma natureza humana melhor gerenciada e já especiada, emergirá a “**Criatura Universal**” que conduzirá os tempos finais deste universo.

Não me perguntem o que penso disso ou sobre como a minha sensibilidade reage perante o tema, mas estou somente demonstrando o inevitável “roteiro” desse “enredo falido” que já se encontra posto e que precisa ser redimensionado pelas espécies habilitadas para tanto.

COCONSTRUTORES DE QUÊ?

“Living is easy with eyes closed
(Viver é fácil com os olhos fechados)
Misunderstanding all you see
(Fazendo-se de desentendido de tudo o que você vê)
It’s getting hard to be someone
(Está ficando difícil ser alguém)
But it all works out
(Entretanto, tudo vai dar certo)
It doesn’t matter much to me.
(Isso não me importa muito.).”

— *Trecho da música “Strawberry Fields Forever”¹, de John Lennon.*

MUITAS VEZES, quando focamos a atenção na miséria e no sofrimento alheios ou na cota que nos é própria, a vida nos parece insuportável. Ninguém aguenta fazer isso por mais de alguns minutos, e quem o faz, costuma adoecer, como se somatizando as mazelas e as torturas da realidade no próprio corpo.

Fechar os olhos e não entender nada do que se encontra a um palmo do nariz, parece ser uma maneira de esquecermos que somos esse tipo de “agente da vida”, coconstrutor da mesma, por ingloria que seja essa “tarefa”.

Talvez, o **conceito mais honesto sobre “deus”**, até agora formulado na cultura humana, tenha sido o de John Lennon, em uma outra música sua, chamada “God”² (“Deus”), no seu primeiro trabalho musical após o fim do

“*The Beatles*”, que termina com a afirmação “*Dream is Over*” (“O Sonho Acabou”):

“*God is a concept by which we measure our pain.*”
(“*Deus é um conceito pelo qual medimos a nossa dor.*”)

Muitas pessoas simplórias acham que a vida foi dada como uma dádiva, um presente, mas isso é proselitismo religioso, e dos mais inconsequentes, frente as constatações terríveis que se pode fazer com a ajuda da observação científica e da **liberdade decifratória elevada**.

Observando-se por uma outra ótica apontada pelos Espíritos codificadores³, parece que a única vida que pode ser considerada “dada”, foi a do “Paraíso” (Espiritualidades Superior, Operacional e Laboratorial), cuja “Perfeição” é de uma “inutilidade no caos que vivemos”, que chega a espantar — caso seja fato que os Espíritos do “Paraíso” não atuam nesta Criação “vexaminosa” a não ser que “mergulhem” nela. Neste mundo, estamos além do “Paraíso”, e aqui, é adversidade pura: há até mesmo Espíritos simples e ignorantes estruturando seres que enfrentam doenças, desafios, obstáculos aterrorizantes e ilusão elevada à condição de “postura sagrada” dos crentes obedientes.

Sancta simplicitas!

17ª Constatação:

Para boa destinação, não fomos criados, e quando a Física Quântica, magistralmente, colocou a criatura humana como sendo coconstrutora da realidade universal, é como se estivesse decretando a falência das opções do “acaso” e de um “deus perfeito e amoroso” como causas do surgimento do universo, da vida e da racionalidade!

Indo agora para o contexto que estamos abordando neste livro — é a única possibilidade lógica e respeitável que se harmoniza com toda a mitologia ancestral e os eventos ocorridos —, é como se o Criador tivesse “trabalhado os seis dias, adoecido e ficado impedido de continuar com a sua Criação”. Foram, então, geradas as diversas espécies de “criaturas-ferramentas” para fazer os “reparos” (“*tikun*”) necessários na sua Obra e, quem sabe, nele mesmo.

A tese que aqui sou obrigado a apresentar, é a de que, na verdade, o ser terráqueo é “coconstrutor” da realidade universal e também, principalmente, da “situação Corporal-mental” do próprio Criador “caído”, ainda que os humanos desconsiderem ou desconheçam esse assunto.

De acordo com os postulados da Física Quântica, cada ser humano é coautor da estruturação do código genético que vai funcionar como a base da sua vida corporal — de alguma maneira, a sua Consciência Espiritual providenciaria isso antes de se “imantar” ao novo corpo —, ao mesmo tempo em que seria também coconstrutor da realidade e da sua própria existência, tenha ou não conhecimento desse processo.

Desse modo, existir nesta Criação significa simplesmente ser uma “criatura-ferramenta” de uma construção em curso no próprio universo! Aqui, não se vê “deus” agindo, nem ninguém mais a não ser os próprios “agentes da vida”.

Alguém poderá apontar isso como sendo uma nova face do velho conceito de antropocentrismo associado ao gnosticismo. Desculpem, mas nada posso fazer se alguém interpretar estes escritos com essas “cores”, porque estou longe de a tal almejar. Se assim fosse, para tanto, teria que escrever algo bem diferente do que costumo produzir. De toda maneira, penso que esses contextos — antropocentrismo e gnosticismo — estão ultrapassados e nada têm a ver com o desafio que me envolve e a outros tantos irmãos e irmãs em curso evolutivo na Terra.

Antropocentrismo é a escola filosófica que considera o ser humano como o centro do universo. Não é isso que estou defendendo! Muito diferente disso, pois na medida em que coloco o ser terráqueo como um “escravo”, como uma “cobaia”, para o qual convergiu toda a “sujeira da genética cósmica acumulada do problema do Criador” —como também aconteceu com as demais espécies que foram lentamente surgindo no processo evolutivo. Apenas, o homem é a “criatura-ferramenta” mais recente no “Palco Universal”, e que apresenta um psiquismo mais sofisticado que as demais, sendo essa a tese que abordo nos livros e palestras que produzo.

Ou seja, em termos de evolução complexa, das espécies que apareceram a partir da falência do “Código de Vida do Criador”, somos os únicos capazes de nos transformar, modificar, tanto nos tornando os piores monstros que este universo já viu como evoluindo para a condição de seres esclarecidos, equilibrados, amorosos e com habilidade decifradora, aptos a perceber o tamanho do problema que enfrentamos, sem nos rebelarmos e servindo de

base para o surgimento de um outro tipo de “Criatura”. Trata-se da “Criatura Universal” — tema abordado no capítulo anterior —, que finalizará o “Processo Existencial” antes do universo sucumbir no “cenário final da sua acelerada taxa de expansão destrutiva”.

Sinceramente, não penso que esse ponto de vista esteja associado ao antropocentrismo, mas se o for na opinião de alguém, não existe nada que eu possa fazer a não ser explicar que o contexto que apresento seria o lado contraditório do mesmo.

Sei que toda crença, espiritualizada ou não, tem levado o ser humano a se sentir no seu “justo” lugar na Criação, de modo que disso derive algum sentido para a sua existência. Não pretendo aqui, afirmar que o ser racional terráqueo é o “*axis mundi*” — o “eixo do mundo” — nem muito menos me coloco em tal posição.

Há muito, observando “minha pequenez” e, ao mesmo tempo, o potencial do que reside no DNA da espécie humana, penso que já superei questões dessa categoria, não por grandeza intelectual ou espiritual de algum tipo, até porque nada disponho nesse sentido, mas, simplesmente porque elas me parecem absolutamente inapropriadas perante o que abordo em torno do “Fator Javé”.

No sentido biológico, porém, há um aspecto que facilmente será assim classificado pelos apressados enquadreadores da lógica alheia em seus curtos e repetitivos conceitos. Sob essa perspectiva, entendo que qualquer criatura com CFD do Criador, termina sendo “eixo de sustentação” da “reconstrução” dele e, desse “azar” (se for obra do acaso), ou dessa “herança infeliz e maldita” (se existir a destinação escravocrata ou do sacrifício total que compreendo existir associada ao já citado “favor divino”), ninguém se livra.

Tudo o que o ser humano pode fazer, é construir a sua cota de liberdade, de compreensão “adulta” e de dignidade, enquanto vivencia esse processo do qual ninguém consegue se apartar a menos que deixe a vida material de maneira sábia e equilibrada. Ainda assim, a pessoa não necessariamente se libertará desse problema, porque seu Espírito “herda toda a marcação de arquivos” que ela fez durante a sua existência e, mais tarde, ele retorna ao “jogo da vida” nesta Criação”, “imantando-se” a um novo corpo, para dar continuidade à sua “assinatura quântica” — que é sempre a mesma —, escondida no DNA pessoal. E assim será até que tudo esteja consumado, conforme as possibilidades e circunstâncias do futuro permitirem.

O “**fator humano**” talvez seja o que de mais importante agora existe no

universo, como resultado de uma evolução já ocorrida e pelos desdobramentos que poderão vir da especiação. Ainda assim — torno a dizer —, isso não é antropocentrismo. Na verdade, é um fator muito mais exemplificador, no sentido de servir de modelo, do que podemos vislumbrar com a nossa lógica.

Quando compreendermos tal questão, seremos obrigados a concordar com John Lennon, que aponta o conceito de deus como sendo um jeito que criamos para simplesmente medir a nossa dor.

Ao surgir o embrião que comporá o nosso corpo adulto, ele retira do “reservatório de genes” de seus pais, as qualidades inerentemente suas — que têm a ver com o seu “DNA espiritual” ou “bagagem espiritual”, “quanticamente definida” antes de renascer, quando se pode escolher pai e mãe futuros —, que pareçam ou não similares às de alguém da família. Por causa disso, em nossa próxima vida, seremos muito semelhantes ao que somos hoje, porém “enriquecidos” pelas lições que agora estamos aprendendo, ou “empobrecidos” por mais acúmulo de carma negativo, passível de ser ainda saldado.

“Ah, próxima vida ou vida passada, a Ciência não tem como verificar isso pelo método científico” — dirão os darwinistas, “acasiologistas” e, até mesmo, os próprios criacionistas. Seguramente! E daí?

A vida tem surgido e continua acontecendo, independente de um comando central digno de assim se chamar, da opinião e da expectativa dos que se sentem com autoridade para impor as suas opiniões como sendo as verdades nas quais devemos acreditar. Não há, efetivamente, muito a ser dito sobre esse tipo de comportamento, e pouco se me dá o que cada ser humano pensa, pois, em nenhuma hipótese, pretendo impor o que desconfio que possa ser seriamente tido como “aspecto da verdade”, a quem quer que seja.

Tenho a consciência tranquila e a satisfação moral de poder afirmar que, em todos os livros e palestras que produzi, relatei não ter certeza se estava abordando corretamente os temas tratados e que os(as) leitores(as) e os(as) ouvintes deveriam verificar por si mesmos(as). Não tenho essa intenção e lamento pelos que a ostentam e se sentem no direito de tentar convencer os demais e ainda patrulhar, perseguir e demonizar os que não se submetem aos seus desmandos.

Shakespeare dizia que um ator, ao representar muitos papéis durante sua vida, termina se identificando com eles. Assim como o ator sabe que está desempenhando papéis, o “Eu permanente” (o “Eu Espiritual”) que anima

cada ser humano, também entende se encontrar em uma situação similar a essa, embora quase sempre possa ser incapaz de transmitir esse conhecimento à “máscara” ou “personalidade temporária” (o “Eu terreno”) a qual se encontra “indelével e quanticamente vinculado”.

Pode ser que, em algum momento futuro, esse aspecto do “vínculo quântico entre a Consciência e as opções de colapso que ela opta por realizar”, venha a ser entendido pelos convertidos ao materialismo estéril e limitado em seus postulados.

Os budistas acreditam que o caráter é a soma de nosso passado e, de fato, assim o é. Talvez, por isso a natureza humana possua traços psíquicos únicos que nos permitem ter uma vida interior — os que sabem nela investir seu tempo — e gozar de uma criatividade e de uma liberdade mental sem limites, apesar de todas as “lavagens cerebrais” sofridas ao longo dos milênios.

A criatividade humana e a espiritualidade que marcam tanto a nossa natureza como o nosso psiquismo, parecem ser produtos especialíssimos na “vida cósmica”, e não será pela “evolução darwinista” que essas características singulares poderão ser compreendidas. Elas são surpresas até mesmo para os considerados “Criadores Divinos” ou “alienígenas” que atuaram no “jogo de dados” que produziu o “código químico” a partir do qual, misteriosamente, a vida biológica foi edificada.

Pouco importando o que tenha acontecido ou qual a causa que o gerou e o moveu, o universo, para conseguir operar a si mesmo, teve de promover a evolução de modo a transformar parte dele naquilo que os humanos são atualmente. Muito provavelmente, esse “organismo vivo” fez isso com o objetivo de que seres racionais e dotados de senso crítico e de razão filosófica — capacidade de ter também emoções e valorizá-las de acordo com princípios e propósitos —, pudessem nele “mexer” para proporcionar alguns “ajustes”.

A primeira vez que li sobre esse aspecto, foi no já referido livro de Neil deGrasse Tyson e Donald Goldsmith intitulado *“Origins – Fourteen Billion Years of Cosmic Evolution”*, aonde ele convida o(a) leitor(a) a *“participar dessa procura de pistas cósmicas — e dos meios de interpretá-las — para que juntos possamos revelar a história de como parte do universo se transformou em nós mesmos”*. Contudo, essa não foi a primeira vez em que refleti sobre a questão do universo ter feito todo esse “jogo” para chegar até aqui, e mais: até onde ele vai e o qual a sua intenção, caso ela exista.

Somos, sim, o universo atualizado pela evolução que foi possível de ser

operacionalizada por entre as necessidades de Seres “caídos”, sonhos, planos e projetos nunca implementados no seu todo, mas sempre intermeados pelo acaso e suas circunstâncias.

Se jamais houve “um deus perfeito e amoroso” por trás de uma história tão desastrosa e infeliz como essa, é aspecto sobre o qual as “atualizações futuras” deste mesmo universo — que venham a ser produzidas para poder aprofundar a sua destinação — deverão tratar a seu tempo, mas, por enquanto, o que existe nesse campo permanece sendo o que a racionalidade ou a crença infundada humanas puderem produzir.

Neste livro, procurei apresentar a visão de realidade e da evolução da vida com as “cores” dos fatos atualmente perceptíveis, do avanço dos postulados científicos, das narrativas ancestrais, das páginas da História clássica, e mais especificamente do que fui obrigado a constatar no meio de um “processo de convivência” com eventos e Seres muito peculiares, os quais, para os meus contemporâneos, são todos componentes do aspecto ainda misterioso da vida.

Esses Seres são, como todos nós, protagonistas e vítimas de um “processo existencial problemático” que somente as gerações futuras, em outros tempos mais avançados da “Revelação Cósmica”, poderão melhor compreender.

Por enquanto, precisamos apenas ter o vislumbre de que, entre o que se passa neste universo e o “Paraíso” cristão ou de outras religiões, há muitos níveis intermediários, todos eles envolvidos com a história desta Criação, sendo que os seus habitantes também evoluem do modo que lhes é possível.

Se bem percebermos, o tipo de vida que conhecemos, é um fluir constante de necessidades, e nos movimentamos para atendê-las de acordo com as circunstâncias que nos envolvem.

Apesar da desagregação e da desconfiança que existem, ainda assim, podemos nos amar e ser úteis uns aos outros e, talvez nesse aspecto aparentemente simples, resida a maior das complexidades que a sensibilidade humana pode valorizar e homenagear a cada segundo da sua existência, na perene tentativa de servir a ideais nobres, ancorada em princípios honestos para com os mesmos.

Não sei exatamente qual é a utilidade de Deus neste contexto, porém desconfio que sei da “irresponsabilidade” de um Ser que “gerou o impensável e que desfigurou o que até então existia”, e Darwin, de modo genial para a época em que viveu, descortinou magistralmente o que lhe foi possível perceber com as limitadas possibilidades do seu tempo.

Quanto mais procuro compreender o legado de Darwin, mais inclinado

fico a pensar que, nas entrelinhas da sua abordagem, as **possibilidades que envolviam cada evento analisado, eram as que, praticamente, definiam o resultado alcançado pela evolução**, em tudo o que ele verificou.

Talvez o conceito de “evolução possível” não seja tão estranho à abordagem darwiniana, ainda que pareça absurdamente herético aos meus contemporâneos.

Quem viver, verá!

POSFÁCIO

No presente livro — como em outros que produzi —, tive que associar o que está posto como sendo o “natural”, ainda que este se encontre indevidamente dissociado pelo modo como a Ciência positivista define e enquadra as questões em relação aos demais campos da existência humana. Por isso, fui obrigado a promover a mais impensável mistura, envolvendo a Biologia evolutiva, a Genética, a Física, a Química, as notícias mitológicas e religiosas, os contextos extraterrestre, extrafísico e espiritual, além dos postulados da Física Quântica e da neurociência, o que, obviamente, não tem como parecer um processo respeitável para cientistas, nem muito menos para os crentes.

Ainda assim, preciso ressaltar que não há, de minha parte, nenhuma intenção de defender a união entre Ciência, Filosofia e religião em torno de algo. Não! Muito ao contrário! Sou dos que pensam que, separados, esses campos funcionam melhor ou criam menos problemas para o avanço do pensamento humano.

Tudo o que estou tentando afirmar é que, o que entendemos por evolução não cabe em nenhum deles, separadamente, nem mesmo na convergência dos mesmos, por ser um tema que extrapola tudo o que até agora foi colecionado pelo método científico, pela busca filosófica, pela crença ou mesmo pela capacidade humana de gerar narrativas ficcionais.

Afinal, compreender a evolução em todas as suas variantes é entender a gestão ou a ausência desta, seja do acaso, de Javé ou de Deus, em relação a tudo que até o momento ocorreu em torno da vida como a conhecemos. E ainda nos encontramos muito longe disso!

Jan Val Ellam

NOTAS EXPLICATIVAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. EVOLUÇÃO POSSÍVEL PARA QUEM?

1 “Favor Divino”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2013.

2 Sistema “*demotrimurtiano*”

O contexto “*demotrimurtiano*” corresponde às páginas das mitologias que são consideradas como indignas de serem estudadas. Isso se deu porque os acadêmicos sempre defenderam a tese de que tais relatos eram invenções dos nossos ancestrais que, segundo a ortodoxia que sempre prevaleceu sobre o assunto, possuíam a “estranha mania de produzir tradições orais e literatura abundante sobre temas fictícios”. O pitoresco e meio vergonhoso, porém, é que as cores preceituais e conceituais mais profundas desse legado mitológico estão, atualmente, sendo ratificadas pelos “postulados quânticos”.

As notícias sobre o modo como esses seres viviam nas suas moradas situadas no universo vizinho (composto de antimatéria), nunca foram analisadas a sério pelo academicismo.

Essa “cultura *demotrimurtiana*”, portanto, seria a que foi produzida nas diversas moradas do universo antimaterial, aonde vivem inúmeras classes de seres demo, equivocadamente tidos como personagens mitológicos, sendo que, parte da mesma, de algum modo, foi transmitida aos nossos ancestrais, exatamente o que foi, equivocadamente, considerado como mito.

3 Condição “*demodharmica*”

Consiste no modo comum à cultura demo associado à “lei do *dharma*”, que se referia ao cumprimento do “*varna*” (termo sânscrito que significa “talento de cada demo”, e que mais tarde passou a ser entendido como “casta”) como sendo uma questão de “honra demo”, uma das maneiras encontradas por Krishna para fazer evoluir o baixo padrão do comprometimento do psiquismo demo com suas obrigações.

No sentido em que tenho usado nos livros e palestras sobre o tema, “*demodharmico*” seria referente ao “modo de ser demo”, “modo demo de sentir”, enfim, “modo de pensar demo” associado à questão da noção de honra pessoal.

Esse modo psíquico é mais evoluído que o da cultura “*demotrimurtiana*”.

4 “Molécula-mãe”

Foi a primeira molécula, da qual a vida surgiu na Terra!

Os cientistas sabem que a mesma apareceu já composta de um “ácido ricamente enriquecido na sua formulação química constitutiva”, e que apareceu na Terra há cerca de 3,8 bilhões de anos, com o “código da vida” já plenamente delineado sob a forma de uma “molécula-mãe” de todos os seres vivos que atualmente conhecemos.

2. AUTOR E ATOR DO PRÓPRIO DRAMA

1 Kundalini

Cota de uma energia especialíssima que cada Espírito ou “Consciência particularizada” herda e que se situa no seu Corpo Espiritual. A mesma pode ser despertada pelo psiquismo pessoal. Tem muitas faces, mas, normalmente, é referida como sendo uma “massa quântica de modelagem”.

2 “O Drama Cósmico de Javé”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2010.

3 Amit Goswami

Físico teórico da Universidade de Oregon, com PHD em Física Quântica e autor de diversos livros da vanguarda quântica, que costumam receber críticas das demais linhas do academicismo.

A “Wikipédia” o trata como sendo um autor de livros de autoajuda e de uma linha de pensamento pseudocientífico, chamado de “misticismo quântico”.

As críticas contundentes a ele dirigidas, referem-se à sua postura destemida em abordar fenômenos psíquicos, curas de doenças e o papel da consciência, relativo ao bem-estar do ser humano, e esse tipo de assunto jamais foi objeto do estudo da Física. Os que o criticam, porém, nunca conseguiram provar que os seus livros pudessem conter erros, e apenas não os consideram científicos por força da extrapolação na direção da metafísica e do misticismo.

De todo modo, penso que os livros de Goswami são leitura obrigatória para os que têm a liberdade de buscar uma compreensão mais ampla sobre a vida, a realidade e a verdade.

4 “O Universo Autoconsciente – Como a Consciência Cria o Mundo Material”

Livro de Amit Goswami, editora Aleph, São Paulo, 2007.

5 Fred Hoyle (1915 – 2001)

Astrônomo britânico, famoso por algumas teorias que iam de encontro à opinião científica corrente e também escritor de ficção científica.

6 Deepak Chopra

Médico indiano, escritor e professor de *ayurveda*, espiritualidade e medicina corpo-mente, radicado nos Estados Unidos.

Médico do *New England Memorial Hospital* que, em 1985, fundou a Associação Americana de Medicina Védica. Em 1993, mudou-se para San Diego e abriu o *The Chopra Center For Well Being*, aonde apresenta os seus próprios programas e cursos para o desenvolvimento pessoal. Fez cinco programas para a televisão pública dos EUA e é proponente de outras ideias místicas.

É autor de mais de 25 livros, dentre os quais “*A Cura Quântica*”, “*As Sete Leis Espirituais do Sucesso*”, “*Criando Saúde*”, e “*O Futuro de Deus – Ética, Religião e Espiritualidade na Nova Ordem Mundial*” (Editora Planeta, São Paulo, 2015).

3. O ACASO, DEUS, CRIADOR COMPLICADO E OUTROS MISTÉRIOS

1 Mito do “Ovo Cósmico”

A mitologia chinesa explica que, no início, não havia nada além do “Caos Primordial”, o “Vazio”. A partir desse “Caos”, um “Ovo” foi chocado por 18 mil anos. O Céu, a Terra e Pan Ku, o Criador “caído”, coexistiram em um estado de unidade dentro deste “Ovo negro”. Ao romper o “Ovo”, Pan Ku cria o universo, dando origem ao Céu e a Terra, separando o *Yin* do *Yang* com um golpe de machado. *Yin*, o mais pesado, afunda e se torna a Terra, enquanto o *Yang*, mais leve, eleva-se para formar o Céu. Pan Ku permaneceu entre eles, sustentando o Céu. Após 18 mil anos, Pan Ku descansou e do seu cadáver, nasceu tudo o que existe no *Yin* e no *Yang*.

Sobre a Criação, a mitologia hindu/ariana apresenta o mito do “*Brahmananda*” (“*Brahma*”, o deus-criador do hinduísmo e “*anda*”, que significa “ovo”), ou seja, do “Ovo de Brahma”, do qual surgiram o *Brahmaloka* e o *Bhuloka* e o Criador *Brahma*, “caído” no primeiro, o que reflete o mesmíssimo estranho contexto cosmológico para a gênese universal, observado no mito chinês.

2 Platão (428 a.C. – 347 a.C.)

Filósofo e matemático grego do período clássico da Grécia Antiga, considerado um dos principais pensadores de sua época, que procurava transmitir uma profunda fé na razão e na verdade, tendo sido também autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas.

3 Demiurgo

É necessário que se faça uma distinção entre um possível “Deus Perfeito, Amoroso e Incognoscível”, apresentado pela “Revelação Espiritual”, que pode ser tido como um tipo de “Logos Imanifesto” para tudo o que sempre existiu, e para o que, “em dado momento”, surgiu para a existência, mas que não pode nem deve ser jamais confundido com uma outra categoria de “Logos Imanifesto” tido pelos ocultistas como sendo um “Logos Imanifestado, mas sim, algo problemático” e que, em tendo “caído” na própria Criação, nela se “reconstruiu” como um Ser-criador que passou a atuar no âmbito interno da sua própria Obra, sendo chamado de “demiurgo”, por Platão.

4 Francis Crick

Biólogo molecular inglês, também físico e neurocientista, ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia, em 1962. É mais conhecido por ser um dos descobridores, em 1953, da estrutura molecular dos ácidos nucleicos e seu significado para a transferência de informações em matéria viva.

5 Georges Lemaitre (1894-1966)

Padre católico, astrônomo, cosmólogo e físico belga. Sobre a origem do universo, Lemaitre propôs a “Teoria do *Big Bang*”, que ele chamava de “*Hipótese do Átomo Primordial*” ou também como “Ovo Cósmico”.

6 Indícios Científicos de um Universo Paralelo

No décimo capítulo (10. Goswami “*Remove o Véu*” com o *Primado da Consciência Quântica: a “Evolução Criativa*”) deste livro, faço uma citação da obra “*Origens – Catorze Bilhões de Anos de Evolução Cósmica*”, de Neil Tyson e Donald Goldsmith, em que eles mencionam que os físicos de partículas devem lidar com um **universo paralelo de antimatéria**.

Por outro lado, originalmente, uma matéria publicada na “*New Scientist Magazine*”, do dia 8 de abril de 2020, apresentou **indicativos científicos – não é ainda uma certeza científica – da existência de um universo paralelo ao nosso**, surgido também a partir do “*Big Bang*” que teria dado origem a ambos os universos.

Reproduzo, a seguir, apenas o início do seu texto original em inglês, seguido dos comentários que farei à guisa de tradução.

“ ‘*New Scientist Magazine*’

We may have spotted a parallel universe going backwards in time.

Strange particles observed by an experiment in Antarctica could be evidence of an alternative reality where everything is upside down.

8 April 2020

By Jon Cartwright

In the Antarctic, things happen at a glacial pace. Just ask Peter Gorham. For a month at a time, he and his colleagues would watch a giant balloon carrying a collection of antennas float high above the ice, scanning over a million square kilometres of the frozen landscape for evidence of high-energy particles arriving from space.

When the experiment returned to the ground after its first flight, it had nothing to show for itself, bar the odd flash of background noise. It was the same story after the second flight more than a year later.

While the balloon was in the sky for the third time, the researchers decided to go over the past data

again, particularly those signals dismissed as noise. It was lucky they did. Examined more carefully, one signal seemed to be the signature of a high-energy particle. But it wasn't what they were looking for. Moreover, it e particle was exploding out of the ground.

That strange finding was made in 2016. Since then, all sorts of suggestions rooted in known physics have been put forward to account for the perplexing signal, and all have been ruled out. What's left is shocking in its implications. Explaining this signal requires the existence of a topsy-turvy universe created in the same big bang as our own and existing in parallel with it. In this mirror world, positive is negative, left is right and time runs backwards. It is perhaps the most mind-melting idea ever to have emerged from the Antarctic ice – but it might just be true. ...”

O assunto é inquietante para os cientistas porque faz emergir aspectos temáticos sobre os quais o método científico não tem como lidar. O espanto que Einstein sentiu diante do fenômeno da intercomunicação não localizada, apontada pelos postulados da Física Quântica, que ele jocosamente chamou de “ação fantasmagórica à distância”, para logo depois se retratar, ao se perceber em equívoco, é muito pouco perante todo os choques e estupefações psíquicas que descobertas dessa categoria provocam no meio acadêmico.

Atendo-me apenas aos temas pontuados nesse artigo da “*New Scientist Magazine*”, apresento, a seguir, um resumo do texto, despreocupado quanto à tradução literal, para melhor situar a questão:

Conforme relatado, um grupo de cientistas coordenados pelo físico experimental de partículas Peter Gorhan, da Universidade do Hawai e um dos principais pesquisadores por trás do projeto “*Anita*”, detectou evidências da existência de um universo paralelo, no qual as regras da Física são opostas às nossas.

Esse “mundo invertido” foi descoberto durante um experimento levado a cabo desde 2016, por meio da “Antena Impulsiva Transiente” da Antártica, cujos resultados detectaram partículas estranhas “viajando para trás, no tempo”, e esse tipo de comportamento evidencia uma realidade alternativa, em que as leis da Física funcionam ao contrário.

Pelo menos, por enquanto, não há como ter qualquer certeza de que há um universo paralelo coexistindo com o nosso. Mesmo assim, essa descoberta não deve ser ignorada. Estudos mais aprofundados talvez possam esclarecer essa questão – conclui o artigo.

Faço esse registro com a intenção de reforçar a contextualização que tenho procurado delinear sobre o legado profundo e real que havia nas tradições do passado. Lamentavelmente, esse foi “pintado com as cores” da frivolidade, do romantismo nacionalizado e das religiões impositivas, decorrentes do processo de atacar o henoteísmo, promovendo, no seu lugar, um teísmo que “infantilizou” de vez o jeito como a Ciência, a Filosofia e a religião deveriam se comportar. Refiro-me ao modo livre e honesto quanto aos princípios e propósitos da “busca da Verdade”, ainda que isso sempre incomode os padrões das “verdades vigentes” de cada época.

7 Vírus

Micro-organismos que não possuem células, constituídos por ácido nucleico (material genético) encapsulado por uma estrutura proteica (capsídeo), sendo que alguns ainda apresentam um envoltório (envelope) formado por lipídios, proteínas e carboidratos.

8 Clinton Richard Dawkins (1941)

Etólogo (estuda o comportamento animal), biólogo evolutivo britânico, ateu militante e autor de inúmeros livros sobre a evolução.

9 Sócrates (470 a.C. – 399 a.C.)

Filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga, apontado como um dos fundadores da filosofia ocidental.

10 Giordano Bruno (1548-1600)

Teólogo, filósofo, escritor, matemático, poeta, teórico de cosmologia, ocultista hermético e frade dominicano italiano condenado à morte na fogueira pela Inquisição.

11 Galileu Galilei (1564 – 1642)

Astrônomo, físico e engenheiro italiano, às vezes descrito como polímata, de Pisa. Galileu foi chamado de “pai da astronomia observacional”, o “pai da física moderna”, o “pai do método científico” e o “pai da ciência moderna”.

Segundo a tradição, Galileu Galilei teria murmurado a frase polêmica *“no entanto, ela se move”*, depois de ser obrigado a renegar, em 1633, diante da Inquisição, sua tese de que a Terra se movimenta em torno do Sol.

No que se refere aos assuntos tratados neste livro, outras frases atribuídas ao Mestre Galileu Galilei, enquadrar-se-iam muito bem:

“A verdade é filha do tempo, e não da autoridade.”

“A verdade não resulta do número dos que nela creem.”

12 Daniel Dennett

Filósofo estadunidense, referido como um dos “Quatro Cavaleiros do Novo Ateísmo”, junto com Richard Dawkins, Sam Harris e Christopher Hitchens.

13 Inspetor Clouseau

Jacques Clouseau é o policial francês fictício dos filmes da série *“A Pantera Cor-de-Rosa”*, interpretado por Peter Sellers e Steve Martin.

14 “Campos mórficos”

A hipótese dos campos mórficos e da ressonância mórfica, por meio dos quais influências pretéritas afetariam acontecimentos presentes, na base da similaridade leva à ideia de que cada espécie possui um tipo de memória coletiva, alimentada e compartilhada por cada um dos seus componentes, simultaneamente.

Essa hipótese faz diversas previsões sobre a organização dos seres vivos e do próprio universo. Em termos gerais, ela propõe que as chamadas leis naturais não são, de fato, leis inexoráveis estabelecidas no momento do *“Big Bang”* microcósmico por um código napoleônico. Diferente disso, elas são “hábitos” que se desenvolveram junto com o próprio universo.

Os campos mórficos explanam como os organismos vivos estão integrados e como as suas diferentes partes trabalham juntas. Naturalmente, esse conceito não nega a influência de campos eletromagnéticos e da química, justamente por incluí-las, e aos conhecidos aspectos da Física, em sua moldura mais abrangente.

Sob este foco, a herança não é exclusivamente genética. Os genes permitem aos organismos produzirem determinadas proteínas e alguns estão mesmo envolvidos no controle da síntese proteica. Todavia, gerar as proteínas certas não é suficiente para construir vida, muito menos dotá-la de suas herdadas maneiras de comportamento, seus instintos; o que se dá justamente em virtude dos campos mórficos, que não são transmitidos geneticamente, mas sim por intermédio da ressonância mórfica, uma influência direta do passado no presente, ao longo do tempo.

Os campos mórficos explanam como os organismos vivos estão integrados e como as suas diferentes partes trabalham juntas. Naturalmente, esse conceito não nega a influência de campos eletromagnéticos e da química, justamente por incluí-las, e aos conhecidos aspectos da Física, em sua moldura mais abrangente.

Eles não só nos ajudam a compreender o desenvolvimento da forma e do comportamento, mas igualmente a organização dos grupos sociais. Uma revoada de pássaros ou um cardume possuem um campo mórfico que ligam seus membros entre si. Mesmo quando um deles abandona o grupo, este

campo não se rompe, ao contrário, “estica-se” atrás do “desertor”, mantendo a conexão original como se por meio de um “elástico invisível”. Penso até que esta conexão entre integrantes de um mesmo grupo constitui a base da chamada “telepatia”.

15 Charles Darwin (1809 – 1882)

Naturalista, geólogo e biólogo britânico, célebre por seus avanços sobre evolução nas ciências biológicas, após a publicação do livro *“A Origem das Espécies”*.

16 “O Drama Terreno de Javé”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2012.

17 “O Ativista Quântico”

Livro de Amit Goswami, Cultrix, São Paulo, 2009.

18 “Princípio antrópico”

Refere-se às coincidências cósmicas que permitiram o surgimento do ser humano em meio à vida universal

Em Física e Cosmologia, o “princípio antrópico” estabelece que qualquer teoria válida sobre o universo, tem que ser consistente com a existência do ser humano. Em outras palavras, o único universo que podemos ver é o que possui seres humanos.

O termo “princípio antrópico” foi introduzido pela primeira vez na literatura científica em 1974, por Brandon Carter, ao se referir ao “grande número” de coincidências então evidentes na Física e na Cosmologia. Ele passou a usar essa expressão para se referir ao fato de que fazer qualquer observação científica depende necessariamente de nossa existência.

Em 1986, o astrônomo John Barrow e o astrofísico Frank Tipler publicaram a obra de referência *“O Princípio Cosmológico Antrópico”*, que elaborou o “princípio antrópico e as coincidências cósmicas” em considerável detalhe técnico.

19 Miguel Ribeiro

Médico, diretor da Clínica Médica Internacional de Lisboa, fotógrafo e investigador da origem do universo. Autor dos livros *“Universo Programado – Uma Alternativa ao Darwinismo e à Religião”*, Editora Gradiva, Lisboa, 2013, e *“Beyond Darwin – The Program Hypothesis”* (*“Para além de Darwin – A Hipótese do Programa”*), 2018.

20 Douglas Joel Futuyama (1942)

Biólogo norte-americano, autor do livro *“Evolutions”*, Sinauer-Amazon, 2009 (1ª edição em 2005).

21 Alfred Wegener (1880 – 1930)

Geofísico e meteorologista alemão, proponente da “Teoria da Deriva Continental”, em 1912.

22 “Teoria da Deriva Continental”

Um dos temas mais fascinantes estudados pela Geografia e Geologia é a deriva dos continentes e a movimentação das placas tectônicas. Os processos que levam a crosta terrestre a se movimentar, provocam fenômenos (erupções vulcânicas, terremotos e falhas na superfície) cientificamente provados e comprovados.

O primeiro cientista a teorizar sobre os movimentos da crosta terrestre foi o geofísico alemão Alfred Wegener, sob cuja honorabilidade caiu o peso da ignorância dos seus pares, na sua época. Com essas evidências, Wegener escreveu o livro *“A Origem dos Continentes e Oceanos”*, em 1915, no qual propôs a existência de um supercontinente denominado “Pangea” e apenas um oceano chamado de “Panthalassa”.

23 Stephen Jay Gould (1941-2002)

Paleontólogo e biólogo evolucionista estadunidense. Ele acreditava que a “seleção natural” não consiste

na única causa da evolução. Desse modo, a quase ausência de formas de transição nos registros fósseis seria um argumento a favor da “Teoria do Equilíbrio Pontuado”, apresentada por Gould e Niles Eldredge, que propõe que a maior parte das populações de organismos de reprodução sexuada experimentam pouca mudança ao longo do tempo geológico e, quando mudanças evolutivas no fenótipo ocorrem, elas se dão de maneira rara e localizada em eventos rápidos de especiação, denominados “cladogênese”.

O “equilíbrio pontuado” é frequentemente contrastado com a “Teoria do Gradualismo”, a qual afirma que a evolução ocorre de maneira uniforme, por mudança contínua e gradual de linhagens inteiras (anagênese). Sob essa perspectiva, a evolução é vista como um processo suave e contínuo.

24 Rupert Sheldrake

Biólogo, bioquímico, parapsicólogo, escritor e palestrante inglês, mais conhecido por sua “Teoria da Morfogênese”. Autor de diversos livros, dentre os quais “Uma Nova Ciência da Vida”.

4. “SELEÇÃO NATURAL” E “DARWINISMO”

1 “O Maior Espetáculo da Terra – As Evidências da Evolução”

Livro de Richard Dawkins, Companhia das Letras, São Paulo 2009.

2 “Revelação Cósmica”

Era que se iniciou com o fechamento completo dos portais interdimensionais entre o nosso universo (composto de matéria) e o seu vizinho (universo paralelo, antimaterial) que se deu no ano de 2012, conforme o resultado de um intrincado processo de uma entropia mais ampla, que envolve as duas dimensões chamadas de “Daath” – o “Abismo de Luz”, para quem observa esta Criação a partir dos Ambientes Espirituais incriados e eternos –, na Cabala profunda.

Na Índia, em tempos idos, Kapila, por meio da *Samkhya*, e Sidarta Gautama, com o Budismo, promoveram a “Revelação Psíquica”, como maneira de iniciar o processo de liberação da condição humana frente ao condicionamento que lhe foi imposto pela manipulação dos valores religiosos. Posteriormente, Allan Kardec promoveu a “Revelação Espiritual” na França, quando o contexto da vida dos Espíritos – entes estruturantes de existência transitória – foi apresentado à cultura humana, convidando à busca da compreensão como sendo um quesito a ser entendido antes da crença.

A “Revelação Cósmica” aprofunda esses temas e apresenta o contexto extraterreno e extrafísico que envolve a vida na Terra, como também aborda todo o compêndio de informações antes ocultadas pelo véu imposto frente a um passado ancestral jamais compreendido e taxado levemente de mitologia. A “Revelação Cósmica” se confirmará paulatinamente pelos eventos anunciados relativos à “reintegração da Terra ao intercâmbio cósmico” e pela compreensão da função da vida humana no contexto universal.

3 Chaves

Personagem do seriado de televisão mexicana, criado, roteirizado, dirigido e estrelado por Roberto Bolaños, também conhecido como “Chespirito”.

4 Grandes extinções em massa

Os eventos de extinção em massa tiveram lugar no Ordoviciano superior, no Devoniano superior, no fim do Permiano, no Triássico superior e no fim do Cretáceo. Normalmente, são chamados de “os cinco grandes”. Foram eles:

(1ª) Extinção do Ordoviciano

Aconteceu por volta de 450 milhões de anos atrás, no fim do período Ordoviciano, que vitimou sobretudo trilobites, braquiópodes, crinoides e equinoides. O mesmo foi muito provavelmente resultante de uma erupção de raios gama que atingiu a Terra, fazendo a atmosfera alterar-se, deixando

passar os raios UV, e provocando uma era glacial.

(2ª) Extinção do Devoniano superior

Deu-se há cerca de 360 milhões de anos e, gradualmente, vitimou cerca de 70% da vida marinha, sobretudo corais e estromatoporoides. Os placodermos desapareceram nesse evento.

(3ª) Extinção Permiana

Ocorreu há 250 milhões de anos e foi a maior de todas as extinções em massa, pois fez desaparecer cerca de 96% dos gêneros marinhos e 50% das famílias existentes; destruição quase total das trilobites.

(4ª) Extinção do Triássico-Jurássico

Por volta de 200 milhões de anos atrás, cerca de 20% de todas as famílias marinhas e de arcossauros (com exceção dos dinossauros) foram extintas, e o mesmo ocorreu com os grandes anfíbios da época.

(5ª) Extinção K-Pg

Essa extinção ocorrida há cerca de 65 milhões de anos, ficou mais conhecido pelo desaparecimento dos dinossauros. Acredita-se que ela tenha destruído 60% da vida na Terra.

Além desses eventos passados, encontra-se em curso a chamada “extinção do Holoceno”, que é o nome dado ao acontecimento recente de extinções de plantas e animais, perpetrado pelo ser humano. Logo, tal extinção se distingue das demais por ocorrer sob intermédio da civilização humana e não por ocasiões biogeoquímicas ou cósmicas, fatores externos a vida. O seu significado como uma extinção em massa, é debatido pela comunidade científica, e alguns cientistas concluíram que tal evento, apesar de chamar a atenção do ser humano, não possui magnitude suficiente para ser comparado aos outros cinco grandes eventos de extinções em massa. No entanto, não há mais qualquer dúvida de que estamos entrando em uma extinção em massa que ameaça a existência da humanidade. Os biólogos usaram estimativas altamente conservadoras para provar que as espécies estão sumindo mais rápido do que em qualquer momento desde o desaparecimento dos dinossauros.

A pergunta que me faço é se a “opção primata”, assumida pela “**evolução possível**”, deu-se exatamente devido a extinção dos dinossauros, que fez com que a “seleção natural” passasse a favorecer animais menores, mais adaptados às temperaturas altas.

Será que eventos como os descritos acima implicam que existe um “Ser inteligente e poderoso” por trás desse tresloucado processo ou é mais lógico supor que não foram nem são administrados por nenhum Ser-criador.

5 Seth Lloyd (1960)

Professor de Engenharia Mecânica e de Física no Massachusetts Institute of Technology. Autor do livro “**Programming the Universe**”, Vintage Books, New York, 2007.

5. O “JOGO DAS MUTAÇÕES”

1 Albert Einstein e o “Universo Estacionário”

No artigo “*Descoberta de estudos de Einstein mostra como sua concepção de Universo mudou*”, de Rafael Garcia publicado em 08/09/2014, no caderno “*Ciência*”, do “*Jornal Folha de São Paulo*”, consta:

“A descoberta de dois estudos de Albert Einstein, abandonados em 1931, mostra que o físico teve ao menos quatro concepções diferentes sobre como é o Universo.

A história de como as ideias cosmológicas do célebre cientista evoluíram foi reconstruída pelo físico irlandês Cormac O’Raifeartaigh, do Instituto de Tecnologia de Waterford, que achou os dois artigos vasculhando o acervo deixado pelo cientista. Ele mostra como Einstein mudou gradualmente da ideia

de um Universo estático para um que se expande indefinidamente.

A teoria da relatividade geral, lançada por Einstein em 1915, já tinha como uma de suas consequências a sugestão de que o Cosmo não poderia ser estático. Incapaz de aceitar isso, o físico embutiu em suas equações um termo batizado de constante cosmológica. Era uma espécie de “pressão negativa”, contrapondo-se à gravidade, impedindo o Universo inteiro de colapsar.

Em 1929, porém, tudo mudou. O astrônomo Edwin Hubble constatou que galáxias distantes estão se afastando de nós, e concluiu que o Universo não era estático nem estava colapsando: ele estava em expansão.

O próximo estudo cosmológico que se conhecia de Einstein, a partir de então, era um de 1932 em coautoria com o holandês Willem de Sitter, que descrevia um Universo em expansão indefinida, sem a constante cosmológica. Mas os trabalhos descobertos agora por O’Raifeartaigh mostram que Einstein ainda resistiu a essa ideia por um tempo.”

2 “Biocosmos Inteligente”

Tese de James Gardner, apresentada no livro **“O Universo Inteligente”**, da Editora Cultrix, São Paulo, 2012.

James Gardner é um jornalista especializado em pesquisa científica, que aborda as teses do “Biocosmos Egoísta” e do “Biocosmos Inteligente”, dentre outras questões instigantes. Segundo ele aponta no referido livro, *“a essência da hipótese do Biocosmos Egoísta é que o universo que habitamos está no processo de ficar impregnado de vida cada vez mais inteligente – mas não necessariamente vida humana ou sua sucessora. Nessa teoria, a emergência da vida e da inteligência cada vez mais competente não é um acidente sem significado num cosmos hostil, em grande parte isento de vida, mas está no próprio âmago da vasta maquinaria da criação, da evolução cosmológica e da replicação cósmica”*.

3 Isaac Newton (1642 – 1727)

Sir Isaac Newton foi um matemático, físico, astrônomo, teólogo e autor inglês, amplamente reconhecido como um dos cientistas mais influentes de todos os tempos.

4 Determinismo Universal

Tese do físico Pierre-Simon Laplace, apresentada ao meio científico no ano de 1814.

5 “Princípio da Incerteza” de Heisenberg

O “Princípio da Incerteza”, formulado pelo alemão Werner Heisenberg, em 1927, estabelece um limite intransponível para a quantidade de informação que se pode obter do mundo atômico e subatômico.

6. O DESENVOLVIMENTO CEREBRAL DOS PRIMATAS

1 Suzana Herculano-Houzel e Karolina Fonseca

Suzana Herculano-Houzel (nascida em 1972), bióloga brasileira, neurocientista, autora de vários livros, dentre eles; e Karolina Fonseca-Azevedo, bióloga.

Pesquisadoras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2 Richard Wingham

Primatólogo (especialista em primatologia, ciência que estuda a ordem dos primatas) britânico contemporâneo.

3 Pepe Escobar

Jornalista brasileiro investigativo e autor de textos e de livros que considero indispensáveis para a “construção adulta” de uma visão contemporânea da realidade mundial, dentre outros aspectos da

geopolítica.

4 “Rig-Veda”

Na tradição hindu, os “*Vedas*” são considerados como textos revelados, transmitidos desde o tempo dos deuses; os sacerdotes brâmanes acreditam que, nos “*Vedas*”, reside a Ciência das ciências.

Os textos sagrados explanam a natureza de Brahma, Deus o Criador, cuja expressão em cada homem denomina-se *atma*, alma. Pode-se dizer que toda a importância dos “*Vedas*” resume-se na fusão consciente do *atma* com Brahma, da alma com o Espírito.

Os quatro “*Vedas*” são: o “*Hino Sama*”, o “*Rig Veda*”, o “*Yajur*” e o “*Atharva*”.

Na imensa literatura da Índia, os “*Vedas*” são os únicos textos aos quais não se atribui autor. O “*Rig Veda*” assinala uma origem divina para os hinos e informa que os mesmos são provenientes de “épocas antigas”, revestidos de nova linguagem. Diz-se que os “*Vedas*”, revelações divinas feitas aos *rishis* ao longo das eras, possuem *nityatva*, “finalidade intemporal”.

7. TEORIAS SOBRE A EVOLUÇÃO BIOLÓGICA

1 “Evolução Criativa das Espécies – Uma Resposta da Nova Ciência para as Limitações da Teoria de Darwin”

Livro de Amit Goswami, Aleph, São Paulo, 2009.

2 Gregor Mendel (1822 – 1884)

Biólogo, botânico, monge agostiniano e meteorologista austríaco, considerado o “pai da Genética”.

3 Neil deGrasse Tyson e Donald Goldsmith

Autores do livro “*Origens – Catorze Bilhões de Anos de Evolução Cósmica*”, Planeta, São Paulo, 2015.

Neil deGrasse Tyson (1958) é um astrofísico, escritor e divulgador científico americano.

Donald Goldsmith (1943) é roteirista e escritor.

4 “Buraco Branco”

A partir de cálculos de Albert Einstein, os cientistas passaram a especular sobre, pelo menos, três tipos de “buracos” existentes no universo:

(1º) buraco negro – aniquila qualquer tipo de matéria, até mesmo a luz, que se encontre no limite do seu horizonte de eventos;

(2º) buraco branco – produz matéria, a exemplo da Singularidade que, em se expandindo, deu origem ao nosso universo; e

(3º) buraco de minhoca – túnel que serviria para encurtar o espaço, permitindo que o mesmo “se dobre” para que viagens possam ser feitas entre dois pontos do nosso universo.

Conforme descrito acima, o “*Big Bang*”, que gerou o nosso universo, teria sido produto de um “buraco branco”.

8. AINDA BEM QUE O ACASO É INTELIGENTE!

1 H. L. Mencken (1880 – 1956)

Jornalista, ateu e crítico social norte-americano.

2 Paul Zak

Autor do livro “*A Molécula da Moralidade — As Surpreendentes Descobertas sobre a Substância que*

Desperta o Melhor em Nós”, Editora Campus, Elsevier Editora, Rio de Janeiro, 2012.

3 Kapila (séculos VII a.C a VI a.C)

Fundador da escola *Samkhya*, de filosofia hindu.

4 Sidarta Gautama (563 a.C – 483 a.C.)

Príncipe de uma região no sul do atual Nepal, que, tendo renunciado ao trono, dedicou-se à busca da erradicação das causas do sofrimento humano e de todos os seres e, desta maneira, encontrou um caminho para o “despertar” ou a “iluminação”. Ficou conhecido como Buda.

5 Patanjali

Existem diversas lendas sobre este autor, havendo uma que diz ser ele uma encarnação do deus serpente, ou meio homem meio serpente, ou ainda uma serpente que desejando ensinar o *Yoga* ao mundo, “caiu (pat) dos céus nas palmas das mãos abertas (anjali) de uma mulher” que, por sua vez, o chamou de Patanjali.

Nos documentos de Shadgurusishya, estão indicados cinco gerações de professores da tradição sânscrita, sendo o primeiro Shaunaka, seguido por Asvalayana, Katayana, Patanjali e, por fim, Vyasa.

Potencialmente, nada se sabe sobre a vida de Patanjali, e algumas escolas acreditam que ele é totalmente ficcional.

Os *Yoga Sutra*, compilados por Patanjali, provavelmente datam de 150 d.C., o que aparenta ser uma elaboração mais recente. Trata-se de uma pequena obra, redigida em linguagem muito condensada, constituída por vários aforismos sobre a prática e a filosofia do *Yoga*, notadamente do *Raja Yoga*.

Por sua vez, o *Yoga* é uma das seis escolas da filosofia hindu, um sistema de meditação prática, ética e metafísica. Patanjali tem sido frequentemente chamado de “fundador do *Yoga*” por causa dessa obra. Os *Yoga Sutra* são um tratado sobre o *Raja Yoga*, baseado na escola *Samkhya* e no “*Bhagavad Gita*”.

Na impossibilidade histórica de apontar datas academicamente aceitas para o tempo da vida de Patanjali, apresento a hipótese de que ele viveu logo após as romagens terrenas de Kapila (séculos VII a.C e VI a.C.) e de Sidarta Gautama (séculos VI a.C. e V a.C.), entre os séculos V a.C e IV a.C.

6 “Mentalma — O Yoga do Cotidiano”

Cerca de 0,1 segundos antes de alguém pensar sobre o que quer que seja, um impulso vindo não se sabe exatamente “de onde” e “como” acontece, faz com que surja um personagem que, através do cérebro do seu corpo, “pensa que é ele que está pensando”.

Será mesmo possível a uma cota particularizada de informações apropriadas num psiquismo que pensa ser um “eu”, alguma iniciativa e livre arbítrio a partir de si mesmo? Ou em outras palavras: o ser que surge no pós-impulso o qual, em última instância, define o que entendemos como ser humano, pode ter algum livre arbítrio?

As teses do “*Mentalma*” afirmam que sim e as suas vivências mais profundas podem demonstrar esse estágio da mente pessoal.

O “*Mentalma*” foi criado como sendo um método que, dentre outros aspectos, busca por meio de vivências vinculadas a ritmos respiratórios voluntários, a identificação precisa entre o misterioso “impulso anterior” e o pensamento e/ou sensação-sentimento que dele surge. Ao mesmo tempo, promove a pacificação mental e emocional, por meio da compreensão esclarecida e da prática de meditação e da contemplação dirigida. A meta maior é a de propiciar condições para o despertar espiritual e a consequente emancipação pessoal.

O seu objetivo é a conquista da pacificação mental e emocional por meio da compreensão esclarecida e da prática de vivências no campo da meditação e da respiração.

O “*Mentalma*” foi dividido em sete partes, ministradas em palestras, sendo que o livro referente ao “*Mentalma I*” já foi publicado:

“Mentalma I – A Consciência Esclarecida e a Gestão dos Arquivos Mentais”;

“Mentalma II – Gestão Psíquica e Memórias Complexas”;

“Mentalma III – Autoconhecimento e Emancipação”;

“Mentalma IV – Consciência Pessoal e Soberania Espiritual”;

“Mentalma V – Autorrealização”;

“Mentalma VI – Qualia e o Laboratório Mental”; e

“Mentalma VII – Eu como Computador Quântico”.

7 Immanuel Kant (1724 – 1804)

Filósofo prussiano que escreveu sobre a ética, moral, metafísica e epistemologia e que provocou uma revolução na história das ideias, com sua série de livros fundamentados no criticismo, seu idealismo transcendental, sua concepção de “imperativo categórico” e seu otimismo quanto às virtudes do projeto iluminista. Autor dos livros *“A Crítica da Razão Pura”*, *“A Crítica da Razão Prática”*, *“A Fundamentação da Metafísica de Costumes”*.

8 John C. Avise

Autor do livro *“Os Deuses Genéticos”*, Dinalivro, Lisboa, 1998.

9 Genoma pessoal

O genoma pessoal é a receita individual codificada sob a forma de genes, ou seja, é a coleção de genes com as informações para formar os indivíduos da espécie.

O genoma humano é bem menos complexo do que se imaginava a princípio e, atualmente, sabe-se que é composto por 28.869 genes.

10 “O Evangelho de Tomé” e a “Busca da Verdade”

Judas Dídimo Tomé foi um dos irmãos de Jesus. Segundo a tradição cristã mais antiga, ele escreveu o chamado *“O Quinto Evangelho”*. Cópias de seu evangelho original, que remontam ao século II d.C., foram encontradas, em 1945, por nativos da região, num velho cemitério de Nag Hammadi, no Egito, dentro de alguns potes de barro que guardavam cinquenta pergaminhos escritos em copta, linguagem falada pelos egípcios nos primeiros anos da cristandade. Estes manuscritos ficaram guardados por onze anos, sem que ninguém lhes desse importância.

Não se trata, como nos outros evangelhos, de uma narrativa sobre a vida de Jesus, mas sim de 114 dizeres (ou aforismos) de “Jesus, o Vivo”, onde se relata: *“Essas são as palavras secretas de Jesus, o Vivo, que foram escritas por Didymos Thomas”*. A palavra aramaica *“Thomas”* quer dizer “gêmeo”; em grego, *“Didymos”* também significa “gêmeo”. As “palavras secretas” são ensinamentos esotéricos de Jesus, proferidos não para as massas populares, mas para uma escolhida elite de discípulos capazes de compreenderem o sentido místico de certas verdades profundas. Inclusive, nos outros evangelhos, consta que Jesus disse a seus discípulos: *“A vós vos é dado compreender os mistérios do Reino de Deus, enquanto ao povo só lhe falo em parábolas”*.

Segundo a antiga tradição cristã, Tomé demandou o Oriente após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus. Existe em Madras, no sul da Índia, a catedral de São Tomé – igreja fundada pelos portugueses que, no século XV, foram à Índia com Vasco da Gama – na qual se encontra o túmulo de Tomé.

Diferente dos cristãos tradicionais, os cristãos gnósticos – que desde muito tempo vinham colecionando apócrifos, como os *“Atos de João”*, o *“Apocalipse de Pedro”* e os *“Atos de Felipe”*, escritos quase na mesma época dos canônicos, entre 70 e 100 anos depois de Cristo, mas de conteúdo estritamente filosófico –, não só reconheceram Tomé como um dos doze apóstolos, como batizaram o achado encontrado em Nag Hammadi de *“Quinto Evangelho”*, ou seja, aceitaram o Tomé citado nos pergaminhos encontrados como sendo aquele que foi apóstolo de Jesus.

No “*Evangelho de Tomé*” ficou registrado o que Jesus nos legou sobre a “busca da verdade”:

“*Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, quando achar, ficará estupefato; e, quando estupefato, ficará maravilhado – e então terá domínio sobre o Universo.*”

Essas palavras foram proferidas por Jesus no estado de ressuscitado, conforme explica o próprio autor, sobre a questão de que, para aqueles que se sentem inclinados a buscar a verdade – uma minoria dentre o “rebanho humano” –, de tanto insistirem nessa busca, um dia descortinarão as suas cores, mas isso não seria agradável, pois deixaria o buscador estupefato num primeiro momento.

O problema é que o rebanho humano não busca a verdade, porque acredita que já a possui! Essa é a vitória da ignorância acumulada, produzida pelas religiões impositivas aos seres humanos de bom coração e bem-intencionados.

9. O QUE MOVEU O UNIVERSO ATÉ AQUI!

1 Steven Johnson

Autor do livro “*Emergência*”, Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2012. Neste livro, o autor estabelece o paralelo entre a organização emergente que compõe uma colônia de formigas e a que estrutura uma cidade humana.

2 “A Divina Colmeia”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2019.

3 Fred Alan Wolf

Autor do livro “*O Tecido do Espaço-Tempo*”, Cultrix, São Paulo, 2011.

10. GOSWAMI “REMOVE O VÉU” COM O “PRIMADO DA CONSCIÊNCIA QUÂNTICA”: A “EVOLUÇÃO CRIATIVA”

1 “Uma Nova Ciência da Vida”

Livro de Rupert Sheldrake, Cultrix, São Paulo, 1981.

2 Roger Penrose (1931)

Físico-matemático britânico, ganhador do Prêmio Nobel de Física 2020. No trabalho premiado, usou a matemática para provar que os “buracos negros” são uma consequência direta da “Teoria Geral da Relatividade”.

3 Carl Gustav Jung (1875 – 1961)

Psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica. Propôs e desenvolveu os conceitos de personalidade extrovertida e introvertida, arquétipo e inconsciente coletivo.

4 Eduardo Borgonovi

Autor de “*O Livro das Mutações*”, Alegro, São Paulo, 2000.

5 Niilista

Niilista é aquele que adota o niilismo, entendido como a descrença completa. É uma doutrina que defende o progresso da sociedade após a destruição de tudo o que socialmente existe, pois essa vida não valeria mesmo nada. Em sua face mais radical, o niilista é um ser humano que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio como artigo de fé. O ascetismo, por sua vez, seria o resultado de um niilismo absoluto, já que envolve a renúncia e a mortificação dos desejos e das vontades inerentes à condição humana.

6 “Origens – Catorze Bilhões de Anos de Evolução Cósmica”

Livro de Neil deGrasse Tyson e Donald Goldsmith, Planeta, São Paulo, 2015.

7 Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.)

Difícilmente, ao longo da História da Humanidade, houve alguém tão aberto e propenso à percepção de inúmeras facetas do conhecimento humano quanto Aristóteles. Foi ele quem, definitivamente, introduziu a observação como fonte de conhecimentos filosóficos, uma vez que seu antecessor, Platão, estava bem mais preocupado em criar um contexto teórico de constatações universais e absolutas, produzido pela reflexão e, a partir daí, deduzir as “verdades filosóficas”.

Em 365 a.C., ligou-se a Platão, tendo atuado, durante vinte anos na Academia deste, sendo seu discípulo até a morte do mestre (347 a.C.) e conservando sempre, apesar de discordar dele em alguns pontos, a máxima admiração e afeição pelo seu mentor. Ambos eram de capacidade intelectual privilegiada, e Platão se referiu a Aristóteles, várias vezes, como a “Inteligência personificada”.

As aptidões intelectuais de Aristóteles eram incrivelmente variadas. Política, teatro, poesia, medicina, lógica, história, astronomia, física, psicologia, ética, história natural, matemática, biologia e retórica, eram assuntos que, quando abordados pela mente brilhante de Aristóteles, deliciavam seus estudantes, que buscavam a iniciação ao desenvolvimento moral e intelectual, acompanhando o mestre nos famosos e agradáveis passeios dentro da escola que fundara – o Liceu –, em um bosque situado em Atenas.

8 Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 43 a.C.)

Advogado, político, escritor, orador e filósofo romano.

9 Diógenes Laércio (180 – 240)

Historiador e biógrafo dos antigos filósofos gregos.

10 Tomás de Aquino (1225 – 1274)

Frade católico italiano, da Ordem dos Pregadores, cujas obras tiveram enorme influência na teologia e na filosofia, principalmente na tradição conhecida como Escolástica.

11 Dante Alighieri (1265 – 1321)

Escritor, poeta e político florentino.

12 René Descartes (1596 – 1650)

Filósofo francês e inventor da geometria analítica.

13 Thomas Hobbes (1588 – 1679)

Matemático, teórico político e filósofo inglês.

14 Baruch Spinoza (1632 – 1677)

Pensador holandês que foi um dos grandes racionalistas e filósofos do século XVII, dentro da chamada Filosofia Moderna.

15 Arthur Schopenhauer (1788 – 1860)

Filósofo alemão do século XIX, que ficou mais conhecido pela sua obra principal “*O Mundo como Vontade e Representação*”, em que ele caracteriza o mundo fenomenal como o produto de uma cega, insaciável e maligna vontade metafísica.

16 Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 – 1900)

Filólogo, filósofo e poeta alemão.

17 “Tzimtzum: O Exílio Forçado de uma Divindade”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2020.

18 “A Epopeia dos Agentes da Vida Universal”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2020.

11. A EVOLUÇÃO POSSÍVEL ATÉ AGORA

1 Causação Ascendente e Causação Descendente

Antes da Física Quântica ser compreendida adequadamente, uma metafísica materialista dominava a Ciência: partículas elementares formam átomos, átomos constituem moléculas, moléculas constituem células, entre elas os neurônios, que integram o cérebro, o formador da consciência. Essa tese é chamada de **“Teoria da Causação Ascendente”**, ou seja, a causa vai das partículas elementares, ou micro, até o cérebro e a consciência, macro. Desse modo, não existiria “poder causal” em qualquer entidade do universo, exceto nas interações entre partículas elementares.

Na interpretação correta e livre de paradoxos da Física Quântica, a **“causação ascendente”** só é capaz de produzir ondas materiais de possibilidades para a escolha da Consciência (não-material), e a Consciência tem o “poder supremo”, chamado de **“causação ou causalidade descendente”**, de criar a realidade manifestada por meio de livre-escolha dentre as possibilidades oferecidas. Segundo a **“Teoria da Causação Descendente”**, a Consciência não é mais vista como um epifenômeno do cérebro, mas como base da existência.

2 “Reintegração Cósmica” da Terra

Evento que se dará com a apresentação oficial de Sophia, o “Comandante Cósmico”, com suas naves, restabelecendo os contatos extraterrestres (seres biológicos, deste universo) e extrafísicos (seres do universo vizinho) com a humanidade da Terra.

3 “Segunda Lei da Termodinâmica”

Ela expressa, de uma maneira concisa, que *“a quantidade de entropia de qualquer sistema isolado termodinamicamente tende a incrementar-se com o tempo, até alcançar um valor máximo”*.

4 “O Drama Espiritual de Javé”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2011.

5 “Outrar-se”

Fernando Pessoa (1888 – 1935), poeta português, ao “outrar-se”, cria outros “Eus” distintos em si mesmo, fazendo com que o seu “Eu” se despersonalize, desdobrando a própria individualidade. No seu palco psíquico, pelo menos, desfilam quatro personagens diferentes: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e o próprio Fernando Pessoa.

6 Edward Fredkin (1934)

Físico estadunidense, tido como um dos pioneiros da Física Digital. Suas contribuições principais incluem seu trabalho em computação reversível e autômatos celulares.

7 “A Rebelião do Elétron e o Código de Vida do Criador”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2019.

8 Ivan Petrovich Pavlov (1849 – 1936)

Fisiologista russo, conhecido principalmente pelo seu trabalho no condicionamento clássico. Foi premiado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1904, por suas descobertas sobre os processos digestivos de animais

9 Rodrigo Rezende

Autor da reportagem *“Minha Vida sem Foco”*, na *“Revista Superinteressante”*, edição de julho de 2012.

10 Ana Beatriz Barbosa

Autora de “*Mentes Inquietas*”, Fontanar, São Paulo, 2009.

11 Julian Jaynes

Autor de “*The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*” (“*A Origem da Consciência no Colapso da Mente Bicameral*”), Boston: Houghton Mifflin, 1976.

12. A EVOLUÇÃO QUE TERÁ DE VIR: O NOVO HOMO SAPIENS

1 Jeffrey Sattinover

Autor do livro “*O Cérebro Quântico*”, Editora Aleph, São Paulo, 2007.

2 Edward Osborne Wilson (1929)

Biólogo estadunidense, da Universidade de Harvard, duas vezes vencedor do “Prêmio Pulitzer”.

3 Ray Kurzweil

Autor do livro “*A Era das Máquinas Espirituais*”, Aleph, São Paulo, 2011.

13. DA “MOLECULA-MÃE” À “SINGULARIDADE DE KURZWEIL”

1 Jared Diamond (1937)

Biólogo e antropólogo norte-americano, ganhador do “Prêmio Pulitzer” de 1998. Autor de “*O Terceiro Chimpazé – A Evolução e o Futuro do Ser Humano*”, Editora Record, Rio de Janeiro, 2010 (1ª publicação em 1991, em inglês), “*Colapso – Como as Sociedades escolhem o fracasso e o Sucesso*”, “*O Mundo Até Ontem – O que podemos aprender com as sociedades tradicionais*”, “*Armas, Germes e Aço*”, “*Reviravolta – Como indivíduos e nações bem-sucedidas se recuperam das crises*” e “*Por que o Sexo é Divertido? – A evolução da sexualidade humana*”.

2 “Teoria do Equilíbrio Pontuado”

Teoria evolutiva publicada pelos paleontólogos Stephen Jay Gould e Niles Eldredge, em 1972, que propõe que a maior parte das novas espécies de organismos de reprodução sexuada frequentemente aparecem de repente e, então, persistem com poucas mudanças ao longo do tempo geológico, mas quando mudanças evolutivas no fenótipo ocorrem, elas se dão de maneira rara e localizada, em eventos rápidos de especiação, denominados cladogênese (processo no qual uma espécie ancestral dá origem a duas ou mais espécies novas).

3 Augusto Comte (1798 – 1857)

Filósofo francês que formulou a doutrina do Positivismo.

4 Ken Ham

Autor do livro “*Criacionismo*”, Casa Publicadora das Assembleias de Deus, Rio de Janeiro, 2011. No livro, ele ressalta as palavras de Charles Haddon Spurgeon, renomado “príncipe dos pregadores” do ano de 1877.

5 “A Singularidade está Próxima”

Livro de Ray Kurzweil, “*The Singularity is Near*”, Viking, New York, 2007.

6 “Lei de Moore”

A “lei de Moore” é uma projeção de uma tendência histórica relacionada à indústria de *microchips* e processamento de computadores. Foi observada por Gordon E. Moore, e consiste no estudo de que o

número de transistores dos *chips* teria um aumento de 100%, pelo mesmo custo, a cada período de 18 meses. A sua projeção foi verificada na prática e, desde então (anos 70), vem sendo chamada de “Lei de Moore”.

7 Paulo Francis (1930 – 1997)

Jornalista, crítico de teatro, diretor e escritor brasileiro.

14. ASPECTOS OBSCUROS DA EVOLUÇÃO

1 CRISPR

O sistema **CRISPR** (do inglês “Clustered Regularly Interspaced Short Palindromic Repeats”), ou seja, “Repetições Palindrômicas Curtas Agrupadas e Regularmente Interespaçadas”, consiste em pequenas porções do DNA bacteriano, compostas por repetições de nucleotídeos. A CRISPR é uma nova ferramenta de edição de genoma.

2 George Church (1954)

Geneticista e químico estadunidense.

16. O “ESPELHO DA HERANÇA ESPIRITUAL” NO EPIGENOMA HUMANO

1 Joseph Ecker

Neurocientista do Salk Institute for Biological Studies da California, EUA.

2 Helen Briggs

Artigo publicado na “*BBC Knowledge Magazine*”, edição de dezembro de 2010.

17. A “CRIATURA UNIVERSAL”

1 Moacir Costa de Araújo Lima

Autor de “*Quântica – O Caminho da Felicidade*”, AGE Editora, Porto Alegre, 2015.

2 “Dasein de Heidegger”

Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão cuja principal obra é “*Ser e Tempo*”, publicada em 1927. Apesar das atitudes políticas e de posturas questionáveis, Heidegger foi um dos mais importantes pensadores do século XX. Heidegger utilizava a expressão “*dasein*” (“ser-aí”) para indicar que o ser humano deve estar sempre em construção, como um “poder-ser”.

3 João Ibaixe Junior

Autor de “*Heidegger e a Hermenêutica Dasein*”; texto publicado na revista “*Filosofia*”, editora Escala, número 29, 2010.

4 “Jesus e Nietzsche”

Livro do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2019.

5 “Quarto Logos”

Epíteto de Olm, descrito no livro “*O Quarto Logos*”, do mesmo autor (Jan Val Ellam), Conectar Editora, Natal, 1ª edição, 2017.

Personagem que, após o esgotamento dos processos financiados e produzidos pelos três primeiros Logos, os “Senhores da *Trimurti*”, ou seja, Brahma, Shiva e Vishnu, iniciará um novo processo

pedagógico evolutivo a partir da emancipação e da especiação dos terráqueos racionais e esclarecidos.

18. COCONSTRUTORES DE QUÊ?

1 “*Strawberry Fields Forever*”

Música de Lennon & McCartney, Beatles, 1967. (“*Campos de Morango para Sempre*”), de John Lennon, sendo que “Campos de Morango” é o nome de um abrigo para crianças, em Liverpool.

2 “*God*”

“*God*” (1970) é uma música do primeiro álbum solo de John Lennon, após o fim do conjunto “*The Beatles*”. Na canção, ele expressa “*The dream is over*” (“*O sonho acabou*”).

3 Espíritos Codificadores

Espíritos pertencentes à equipe do “Espírito da Verdade” e que revelaram ao mundo a “Doutrina Espírita”, que foi codificada por Allan Kardec, na França, na segunda metade do século XIX.

SOBRE O AUTOR



Com 40 livros publicados no Brasil até o momento, tem se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão sendo resgatados de um passado esquecido, que antes se encontrava oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor da Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas e intrigantes, advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e YouTube.

Autor do “Projeto Orbum” - Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA .

Programas na Rádio Atlan: Projeto Orbum, Acompanhando o Mundo, Reinvenção da Vida, Mitos e Conspirações, Para Onde Caminha a Humanidade, Imagens e Reflexões, Livros que fazem Pensar.

Formulador do Instituto de Estudos da Política Planetária – IEPP .

Formulador do Projeto MENTALMA – A Yoga do Cotidiano (Ciclo de Cursos -Palestras).

Para mais informações:

www.janvalellam.org

LIVROS PUBLICADOS:

Como escritor espiritualista, com o pseudônimo de Jan Val Ellam, editou os seguintes livros até o momento:

- Reintegração Cósmica
- Caminhos Espirituais
- Carma e Compromisso
- Nos Céus da Grécia
- Recado Cósmico
- Nos Bastidores da Luz I, II e III
- O Sorriso do Mestre
- Muito Além do Horizonte
- Jesus e o Enigma da Transfiguração
- Fator Extraterrestre
- A Sétima Trombeta do Apocalipse
- O Testamento de Jesus
- Jesus e o Druida da Montanha
- O Drama Cósmico de Javé
- O Drama Espiritual de Javé
- O Drama Terreno de Javé
- Crônicas de um Novo Tempo
- Cartas a Javé
- Favor Divino
- O Guardião do Éden
- O Sorriso de Pandora
- O Big Data do Criador
- Homoafetividade - O Segredo do Éden
- Memórias de Javé
- Terra Atlantis - O Sinal de Land's End
- Terra Atlantis - A Frota Norte
- Terra Atlantis - A Era Sapiens
- Inquisição Trimurtiana
- Inquisição Filosófica
- O Dharma e as Castas Hindus
- O Quarto Logos
- A Rebelião dos Elétrons
- A Divina Colmeia
- A Epoia dos Agentes da Vida Universal
- Sofia e os Logos Criadores
- Mentalma I : A Consciência Esclarecida e a Gestão dos Arquivos Mentais
- Tzintzum: O Exílio Forçado de uma Divindade
- Nem Deus, nem Javé, nem Darwin: A Evolução Possível

Outras obras como Rogério de Almeida Freitas

- Inquisição Poética
- Teia do Tempo (com o astrônomo José Renan de Medeiros).

- Homo Sapiens : da Guerra ao Esporte
- Autor do Manifesto da Cidadania Planetária (Projeto Orbum).
- Autor do Manifesto Onda Vírus (IEPP)



POR QUE O IEEA?

Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos



Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve. É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Benefícios:

- Através de uma plataforma online você tem acesso a vídeos de palestras, com material inédito de Jan Val Ellam.

• Acesse o IEEA facilmente, do seu computador, leitura confortável também em tablets e smartphones.

LISTA DE ALGUMAS PALESTRAS:

- Buda: O Homen a Revolução e os Mistérios Budistas
- Análise da Trilogia Matrix
- Jainismo : A Revelação Esquecida
- A Falência da Religiosidade
- Os Anéis do Poder e os Portais
- DNA Homo Terráqueo : Interesse Universal
- As Duas Testemunhas do Purana e a Vinda de Kalki
- Mente, Cérebro e Consciência
- O Princípio do Despertar Espiritual
- Os Estranhos Desígnios de Javé : Aprofundamento
- Avatares X Spinoza e Nietzsche : O Jogo não acabou
- Reforma Íntima e o DNA II - Aprofundamento
- Javé e a Justiça Divina
- Você e a Espiritualidade
- Humanidade em Disputa: A Descendência De Pandora
- Talentos e Linhagens Espirituais
- Você e o Criador
- O Ser Humano: A Mais Enigmática Singularidade
- Pactos de Javé
- Religiosidade Afetada e Estacionamento Espiritual
- Favor Divino: Tempo de Ruptura
- As Quatro Faces de um Ser - Vishnu, Mohen So, Sophia e Jesus
- O DNA Helênico e o Quarto Logos
- Zeus e Prometeu: Parceria Impensável
- A Ressurreição do Criador
- A Face mais Enigmática do Ser Humano: O Daisen de Heidegger
- A Consciência Humana e os Conceitos Profundos
- O Gênero Adhydaiva e suas Espécies Demodharmicas
- A Geometria Sagrada e os Campos Morfogenéticos
- Mitologia Chinesa e a Destinação do Império do Centro
- Forças Invisíveis em Ação
- O Sonho dos Templários e seus Desdobramentos

- Revelações do Alto
- Fator Carma: O Sentido Gradual das Leis Morais
- Sophia e o Pêndulo Cósmico
- O Incompreendido Norte Divino: Mitologias Celta e Nórdica
- O Desvio de Rota de Pandora e o Quarto Logos Universal

Entre muitos outros fascinantes temas.

Saiba mais em:

www.janvalellam.org

MANIFESTO PROJETO ORBUM

“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a

necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Filie-se espiritualmente a esta idéia.

Jan Val Ellam